

SECRET  
SOCIETIES  
OF  
AMERICA'S ELITE

*From the  
Knights Templar  
to Skull and Bones*

STEVEN SORA

# CONTEÚDO

Agradecimentos ix

Introdução: Born in Blood 1

## PARTE UM

Pirataria: Uma Vida Feliz e Curta 9

Capítulo 1 A Nova Ordem Mundial 12

Capítulo 2 Irmãos de Piratas e Corsários 32

Capítulo 3 Sob a Bandeira Negra 48

Capítulo 4. Esqueletos no Armário 68

## PARTE DOIS

A Loja e a Revolução 91

Capítulo 5 Contrabandistas, patriotas e maçons 100

Capítulo 6 Franklin e o subterrâneo maçônico 122

Capítulo 7 Os mercadores da guerra 136

Capítulo 8 O Suborno que Venceu a Guerra 153

Capítulo 9 Uma nação sob o grande arquiteto 169

## PARTE TRÊS

Do Sagrado ao Profano	111
Capítulo 10 Os comerciantes de escravos	179
Capítulo 11 Cruz Vermelha e Carga Preta	188
Capítulo 12 Mestres Maçons e seus escravos	206
Capítulo 13 A traição maçônica	228
Capítulo 14 A Irmandade do Ópio	238
Capítulo 15 Ópio: da hospedaria à toca	259
Capítulo 16 Riqueza: O Legado do Comércio de Ópio	276
Capítulo 17 O poder do novo crânio e ossos	290
Notas	305
Índice	317

# Introdução

## NASCIDO NO SANGUE

**E**sociedades lite e secretas moldaram a história desde o início de civilização. Desde a época das Cruzadas até o século XXI, um punhado de famílias controlou o curso dos eventos mundiais e construiu seu próprio status e riqueza por meio de esforços coletivos e

casamento misto.

A maior sociedade de elite era a dos Cavaleiros Templários. A admissão à organização frequentemente exigia criação e riqueza que eram privilégio de poucos selecionados. Fora do núcleo, uma força maior era necessária tanto para lutar em guerras quanto para manter os extensos recursos da organização. Essas forças cresceriam para incluir um exército, uma marinha, vários imóveis (incluindo propriedades agrícolas) e um império bancário. Os padrões de admissão mudaram ao longo do tempo até o grau necessário para manter o pessoal necessário, mas o núcleo da elite estava sempre no controle.

Quando a enorme organização templária foi repentinamente proscrita pela avareza do rei francês, ela não morreu; ele simplesmente se moveu para o subsolo. A sobrevivência dos Templários subterrâneos foi mencionada por vários autores, mas apenas recentemente uma pesquisa mais aprofundada trouxe a sobrevivência dos Templários à luz.

Os Templários sobreviveram militarmente. Ao se comprometerem com vários poderes, as ordens militares sobreviveram ao ataque aberto do Estado e da Igreja e às execuções em massa e prisões do século XIV. Os Cavaleiros de Cristo, os Cavaleiros Teutônicos, a Guarda Suíça e a Guarda Escocesa, bem como várias ordens militares pequenas, mas poderosas, sobreviveram àqueles que os perseguiram. Hydralike, as ordens

sobreviveu, prosperou e se multiplicou. Vários estão vivos e bem no novo milênio.

A organização Templária sobreviveu e se reagrupou financeiramente. O maciço Templar, Incorporated que traria o sistema bancário à sua forma moderna, sobreviveu ao se mudar para a Suíça, onde um punhado de banqueiros mantinham e freqüentemente controlavam a enorme riqueza da elite europeia. Os cantões suíços, muitas vezes com bandeiras apenas ligeiramente diferentes das bandeiras dos Templários, protegidos pelos passes alpinos e pela Guarda Suíça, assumiram o papel de preceptores dos Templários. O status neutro e a preservação do sigilo atraíram os fundos da Europa do século XIV ao XXI.

O ideal templário de compromisso com o aprendizado, a descoberta e a fraternidade afetou muito o mundo nos séculos subsequentes. Por exemplo, organizações neo-templárias foram responsáveis por avanços em várias ciências. O príncipe Henry, o grão-mestre dos Cavaleiros de Cristo, fez avanços na arte da navegação e financiou as viagens de descoberta. E vários membros da Royal Society progrediram na astronomia, nas artes médicas e até na transmutação de metais, e suas realizações freqüentemente se tornaram a base das ciências modernas. Até o início do século 13, o aprendizado e a experimentação eram considerados heréticos e podiam facilmente colocar um cientista sob o controle da Inquisição. Posteriormente, organizações pós-templárias compreenderam o valor do segredo para evitar perseguições religiosas para discussões filosóficas e científicas.

A irmandade maçônica criada na Escócia pós-templária foi amplamente responsável por influenciar os conceitos americanos de liberdade, liberdade, devido processo legal e democracia. O conceito de "militar

loja "- na qual uma loja não permanente viajava com soldados - trazida para a América pelas unidades de combate da Europa promoveria os ideais e lutaria na guerra pela independência. Grupos secretos como aqueles reunidos na Loja Saint Andrews em Boston instigariam o Boston Tea Party, e eles se espalharam como um incêndio por todas as colônias. O Caucus Club, o Loyall Nine e os Sons of Liberty iriam se transformar em Comitês de Correspondência, o Congresso Continental,

e, finalmente, lutando contra as unidades da milícia. Muitos foram necessariamente organizados em segredo. Muitos preservariam seu sigilo por juramentos feitos na maçonaria lojas fraternas. O clímax foi quando as forças francesas, alistadas por meio de

Canais maçônicos, chegaram sob o comando de maçons de alto escalão e Knights of Saint John e derrotou os britânicos em Yorktown.

O resultado foi um presidente americano eleito que era maçom, jurado sobre a Bíblia de uma loja maçônica pelo grão-mestre de New Maçons de York e uma nova forma de governo. Outro foi o da nação capitólio, que foi construído empregando princípios geométricos maçônicos e foi dedicado em uma cerimônia estritamente maçônica completa com alta membros do governo de classificação em aventais maçônicos.

Mas havia uma desvantagem.

As sociedades secretas e a elite da sociedade dominante se esforçariam para

se perpetuam por todos os meios possíveis. Os ideais mais elevados de liberdade e igualdade foram comprometidas pela elite, que permaneceu em

ao controle.

A dissolução dos Templários foi diretamente responsável pelo dra- aumento matemático da pirataria que assolou a Europa, a América e até mesmo os índios

Oceano. Os próprios piratas foram organizados em irmãos fraternos capuzes, eles se comprometeram com o bem do grupo, eles prometem foi encarregado de dividir igualmente os lucros, e eles até lutaram sob o mesma bandeira de batalha que foi hasteada pela frota de combate dos Templários. Desconhecido ainda assim, as bases piratas - portos na Escócia, Irlanda, e América onde piratas podiam atracar abertamente e vender seu butim - eram protegida pela Células maçônicas que se estendiam aos tribunais e edifícios do capitólio.

O contrabando também cresceu como uma empresa mundial, apesar de sua ilegalidade

ity. Portos de Salem e Newport para o Caribe e Bermudas, que abrigava e facilitava o comércio de piratas, não tinha receio de ajudar e encorajar contrabandistas. Pelas mesmas razões que a maçônica

organizações cresceram em guildas de trabalho e artesãos que protegeram o

sustento de seus membros, indivíduos no negócio de contrabando precisava ser considerado confiável. Nas Bermudas, onde possivelmente dois

terços do comércio do século XVIII era ilegal, parceiros comerciais tiveram para manter o sigilo. A ilha foi e é um bastião da Maçonaria; a

A própria Alfândega se assemelha mais a um templo maçônico do que a um escritório governamental.

Infelizmente, a indústria do comércio de escravos também foi promovida por grupos maçônicos. Os Cavaleiros de Cristo foram realmente os responsáveis por organizar a importação de carga humana para a Europa e, posteriormente, pelo licenciamento do comércio nas Américas. As ordens cavaleirescas que controlavam os governos de Portugal e Espanha vendiam licenças a outros governos, que por sua vez organizavam empresas para propagar o comércio. A realeza da Europa foram os beneficiários finais do negócio; por uma parte dos lucros, eles concederam licenças a comerciantes e empresários de elite que faziam parte da corte. As licenças para o comércio de escravos eram vendidas pelos mercadores e homens de negócios aos que pagavam mais, permitindo que os recém-chegados se unissem à classe dos mercadores - embora as conexões superassem a riqueza. Na América,

Quando a Revolução Americana estourou, Benjamin Franklin recorreu à elite maçônica da França, que controlava o comércio de escravos, para obter armas, suprimentos e apoio militar. Nos primeiros oitenta anos da história americana, os portos de comércio de escravos de Charleston a Newport eram controlados por um punhado de famílias ligadas por laços maçônicos e familiares. Eles não eram como os Jeffersons e Madisons, que viam o fim eventual da instituição como condizente com a nova democracia; era um capitalismo mercantilista que os traficantes de escravos colocavam acima da liberdade e da democracia.

Esses mercadores não desistiam do comércio lucrativo e pareciam não parar por nada na luta contra a abolição. A presidência era algo que os membros da elite mercantil sentiam que podiam comprar e, quando o dinheiro não conseguia decidir uma eleição, eles usavam outros meios para assumir o controle. Em um esforço para inviabilizar a abolição, os presidentes Harrison e Taylor sofreram mortes repentinas e suspeitas que colocaram vice-presidentes pró-escravos no poder. Quando nem mesmo a morte conseguiu deter a abolição, o país acabou na guerra mais destrutiva que já travou. A guerra civil

terminou em Appomattox, onde os exércitos de Jefferson Davis se renderam - mas não pela elite. Uma conspiração organizada por membros dos quase maçônicos Cavaleiros do Círculo Dourado para matar o presidente Lincoln procurou anular a Proclamação de Emancipação e seus efeitos no comércio com a Inglaterra. Os esforços de reconstrução do pós-guerra também seriam manchados por outro grupo maçônico de "cavaleiros", a Ku Klux Klan.

Embora a pirataria e o contrabando não fossem mais tão lucrativos na América recém-independente, instituições como o comércio de escravos e o tráfico ilegal de drogas tomariam seu lugar. Este último proporcionou riquezas para a elite que se tornaria o alicerce da era industrial americana. O comércio ilegal de drogas que os americanos e britânicos se uniram para criar na primeira metade do século XIX seria uma praga sem fim. Mais uma vez, um seletivo núcleo de famílias controlava o comércio e, tanto na Grã-Bretanha quanto na América, eles eram organizados em células maçônicas. Conexões familiares e de alojamento eram os únicos ingressos para a admissão.

Embora não seja surpreendente que os fundadores da América fossem em sua maioria proprietários de escravos, uma atividade legal, pode ser surpreendente descobrir que muitas vezes eles também eram contrabandistas. Os lucros com o tráfico de drogas, o contrabando, o tráfico de escravos e até a pirataria são os responsáveis diretos pela fundação de vários dos bancos mais importantes do país, que ainda funcionam hoje. O sólido negócio de seguros da Nova Inglaterra nasceu e prosperou com os lucros obtidos com o seguro de ópio e navios negreiros. O grande sistema ferroviário que foi construído em todo o território continental dos Estados Unidos no século XIX foi financiado com os lucros da contrabando de drogas ilegais. E uma das maiores fortunas do ópio forneceria capital inicial para a indústria de telefone e comunicações.

Os Cavaleiros Templários europeus eram uma organização massiva, mas no centro estava uma elite hereditária que controlava e colheu as recompensas do grupo. Mesmo após o falecimento do grupo, ele manteve notável influência e poder, sempre nos bastidores.

Na América, a influência de uma elite central foi igualmente forte. Esta classe de elite posicionou-se para controlar as massas não mais para

uma cruzada sagrada, mas sim para se enriquecer. Enraizada no sistema de Loja Maçônica, uma nova classe formada por meio de conexões feitas nas lojas mais famosas, como

a Holland No. 8 Lodge em Nova York e a Solomon's Lodge de Charleston, onde os membros podiam controlar a política e os negócios legítimos enquanto desfrutavam dos lucros de negociações corruptas e até criminosas do submundo.

A riqueza da família de Franklin e Theodore Roosevelt foi construída com base no tráfico de drogas. Como em todas as famílias contrabandistas de ópio, a consanguinidade era importante. O lado Delano de Franklin Delano Roosevelt era um contrabandista de ópio que fez uma fortuna, a perdeu e voltou ao tráfico de drogas para recuperá-la. Ulysses S. Grant casou-se com uma família de traficantes de ópio com conexões na Europa e na América. As primeiras famílias de Nova York e Nova Inglaterra que gentilmente forneceram fundos para as universidades de Harvard, Yale, Columbia, Brown e Princeton doaram dinheiro ganho no comércio ilegal de drogas. Os mesmos homens construiriam ferrovias e fábricas de tecidos, fundariam bancos e companhias de seguros e manteriam a riqueza da família intacta para as gerações vindouras. Além dos Roosevelts e Grant, outros presidentes - incluindo Taft e os dois Bushes - foram conectados por um culto bizarro em Yale que foi fundado e financiado com dinheiro do comércio da China. Essa organização é tão secreta, de elite e poderosa hoje como era há dois séculos.

Outros presidentes foram ligados à pirataria por seus parentes. John Tyler se casou em uma família cujo status foi conquistado com o saque de piratas. O bisavô de Millard Fillmore foi julgado por pirataria. Como o comércio de ópio, a pirataria era um empreendimento que dependia de um amplo sistema de reconhecimento e confiança. De Cape Cod e do leste de Long Island à cidade de Nova York, Carolina do Norte e Nova Orleans, os piratas confiavam uns nos outros e conheciam aqueles no poder que forneciam abrigo, proteção legal e um mercado para seus produtos. Quando em terra, os capitães piratas se reportavam aos poucos poderosos que protegiam seu comércio. Essas conexões foram feitas e preservadas através dos corredores maçônicos. Governadores, prefeitos e juízes licenciaram e investiram em viagens piratas, cujas receitas ajudaram a construir fortunas familiares.

Os navios piratas eram alojamentos flutuantes onde o ritual, o sigilo e os juramentos de sangue eram a cola que unia os piratas. Mas os irmãos piratas comuns não eram bem-vindos nas reuniões da loja da Holanda

O oitavo lugar em Nova York, onde a família Livingston brindou ao sucesso em apoiar piratas como o capitão Kidd e ainda protegia piratas como Laffite cem anos depois.

A pirataria não foi o único crime em alto mar; as colônias americanas também prosperaram com o contrabando. John Hancock era um maçom rico cujo navio Liberty colocaria Boston no caminho do Tea Party e da Revolução. Com um pé nas lojas maçônicas de elite, onde os armadores e capitães eram bem-vindos, e outro nas lojas onde o trabalhador era aceito, Hancock fornecia trabalho para um terço de Boston. Foi a insistência da Grã-Bretanha em fazer cumprir suas leis contra o contrabando que precipitou a Revolução. As colônias dependiam de seus contrabandistas para fornecer alimentos, armas e suprimentos para lutar contra a Grã-Bretanha.

O papel dos parceiros de contrabando da América no Caribe e nas Bermudas quase não foi examinado pelos historiadores, mas era vital. Ao mesmo tempo, o contrabando e o corsário forneceram a base para muitas das dinastias políticas da América que permanecem no poder até hoje.

A Revolução acabou com os grandes lucros do contrabando. A pirataria e os corsários também deixaram de ser um caminho fácil para os lucros. O comércio de escravos seria o próximo caminho para a riqueza nos mares, prosperando em portos que eram fortalezas da Maçonaria. De Newport a Charleston, pertencer a uma loja significava acesso a financiamento, seguro e encontrar uma tripulação para o comércio de escravos. Também significava acesso ao mercado.

Mas ser membro da Maçonaria não apresentava apenas oportunidades no submundo. Benjamin Franklin reconheceu que o sucesso no negócio de impressão dependia apenas de qual loja maçônica alguém pertencia na cidade de Filadélfia. John Jacob Astor, que já teve um décimo quinto de toda a fortuna pessoal americana, juntou-se ao prestigioso Holland No. 8 Lodge em Nova York para promover seus negócios. O sucesso na profissão de advogado, quase um pré-requisito para um cargo governamental, foi garantido aos filhos dos ricos que pudessem estudar no Templo de Londres. Passar na ordem é um termo que se originou na fortaleza dos Templários em Londres, e é um rito de passagem que deve ser alcançado hoje para

ingressar na profissão de advogado. A promoção nas forças armadas foi negada a muitos que não faziam parte da loja militar, um portátil

lar de irmãos que incluíam George Washington, o Marquês de Lafayette e John Paul Jones.

As estruturas secretas e de elite que construíram os impérios de negócios da América e fortunas familiares esconderam bem sua história. Em uma época em que as menores indiscrições às vezes têm o potencial de desqualificar um candidato de um cargo público, as origens e histórias familiares dos fundadores do país e de suas instituições são notáveis. Herdamos faculdades e universidades com nomes de traficantes de escravos e traficantes de ópio. Honramos presidentes e outros políticos cujas famílias construíram suas fortunas por meio do crime. Patrocinamos empresas fundadas por homens cujas fortunas estão enraizadas na atividade ilegal.

Muitas das famílias consideradas sangue azul da América, nosso equivalente da aristocracia, esconderam em seus armários ancestrais homens que fariam os criminosos organizados de hoje parecerem angelicais. Eles não eram meros ladrões de cavalos e vendedores de óleo de cobra, nem eram vigaristas que foram levados para fora da cidade na amurada. Esses Pais Fundadores alcançaram grande riqueza. Seu legado foi passado para herdeiros que ainda desfrutam dessa riqueza - e seu poder também, que é protegido pelas instituições que criaram e garante sua participação no futuro. O sistema, graças a ganhos e poder ilícitos, se perpetua.

Em um país onde todos tiveram um novo começo, uma nova chance e uma oportunidade igual, é curioso que a distância entre ricos e pobres tenha aumentado tão dramaticamente após a Revolução Americana. Mas não foi por acaso ou trabalho árduo; instituições da Europa, muitas vezes subterrâneas, estabeleceram uma rede que garantiria o sucesso e o poder de suas próprias. As mesmas sociedades secretas que haviam sido estabelecidas na Europa por centenas de anos foram importadas para as colônias da Europa desde os primeiros dias.

Para entender como as sociedades secretas e de elite são difundidas hoje e como desempenharam um papel tão significativo nos últimos

séculos, devemos começar em um dia crítico em 1307, quando a maior organização que o mundo já conheceu viu sua queda.

## PARTE UM

# Pirataria: Um Feliz e uma curta vida

MEDIEVAL EUROPA TEVE a classe estrutura naqu  
dividida a partir n mane  
o a rico de a pobre o mais intrusivo iras  
que faz o lacuna que divide as classes hoje. De  
sen do a feudo a a Rei, poder de vida ou morte era  
empunhado sobre a comum cara. Sociedade e a Igreja  
reproduz m excel determinand som  
tb iu a ente papel em o ente o que um indi-  
poder poderi Faz Rigoro por  
vidual ia ou a não . so convenções mim-  
atad apon naq  
o sociedade para a tar uela até a roupas um  
estava pa Nov  
Individual vestiu m sujeito ra lei. No colonial o

quando o pirata desfilou a partir da taberna para outro desafio no as e coletes escondendo pistolas, elas u  
um  
não só a social convenção, mas tb a lei. Vestindo seda ou pele era um privilégio de poucos proprietários.

Dos tempos medievais na Europa ao colonial período na América, a sociedade passou por um desafio que

mudaria a maneira como o homem percebia e de fato vivia sua vida. Na época medieval, as opções para a maioria dos rapazes (e mulheres) eram poucas e pouco atraentes. A lei da herança certa vez deu a propriedade da família ao filho mais velho e permitiu que os irmãos e irmãs mais novos ficassem apenas se permanecessem solteiros. As filhas se casavam e os filhos se tornavam aprendizes ou eram enviados para estudar para o sacerdócio, conforme seus pais decidissem.

A guerra trouxe oportunidade. O alistamento para as Cruzadas deu aos homens a chance de deixar para trás uma vida predestinada. As Cruzadas significavam aventuras e a possibilidade de melhorar as circunstâncias. Ir para o mar oferecia a mesma fuga. A vida no mar era aventureira e permitiu que alguns voltassem para casa com dinheiro suficiente para viver suas vidas. No entanto, a maioria dos homens que se juntaram às Cruzadas para escapar do destino mundano de se tornarem padres ou aprendizes não podiam nem voltar para essas vocações. Quando Jerusalém foi perdida e os Cavaleiros Templários dispersaram, muitos tiveram poucas chances de retornar à sociedade. Temendo processos ou simplesmente pobreza, muitos decidiram continuar aproveitando a vida temerária.

Para o soldado guerreiro, uma escolha era se tornar um mercenário nas ordens de combate emergentes da Escócia ao Mar Mediterrâneo. Para o marinheiro, a vida de corsário, contrabandista ou pirata trazia ainda mais promessa de recompensa. Ambos mercenários e piratas tornaram-se membros de uma sociedade dentro da sociedade.

Os piratas são retratados como bandos de fanfarrões lunáticos de pernas tortas com tendências homicidas desde os dias do escritor Daniel Defoe, do século XVIII. A história real é menos colorida - e mais interessante. Embora muitos vivessem "a vida alegre e a curta", como a chamavam os contos de Defoe, outros desfrutavam de uma expectativa de vida mais longa do que a dos marinheiros dos navios da Marinha britânica. Comiam melhor, eram tratados com menos crueldade e compartilhavam uma porção maior de seus ganhos.

Os piratas eram reunidos por convênios que forneciam mais proteção do que a lei naval inglesa e eram votados regularmente por todos os marinheiros a bordo. O navio pirata e os portos piratas como o Saint Mary's

em Madagascar foram os primeiros exemplos de governo democrático. O sistema de um homem e um voto a bordo do navio pirata não foi duplicado até que o

Constituição americana. Mesmo assim, votar não era tão democrático quanto o governo pirata.

Cuidar dos feridos e também dos viúvos costumava ser mais confiável para o pirata do que para o marinheiro da marinha inglesa. A marinha incorporava a mais rígida das estruturas de classe e oferecia pouco em termos de segurança.

Os piratas compravam suprimentos e armas, vendiam os ganhos ilícitos da lã em joias e freqüentemente se aposentavam em propriedades, ou pelo menos fazendas, compradas com o produto do trabalho de suas vidas. Para lidar com a sociedade convencional, eles tinham que ter conexões. Criar tais conexões significava que eles deveriam pertencer a uma irmandade. A irmandade era muito mais profunda do que um pequeno grupo se unindo. À medida que os Templários remanescentes se organizavam em lojas, os velhos laços foram restaurados. A maçonaria, mais ou menos subterrânea até o início do século XVIII, fornecia moradia, emprego, comida e até roupas aos irmãos. A Maçonaria também fornecia conexões com uma rede subterrânea e muitas vezes acima da lei. Quando a Maçonaria foi finalmente reconhecida, um juramento secreto para um Mestre Maçom reconheceu que os maçons eram "irmãos de piratas e corsários".

Aqueles que navegavam sob a caveira e ossos cruzados podiam contar com proteção nos portos e nos tribunais, onde um aperto de mão secreto ou frase codificada exigia que outros maçons viessem em auxílio de seus irmãos.

Fortunas construídas por piratas e por aqueles que os equiparam com suprimentos e compraram seus produtos sobreviveram à "era de ouro da pirataria". As dinastias criadas por meio da atividade do submundo e da

participação em sociedades secretas abririam o caminho para o poder que sobrevive até os tempos modernos.

# Capítulo 1

## A NOVA ORDEM MUNDIAL

**O** 13 de outubro de 1307 ficaria na história como o primeiro azarado. Sexta-feira, dia 13. Naquele dia, os Cavaleiros Templários, que lutaram tão bravamente pela causa do Cristianismo durante o

Cruzadas, foram ordenados presos pelo rei francês. Operando sob ordens que foram seladas até a noite anterior à prisão, os representantes da coroa francesa lançaram um ataque ao amanhecer em todas as propriedades dos Templários no reino do rei. Foco especial foi dado ao centro da organização dos Templários, o tesouro de Paris. Em poucas horas, cavaleiros e servos da ordem estavam presos e sob custódia. Em poucos dias, o interrogatório sob tortura extrema começou e logo suscitou confissões de muitos dos atos e práticas depravados da ordem dos monges-guerreiros. A maior ordem que a Europa já viu logo deixou de existir.

Quando foi formada quase duzentos anos antes, os Templários eram uma força militar organizada como uma ordem religiosa. A criação dos Templários coincidiu com São Bernardo assumindo o controle da ordem cisterciense de monges na França. Bernard foi fundamental para moldar as duas organizações para cumprir a missão que ele imaginou. As regras para sua ordem de monges foram adotadas pelos monges guerreiros que seriam chamados de Ordem dos Pobres Cavaleiros de Cristo e do Templo de Salomão. Eles se tornariam conhecidos como Cavaleiros Templários. A visão de Bernard se tornou realidade. Mas ele não estava agindo sozinho.

São Bernardo era membro de uma classe de elite em uma época da história europeia em que o sistema feudal governava todas as facetas da vida. Este punhado de

famílias ricas, principalmente centradas em torno da cidade de Champagne e seu conde, seriam responsáveis pelas Cruzadas, pelo rápido crescimento da ordem cisterciense e pelo poder dos Cavaleiros Templários. Havia nove membros dos Cavaleiros Templários originais; três foram prometidos ao conde de Champagne. Um deles era André de Montbard, tio de São Bernardo. O conde doou o terreno onde Bernardo construiu a abadia de Clairvaux, que seria o centro do poder de Bernardo.

Fixando-se na necessidade de retomar as Terras Sagradas do Islã, Bernard pregou uma cruzada militar. Dizia-se que, quando ele chegava a uma aldeia, as mulheres tentavam esconder seus maridos, pois poucas conseguiam resistir ao seu chamado às armas. O ato de ver o mundo pode ter apelado para uma classe camponesa que muitas vezes era considerada propriedade das propriedades feudais que dominavam o campo. As Cruzadas ofereceram aventura - e salvação. Depois que milhares marcharam contra o Islã e reconstruíram a cidade sagrada de Jerusalém, outros milhares desejaram viajar para a cidade sagrada. Os nove cavaleiros templários originais foram para as Terras Sagradas para proteger as estradas para aqueles que faziam a peregrinação. Depois de vários anos, eles voltaram às boas-vindas de um herói.

Com o selo de aprovação de Bernard, os Cavaleiros Templários cresceram e floresceram, tornando-se a vanguarda do exército europeu. Suas façanhas militares contra o Islã são lendárias; suas façanhas financeiras são mal compreendidas e minimizadas.

## TEMPLAR, INC. BANKING

Embora o nome completo da organização fosse Ordem dos Cavaleiros Pobres do Templo de Salomão, a ordem era tudo menos pobre. Foi, de fato, a organização mais rica que a Europa já tinha visto e a primeira empresa multinacional de todos os tempos. Os negócios dos Cavaleiros Templários eram negócios, e eram conduzidos de uma maneira que a Europa nunca tinha visto antes. A lealdade da ordem foi direcionada a si mesma. Os templários deviam nominalmente sua lealdade ao papa romano, mas essa

lealdade era mais em palavras do que em atos. Eles realmente lutaram  
contra

outros exércitos cristãos e contra sua ordem rival, os Cavaleiros de São João, e durante a Cruzada Albigense alguns Templários até lutaram contra o papa e seu expurgo genocida dos cátaros no sul da França. A verdadeira lealdade dos Templários era para com eles mesmos, pois juntos eles poderiam se tornar mestres de qualquer indústria que desejassem.

O setor bancário como o conhecemos hoje foi uma instituição fundada pelos Cavaleiros Templários. Antes dos Templários, havia certos indivíduos que compareciam a feiras comerciais para facilitar a troca de moeda, comprar e vender ações em empresas comerciais e emprestar dinheiro. Muitos dos primeiros grupos bancários eram famílias italianas de Florença, Veneza e Lombardia. As atividades desses banqueiros eram restringidas por inúmeras leis.

Em um mundo onde o papa e a Igreja Católica faziam as regras, a usura, a cobrança de juros, era proibida. Para os Templários, havia várias maneiras de contornar as leis que proibiam a cobrança de juros. Uma maneira era simplesmente cobrar uma comissão para obter o empréstimo, mas uma taxa tão mal disfarçada ainda atrairia a condenação dos membros religiosos. Outra maneira era chamar a usura por um nome diferente. A ordem foi autorizada a cobrar "juros de cruzada" pelos empréstimos. Seus clientes muitas vezes eram a mesma nobreza que doou terras ao Templo, pelas quais recebiam uma renda das propriedades. Os nobres, geralmente os reis da Inglaterra e da França, precisavam pedir dinheiro emprestado para lutar em guerras e o Templo estava disposto a emprestar - mediante pagamento. Onde a usura fosse uma prática não permitida nem mesmo para o Templo, o Templo teria lucro com a mudança de moeda. Por exemplo, a lã da França que era transportada em navios do Templo e vendida a um comprador na Inglaterra estava sujeita a uma mudança de moeda que geralmente colocava menos valor na moeda de pagamento.

O banco de depósitos não foi proibido pela Igreja, nem a função de atuar como um depósito seguro. Quem estava mais bem preparado do que os Templários, com suas numerosas fortalezas e redutos espalhados pela Europa, para proteger a riqueza da elite do continente? O banco dos Templários garantiu as posses mundanas de mercadores, cavaleiros e da realeza e os manteve em um país enquanto permitia a retirada em outro. Taxas foram cobradas para cada etapa da transação, e se as taxas fossem

não o suficiente, os sábios banqueiros templários cobrariam mais se alguém precisasse fazer uma retirada de dinheiro em outra moeda. Sempre havia um lucro a ser obtido.

Os poucos registros encontrados no Templo de Paris mostram as várias transações que ocorreram em um dia típico. As anotações assinadas pelo caixa Templário da época listavam o valor de um depósito, o nome do depositante, a origem do depósito e, ocasionalmente, em cuja conta seria creditado, se não do depositante. Uma rede de casas fortificadas em toda a Europa e Terras Sagradas serviu como antecessora do moderno sistema de agências de qualquer grande instituição financeira. Cinco categorias de clientes foram servidas: Cavaleiros Templários (eles freqüentemente recebiam pagamento em cidades fora de sua terra natal e não estavam dispostos a carregar dinheiro), dignitários eclesiásticos, o rei, outros nobres e a burguesia. Os registros foram mantidos no Diário do Tesouro. <sup>1</sup> Esse "tesouro" acabaria atraindo o interesse do rei francês, que estava na lista de contas a receber.

## TEMPLAR, INC. GESTÃO DE PROPRIEDADES

A administração de propriedades e propriedades desempenhou um grande papel nos assuntos dos Templários. Antes da queda de Jerusalém, os Templários controlavam nove mil feudos que haviam sido doados à ordem pelos proprietários de terras da Europa. Um censo de propriedade inglês observou: "O número de solares, fazendas, igrejas, advowsons, terras demesne, vilas, aldeias, moinhos de vento e moinhos de água, aluguéis de assize, direitos de comarca comum e livre e os valores de todos os tipos de propriedade, possuídos pelos Templários na Inglaterra

... são surpreendentes. "Em Yorkshire, os Templários possuíam vários grandes solares e sessenta parcelas menores de propriedade.<sup>2</sup> Na Sicília, eles possuíam propriedades valiosas, grandes extensões de terra e direitos de pesca, pastagem e corte de madeira. Na Espanha, os Templários foram "dotados de cidades, aldeias, senhorias e domínios esplêndidos<sup>3</sup>" Em Aragão, eles tinham castelos em várias cidades, eram os senhores de Borgia e Tortosa e recebiam a receita de um décimo do reino.<sup>4</sup>

A lista de propriedades dos Templários preenchia um livro do censo inteiro; Eles tinham

terras na Alemanha, Hungria e França e nos territórios que fazem fronteira com a França e a Alemanha. Em 1180, centenas de acres eram necessários para sustentar um cavaleiro na batalha; um século depois, eram necessários milhares de acres. As propriedades dos templários eram isentas de dízimos locais, mas podiam recebê-los. Embora o homem comum entendesse que os frutos de seu trabalho forneciam apoio aos que lutavam nas Cruzadas, um nobre vizinho não era tão gracioso. Em geral, exigia-se que um homem comum contribuísse com seu tempo e, para a maioria, isso era fácil. Um nobre (proprietário de terras) pagou um preço mais alto. Ele experimentou custos mais altos e mais desafios para encontrar trabalhadores, enquanto competia com os Templários por homens saudáveis disponíveis. E um proprietário de terras, ao contrário de seu vizinho templário, pagava impostos. Como os funcionários do Templo eram responsáveis apenas pela ordem que os empregava,

O amálgama de uma força militar internacional e uma ordem religiosa na forma de um negócio nunca mais aparecerá na história do mundo. Além de colher lucros, a ordem dos Templários era beneficiária de presentes que eram destinados como penitência pelos pecados. O maior presente para a ordem dos templários foi exigido do rei Henrique II da Inglaterra como resultado do assassinato do arcebispo de Canterbury, Thomas a Becket. Henry doou fundos para equipar duzentos cavaleiros por ano, bem como mais dinheiro em seu testamento. Os Templários tinham todas as vantagens e ninguém a quem se reportar.

## TEMPLAR, INC. TRANSPORTE

A frota templária foi outra fonte de lucros que despertou a inveja dos armadores e mercadores das cidades portuárias da França. Nos primeiros anos das Cruzadas, os Templários exigiam movimentos massivos de homens, armas e cavalos. Eles firmariam contratos com mercadores de cidades-estados italianas como Veneza e Gênova. Esses mercadores, especialmente os de Gênova e Pisa, tinham colônias comerciais em Barcelona, Marselha, Mahdia, Ceuta, Túnis e Trípoli. Seus navios traziam

mercadorias da China, Índia e Ceilão. Porque reinos menores cunhariam seus

próprio dinheiro, os comerciantes italianos também eram cambistas e credores. Os banqueiros de Veneza, Gênova, Lucca e Florença eram chamados de lombardos e substituíram os judeus como banqueiros mercantes da Europa. As taxas de empréstimo podem variar de 15% para um empréstimo comercial a 100% para um empréstimo pessoal. A Templar, Inc. se mudaria para tirar negócios dos comerciantes italianos.<sup>5</sup>

Em 1207, os Templários tornaram-se armadores. Quando não estavam usando navios para o transporte de homens, eles usavam os navios para o comércio. Os lucros e a própria frota começaram a aumentar de tamanho. Em 1233, a cidade de Marselha queixava-se de que os navios templários estavam tirando negócios dos seus. Os templários logo tiveram muitos preceptórios em cidades portuárias, incluindo Brindisi, Bari, Barletta e Trani e na Sicília, em Messina. O comércio transmediterrâneo frequentemente envolvia o transporte de mercadorias e animais para o leste do mar Mediterrâneo e o retorno com escravos, que trabalhariam para os templários no oeste.

O porto turco de Ayas, na Cilícia, era um centro de comércio de escravos, e os Templários estabeleceram um cais ali. Os Cavaleiros Templários e a ordem cristã rival, os Cavaleiros de Malta, tornaram-se os maiores comerciantes de escravos europeus no Mediterrâneo e estabeleceram-se em Veneza. Talvez o porto de escravos mais importante dos Templários tenha sido a cidade de Acre, nas Terras Sagradas. Lá todos os escravos eram chamados de muçulmanos, independentemente de sua religião; este foi o resultado do papa em Roma declarar a proibição de escravos cristãos no reino de Jerusalém. Os muçulmanos que procuraram se converter foram negados. O Papa Gregório foi informado disso e queixou-se aos grão-mestres de ambas as ordens, mas o comércio em toda a sua avareza continuou.

A frota Templária serviu tanto para gerar lucros para a ordem quanto como parte da máquina de guerra Templária. Com a caveira e ossos cruzados como sua bandeira de batalha, a frota templária foi usada em operações militares contra o Egito, a costa da Ásia Menor e em todo o Mar Mediterrâneo.

Além de transportar tropas e carregar armas e suprimentos para suas operações militares, bem como escravos e mercadorias para o comércio, os

Templários praticavam a pirataria. A pirataria foi definida como o ato de capturar outro navio no mar. Mas um navio templário enfrentando um islâmico

navio de guerra não era considerado pirataria, pois os dois estavam em guerra. Havia poucos navios projetados exclusivamente para a batalha, pois todos os barcos de transporte precisavam ser armados. Assim, o ato de capturar um navio mercante islâmico seria considerado corsário. Havia uma linha tênue entre pirataria e, mais tarde, corsário, o que significava que o capitão de um navio tinha a permissão de um governante, e mais tarde uma carta de marca, para se envolver na pirataria.

Um navio inglês empenhado em saquear navios ingleses seria definido como um navio pirata, mesmo que compartilhasse os despojos com o rei inglês. Se um navio inglês embarcou em um navio francês sem a permissão do rei inglês, ainda era um navio pirata. Se, entretanto, um navio inglês navegasse com a permissão do rei inglês para saquear os navios de outras nações, era um navio corsário.

Os templários não responderam a ninguém, exceto ao papa, que, de acordo com os registros, não emitiu cartas de marca. Quando os templários capturaram os navios inimigos, eles alegaram que estavam agindo em nome de seu governante nominal, o papa. Mas os navios da ordem dos Templários não pararam por aí, e muitas vezes os navios de outros reis cristãos eram um alvo fácil.

A maior parte da frota templária era originalmente composta por galeras baixas, semelhantes às usadas pelos piratas muçulmanos da costa da Barbária. Eles eram ideais para o comércio costeiro e igualmente adequados para a pirataria, pois podiam manobrar em águas rasas e não eram forçados a depender dos ventos. A frota atlântica dos Templários usava a vela, o que lhe permitia navegar pelos oceanos também.

A Europa cristã, a África e a Ásia muçulmanas estiveram em guerra por centenas de anos, mas, em termos culturais, muitas conexões foram feitas. Simon Dansker, um aventureiro flamengo, mostrou aos piratas do norte da África o uso do veleiro de longo alcance na pirataria. Dansker começou sua carreira no porto francês de Marselha, mas logo mudou de lado e de nome. Como Dali Rais, que significa Capitão Diabo, Dansker mudou para o lado dos piratas da Barbária e capturou navios cristãos. Sob sua tutela, os piratas muçulmanos ampliaram seu alcance no Adântico. Uma frota muçulmana até navegou para a Islândia, onde os piratas pegaram

escravos e saquearam. Mas Dansker mudou de lado muitas vezes e foi enforcado em Túnis.

A frota templária era composta de quaisquer navios que pudessem ser  
construídos ou

comprado ou capturado de seus inimigos. O alcance dos navios à vela dos Templários estendia-se do Atlântico Norte ao Mediterrâneo oriental. Os navios transportavam mercadorias e peregrinos da Itália para as Terras Sagradas. Sem medo de represálias, os Templários se envolveram na pirataria quando o lucro não podia ser obtido de forma legítima. Para aqueles que tripulavam a frota dos Templários, o salto na carreira de corsário para a ordem de pirataria para ganho próprio era pequeno.

Um dos primeiros templários que se tornou pirata foi Roger de Flor. Filho do falcoeiro do imperador Frederico II, Roger, de oito anos, foi contratado como grumete no porto templário de Brindisi. Abrindo caminho na hierarquia da marinha templária, ele logo assumiu o comando de um navio comprado dos genoveses. Ele chamou seu navio de Falcon. Quando o último reduto do Acre estava sendo sitiado, de Flor aprendeu uma nova habilidade: a extorsão. Ele usou seu navio para arrecadar dinheiro para sua futura carreira como pirata, cobrando para resgatar "damas e donzelas e um grande tesouro".<sup>7</sup> De Flor acabou caindo em desgraça com a ordem e seu navio permaneceu nas mãos do Templo, mas ele ganhou dinheiro suficiente para comprar um novo navio. Por meio da pirataria e mais tarde do trabalho mercenário, ele construiu uma fortuna e um exército. O renegado templário ganhou até a mão da sobrinha do imperador bizantino.

Não eram apenas os cavaleiros renegados que recorriam à pirataria; ambas as ordens, os Templários e a Ordem de São João, lucraram com sua capacidade de saquear os portos e navios mercantes do Mediterrâneo, assim como as frotas muçulmanas lucraram com a captura de navios cristãos.

Por centenas de anos, portos diferentes ao redor do mundo hospedaram piratas e resistiram ou ignoraram a autoridade de qualquer governo. Portos como o reino pirata de Santa Maria em Madagascar, onde o único governo era o de piratas exilados ou escondidos, serviam aos piratas europeus que atacavam os navios de prata dos Moghuls da Índia. Nas Américas, Tortuga e Bahamas desfrutariam de períodos mais curtos como refúgios de piratas. Mesmo onde os portos tinham um governo oficial, muitas vezes eram

governados por aqueles que apoiavam a pirataria, como os de Port Royal, na Jamaica.

Um dos maiores portos piratas do período medieval foi Mahdia,

na costa do Norte da África. Nos trezentos anos em que os Cavaleiros Templários lutaram contra os conquistadores islâmicos do Mar Mediterrâneo, houve vários períodos de trégua durante os quais árabes e cristãos trocaram idéias. Os europeus aprenderam sobre história, religião (incluindo a sua própria), ciência, matemática e medicina com seus inimigos. A grandeza de tal intercâmbio de cultura não pode ser medida, mas as Cruzadas tiveram um efeito enorme na Europa. O conhecimento acadêmico não era tudo que os Templários aprenderam; eles também adquiriram novas habilidades militares e navais e uma tolerância para com seus colegas islâmicos. O resultado foi que muitos ex-templários simplesmente mudaram de lado e se juntaram aos piratas berberes. O autor John J. Robinson suspeita que a "palavra do maçom" escocês mahabone é uma corruptela de Mahdia, o bom,<sup>8</sup>

O poder marítimo dos templários é freqüentemente minimizado em comparação com suas manobras terrestres militares. A marinha templária e as frotas mercantes conheciam bem o mar Báltico, as ilhas britânicas, grande parte da costa africana, o mar Mediterrâneo e até mesmo o mar Negro. Eles navegaram até seus predecessores normandos, e seu propósito não era apenas comércio e pilhagem; fornecer alimentos e munições, transportar tropas e peregrinos e hospedar reis e seus bens foram importantes no longo conflito contra as nações islâmicas.

Quando a guerra com esses países diminuiu, a guerra entre os cristãos preencheu a lacuna. Em 1256, duas facções cristãs se formaram sobre quem deveria possuir Acre. Os Hospitalários ajudaram os mercadores genoveses e catalães para combater a marinha de Veneza, à qual juntou-se a frota templária.<sup>9</sup> Apesar do fato de que uma das regras templárias proibia matar um cristão, existiam guerras territoriais e o ato de matar outros cristãos era "absolvido" pela necessidade de preservar a riqueza e o poder.

## O MUNDO TEMPLAR VIRADO DE CABEÇA PARA BAIXO

Em 1291, Acre caiu nas mãos dos exércitos do Islã. A ordem dos templários teria apenas dezesseis anos antes de cair também. Os cavaleiros já haviam perdido

Jerusalém, e agora sua última fortaleza foi capturada por seus rivais. A opinião pública rapidamente se voltou contra a ordem. Aos olhos do mundo, os Templários haviam perdido sua missão e agora eram simplesmente uma organização gorda de credores, proprietários e concorrentes com uma atitude para arrancar. "Altivo como um templário" foi uma frase cunhada por Sir Walter Scott. Seus romances descrevem uma ordem que deu as costas aos seus fundadores. Uma vez dedicados à pobreza e à obediência, os Templários tornaram-se culpados de orgulho, arrogância e, no início do século XIV, possuindo mais riqueza do que os reis europeus. O Papa Nicolau IV, o comandante-chefe teórico da ordem, dirigiu publicamente sua raiva contra os Templários, culpando sua disputa com a ordem hospitaleira rival como o motivo de o último bastião cristão nas Terras Sagradas estar agora em mãos islâmicas. Os templários se permitiam ser vistos como desinteressados em proteger os bens mais sagrados do mundo cristão.

Um conselho da Igreja decidiu que a única maneira de travar uma guerra eficaz contra o Islã era ter uma força unificada própria. O conselho propôs fundir as ordens de combate, mas as ordens recusaram. Os Cavaleiros Teutônicos da Alemanha e da Prússia retornaram a Marienburg. Os Cavaleiros de São João mudaram-se para Malta. Os templários mudaram-se para Chipre.<sup>10</sup>

Embora a ordem dos Templários tivesse abandonado o Acre, ela não abandonaria suas próprias possessões. Para um estranho, os Templários pareciam estar em uma cruzada apenas para proteger sua enorme riqueza.

Em um evento que viria a ser conhecido como Caso Eperstoun, um cavaleiro que prometeu metade dos bens de sua esposa para entrar na ordem morreu. Quando veio a ordem de reclamar a propriedade do membro assassinado, sua viúva se recusou a ir embora. Os templários foram enviados para expulsar a viúva e tiveram que literalmente arrastar a mulher de sua casa. Enquanto ela se agarrava ao batente da porta de sua casa, os cavaleiros cortaram seus dedos. Mesmo antes da mídia pública, este foi um evento de "mídia" tão convincente que chegou aos ouvidos do rei Eduardo I. Quando ele ouviu sobre o tratamento dado à viúva, ele intercedeu para

restaurar sua propriedade. Ainda sem compreender o conceito de relações públicas, os Templários iriam tão longe

quanto a matar o filho da viúva por vingança<sup>11</sup> e confiscar a propriedade após sua morte.

Tendo como pano de fundo as perdas militares, as transgressões da ordem estavam se tornando difíceis de defender. Em 1306, um novo papa, Clemente V, foi eleito. Antes de se tornar papa, ele era Bertrand de Got, Arcebispo de Bordéus. Sua elevação ao posto mais alto na Igreja foi arquitetada por seu irmão Beraud, que era o arcebispo de Lyon. Em junho de 1305, quando os reis da França, Inglaterra e Nápoles tiveram representantes discutindo sobre quem deveria ser o próximo papa, a escolha recaiu sobre a pessoa menos questionável<sup>12</sup>, Bertrand de Got alcançou essa distinção. O rei francês certamente não fez objeções a De Got e, para consternação dos italianos, ele nunca deixou a França. Ele era considerado fraco e ineficaz, e os italianos acreditavam que, ao estabelecer seu papado em Avignon, ele deu a prova de que era simplesmente um fantoche do rei da França.

O novo papa estava em uma posição incômoda. Por um lado, ele era parente materno de Bertrand de Blanchefort, um grão-mestre templário. Por outro lado, o poder do rei francês parecia mais ameaçador. Ele iria protelar o máximo que pudesse para tomar decisões. É possível que Clemente V já tenha visto a inscrição na parede que lhe dizia que, a menos que agisse, perderia ambas as ordens. Seu primeiro ato foi pedir ao novo grão-mestre dos Templários e ao grão-mestre dos Cavaleiros de São João um resumo escrito enumerando as razões a favor e contra a fusão das ordens. Jacques de Molay, o líder dos Templários, respondeu ao papa, e pode estar ciente de que o objetivo final do rei francês era liderar uma ordem unida como o balador rex, o rei guerreiro. Pelo menos,

Apesar da resposta nada satisfatória, o papa hesitou em agir. Ele não desconhecia que agentes do rei da França haviam sido responsáveis pela morte de Bonifácio VIII e possivelmente pela morte por envenenamento de Bento XI, segundo rumores.

O rei Filipe da França decidiu que era hora de remediar o impasse. Por que a França foi a base das Cruzadas e teve

suportando os pesados custos da guerra, Philip estava impaciente para consertar suas finanças. Pregadores anteriores, como São Bernardo, muitas vezes limpavam uma cidade de seus homens, inspirando-os a iniciar a cruzada. As encomendas foram beneficiárias de milhares de propriedades doadas. A Igreja havia declarado que o estado não deveria tributar os guerreiros ou as propriedades da ordem. O resultado líquido para o rei francês foi um tesouro esgotado. Ele recuperou dos Templários a gestão de suas próprias finanças em 1295, criando o Tesouro Real no Louvre. Ele então desvalorizou a moeda e se voltou contra as famílias de banqueiros italianos.

Talvez nunca se saiba quão próximas as famílias de banqueiros italianos estavam ligadas aos Cavaleiros Templários. Eles inicialmente desempenharam um papel no financiamento das Cruzadas e no transporte dos cruzados. Em Florença, onde a cidade cunhou suas próprias moedas, eles prestariam homenagem ao padroeiro da ordem, São João Batista, em um dos lados das moedas. O outro lado representava o lírio, sugerindo uma linhagem real. Florença é um dos poucos lugares onde fica um batistério octogonal. Esse estilo incomum de batistério foi emprestado de Jerusalém e levado a muitas fortalezas templárias. De Tomar, em Portugal, a Drogheda, na Irlanda, essas estruturas representaram o batismo original de Jesus Cristo por São João. O batistério de Florença foi dedicado a São João Batista.

Depois de manobras contra os lombardos, Filipe, o Belo, provou ser tudo menos justo quando se tratava de reabastecer seu tesouro. Ele forçou os judeus a saírem da França em uma tentativa de confiscar sua propriedade e restaurar sua riqueza. Mas os judeus não eram tão prósperos quanto ele pensava, e a mudança rendeu pouco. Philip estava profundamente endividado - principalmente com o banco dos Templários.

Que melhor maneira de consertar a situação do que confiscar aquele banco?

Em 13 de outubro de 1307, as forças de Filipe desceram sobre todas as preceptorias dos Templários na França. O papa ficou consternado; tecnicamente, apenas ele tinha jurisdição sobre os Templários. Mas as forças de Filipe ameaçaram o papa, então ele rapidamente acompanhou o

rei. Philip logo ficaria consternado também. Os espões templários ficaram sabendo das prisões iminentes. Tendo comandado uma grande força de combate, uma grande marinha e um grande comerciante

frota, e tendo possuído o maior banco do mundo, através do qual estavam próximos de aristocratas e clérigos em toda a Europa, os Templários tinham operações de inteligência que eram certamente superiores às do rei francês. Jacques de Molay chamou os livros do pedido e mandou queimar. Muitos cavaleiros foram para a clandestinidade. E talvez o mais significativo, o tesouro guardado em Paris, a segunda posse mais desejada do rei Filipe, desapareceu.

A combinação do tesouro perdido, os livros queimados e a rendição humilde dos Templários é intrigante. Se os Templários entenderam que a prisão era iminente, por que todos eles não fugiram ou se prepararam para revidar? A única explicação é que a ordem acreditava que o alvo de Filipe era estritamente monetário e que, uma vez privado do banco templário, sua supressão da ordem duraria pouco.

Se essa conclusão for correta, então os membros da ordem que ficaram para trás estavam simplesmente despreparados para os horrores incríveis aos quais os cavaleiros presos seriam submetidos. Sob torturas que incluíam a cremalheira, o strappado e a queima de pés sujos de gordura, os templários confessaram tudo. Como a acusação era heresia, o preso não tinha direito a um advogado. Normalmente a tortura seria permitida na medida em que atingisse seu objetivo, mas não causasse mutilação ou lesão permanente. Para os Templários, entretanto, foi feita uma exceção. A tortura foi "executada com uma barbárie que até os homens medievais consideravam chocante".<sup>13</sup> Confinados em masmorras, sustentados com pão e água, acusados das perversões mais hediondas e torturados além do limite, muitos cavaleiros perderam a capacidade de raciocinar, vários suicidaram-se e muitos confessaram tudo.

Aqueles que sobreviveram aos dois anos de prisão tinham pouco a esperar além da morte. Em maio de 1310, os soldados de Filipe amarraram 54 cavaleiros templários a carroças e os levaram para os campos perto do convento de Saint-Antoine, fora de Paris, onde foram despidos, amarrados a estacas e queimados até a morte.

O rei da França quebrou a ordem, mas não conseguiu confiscar seu tesouro. Ele ficou ainda mais desapontado com a reação de seus

companheiros reis; em vez de as outras nações suprimirem os Templários dentro de seus

fronteiras, eles tiveram que ser incitados a dar qualquer passo contra os cavaleiros.

Na Inglaterra, Eduardo II foi muito lento em reagir às exigências do papa romano. O novo rei estava simplesmente desinteressado, já que seu foco estava na guerra contínua com a Escócia e em seu amante. Após persistente pressão do papa, Eduardo fez várias prisões e mais tarde sucumbiu à exigência de tortura da Igreja, que era proibida pela lei inglesa. Eduardo não protegeu a organização templária e permitiu que sua propriedade fosse confiscada. Para a decepção da Igreja, no entanto, a propriedade confiscada não reverteu para a Igreja, mas foi distribuída por Eduardo à sua maneira, muito provavelmente para seus credores e aliados.

A Escócia finalmente concordou em princípio com uma inquisição dos Templários. O país lutou continuamente contra o papa, que acabaria excomungando tanto o rei quanto a nação. O grau de conformidade na Escócia foi mínimo, com um total de dois cavaleiros questionados.

Na Espanha e em Portugal, a força de combate dos Templários era importante para os reis. Depois de algumas prisões e apreensões, os portugueses rapidamente re-incorporaram a ordem aos Cavaleiros de Cristo, que agora se reportavam apenas ao rei português. Nas partes da Espanha controladas pela Inquisição, houve prisões e torturas, mas a ordem e seus homens logo foram incorporados a várias outras ordens do exército espanhol.

Na Alemanha, os Cavaleiros Teutônicos, que haviam sido formados separadamente, marcharam para a corte em Metz armados até os dentes e desafiaram a corte a apresentar acusações. Eles não eram templários, mas apresentaram seu caso para evitar acusações semelhantes. O tribunal garantiu à ordem que sua existência não corria perigo.

Embora tudo isso tenha frustrado Philip, sua maior frustração foi o desaparecimento do tesouro do Banco do Templo de Paris. Ele teria sido carregado em um vagão de trem que corria para o porto de La Rochelle. Lá, o tesouro foi colocado a bordo da frota dos Templários, novamente voando a caveira e os ossos cruzados, de onde desapareceu mais uma vez. Enquanto muitos dos Templários franceses que foram capturados sofreram longas prisões e torturas horríveis, muitos outros, que agora eram considerados fora da lei, usaram a frota dos Templários como sua base. Foi

difícil para um grande grupo armado de homens escapar da detecção em terra, mas os navios

forneceu um esconderijo móvel, bem como um lugar para morar. Com seu imenso tesouro suplementado com pirataria, os Templários que escaparam da França sobreviveram.

O ato final contra a ordem foi cometido em 18 de março de 1314. Os quatro oficiais sobreviventes da ordem - o grão-mestre, o visitante e os preceptores da Aquitânia e da Normandia - foram levados para uma ilha no rio Sena em vista de os Jardins Reais.

## A RESSURREIÇÃO DOS TEMPLARES

Enquanto os Templários franceses presos sofriam prisão, tortura e muitas vezes execução, a organização Templária remanescente tornou-se como a mítica Hydra; uma cabeça foi cortada no pescoço e outras brotaram. As novas organizações na Alemanha, Portugal e Espanha eram todas várias reencarnações Templárias.

Na Alemanha, os Cavaleiros Teutônicos precisavam de sua própria razão de ser e rapidamente encontraram uma. Eles voltaram sua atenção dos exércitos do Islã, que eram aparentemente fortes demais para a Europa, para os lituanos pagãos mais facilmente conquistados. Uma nova "cruzada" do norte encontrou os bem equipados Cavaleiros Teutônicos lutando contra os fazendeiros de formigas-das-ervilhas da Lituânia e os convertendo ou matando em pouco tempo. Essa nova cruzada foi menos um instrumento da Igreja Católica para converter o mundo do que uma arma na guerra de expansão alemã.

Na Península Ibérica, a guerra contra o Islã ainda era um conflito ativo. Os reis de Portugal e da Espanha precisavam de toda a ajuda que pudessem reunir. O local de peregrinação mais sagrado da Espanha foi São Tiago de Compostela. A ordem dos Cavaleiros de Santiago (cujo nome deriva do espanhol Santo Iago, ou São Tiago) realizou atividades semelhantes aos esforços originais dos Templários: protegeu os peregrinos ao longo da segunda rota mais importante do mundo. No vizinho Portugal, os "novos" Cavaleiros de Cristo foram autorizados a manter as propriedades e preceptorias da antiga ordem dos Templários e até mesmo a bandeira dos Templários, uma cruz vermelha sobre fundo branco. A ordem sobreviveu dessa forma até o presente.

Na Inglaterra, a sobrevivência dos Templários não seria tão simples. A versão inglesa da supressão uniu os Templários com sua ordem rival, os Cavaleiros Hospitalários de São João. Esta ordem agradou às exigências da Igreja, mas de acordo com algumas fontes foi um cha-rade. A propriedade dos templários foi administrada separadamente durante anos.

A leste da França, as regiões alpinas que mais tarde se tornariam a Suíça forneciam refúgio aos Cavaleiros Templários. Quando suas rotas comerciais não eram por mar, os Templários usavam os mesmos passes alpinos para chegar à Itália e Alemanha que outros mercadores usavam por mais de mil anos. A ordem tinha preceptores fortificados em vários canões, e o poder da ordem logo cresceu. Três meses após a queda do Acre, três cantões formaram uma aliança militar. A eles se juntaram rapidamente outros, e o estado unificado da Suíça assumiria muitas das características da ordem. Eles eram respeitados por terem um exército feroz que se defendia contra os estados expansionistas alemães ao norte e a avarenta França a oeste. A reputação dos cavaleiros cresceu rapidamente, e logo a Guarda Suíça, como ficou conhecida,

Os suíços, é claro, logo ganharam outra reputação: a de banqueiros para o mundo. Em *The Warriors and the Bankers*, os autores Alan Butler e Stephen Dafoe apontam que, embora o tesouro em Paris pudesse ter sido o maior banco central dos Templários, a ordem certamente não teria mantido todos os seus valores em um único local. A importância da Suíça cresceu devido à sua neutralidade política e à sua posição como banco central do mundo. Embora o banco não tivesse mais a vantagem do Estado e o respaldo religioso, ele possuía uma localização geográfica muito vantajosa. Poucos subestimariam a capacidade de um país com militares bem treinados e o acesso às passagens alpinas. Qualquer pessoa que tenha de lidar com um banqueiro alpino pode se lembrar da descrição "arrogante" dos Templários dada por Sir Walter Scott, já que mais de uma característica foi passada dos Templários para os suíços. A disciplina e o sigilo mantidos pelos banqueiros suíços, no entanto, permitiram que eles alcançassem o domínio tanto de seu banco quanto de sua moeda.

O franco suíço assumiu um manto de estabilidade que perdia apenas para o ouro.

Butler e Dafoe referem-se à sobrevivência dos Templários e também à herança do setor bancário mundial pela Suíça. Os autores observam a impressionante semelhança do motivo da cruz vermelha templária com os emblemas da Suíça - o país e também seus cantons. A cruz templária foi simplesmente invertida na cor para se tornar a bandeira de uma Suíça unificada, e outras variações se tornariam as bandeiras do cantão.

## O TEMPLAR SUBTERRÂNEO

Mais dramaticamente, a ordem dos Templários pós-1307 tomou a forma de uma enorme organização clandestina. Essa forma se desenvolveu no norte, onde os templários franceses ressuscitados que navegaram com a frota do tesouro dos templários para a Escócia se reuniram sob os primos anglo-normandos dos normandos franceses.

Na França, a família St. Clair foi uma das poucas famílias de elite que foram fundamentais na fundação da nova ordem dos Templários. O ramo escocês da família St. Clair, que havia anglicizado a grafia de seu sobrenome para Sinclair, preservaria a ordem. Aliaram-se a Robert the Bruce, da família francesa Norman de Brus, cujo nome também havia sido anglicizado. Em Bannockburn, Robert derrotou os ingleses na batalha mais decisiva que os escoceses já experimentaram contra seus opressores. A vitória veio logo depois que uma nova força da cavalaria dos Templários entrou no campo de batalha.

Mas os Templários permaneceram clandestinos na Escócia, mesmo após o fim da Guerra da Independência da Escócia. Alguns dos cavaleiros mais nobres continuaram suas carreiras como mercenários. As evidências mostram que doze anos após a Batalha de Bannockburn, os mercenários escoceses voltaram à França sob o comando dos D'Anjous, outra família normanda que ajudou a fundar os Templários. Lá eles lutaram sob o comando de Joana d'Arc em uma guerra que a história pouco fez para explicar.

Outros, mais frequentemente os soldados rasos, colocam suas habilidades de construção e engenharia para trabalhar no comércio. Como uma força militar, os Templários

passou mais tempo construindo do que lutando. Assim, os cavaleiros aprenderam o ofício de construção construindo casas, pontes e castelos. Depois de 1307, eles colocaram essas habilidades em prática na construção de muitos dos melhores monumentos da Europa, incluindo catedrais.

Os templários franceses não tiveram problemas para se adaptar, visto que a língua francesa era falada nas ilhas britânicas e durante anos foi a língua da corte. As palavras dos templários franceses foram corrompidas em suas contrapartes britânicas. Os Templários remanescentes, enquanto lutavam como mercenários pagos, construíam pontes ou trabalhavam no comércio, permaneceram organizados em lojas subterrâneas. Eles freqüentemente empregavam palavras secretas e apertos de mão para se reconhecerem e ajudarem uns aos outros. Seus filhos também manteriam a tradição.

O termo maçom entrou na língua inglesa no mesmo século em que os Cavaleiros Templários, como uma ordem, foi oficialmente dissolvida. O termo era outra corrupção da língua francesa; os cavaleiros templários originalmente se referiam uns aos outros como irmão, ou frere em francês. O que era frere macon na França tornou-se maçom em inglês. Quando os templários viajavam, eles erguiam alojamentos, e estes se tornavam lojas, assim chamadas em homenagem aos loges franceses. O guarda postado na porta do chalé durante as reuniões era o tyler, em inglês, derivado de tailleur, que significa "aquele que corta". Mas o termo maçom logo adquiriu um novo significado. Ao contrário da maioria da população, que estava acorrentada à terra pelo sistema feudal que prevalecia na Inglaterra e na França, os ex-templários tornaram-se artesãos trabalhadores livres para viajar em busca de emprego.

Em um local de construção, que poderia ser uma catedral, um castelo ou um prédio público, os pedreiros se uniam e erguiam uma loja. A maioria das lojas não era permanente, mas seria construída para proteger a propriedade dos homens viajantes. Os maçons prometeram que se um irmão pedreiro viesse até eles, eles iriam encontrar trabalho para ele, dar-lhe dinheiro e, quando ele estivesse pronto para partir, o encaminhariam para outra loja. Por que isso seria uma cobrança tão importante para a Maçonaria? Porque em um sistema feudal, encontrar um lar era quase impossível para os membros remanescentes de uma ordem fora da lei.

Todos os seus antigos laços foram rompidos e não havia casa para onde voltar - certamente não na França. A Maçonaria foi criada para proteger

aqueles cujas vidas foram ameaçadas por causa de sua associação com os Cavaleiros Templários.

Uma iniciação maçônica afirma especificamente que os irmãos estão lá para alimentá-lo, vesti-lo e protegê-lo de seus inimigos. A iniciação também afirma enigmáticamente: "Manteremos seus segredos". <sup>4</sup>Por que um simples pedreiro atrairia inimigos e teria segredos que precisavam ser protegidos é questionável. Mas não é tão difícil entender a necessidade de segredos e proteção contra inimigos para um Templário fora da lei.

Os ofícios de construção e artesanato foram uma oportunidade para ex-Templários e mais tarde para seus filhos. O nome Lewis veio de um termo que significa "filho de um pedreiro", um status que geralmente era o único requisito necessário para entrar em uma loja. Também foi útil para conseguir emprego. Em *The Hiram Key*, Christopher Knight e Robert Lomas escrevem: "Agora estamos certos, sem sombra de dúvida, que o ponto de partida da Maçonaria foi a construção da Capela Rosslyn." <sup>15</sup>Esta capela foi construída na propriedade Sinclair sob a direção da família Sinclair, membros dos quais se tornariam os grandes mestres hereditários do ofício, guildas e ordens da Escócia. Para muitos ex-cavaleiros, a Escócia era agora seu lar e construir era seu ofício.

Alguns ex-templários não se encaixavam no novo estilo de vida. Nem todos os ex-Templários eram pedreiros e artesãos; alguns foram para as estradas como bandidos e alguns para os mares como piratas. A caveira e ossos cruzados, a mesma bandeira de batalha que tinha sido usada para pirataria pelos Templários, continuou a ser a bandeira escolhida pelos piratas após as Cruzadas. O crânio e os ossos anunciaram que o navio era um navio pirata. Embora tivesse um significado religioso, para a ordem da elite também tinha um uso mais prático: para instilar medo nos corações daqueles que estavam sendo atacados. Ele advertiu que não deveria haver nenhuma outra ação, exceto a rendição. Se isso não fosse atendido, uma bandeira vermelha declarava que não havia quartel. Como muitas das palavras dos Templários escoceses derivadas do francês, a bandeira de batalha era chamada de Jolly Roger, do francês joli rouge (vermelho bonito). Mais tarde,

A bandeira com caveira negra e ossos cruzados viria a ser reconhecida como um indicador de um navio pirata. O crânio e dois ossos, no entanto, tinham

um significado muito mais profundo para os Templários originais que navegaram sob a bandeira. Sua insígnia representava a ressurreição. A Igreja Católica ensinou que a ressurreição do homem era uma ressurreição corporal. Mas os Templários acreditavam, ao contrário da Igreja, que apenas um crânio e dois ossos precisavam ser enterrados para que uma pessoa fosse admitida no céu. A caveira e os ossos cruzados tornaram-se um motivo popular nas sepulturas dos Templários. Para aqueles que dedicaram suas riquezas e entregaram suas vidas à ordem dos Templários, o crânio e os ossos sugeriam que a própria organização dos Templários havia sido ressuscitada. A frota templária, em particular, estava viva e bem. Sobreviveu ao exército do rei francês e do papa romano e conquistaria novamente.

Assim como os Templários usaram a organização militar durante a longa guerra contra o Islã, eles agora usaram a organização militar contra seus novos inimigos. Ao entrar em contato com um navio, o crânio e os ossos cruzados seriam levantados. Se isso não fosse suficiente para fazer com que o navio perseguido se rendesse, os Templários içaram a bandeira vermelha, o Jolly Roger, significando que "sem trégua" ou sem misericórdia seria concedido. A mensagem foi rapidamente aprendida pelos capitães que navegavam nos mares com as mercadorias dos mercadores. Poucos esperariam pela bandeira vermelha.

A caveira e os ossos cruzados continuaram a governar os mares da Europa muito depois que a ordem dos Templários foi oficialmente enterrada. O Novo Mundo também seria ameaçado pela caveira e ossos cruzados, e bem depois da independência da América, os Templários remanescentes ainda exerceriam sua influência e poder.

## Capítulo 2

# IRMÃOS PARA PIRATAS E CORSÕES

**Você** além da caveira e ossos cruzados, a frota dos ex-Templários vagou pelos mares. A bandeira ameaçadora que para os católicos representava a ressurreição agora representava a ressurreição da ordem proibida. Sem a mesma lealdade ao papa em Roma, a ordem agora servia principalmente para se preservar e enriquecer. Os navios que antes eram tripulados por cavaleiros e juravam proteger os peregrinos religiosos agora ameaçavam qualquer pessoa que viajasse, transportasse mercadorias ou comercializasse em alto mar. Raramente foi considerada retaliação. Ainda mais raro foi a captura de um navio pirata; dizia-se que, nesse caso, o lampejo de um sinal secreto poderia permitir a um navio pirata uma passagem de seus captivos. O poder dos templários não era

a ser subestimado.

Os fragmentados Templários haviam conseguido o objetivo de ressuscitar a ordem. Ao mesmo tempo, os piratas que devastaram os mares manteriam vivos os ideais templários de liberdade, igualdade e proteção dos seus próprios. Ironicamente, os ideais de uma organização corrupta se tornariam a base da democracia americana.

Piratas a bordo de um ex-navio Templário dirigiam o navio da mesma maneira que um preceptório Templário, um modelo baseado na vida em uma casa capitular cisterciense. O que monges, piratas e cavaleiros templários têm em comum? Democracia. Embora não houvesse nenhum exemplo de nação democrática naquela época e escritores como Voltaire, Jefferson e Rousseau não nasceriam por mais quatrocentos anos, Templários

piratas e monges cistercienses praticavam a democracia. Dentro dos limites do mosteiro, do preceptório e do navio pirata, os líderes eram eleitos por seus pares e podiam ser removidos por eles. Era um conceito estranho ao sistema feudal, onde o nascimento e a propriedade determinavam o título e a posição. Nenhuma pessoa era absoluta; Esperava-se que os líderes agissem no interesse do grupo.

Os monges cistercienses, ex-piratas templários e cavaleiros templários tinham outras semelhanças interessantes. Em um mundo dominado por uma ordem feudal que usava impostos e taxas para forçar toda a riqueza ao topo, os templários, os monges cistercienses e os piratas mantiveram a riqueza em comum por centenas de anos. Isso não deve ser confundido com voto de pobreza ou mesmo com socialismo. Recompensas como maiores amenidades foram dadas àqueles que exerceram mais responsabilidade. Um capitão pirata muitas vezes tinha direito a uma parte dupla do saque, e o contramestre poderia receber uma parte e meia por seu papel. Foi estritamente um resultado de mérito. O fracasso em liderar ou a propensão para a ganância podem derrubar um cavaleiro, um abade ou um capitão pirata.

A ironia final é que a democracia surgiu dentro de ordens criadas pelos poderes feudais. Nesse novo experimento social, o título, o nome de família e o poder designado eram secundários em relação à capacidade de liderar e trazer benefícios para todos. Os ideais de liberdade e fraternidade surgiram apesar das intenções dos governantes feudais.

Claro, nem todos os piratas eram templários, e a ordem não inventou a arte do roubo em alto mar. Os ex-piratas templários, entretanto, eram muito distintos de outros piratas organizados. Os piratas que serviram a bordo dos navios do Islã, ou mesmo nos navios da ordem rival de São João, tinham mais em comum com a posterior marinha inglesa. O capitão do navio, que na maioria das vezes era nomeado como resultado de um bom berço ou favorecimento, receberia a maior parte dos despojos; os marinheiros comuns eram freqüentemente tratados apenas um pouco melhor do que os escravos das galés que serviam às frotas de Roma.

A vida a bordo do navio pirata era democrática, mas ainda era um mundo feudal às margens do mundo civilizado. Os piratas ainda eram

forçados a lidar com essa realidade. Por exemplo, os navios eram extremamente caros,

e, portanto, a pirataria era uma instituição geralmente não aberta ao homem comum. Em um mundo que não conhecia nenhuma forma de capitalismo, havia poucas maneiras de acumular fundos para comprar um navio. Se um navio fosse capturado, ele ainda teria que ter permissão para pousar em um porto seguro e vender suas mercadorias capturadas. Isso significava ter as conexões certas. No mundo dos antigos Templários, as conexões frequentemente vinham na forma de famílias de elite que serviam para ajudar os Templários remanescentes e se beneficiavam do papel desempenhado nos bastidores. Tanto a versão templária da pirataria quanto a versão não templária da pirataria dependiam de guardiões ocultos. A instituição da pirataria foi permitida pelos vários estados e reinos, desde que pudesse ser oficialmente negada e fornecesse um benefício ao monarca que tinha domínio sobre o porto de origem do pirata.

## PIRATARIA MEDIEVAL

Os piratas frequentemente gostavam da abordagem indiferente dos vários monarcas. Muito antes de se tornar o governante do alto mar, a Inglaterra tinha uma das mais pobres forças de defesa. Piratas holandeses, flamengos e bretões invadiram o Canal da Mancha do século XII ao século XVI, simplesmente porque era fácil de fazer. O rei se beneficiaria pouco desperdiçando recursos para proteger os bens dos mercadores.

Antes da prisão e julgamento da ordem dos Templários, Henrique III ignorou a pirataria que vários estados franceses infligiram aos mercadores ingleses.<sup>1</sup> Os piratas ingleses receberam carta branca para saquear se oferecessem uma parte dos despojos ao seu monarca corrupto. Esse padrão se repetiu nas colônias americanas séculos mais tarde, quando os governadores não fecharam os olhos, mas fizeram vista grossa aos lucros dos piratas. Uma parte dos espólios geralmente era suficiente para comprar clemência.

Eduardo I, o sucessor de Henrique III, tentou atacar bases piratas por terra, já que a Inglaterra não tinha uma marinha real na época. Ele estava alternativamente em guerra contra os galeses e os escoceses, que consideravam os mercadores ingleses alvos fáceis. Fracassando em sua tentativa de travar uma guerra contra os piratas por terra, Eduardo I

instituiu a prática de emitir marcas, ou cartas de represália. Essas cartas concediam a um comerciante ou comandante do navio o

Irmãos de Piratas e Corsários

direito de atacar os piratas ou seu porto de origem se o comerciante ou o navio-per puder alegar ter sofrido uma perda nas mãos dos piratas.<sup>2</sup> Outros portos então teriam seus monarcas emitidos o mesmo tipo de documentos, o que lhes permitia saquear um porto inglês caso fossem vítimas de um pirata inglês.

A falta de habilidade de Edward de governar os mares foi acompanhada por sua ineptude em governar em terra. Sua interferência no pântano de política sangrenta que era a Escócia levou a muitas guerras. As guerras contra a Escócia e a falta de ordem centralizada na Inglaterra permitiriam que a Escócia prosperasse como um refúgio pirata.

## OS TEMPLARES E A ESCÓCIA

Um simples ato serviria de catalisador para uma nova hostilidade entre a Inglaterra e a Escócia. Alexandre III, o rei escocês, preservou a neutralidade, mas em 1284 foi morto - não em batalha, mas por cair do cavalo após uma noite de festa. Seis guardiões foram nomeados para facilitar a sucessão, e por um breve período esses guardiões governaram a Escócia. Mas Eduardo I da Inglaterra exerceu seu direito de escolher quem sucederia Alexandre. Do punhado de pretendentes ao trono escocês, o principal candidato era John Baliol, que era apoiado pela poderosa família Comyn. O outro candidato principal foi Robert the Bruce, que teve o apoio de seu país.<sup>3</sup> A corte de Edward escolheu Baliol.

Quando Baliol e os Comyns não apoiaram Edward em conflitos internos, Robert apoiaria Edward, o que deu a Robert a oportunidade de reclamar suas terras de Baliol e dos Comyns. Após a revolta de Wallace, a Escócia foi controlada pelo triunvirato do bispo William Lamberton de St. Andrew's, Robert the Bruce e John Comyn. Em 10 de fevereiro de 1306, Robert de alguma forma conseguiu que Comyn o encontrasse na Igreja dos Greyfriars em Dumfries. Embora nenhum dos lados confiasse no outro, o santuário sagrado fez Comyn presumir que estava a salvo da violência. Ele estava errado.

Robert, o Bruce, eliminou Comyn da igreja apunhalando-o e deixando-o morrer no chão de pedra. Existem várias versões de

o que aconteceu, mas é muito provável que o ataque tenha sido espontâneo. Quando Robert saiu correndo da igreja e contou a seu cúmplice o que havia feito, o homem correu para dentro da igreja. Vendo o Comyn já sob os cuidados dos frades, o confederado correu para o homem ferido e esfaqueou-o novamente até ter certeza de que Comyn estava morto. Robert então fez o juramento como rei pelo Bispo Lamberton na Igreja da Abadia em Scone.

Apesar da coroação oficial, tanto a Inglaterra quanto a Igreja Católica garantiram que Robert the Bruce não tomasse o trono. Por vários anos ele foi um rei fora da lei, perseguido primeiro por Eduardo, que morreu na campanha contra Robert, e depois pelo filho de Eduardo, Eduardo II. Robert passou os primeiros anos de seu reinado vivendo em cavernas e viajando disfarçado. Ele não foi apenas proscrito pelo rei da Inglaterra, mas também excomungado pelo papa.

O exílio de Robert não durou para sempre. Sua salvação foi realizada na Batalha de Bannockburn, mas os eventos que ocorreram a centenas de quilômetros de distância do campo de batalha ajudaram a inclinar a balança a seu favor. O mesmo papado que fez de Robert um fora-da-lei da única religião oficial da Europa também declarou que os Cavaleiros Templários eram fora-da-lei. A frota templária e a organização remanescente que conseguiu escapar de La Rochelle a tempo encontraram refúgio na Escócia. A família St. Clair da França, uma força poderosa por trás dos Templários, provavelmente negociou uma aliança com Robert por meio de seu lado escocês da família, os Sinclairs.

Os franceses provavelmente armavam Robert desde 1310, contrabandeando armas para a Irlanda e depois para a Escócia. Nesse ponto, eles contrabandearam um exército inteiro para ajudar Robert. Enquanto a história da Escócia, antes e depois de Robert the Bruce, é crivada de uma derrota após a outra nas mãos de exércitos muito mais organizados e melhor equipados, a Batalha de Bannockburn foi a exceção. Nesta batalha histórica, que foi disputada em 24 de junho de 1314, um dia sagrado para os Cavaleiros Templários, a primeira batalha pareceu correr bem para o

exército de Eduardo. Ele tinha à sua disposição vinte mil soldados e três mil cavaleiros a cavalo, que lutaram contra uma força inferior à metade de seus

Irmãos de Piratas e Corsários

Tamanho. Mas apenas quando a vitória parecia próxima, um novo contingente de cavaleiros veio atacando da retaguarda da força escocesa para derrotar as tropas de Eduardo de forma espetacular e sólida. Os Cavaleiros Templários remanescentes levaram a Escócia à vitória sobre o exército inglês, o que tornou a Escócia independente de seu soberano.

Um grupo de elite que estava no cerne dos Cavaleiros Templários existia na França e na Escócia antes das prisões, e eles permaneceram unidos depois. No coração deste grupo estava a família de St. Clair. Na Europa, eles começaram como parte da onda nórdica de conquistadores que mudou a face do continente. Os St. Clairs e seus condes nórdicos eram chamados de normandos e se estabeleceram no norte da França, onde o rei entregou grandes quantidades de terras em troca da permissão para ficar com o resto. Sob Guilherme, o Conquistador, os normandos invadiram a Inglaterra com sucesso. Isso resultou na concessão de extensões de terra aos membros da família St. Clair na Inglaterra e na Escócia. A filial de St. Clair acabou mudando seu nome para Sinclair, mais anglicizado, mas as conexões familiares na França, Escócia,

A família St. Clair / Sinclair tornou-se uma presença muito forte na política da França e da Escócia. Embora eles preferissem um papel secundário aos olhos do público, eles freqüentemente controlavam a política nos bastidores. A lealdade de um forte militar era um componente de seu poder.

Depois de Bannockburn, Henry Sinclair, um descendente da nobre família francesa St. Clair, organizou os Templários remanescentes em unidades militares e guildas. Eles se tornariam a força integral de sua base de poder e ele, por sua vez, se tornaria seu guardião. Em 1320, Sir Henry assinou uma carta ao Papa João XXII afirmando a independência da Escócia. Este foi um documento único na história do mundo, anterior à Declaração de Independência dos Estados Unidos em mais de quatro séculos. Embora Sinclair nunca tenha desempenhado o papel principal, ele governava silenciosamente nos bastidores, e os Templários remanescentes

eram seu "grande bastão". Eles permaneceriam unidos e consolidariam sua lealdade ao benfeitor.

## A GUILD E A LODGE

Em tempos de paz, os ex-templários usaram suas habilidades como pedreiros, carpinteiros, construtores de pontes e mercadores. A guilda reuniu membros de um único comércio. À medida que as guildas se especializaram, os Templários que haviam sido marinheiros sob a bandeira dos Templários agora se organizavam em um grupo que tripulava a frota Sinclair, que estava entre as maiores da Europa. O mar continuou sendo uma porta de entrada para as riquezas, muitas vezes mais em tempos turbulentos. Uma frota precisava de mercadores, e os próprios mercadores também eram organizados em guildas, que serviram de modelo para as empresas posteriores.

O conceito de guildas foi originado por comerciantes e artesãos. Seu trabalho muitas vezes incluía operações secretas, já que eles tinham que lidar com os olhares curiosos do homem dos impostos, a competição de outras guildas no mesmo ofício e até mesmo a Igreja Católica. A Igreja havia declarado que uma pessoa que comprou algo com a intenção de vendê-lo por um preço mais alto foi expulso do "Templo de Deus".<sup>4</sup> As cidades foram realmente criadas pelas guildas para empregar trabalhadores no processo de manufatura e com o propósito de se reunir para comprar e vender seus produtos. Na Itália moderna, o sistema de guildas e seu sigilo prevalecem. Algumas cidades ainda são dominadas por uma indústria e os trabalhadores dessa indústria não revelam absolutamente nenhuma informação a um estranho.

As guildas se transformaram em "empresas" comerciais maiores, licenciadas para vender mercadorias no exterior. Como a Escócia e a Europa exportavam lã, os armadores transportavam os mercadores que queriam transportar os produtos para a Europa continental. Nesta era menos que dourada de freebooting, os piratas atacaram navios até mesmo para essas cargas mundanas. Portanto, os mercadores precisavam de um navio forte ou de uma frota de navios para navegar nas águas infestadas de piratas. Os Templários, herdeiros de uma organização militar, forneceram a força.

Após Bannockburn, os mares do comércio eram tudo, menos propícios ao comércio. Os piratas holandeses atacariam a frota de lã inglesa - e muitas vezes com cartas de marca emitidas em seu próprio país. O rei inglês Eduardo II havia parado temporariamente de emitir tais papéis de privacidade, optando por não patrulhar as costas escocesas.

Irmãos de Piratas e Corsários

A pirataria irrestrita contra a Escócia cresceu, mas teve o efeito de tornar o negócio ilegal mais lucrativo. Corsários e piratas dos Países Baixos, da Liga Hanseática, da França e das Ilhas do Canal agora atacavam regularmente os navios ingleses. Como as relações entre a Escócia e a Inglaterra eram, na melhor das hipóteses, tensas, também se podia contar com os Países Baixos para fornecer equipamento militar e comida para a Escócia, um ato que os escoceses consideravam um comércio necessário e os ingleses consideravam o contrabando.

A história da Escócia é obscura neste momento, e a história naval ainda mais, já que não era do interesse de ninguém registrar a pirataria. A frota de Sinclair nos anos pós-Bannockburn é conhecida por ter sido uma das maiores da Europa; Sinclair tinha sob seu comando mais navios do que Eduardo II da Inglaterra. A mesma costa irregular e inúmeros esconderijos em ilhas protegeram e esconderam navios por centenas de anos antes do reinado de Eduardo II, e continuaram a fazê-lo por centenas de anos depois. Em 1919, a frota alemã foi afundada em Scapa Flow, nas ilhas do norte, em vez de se render de seu esconderijo.

A frota Sinclair passou por uma grande mudança nos anos após Bannockburn. Os navios Sinclair tinham sido construídos como os de seus parentes nórdicos, no estilo fino e sobreposto de pranchas de carvalho que os tornava leves e flexíveis. Mas Sinclair agora precisava reagir ao estilo mais pesado de navio que estava sendo construído na Inglaterra. Ele construiu um castelo em Kirkwall, nas ilhas do norte, importou a madeira necessária e construiu navios de guerra de pranchas mais grossas para acompanhar seus navios de galeão nas Orkney.<sup>5</sup>

A frota dos Sinclairs era agora tão forte que era usada para defender as possessões do rei da Noruega, que tinha uma frota muito menor que era "muito fraca para defender suas próprias costas contra piratas." <sup>6</sup>Naquela época, Estocolmo havia sido tomada por uma marinha pirata chamada

Victual Brothers, ou Victualleurs. Eles logo invadiram a costa norueguesa e saquearam a cidade de Bergen.

Os templários que tinham vindo para a Escócia para a proteção de Robert the Bruce e Henry Sinclair encontraram emprego a bordo da frota neo-templária de Sinclair. Eles também serviram em sua tradição militar em unidades de combate terrestre recém-formadas - e para os mesmos mestres de elite.

## AS GUERRAS RELIGIOSAS

A reação contra a riqueza e o poder da Igreja Católica começou muito antes de Martinho Lutero. Na França, o movimento cátaro era um desejo de retornar a um cristianismo "puro" não obstruído por padres indolentes e bispos avarentos. A Igreja rapidamente agiu para acabar com a heresia e enviou São Bernardo, o proponente dos Templários, para investigar a seita cátara. Ele descobriu que o movimento era maior do que a Igreja pensava e também acreditava que era um exemplo de vida muito cristão. A Igreja desconsiderou seu relatório e enviou Simon de Montfort de Leicester, Inglaterra, para liderar um exército contra eles.

A crueldade da guerra pode ser uma evidência de quão severa Roma considerava a ameaça. Em Béziers, o legado papal foi questionado sobre como reconhecer os cátaros. Ele respondeu: "Mate todos eles, Deus conhecerá os seus."<sup>7</sup> Simon de Montfort era a personificação da brutalidade, queimando muitos na fogueira e cegando ou cortando o nariz daqueles que ele deixava viver.

A ordem dos Cavaleiros Templários, que jurou obedecer apenas ao papa, não estava apenas visivelmente ausente na guerra contra os cátaros; em alguns casos, os membros lutaram ao lado dos hereges contra Roma. Em Montségur, sessenta cavaleiros serviram contra o exército papal. Os cátaros, como os ex-templários no século seguinte e os maçons depois disso, tinham sinais e palavras secretas para reconhecer seus membros. Quando os cavaleiros chegaram ao território cátaro, a senha era "Você trouxe as machadinhas?" A resposta foi "Temos onze, recém-afiados". Montségur terminaria em derrota para os cátaros, mas o sentimento anti-Roma simplesmente passou à clandestinidade.

A organização templária tinha menos de um século para sobreviver até que Roma se voltasse contra ela. Os Templários podem ter tido motivos mais do que amplos para nutrir sentimentos anti-Igreja, mas estes permaneceriam ocultos desde o tempo da batalha em Montségur até as perseguições dos Templários.

A Reforma que prosperaria na Alemanha e na Suíça como uma reação à toda poderosa Igreja Católica foi baseada na religião,

mas a amargura das centenas de anos da Inquisição, a taxação impiedosa e as numerosas guerras contra qualquer povo não católico tiveram seu papel. A Reforma também dividiu os ex-cavaleiros templários por motivos políticos e religiosos.

Quando a Reforma se instalou na Escócia, o núcleo do grupo Templário original permaneceu católico, incluindo a família Sinclair, que foi descrita como ardentemente católica e sofreu como resultado. Na França, onde a igreja e o estado haviam perseguido mais os templários, a antiga fortaleza portuária La Rochelle se tornaria, como muitos portos franceses, huguenote - isto é, protestante. As guerras religiosas colocaram irmão contra irmão, como qualquer guerra civil.

Os maçons, os ex-Templários sobreviventes, permaneceriam sob o solo, o sistema de lojas ainda não em seu período oficial (pós-1717). Os símbolos do movimento anti-Roma entre os cátaros e o símbolo dos protestantes franceses no norte da França eram freqüentemente compartilhados. A pomba (o símbolo da iluminação pessoal), a cruz de oito pontas e a machadinha enfeitariam as roupas e equipamentos dos huguenotes e maçons. As guerras também dividiram os ex-templários e maçons ao longo de linhas políticas, colocando membros das ordens descendentes em ambos os lados. O rei inglês Eduardo III conseguiu colocar seu país contra a França católica no que viria a ser conhecido como a Guerra dos Cem Anos. Algumas das famílias templárias fundadoras originais agiram pelo lado católico. A aliança escocês-francesa criada pelas conexões familiares por trás dos templários colocou os ex-templários e seus herdeiros ao lado dos franceses na luta contra a Inglaterra. Mas nem todos os ex-templários eram guerreiros marítimos. Em terra, a Guarda Escocesa tornou-se herdeira da tradição Templária.

Em 1445, cem anos depois que os templários foram abolidos e os templários franceses fugiram para a Escócia, a guarda escocesa neo-templária, ou Compagnie des Gendarmes Ecossis, voltou à França para intervir nas aventuras militares francesas. A "antiga aliança" renovada pela base de poder Robert the Bruce-Sinclair levou a Escócia à guerra no continente. Os descendentes dos Templários costumavam usar os nomes dos homens a quem se comprometeram na Escócia feudal, mas gerações

mais tarde, muitas vezes eles mantiveram sua língua e suas inclinações patrióticas para sua pátria. Na França, eles foram organizados sob nomes franceses. Eles foram pagos em livres toumois. E seus oficiais e comandantes eram frequentemente convidados para um novo título de cavaleiro, a Ordem de São Miguel.

Quando o delfim francês estava pronto para fugir da França católica e permitir a vitória da recém-protestante Inglaterra, foi Joana d'Arc quem interveio. Uma vanguarda de soldados escoceses ajudou os exércitos de Joana a reverter a maré em uma vitória espetacular após a outra. A Guarda Escocesa, uma organização neo-templária, se tornaria a Guarda do Rei e a Guarda-costas do Rei, e desempenharia papéis importantes nos assuntos militares e de estado por quase outros duzentos anos.

A Guerra dos Cem Anos foi uma época particularmente difícil na Europa, e a Inglaterra pode nunca ter visto um século de tal ilegalidade. Em terra, pequenos furtos eram inúmeros; nos mares reinava a pirataria. O suborno garantiu juízes e júris, e as mãos dos sempre presentes coletores de impostos podiam ser lubrificadas. A ganância era a força mais significativa, e até mesmo poetas como Chaucer, que antes denunciava a ganância, agora a praticavam.<sup>8</sup>

O efeito da avareza foi a pobreza generalizada e a crise econômica. Na Inglaterra, o século XIV terminou com uma rebelião massiva que ficaria na história como a Revolta de Wat Tyler.

Wat Tyler era na verdade Walter, o Tyler, um nome maçônico derivado da palavra francesa *tailleur*, que significa "aquele que corta". Cada loja de maçons tinha um tyler designado, e ao contrário do alfaiate que corta roupas, o tyler foi designado para guardar a porta com uma espada. Embora muitas vezes seja afirmado que a violência da turba é espontânea, Winston Churchill em seu *Nascimento da Grã-Bretanha* e a autora Barbara Tuchman concordam que por trás da turba a violência estava na organização. Por quem? A resposta é óbvia de acordo com alguns, já que "nenhum grupo sofreu perdas comparáveis às infligidas nos dias seguintes aos Cavaleiros Hospitalários, que pareciam estar em uma lista de alvos especialmente agressiva dos líderes rebeldes."<sup>9</sup> Três gerações depois que os Templários foram oficialmente dissolvidos, eles ainda estavam se vingando de sua ordem rival.

As Cruzadas acabaram, mas os Templários continuaram sendo uma força tanto pública quanto clandestina. A história registra as realizações de

Irmãos de Piratas e Corsários

as unidades militares, como a Guarda Escocesa, mas a história deixa descoberto o papel dos ex-Templários em várias formas, de mercadores e artesãos a piratas. E os Templários não eram a única ordem a se envolver na pirataria, embora fossem a única ordem a usar a caveira e os ossos cruzados como sua bandeira de batalha.

## ORDENS DE RIVAL COMO PIRATAS

Os principais rivais dos ex-Templários, os Cavaleiros de Malta e os Cavaleiros Teutônicos, também recorreram à pirataria para financiar suas ordens. No período logo após a Batalha de Bannockburn, quando piratas escoceses e ingleses devastaram o comércio de lã, a Liga Hanseática recorreu aos Cavaleiros Teutônicos para proteger seu transporte. Os enviados de Henrique VI da Inglaterra que foram enviados para se encontrar com o grão-mestre da ordem para discutir uma trégua foram, na verdade, capturados por piratas hanseáticos. A Inglaterra então se voltou para os Cavaleiros de Rodes, mais tarde os Cavaleiros de Malta, já que eram conhecidos por fornecer assistência nas negociações. Estranhamente, duas ordens que haviam enfrentado um inimigo comum durante as Cruzadas agora eram inimigas uma da outra.

Os Cavaleiros de Rodes foram organizados por mercadores de Amalfi. A ordem foi criada antes dos Cavaleiros Templários com o objetivo de fornecer assistência médica aos cavaleiros cruzados e aos peregrinos nas Terras Sagradas. Os Cavaleiros de Rodes primeiro dedicaram sua ordem a São João e foram chamados de Ordem do Hospital de São João, ou Hospitalários. Após a queda de Jerusalém, eles foram para Chipre. Em 1306, o mestre da ordem, Foulques de Villaret, que fora o primeiro almirante dos cavaleiros, juntou forças com um aventureiro genovês. Com sua frota combinada, eles capturaram a ilha de Rodes. A pequena ilha que servia de ninho para piratas gregos, italianos e sarracenos tornou-se a base corsária da ordem. Mas a ordem tinha pouco a ver agora que Jerusalém

estava perdida. Ele protegeu a navegação cristã e atacou a navegação muçulmana.<sup>10</sup>

Os Cavaleiros de Rodes desenvolveram um estilo distinto de guerra no mar, usando ganchos de luta e soldados poderosos para travar os navios

e imediatamente embarca neles, no estilo pirata. Pouco melhores do que piratas, eles lançaram um ataque ao Cairo. A primeira parada foi em Alexandria, onde 20 mil homens, mulheres e crianças foram mortos antes que a conquista explodisse em uma orgia de pilhagem e estupro.<sup>11</sup> Muitos dos contingentes militares recusaram-se a ir mais longe porque desfrutaram dos despojos da guerra e "alguns irmãos viraram piratas".<sup>12</sup>

De Rodes, os Hospitalários continuaram a perseguir os carregadores muçulmanos até que três cercos sucessivos dos turcos expulsaram os cavaleiros. Eles então se mudaram de porto em porto operando como piratas - mesmo ao ponto de permitir que os "irmãos" compartilhassem do butim. No século XVI, os Hospitalários retomaram as operações navais de Malta. Eles assediaram carregadores islâmicos. Eles estavam em guerra, então aos olhos deles a pirataria era apenas um corsário.

Os Cavaleiros de Malta eram muito próximos de vários estados-nação da Itália e freqüentemente eram aliados de outros estados para realizar ataques. Os membros ficaram conhecidos como corso, palavra que mais tarde foi anglicizada para corsário, ou pirata. Suas caravanas marítimas enriqueciam a encomenda com o spoglio (prêmio em dinheiro) obtido na venda dos bens que capturavam, inclusive escravos, e com o resgate de cativos.

Tanto os cavaleiros templários clandestinos quanto os legítimos cavaleiros de Malta continuaram sua pirataria em alto mar e até mesmo nas Américas. É surpreendente que o papel dessas ordens militares religiosas nos assentamentos franceses nas Américas permaneça em grande parte secreto.

## OS CAVALEIROS NA AMÉRICA

Os Cavaleiros de Malta, que estão ativos hoje, foram influentes na colonização do Canadá, no início da colonização do Novo Mundo e até na Revolução Americana. Em 1632, um cavaleiro de Malta, o comandante Isaac de Razilly, organizou a expedição a Acádia e Quebec. A história registra Samuel de Champlain como um dos primeiros exploradores, mas dá pouca atenção a seus principais tenentes, Marc-Antoine Brasdefer de Chateaufort e Charles-Jacques Huault de Montmagny. Após a morte de

Champlain, Chateaufort e, em seguida, Montmagny serviram como governadores

Irmãos de Piratas e Corsários

nem da Nova França. Outros cavaleiros franco-canadenses também desempenharam papéis significativos no início da história do Canadá.

A contraparte dos Cavaleiros de Malta na França era a Ordem de São Sulpício. Fundada pelo Abade Jacques Olier, a ordem convidou patronos ricos para formar outro grupo, a Sociedade de Notre Dame, que por sua vez se tornaria os Seigneurs fundadores de Montreal no Canadá. Servindo o mesmo papel que os cistercienses em relação aos Cavaleiros Templários, a Ordem de São Sulpício às vezes desempenhava um papel muito poderoso nos bastidores nos assuntos internacionais. Livre do voto de pobreza, a ordem cresceu em riqueza e poder. Muitas das ruas de Montreal, nomeadas em homenagem a luminares dos sulpicianos, lembram aos cidadãos a posição-chave da ordem. Na década de 1660, quando os senhores supremos de Montreal, os chamados Cem Associados, provaram ser proprietários ausentes inclinados a cobrar impostos da cidade, os sulpicianos os expulsaram e assumiram o governo de Montreal. Para seu crédito, sua riqueza foi comprometida com boas obras, e a ordem continua tão rica hoje quanto era há três séculos. Na França, a ordem também continua rica, poderosa e capaz de desempenhar um papel político nos bastidores.

Os Cavaleiros de Malta também colonizaram o Caribe, incluindo Tortuga, Saint Croix e Saint Barthelemy - ilhas que mais tarde passaram à propriedade da Companhia Francesa das Índias Ocidentais.

Outro cavaleiro, o almirante François-Joseph-Paul de Grasse, deu o golpe de misericórdia aos britânicos em Yorktown. Sua frota chegou do Caribe bem a tempo de prender Cornwallis e o exército britânico, que estavam em plena retirada. Os britânicos, esperando por reforços e suprimentos que nunca chegariam, renderam-se a George Washington e encerraram a guerra. O almirante era um Cavaleiro de Malta, e ele aprendeu suas habilidades no mar sob a tutela da ordem. Dos navios franceses que lutaram contra os britânicos, vários eram comandados por membros dos Cavaleiros de Malta, incluindo o chef d'escadron do almirante de Grasse na baía de Chesapeake, Jean-Louis-Charles de Coriolis d'Espinousse.

Após a guerra, quatorze dos vinte cavaleiros de elite de Malta que lutaram pela causa americana tornaram-se membros da Sociedade dos

Cincinnati, um grupo fechado formado por George Washington para seus dirigentes.<sup>13</sup> Apesar das críticas de que a ordem era uma versão da aristocracia europeia, a adesão era limitada a um punhado e a futura adesão exigia que um indivíduo fosse descendente de um membro do grupo fundador.

A Revolução Francesa e as subsequentes Guerras Napoleônicas viram os Cavaleiros de Malta derrotados na batalha. Napoleão tomou a base de Malta em 1789 porque os cavaleiros franceses haviam fornecido financiamento a Luís XVI, seu rival. O czar russo Paulo I ofereceu refúgio aos cavaleiros e pediu-lhes que criassem uma nova ordem que responderia a ele. Napoleão encerrou imediatamente a renda da ordem proveniente de sua propriedade francesa e expulsou os cavaleiros, forçando-os a uma breve permanência na Rússia. Em 1834, a ordem mudou-se novamente para Roma e ficou sob a proteção papal. O papa restaurou o cargo de grão-mestre em 1879.

A ordem se reconstruiu lentamente no século XX. A ordem dos Cavaleiros de Malta sobreviveu e cresceu a ponto de se tornar uma força muito poderosa, embora secreta, na política mundial moderna. Em 1921, tinha duzentos cavaleiros e 1.800 membros de todas as classes.<sup>14</sup> Hoje o grupo está sediado no Palazzo Malta na via Condotti em Roma, e tem uma rede mundial de nove mil cavaleiros e milhares de membros de nível inferior.<sup>15</sup> É a elite das ordens católicas e, embora permaneça nos bastidores, tem grande poder. Embora os Cavaleiros de Malta não possuam nenhuma propriedade fora de Roma, a ordem é reconhecida como um estado soberano, completo com seus próprios passaportes e selos.

A imprensa europeia muitas vezes considera a ordem como um antigo clube de meninos para aristocratas, mas na verdade ela está ativa em vários continentes, tanto em obras de caridade quanto em ação política. Nos Estados Unidos, um ramo da Ordem Militar Soberana de Malta (SMOM) foi fundado em 1927, sob a liderança do Cardeal Spellman de Nova York. Desde a sua fundação, o grupo incluiu nomes como Joseph Kennedy, Joseph Grace da WR Grace e presidentes de empresas como a General Motors e a US Steel. O SMOM tem influência na política e assumiu papéis

ativistas desde os primeiros dias, começando com a oposição ao New Deal de

#### Irmãos de Piratas e Corsários

Roosevelt. Na política pós-Segunda Guerra Mundial, o grupo sempre se inclinou para a direita, às vezes até o extremo. Ao apoiar a ala direita, o SMOM não se esquivou nem mesmo de ajudar os criminosos de guerra nazistas. Após a Segunda Guerra Mundial, a ordem concedeu sua maior honra ao general do exército alemão Reinhard Gehlen, o que pode soar chocante, mas, no entanto, está de acordo com o apoio a uma agenda monarquista. Embora a Soberana Ordem Militar de Malta não faça nada para ocultar sua existência ou filiação e pouco para disfarçar sua agenda política de direita, ela quase não recebe reconhecimento nos textos de história pós-Cruzadas.

A ordem rival dos Cavaleiros Templários, entretanto, é uma entidade muito mais secreta. Por ser forçada a permanecer na clandestinidade, a ordem faz de tudo para ocultar sua existência e associação e disfarçar suas atividades. No entanto, ele sobreviveu.

As Américas representaram uma grande oportunidade para as facções Templárias remanescentes. Para muitos da base, as novas terras representavam um lugar para sobreviver às guerras religiosas e começar uma nova vida. Católicos jacobinos da Escócia, huguenotes e católicos da França e vários dissidentes da Inglaterra encontraram paz e fraternidade nas Américas. E os ricos que encontraram poder na mudança da hierarquia feudal da velha ordem também encontraram novos tipos de poder nas Américas. Um punhado dessas pessoas puxou os cordões e desfrutou dos frutos da atividade criminosa de suas posições secretas.

## Capítulo 3

# SOB UMA BANDEIRA NEGRA

**E**xecução por enforcamento era um assunto horrível nos dias do Capitão Kidd, e para o pirata condenado não houve indulto. Na cidade em que Kidd viveu enquanto tentava garantir sua comissão de corsário, ele sem dúvida passou várias vezes pelo cais de execução em Wapping. Ele alguma vez pensou que seu próprio pescoço poderia acabar em um

laço?

As execuções públicas eram fascinantes para o povo da Inglaterra dos séculos XVII e XVIII. Para ter a oportunidade de ver a lei exercer seu poder supremo sobre o homem, o poder de tirar a vida, as pessoas se aglomerariam de todas as partes de Londres. Os pobres chegaram a pé e os ricos de carruagem para ver os miseráveis implorar por suas vidas. Nenhuma preocupação foi feita para poupar o público da crueza da pena de morte. Um destaque particularmente bárbaro foi o carrasco, provavelmente um grande espécime de homem, realmente carregar o condenado escada acima até o laço. Ali, a figura encapuzada colocaria o pescoço do condenado na corda. A vítima pode ter a oportunidade de dizer suas últimas palavras, implorar por sua vida ou pedir perdão. Ou ele pode simplesmente ter a corda amarrada em volta do pescoço e cair para a morte.<sup>1</sup>

Se ele tivesse sorte, o pescoço do criminoso condenado se quebraria imediatamente e ele seria poupado do horror de sofrer uma morte lenta por asfixia. Se o condenado fosse capaz de fazer isso, ele poderia derrubar seu executor de antemão, garantindo que o executor usaria uma corda mais longa e, assim, apressaria a morte. Se o condenado não tivesse nenhum

dinheiro, ele poderia ter familiares ou amigos presentes que poderiam correr para puxar suas pernas penduradas para que seu sofrimento terminasse mais rápido.

Ao todo, enforcar era um entretenimento maravilhoso. Em Tyburn, os enforcamentos semanais atraíam duzentos mil espectadores. Eles se reuniam na noite anterior do lado de fora da prisão de Newgate para beber, dançar e fornicar nas ruas. Pela manhã, a multidão acompanhou os condenados em um desfile pelas ruas de Londres, o tempo todo torcendo ou zombando dos infelizes criminosos. Os ricos pagariam até dez libras esterlinas para se sentar ao lado do ringue e comer e beber durante a execução. Este evento, que pode ser o ancestral da festa da bagageira moderna, era tão popular que se tornou conhecido como a Feira de Tyburn, e os governantes tomaram uma decisão muito impopular ao finalmente encerrar tais espetáculos em meados do século XIX.

Um pirata pode esperar um tratamento pior do que o do criminoso comum. Ocasionalmente, o carrasco rapidamente cortou o pirata enforcado e estripou-o enquanto ele ainda estava vivo. Suas entranhas seriam queimadas diante de seus olhos, e se ele sobrevivesse por mais tempo, ele poderia ser puxado e esquartejado. As mulheres foram poupadas dessa indecência por serem consideradas o sexo "justo". Em vez disso, eles foram queimados até a morte.

Na sexta-feira, 23 de maio de 1701, foi a vez de William Kidd providenciar o entretenimento; a escada em Wapping seria seu lugar de justiça. O corpo poderia ser exibido para todos aqueles que viajaram pelo Tâmesa ver. Kidd não tinha planos de se arrepender e nem de pedir misericórdia. No final, ele disse a todos que quisessem ouvir que ele era um peão de homens ricos. Membros da classe dominante de elite em ambos os lados do Atlântico haviam superado seu navio e ajudado a obter uma comissão, e eles deviam participar de seus ganhos. Mas nenhum de seus ricos patrocinadores foi chamado ao juiz. Nenhum de seus parceiros de elite ficou diante do carrasco. Todos estavam em casa em propriedades rurais, respirando um suspiro de alívio que eles não seriam maculados por seu papel nos crimes de Kidd.<sup>2</sup>

O próprio Kidd já foi um homem de propriedades, dono de imóveis naquela que se tornaria a capital financeira do mundo, Wall Street. Ele não era um criminoso de carreira, embora certamente tivesse culpa. Ele simplesmente pensou em seus laços com os homens que puxavam os cordões do colonialismo

O governo de Nova York permitiu que ele escapasse impune. Mas a maré política havia mudado. A pirataria contra os parceiros comerciais muçulmanos da Companhia das Índias Orientais causou problemas para muitos que eram acionistas. Enquanto Kidd navegava pelos mares em busca de butim, um jogo de poder em Londres colocava os interesses da Companhia das Índias Orientais acima dos de outros aspirantes a aventureiros. Pressão foi aplicada àqueles que interferiram. Kidd era o bode expiatório. Os laços em que ele confiava para protegê-lo, em vez disso, o soltaram. Para sua surpresa, Kidd foi separado daqueles que o contrataram. Agora um pirata condenado, Kidd estava no banco dos réus em Wapping.

Aqueles que vieram para um show não ficaram desapontados. Kidd chegou bêbado e sem arrependimento. Suas últimas palavras foram um discurso contra os mentirosos que testemunharam contra ele. Ele foi carregado para o laço do carrasco e largado. A corda quebrou. Atordoado com a queda, mas ainda vivo, Kidd foi rapidamente carregado escada acima por seu carrasco. Desta vez, a queda o matou.

A lenda do Capitão Kidd cresceu fora de proporção com sua realidade. Kidd não era um espadachim; ele era um empresário em busca de riqueza na moda da época.

A cidade de Nova York na década de 1690 poderia ser equiparada ao Velho Oeste. O governador, Benjamin Fletcher, foi nomeado para o cargo pelo militar. Ele chegou a Nova York em agosto de 1692. Como digno de um tirano gordo, ganancioso e menor, Fletcher alcançou sua riqueza sendo corrupto. Ele controlava a troca de bens imóveis, e os bens imóveis eram a primeira fonte de riqueza na colônia. Em um curto período de tempo, os cidadãos compreenderam que favorecer o governador com um suborno lhes rendia o favor. Fletcher aliou-se a Stephen van Cortlandt, William Nicoll e Frederick Philipse, dando-lhes grandes pedaços de terra.

Fletcher logo voltou sua atenção para outra oportunidade. Em 1696, a Inglaterra aprovou a primeira de uma série de leis mal concebidas que limitavam a capacidade das colônias de se envolver no comércio. Desafiar essas leis construiu algumas das maiores fortunas da América e deu início a

uma tradição de dar aos ricos o direito de estar acima da lei. O contrabando rapidamente se tornou um

forma aceita de ganhar a vida. Com os países europeus em guerra e todos os navios em perigo de encontrar um inimigo, o contrabando dificilmente era mais perigoso do que o transporte honesto.

Piratas e contrabandistas sempre corriam risco ao desembarcar em um porto estrangeiro. Suas cargas foram apreendidas e os piratas e presunçosos foram presos. O governador Fletcher forneceu um refúgio seguro para todos os que estavam dispostos a pagar seus impostos pessoais. Esse suborno lubrificou a roda do comércio e os nova-iorquinos conseguiram obter produtos importados de qualquer lugar do mundo. As lojas locais na pequena cidade portuária ofereciam produtos de lugares exóticos de todo o mundo. Itens como móveis de teca, tapetes orientais e vinho Madeira podem ser encontrados ao lado dos produtos simples e caseiros da Nova York colonial. Moedas de países europeus e asiáticos eram trocadas por colonos ingleses, holandeses, franceses, judeus, irlandeses e escoceses na cidade, que já era um caldeirão. Em outros lugares, os britânicos, franceses, e os navios de guerra holandeses atacaram igualmente o contrabandista e o carregador legítimo; na cidade de Nova York, todos os que pagavam os honorários de Fletcher estavam seguros.

Fletcher, que "se encarregou de explorar todas as veias conhecidas do enxerto gubernatorial e reivindicar algumas novas",<sup>3</sup> apoiou todas as formas de crime no mar. Fletcher encontrou uma maneira de lucrar com todos os aspectos do comércio pirata. Os capitães piratas jantavam em sua mesa enquanto suas tripulações vagavam pela cidade gastando seu dinheiro mal recebido. O pirata Edward Taylor está registrado como tendo pago a Fletcher £ 1.700 para poder pousar na cidade de Nova York e vender seus produtos. (Com o poder de compra moderno, £ 1.700 seriam cerca de US \$ 250.000.) O corsário que solicitasse a Fletcher uma comissão para atacar a navegação inimiga atacaria então qualquer coisa que pudesse derrotar. Essa comissão poderia ser obtida por quinhentas libras; o pirata John Hoar está registrado como tendo comprado uma dessas comissões. Os mercadores que abasteciam as lojas de Nova York com mercadorias exóticas compradas de piratas e, muitas vezes, também participavam de suas viagens.

Um exemplo da interpretação liberal de Fletcher sobre seus poderes está em seu relacionamento com Thomas Tew. O lendário pirata era de uma família Quaker Inglesa que se estabelecera em Rhode Island. Sua história não foi registrada antes de sua chegada às Bermudas, uma capital do contrabando,

em 1692. Segundo fontes, Tew já estava enriquecido pela pirataria. Lá, ele comprou uma parte de um navio chamado Amity com ouro que carregava nos bolsos. Outros acionistas foram Thomas Hall, Richard Gilbert, John Dickinson e William Outerbridge, que foi membro do conselho do governador. Tew recebeu uma comissão de corsários do governador Ritchier e dirigiu-se à África Ocidental Francesa para atacar os navios negreiros. No caminho, Tew "virou pirata", com o apoio de sua tripulação. Eles se dirigiram ao Mar Vermelho e atacaram os carregadores árabes antes de se estabelecerem no reino dos piratas, Madagascar. Depois de várias aventuras, Tew voltou para casa. Ele vendeu seus têxteis indianos na cidade de Nova York e depois foi para Newport, mandou buscar seus sócios e dividiu os despojos - alguns dos quais foram enterrados perto de Newport e o resto em Boston.

Os patrocinadores da Tew nas Bermudas teriam recebido catorze vezes o investimento.<sup>4</sup> A parte de Tew era de oito mil libras, o suficiente para proporcionar uma aposentadoria de alto estilo. Por um tempo, Tew participou da boa vida em Rhode Island, livre dos mesmos crimes que fariam com que Kidd fosse enforcado. Mas o governador de Massachusetts negou a Tew outra comissão de corsário, então ele solicitou ao governador de Rhode Island e por quinhentas libras recebeu seus papéis.

A primeira coisa a fazer era viajar para Nova York para se encontrar com a família Philipse. Frederick Philipse era o equivalente do século XVII a um capitalista de risco. Ele fornecia o equipamento necessário para uma viagem pirata e, por sua vez, tinha direito a uma parte dos ganhos. Seu único risco era monetário e ele protegeu suas apostas fazendo vários investimentos. Aqueles que vieram a ele arriscaram a vida e a liberdade. Com o apoio de Frederick Philipse, Tew equipou sua segunda expedição pirata, uma que beneficiaria imensamente seu patrono.

A segunda aventura de Tew o encontrou capturando navios do Grande Mogul e mantendo cem meninas solteiras, bem como um tesouro. Depois de uma temporada em Madagascar, Tew e sua equipe voltaram para casa para uma vida tranquila. Desta vez, dizem que seu tesouro pesa mais de cem mil libras. Philipse, que arriscou apenas dinheiro, em comparação com os piratas que arriscaram suas vidas, ganharia mais de cem mil libras apoiando inúmeras viagens.

A fraqueza de Tew era que ele não podia se aposentar. Ele procurou outra comissão de privatização, desta vez do novo governador de Rhode Island, John Easton, que se recusou. Tew então se candidatou ao governador Fletcher de Nova York. Fletcher sabia que Tew era um rover marítimo bem conhecido, mas sentiu-se justificado em contratá-lo para navegar contra os franceses. Quando mais tarde defendeu suas ações, Fletcher afirmou que não sabia da reputação de Tew, mas que o "estranho" havia planejado atacar os franceses na foz do Rio Canadá. Essas comissões contra os franceses não eram nada incomuns. Mas Tew viu a situação de forma diferente.

Tew equipou seu navio e então navegou entre Nova York e Boston recrutando outros piratas e aventureiros para sua frota. Fletcher afirmou que a comissão era para atacar os franceses no Canadá, mas Tew reconheceu abertamente que havia mais dinheiro a ser ganho no Oceano Índico e que esta área era seu destino.

Thomas Tew fez sua última viagem ao Oceano Índico, onde teria tido algum sucesso precoce contra os navios mercantes indianos. Mas ele pode ter abusado da sorte. Ele nunca mais foi visto na Nova Inglaterra.

Ocasionalmente, Fletcher teve que fazer uma carga simbólica contra um pirata ou contrabandista para confundir seus inimigos. Em 1694, ele apreendeu um navio que havia retornado de uma viagem ao Caribe. O navio pertencia em parte a um dos homens mais ricos de Nova York, Robert Livingston. Livingston não só venceu as acusações, mas também procurou uma maneira de se livrar de Fletcher ao mesmo tempo. Levou quatro anos e os esforços de dois parceiros. Foi nessa versão inicial do "centro de comércio mundial" que o capitão Kidd navegou.

## O MUNDO DO CAPITÃO KIDD

Nascido em Greenock, Escócia, em 1645, William Kidd subiu na carreira como marinheiro e, finalmente, capitão. A Escócia tornou-se o centro dos piratas depois que a frota templária buscou abrigo ali séculos antes, e o país, junto com a Irlanda, seria considerado um refúgio pirata por mais dois séculos. Antes da chamada Idade de Ouro da Pirataria, era mais provável

que os piratas fossem encontrados capturando navios carregados de lã ou peixe, mas certamente não capturando a frota de tesouros do Japão,

saqueando os portos do Golden Main ou perseguindo a frota do Moghul da Índia. Mas a pirataria, assim como o contrabando, era um meio de vida.

Como os soldados templários e seus descendentes permaneceram no serviço militar como mercenários, os marinheiros templários e seus descendentes geraram uma cultura de corsários legais e pirataria ilegal. No século XVII, muitos marinheiros escoceses foram contratados para combater os atacantes holandeses que atacavam os navios e a pesca ingleses e escoceses. Mais tarde, após mais uma tentativa de alcançar a independência, os jacobitas escoceses aumentaram as fileiras dos piratas na Europa e no Caribe. Não é de admirar que a melhor literatura pirata também tenha sido gerada na Escócia; Robert Louis Stevenson escreveu o clássico *Treasure Island* e o colega escocês JM Barrie escreveu *Peter Pan*.

A participação na pirataria e no contrabando era uma ocorrência frequente na Escócia, apesar das leis que exigiam as penas mais altas contra esses crimes. As leis eram aplicadas apenas esporadicamente e as condenações eram quase impossíveis de alcançar. Uma sociedade clandestina prevaleceu; não era necessariamente hereditário, mas era tão prevalente que não foi ameaçado por um sistema de justiça. Desde os dias da morte dos Templários até o século XVIII, as lojas de homens dedicados a um ofício ou ocupação específica impuseram seus próprios códigos e muitas vezes exerceram poderes que alcançaram os mais altos níveis de governo. Essas guildas de advogados, capitães do mar, artesãos e soldados eram células individuais, ou lojas na linguagem maçônica, que operavam independentemente, mas ajudavam umas às outras de maneiras que aqueles de fora da irmandade nunca suspeitariam.

A Maçonaria ainda não era pública. Antes de 1717, era realmente uma sociedade secreta na qual era uma violação do juramento admitir a filiação ou discutir qualquer coisa que acontecesse em uma reunião maçônica. Um grande evento ocorreu menos de vinte anos depois, quando quatro das lojas da Inglaterra se reuniram na *Apple Tree Tavern* em *Covent Garden* em Londres para formar a Grande Loja. Pouco depois, as lojas irlandesas, francesas e escocesas surgiram como sociedades públicas. Não há nenhuma razão satisfatória para a Maçonaria ter saído do armário, mas a explicação mais plausível é que a desconfiança que os detentores do poder tinham nas

organizações secretas encorajou as ordens a se revelarem. Os maçons da Escócia esconderam um vasto subterrâneo de

contrabandistas, piratas e revolucionários. Em vez de correr o risco de serem acusados de conspirar contra o rei da Inglaterra, as lojas inglesas deram as boas-vindas à realeza e brindaram à saúde de seus reis e rainhas. A Maçonaria Escocesa era reservada a pessoas como Andrew Ramsay, o tutor de Bonnie Prince Charlie. Ramsay falou publicamente sobre os ex-cruzados estabelecendo lojas maçônicas ao retornar das guerras. As lojas sobreviveram à perseguição dos Templários permanecendo na clandestinidade. E o Príncipe Bonnie liderou uma revolta dos escoceses contra seus senhores ingleses.

A versão escocesa dos maçons tinha fortes conotações políticas, enquanto a versão inglesa, que havia se distanciado da política, não apresentava tal ameaça. Por causa dessa ameaça, a organização secreta escocesa precisava permanecer na clandestinidade.

Kidd era um escocês e foi parceiro de seu colega escocês Livingston, e ambos se tornaram maçons também. Depois de alguns anos, Livingston tornou-se muito público com sua participação na guilda. Sua família ainda é conhecida como defensora ativa dos maçons. Kidd, é claro, não teve nem mesmo alguns poucos anos.

A imigração maciça de escoceses para a América e Canadá foi ressentida pelos primeiros colonos. Essa "invasão" escocesa da América foi resultado direto da guerra constante com a Inglaterra e aumentou dramaticamente após o fracasso da rebelião jacobita. Um preconceito contra os escoceses existiu de Massachusetts à Virgínia, embora esses imigrantes ainda tivessem um papel significativo na formação do novo país. Em 1776, uma peça produzida na Filadélfia foi dedicada a "Lord Kidnaper...

Piratas e corsários, e os inúmeros clãs de Macs e Donalds em Donalds na América.<sup>5</sup> A dedicação era uma brincadeira, mas o sentimento era real, e o estereótipo dos escoceses como piratas não foi ajudado pela proeminência do Capitão Kidd na tradição dos piratas.

Em agosto de 1689, Kidd estava na ilha de Nevis comandando um corsário de dezesseis canhões que ele havia tirado dos franceses. Dois anos depois, em outra expedição inglesa, seus homens - a maioria ex-piratas -

o havia deixado em terra e ele perdeu o comando de um navio. Mais tarde naquele ano, ele recebeu outro comando para enfrentar os franceses.

Quando Kidd chegou a Nova York, sua reputação o havia precedido. Ele ajudou a construir a primeira Igreja da Trindade e comprou um lote em Wall Street. William Kidd, um homem da cidade, então se casou com uma rica viúva holandesa, Sarah Bradley Cox Oort.<sup>6</sup>Foi o terceiro casamento de sua esposa; na verdade, a certidão de casamento foi recebida poucos dias depois da morte de John Oort, seu segundo marido. Sarah Oort trouxe um belo dote para o novo casamento, incluindo uma casa em Wall Street e outra em Pearl Street. Kidd deve ter achado que era um bom partido e se intitulou "Cavalheiro" em seu requerimento. Oort e Kidd moravam na parte elegante da cidade, sua casa com móveis e bichinhos de estimação importados da Ásia. Kidd poderia ter permanecido simplesmente um cavalheiro, mas não o fez.

Por sorte, os atos de pirataria cometidos em torno do império britânico emergente estavam trazendo queixas aos ouvidos do rei Guilherme III. Especialmente irritante para o tribunal era o papel que o governador Fletcher estava desempenhando na América do Norte. O Rei William se reuniu com seu Conselho Privado e Richard Coote, o Conde de Bellomont. Eles decidiram que Lord Bellomont seria enviado a Nova York para substituir Fletcher como governador e eliminar o refúgio pirata que ele havia criado.

A pirataria foi um problema mundial para o império britânico. Na Ásia, os mesmos países com os quais a Inglaterra estava tentando negociar reclamavam sobre piratas americanos atacando seus navios e responsabilizavam os britânicos. Todo o comércio legítimo era realizado por meio de um monopólio patrocinado pela realeza, denominado British East India Company.

No final do século XVII, a Companhia Britânica das Índias Orientais estava tentando se estabelecer ainda mais na Ásia. A empresa estava indo bem e teve o favor de James II até sua morte. Com um monopólio real, o dividendo médio foi de 25% nos últimos dez anos do século. Mas esse monopólio inspirava ciúme. Outros comerciantes europeus, mercadores americanos e até piratas eram obstáculos aos negócios. No novo mercado

que a British East India Company estava tentando desenvolver, também não ajudava o fato de a empresa ter pouco

o cliente queria. Introduziu o ópio barato e tentou resistir a invasores e piratas.

Ironicamente, nesta guerra recentemente declarada contra a pirataria, Kidd foi convocado para lutar pela causa dos britânicos. Ao visitar a Inglaterra com o comerciante mais respeitado de Nova York, Robert Livingston, Kidd foi apresentado a Lord Bellomont, que desejava o cargo de governador de Nova York. Livingston, Kidd e Bellomont planejaram se livrar de Fletcher. Por sua parte no negócio, Kidd foi contratado para lutar contra os piratas.

Piratas saindo de Nova York, comissionados por Fletcher, freqüentemente atacavam os navios dos Moghuls. John Hoar realmente atacou a frota britânica das Índias Orientais e capturou e queimou dois navios da companhia. Os ataques de Tew à frota indiana causaram tumultos nas ruas. O relato do sequestro e estupro de mulheres indianas da tripulação pirata de Henry Every, algumas das quais cometeram suicídio em vez de se submeter, fez com que os escritórios da Companhia das Índias Orientais em Surat fossem atacados por turbas. Vários funcionários importantes foram presos, onde receberam tratamento severo durante os seis meses de negociação entre os Moghuls e a Companhia Britânica das Índias Orientais. Vários não sobreviveram.

Quaisquer que fossem as reais intenções de Kidd, Livingston e Bellomont, o plano era primeiro capturar o pirata Tew. Kidd, Bellomont e Livingston teriam direito a quaisquer bens levados no processo.

## O NASCIMENTO DE UMA DINASTIA AMERICANA

Robert Livingston construiu uma dinastia o mais rápido que pôde e da maneira que pôde. Ele era um escocês que viveu em Rotterdam por um tempo e aprendeu a língua holandesa. Ele navegou para a América em 1674. Naquela época, os holandeses ainda controlavam Nova York, e o maior patrocínio pertencia a Nicholas Van Rensselaer, que se juntou a

outra família holandesa muito rica por meio de um casamento arranjado com Alida Schuyler. Van Rensselaer era filho e homônimo do homem que realmente recebeu as concessões de terras e construiu a riqueza da família. Como muitos filhos

de homens ambiciosos, Van Rensselaer não tinha interesse no negócio ou em suas terras no interior; em vez disso, ele se imaginava um místico. Ele contratou Livingston, um empreendedor óbvio, para administrar seu império.

Comerciante de profissão, Livingston se popularizou rapidamente e adquiriu a habilidade de falar a língua iroquesa - uma habilidade que muitos comerciantes não possuíam. Ele também ajudou a construir a fortuna dos Van Rensselaer.

Em 1678, Nicholas tinha apenas quarenta e poucos anos, mas começou a envelhecer rapidamente. Ele foi para o leito de doente com uma doença que não pôde ser diagnosticada. Um dia ele decidiu que o fim estava próximo e chamou um servo para trazer papel e caneta para seu testamento. Em vez disso, Livingston apareceu. "Não, não, mande-o embora; ele vai se casar com minha viúva", gritou Van Rensselaer, pouco antes de morrer.<sup>7</sup> Se alguma vez um testamento foi composto, nunca foi encontrado. Mas alguns sugeriram que "se você acredita em um boato de Van Rensselaer, que ainda circula até hoje, Nicholas foi envenenado".<sup>8</sup>

Nicholas, o místico, estava certo: em oito meses, Alida e Robert Livingston se casaram. Livingston adquiriu a viúva de seu chefe e se tornou o homem rico que pretendia se tornar. Quando conheceu Kidd, Livingston era o homem mais rico de Nova York. Como um escocês, Livingston foi envolvido nas guerras religiosas que assolaram em casa e que se espalharam para as colônias. Seus parentes na Escócia, os Condes de Callendar e Linlithgow, lutaram do lado errado do que se tornou a Revolução Gloriosa. Foi uma época precária por causa da agitação religiosa, e muitos escoceses e huguenotes franceses foram forçados a deixar o país. As hostilidades não terminaram quando os imigrantes chegaram à América.

Em Nova York, a guerra foi entre Jacob Leisler e os católicos.<sup>9</sup> Em seu esforço frenético para impedir que o papa controlasse Nova York, Leisler tomou a cidade. Mais tarde, quando a Grã-Bretanha enviou um novo governador, Leisler tentou defender Nova York contra ele. Seu sentimento anti-católico raivoso terminou com seu julgamento e o de cinco confederados. As mesmas provas admitidas em julgamento libertaram

quatro e condenaram dois à forca. Jacob Leisler foi enforcado no terreno onde o lado de Manhattan da Ponte do Brooklyn seria construído.

Um pouco de adulteração do júri pode ter ajudado os quatro que foram absolvidos -

ted. Um desses possíveis beneficiários foi Peterse Delanoy. Sua família posteriormente abandonou a última letra de seu nome e se tornou Delanos. Uma aliança posterior por meio do casamento resultaria na família Delano-Roosevelt.

Com Leisler fora do caminho, o vácuo de poder permitiu que famílias huguenotes como os Delanoys e seus aliados entre a base de poder holandesa, incluindo Livingston, prosperassem. Livingston agora estava em uma posição privilegiada para expandir seu império. Ele negociou com quem podia e possuía ou possuía ações em vários navios mercantes. Um deles retornou 500 por cento em uma viagem de 1694 sozinho. Mas o sucesso teve seu lado negativo: por meio de um despachante aduaneiro do prefeito da cidade de Nova York, Livingston foi acusado do crime de comércio com os franceses. É possível que a cobrança estivesse correta, pois nem todas as viagens legítimas geraram retornos tão elevados. Mas o prefeito simplesmente queria uma participação nos lucros. O caso foi levado ao grande júri, cujo presidente foi William Kidd. Não se sabe se este caso também envolveu a adulteração do júri, mas Livingston foi poupado.

Kidd e seu novo amigo Livingston foram para a Inglaterra para aumentar suas fortunas. O acordo fechado com Richard Coote, Lord Bellomont, envolveu várias outras figuras que atuavam nos círculos comerciais e governamentais. A lista incluía John Somers, o Lord Chancellor; Edward Russell, o Conde de Orford, que foi o Primeiro Lorde do Almirantado; Henry Sidney, o conde de Romney; Charles Talbot, o duque de Shrewsbury; Edward Harrison, diretor da East India Company; e Richard Blackham, que mais tarde seria preso por suborno e manipulação de moeda. O rei Guilherme III estava destinado a reivindicar 10 por cento do retorno em troca de sua bênção para o empreendimento de caça pirata de Kidd.<sup>10</sup>

Livingston e Kidd foram os principais parceiros do acordo e, juntos, foram obrigados a investir seis mil libras para comprar e reformar um navio chamado Adventure Galley. Isso era aproximadamente um quinto dos fundos necessários para a viagem e, por sua vez, os sócios receberiam um quinto dos prêmios capturados e conseguiriam manter o navio. Os homens

que se alistaram como membros da tripulação não pagaram nem compraram

contrato. Esse tipo de contrato era utilizado por baleeiros e navios piratas, e estabelecia que, se nenhum prêmio fosse obtido, não haveria remuneração. Portanto, o incentivo para capturar algo foi grande.

Kidd e sua tripulação foram contratados para capturar navios piratas. Seus papéis tinham como alvo específico Thomas Tew, de Rhode Island, e dois piratas radicados em Nova York, Thomas Wake e William Maze. Para garantir, a comissão adicionou todo e qualquer pirata, freebooters e rovers marítimos. Com a comissão em mãos, Kidd partiu de Londres para Nova York. Ao longo do caminho, ele capturou um navio de pesca francês - não muito para pescar, mas talvez prática para sua nova tripulação.

Em Nova York, Kidd recrutou mais homens para sua aventura e finalmente começou sua viagem planejada em 5 de setembro de 1696. O destino era o Oceano Índico, onde a grande ilha de Madagascar era na verdade uma nação pirata.<sup>11</sup> A antiga estação francesa Fort Dauphin havia se tornado a base do pirata Abraham Samuel, que se chamava Rei Samuel. O rei pirata deu as boas-vindas a outros piratas que o presentearam com presentes. Seu reino e outras fortalezas piratas, bem como portos de escravos administrados por mercadores sem afiliação nacional, fizeram de Madagascar um local verdadeiramente selvagem.

## LIBERTALIA

Saint Mary's era uma pequena ilha na costa de Madagascar onde os piratas formaram uma nação democrática chamada Libertalia. Pode ter sido a primeira verdadeira democracia do mundo, em que cada homem tinha um voto igual. Acontece que era uma nação pirata.

Ao atingir a idade madura de cerca de trinta anos, muitos dos piratas retiraram-se para a Libertalia. A terra era gratuita, as mulheres polinésias-africanas exóticas eram abundantes e os habitantes locais não eram hostis. As plantações foram iniciadas e postos comerciais foram estabelecidos. Mesmo que cada homem pudesse retornar ao seu porto de origem com uma pequena fortuna, muitos optaram por morar na ilha.

É um mistério por que Kidd navegou até Saint Mary's se a essa altura ele não pretendia "virar pirata". Como um caçador de piratas, ele aparentemente tinha

nenhuma intenção de atacar o porto pirata; em vez disso, ele pousou para consertar seu navio e recrutar novos homens. Mas assim que ele pousou, sua situação piorou. Um inimigo maior do que os ingleses atacaria a tripulação de Kidd: doença. Na pequena ilha do Oceano Índico, um quinto da tripulação sucumbiu. Kidd precisava substituir ainda mais homens do que originalmente pretendia. Ele contratou novos membros, todos provavelmente piratas experientes.

A principal diferença que separava o corsário do pirata era um pedaço de papel. A comissão que deu ao capitão corsário o direito de receber certos prêmios tornou suas ações legais, ao passo que apreender a recompensa sem tal comissão era um crime punível com enforcamento. Ocasionalmente, as comissões eram honradas e, às vezes, expiravam devido ao fim de uma guerra. Infelizmente, o corsário no mar tinha poucos meios de saber que as hostilidades haviam terminado e que uma trégua anulava sua comissão. Outra diferença entre corsários e piratas eram as condições em que viviam e trabalhavam. Em um navio corsário, o capitão era escolhido pelo proprietário. Ele tinha que ser duro e capaz de tomar decisões difíceis, mas também tinha que ser inteligente. Os homens em navios mercantes e navios privados recebiam muito pouco pagamento, foram tratados como inferiores pelos proprietários e oficiais, e foram sujeitos a abusos físicos por capricho de seus senhores. Esse abuso era legal, e mais homens morreram por serem açoitados do que em batalha. Alexander Falconbridge, um cirurgião que serviu a bordo dos navios da Royal African Company, relatou que um capitão açoitou um homem até a morte por perder um remo. Outro capitão forçou os homens a comer baratas vivas para seu entretenimento. Falconbridge é amplamente citado por tais crueldades com marinheiros e escravos em *The Slave Trade*, de Hugh Thomas, e *Jolly Roger*, de Patrick Pringle, a Idade de Ouro da Pirataria. Os escravos a bordo desses navios costumavam ter mais valor para o capitão do que sua própria tripulação. A taxa média de mortalidade de escravos no século XVII era de 25%; frequentemente chegava a 40% para a tripulação. e foram sujeitos a abusos físicos por capricho de seus mestres. Esse abuso era legal, e mais homens morreram por serem açoitados do que em batalha. Alexander Falconbridge, um cirurgião que serviu a bordo dos

navios da Royal African Company, relatou que um capitão açoitou um homem até a morte por perder um remo. Outro capitão forçou os homens a comer baratas vivas para seu entretenimento. Falconbridge é amplamente citado por tais crueldades com marinheiros e escravos em *The Slave Trade*, de Hugh Thomas, e *Jolly Roger*, de Patrick Pringle, a Idade de Ouro da Pirataria. Os escravos a bordo desses navios costumavam ter mais valor para o capitão do que sua própria tripulação. A taxa média de mortalidade de escravos no século XVII era de 25%; frequentemente chegava a 40% para a tripulação. e foram sujeitos a abusos físicos por capricho de seus mestres. Esse abuso era legal, e mais homens morreram por serem açoitados do que em batalha. Alexander Falconbridge, um cirurgião que serviu a bordo dos navios da Royal African Company, relatou que um capitão açoitou um homem até a morte por perder um remo. Outro capitão forçou os homens a comer baratas vivas para seu entretenimento. Falconbridge é amplamente citado por tais crueldades com marinheiros e escravos em *The Slave Trade*, de Hugh Thomas, e *Jolly Roger*, de Patrick Pringle, a Idade de Ouro da Pirataria. Os escravos a bordo desses navios costumavam ter mais valor para o capitão do que sua própria tripulação. A taxa média de mortalidade de escravos no século XVII era de 25%; frequentemente chegava a 40% para a tripulação. Esse abuso era legal, e mais homens morreram por serem açoitados do que em batalha. Alexander Falconbridge, um cirurgião que serviu a bordo dos navios da Royal African Company, relatou que um capitão açoitou um homem até a morte por perder um remo. Outro capitão forçou os homens a comer baratas vivas para seu entretenimento. Falconbridge é amplamente citado por tais crueldades com marinheiros e escravos em *The Slave Trade*, de Hugh Thomas, e *Jolly Roger*, de Patrick Pringle, a Idade de Ouro da Pirataria. Os escravos a bordo desses navios

costumavam ter mais valor para o capitão do que sua própria tripulação. A taxa média de mortalidade de escravos no século XVII era de 25%; frequentemente chegava a 40% para a tripulação. um cirurgião que serviu a bordo dos navios da Royal African Company relatou que um capitão açoitou um homem até a morte por perder um remo. Outro capitão forçou os homens a comer baratas vivas para seu entretenimento. Falconbridge é amplamente citado por tais crueldades com marinheiros e escravos em *The Slave Trade*, de Hugh Thomas, e *Jolly Roger*, de Patrick Pringle, a Idade de Ouro da Pirataria. Os escravos a bordo desses navios costumavam ter mais valor para o capitão do que sua própria tripulação. A taxa média de mortalidade de escravos no século XVII era de 25%; frequentemente chegava a 40% para a tripulação. um cirurgião que serviu a bordo dos navios da Royal African Company relatou que um capitão açoitou um homem até a morte por perder um remo. Outro capitão forçou os homens a comer baratas vivas para seu entretenimento. Falconbridge é amplamente citado por tais crueldades com marinheiros e escravos em *The Slave Trade*, de Hugh Thomas, e *Jolly Roger*, de Patrick Pringle, a Idade de Ouro da Pirataria. Os escravos a bordo desses navios costumavam ter mais valor para o capitão do que sua própria tripulação. A taxa média de mortalidade de escravos no século XVII era de 25%; frequentemente chegava a 40% para a tripulação. s O comércio de escravos e *Jolly Roger* de Patrick Pringle, a era de ouro da pirataria. Os escravos a bordo desses navios costumavam ter mais valor para o capitão do que sua própria tripulação. A taxa média de mortalidade de escravos no século XVII era de 25%; frequentemente chegava a 40% para a tripulação. s O comércio de escravos e *Jolly Roger* de Patrick Pringle, a era de ouro da pirataria. Os escravos a bordo desses navios costumavam ter mais valor para o capitão do que sua própria tripulação. A taxa média de mortalidade de escravos no século XVII era de 25%; frequentemente chegava a 40% para a tripulação. s

Os oficiais da marinha britânica tratavam suas próprias tripulações com a mesma severidade.

Não foi à toa que, quando um navio pirata atacou um navio mercante,

a tripulação estava ansiosa para se render. Os piratas os trataram melhor. Aqueles que embarcaram foram tratados como iguais. Muitos foram convidados a aderir, alguns ficaram simplesmente impressionados com seu estilo de vida, mas todos foram tratados melhor. Quatrocentos anos depois que a frota dos Templários deixou a França, o sistema de lojas gerou nos preceptórios dos Templários e os mosteiros cistercienses estavam vivos a bordo dos navios piratas. As regras do navio eram determinadas por artigos que cada homem assinava. Os homens votaram nessas regras de maneira democrática: um homem, um voto. As regras incluíam não levar mulheres a bordo, pois poderiam causar atrito; não discutir religião, pois também poderia causar conflito; e explicando tarefas e deveres.

Em um navio pirata, o capitão era eleito por toda a tripulação. Como um capitão corsário, ele tinha que ser duro e inteligente. Ele tinha que ser querido também, já que sua tripulação poderia simplesmente desmarcá-lo. As cotas foram determinadas, e a função do capitão e do intendente era garantir cotas iguais a todos os membros da tripulação.

A tripulação dos navios piratas e corsários navegaria para participar da viagem. No navio corsário, a parcela do capitão e dos oficiais de alta patente era maior do que a da tripulação. Em muitos navios piratas, todas as recompensas eram compartilhadas de maneira mais justa. O capitão e o quartel-general podem receber uma parte dupla; um membro da tripulação altamente competente poderia obter uma parte e meia. Um pirata ferido que não pôde retornar ao mar pode receber uma parte maior para ajudar em sua aposentadoria. O marinheiro médio em um navio pirata tinha uma chance melhor de lucrar com os riscos e as dificuldades que enfrentou. Alguns pegaram suas ações e voltaram para a fazenda. Às vezes, um acordo era feito para que todos os marinheiros permanecessem juntos até que cada homem tivesse uma certa quantia de dinheiro.

A vida era potencialmente perigosa para o pirata, mas os perigos não estavam em atacar a navegação inimiga. Muito raramente um navio mercante estava disposto a montar uma defesa, e poucos navios piratas foram capturados fora dos portos. Um historiador de piratas relata que as baixas em bordéis foram maiores do que em batalhas. O maior risco que um pirata poderia enfrentar seria a expulsão de seus colegas marinheiros. O marooning, ou expulsão de um pirata de uma tripulação, acontecia em uma

ilha deserta ou, às vezes, em um banco de areia que desaparecia na maré alta. Os piratas geralmente ficavam isolados apenas no pior dos

ofensas, que incluíam o abandono de seus postos durante a batalha. O termo marrom foi cunhado a partir do que os espanhóis chamavam de Cimarrons, o grupo de pessoas criado a partir do casamento de escravos negros fugitivos com mulheres indígenas indígenas.

A vida no mar era igualmente perigosa para o pirata criminoso e para o corsário legítimo, pois as ameaças comuns - ferimentos, prisão e morte - não favoreciam nenhum tipo de marinheiro. Por exemplo, um corsário navegando contra a Espanha era um criminoso aos olhos da coroa espanhola, assim como um pirata operando em qualquer lugar. Ambos podiam sofrer igualmente por suas ofensas, e a morte era a punição mais comum. A diferença era que o pirata tinha uma chance melhor de lucrar. Como resultado, os navios piratas muitas vezes tinham poucos problemas para derrotar navios de guerra, navios mercantes e navios corsários mais bem armados. Muitas vezes a tripulação do navio capturado ficava feliz por se juntar aos piratas - e eles ficavam encantados ao ver um capitão cruel sujeito ao seu próprio remédio.

## CAPITÃO KIDD E OS PIRATAS

Kidd conhecia os riscos e as recompensas da pirataria. O que aconteceu a bordo do Adventure Galley para induzir o capitão e a tripulação a "virar pirata" provavelmente nunca será conhecido. Mas Kidd estava com poucos suprimentos, tinha pouco para comercializar e uma tripulação que provavelmente estava insatisfeita com os longos meses no mar e sua liderança severa e falta de lucro. Com sua liderança e julgamento em questão e seu sistema de recompensas pobre, é surpreendente que ele tenha conseguido recrutar piratas veteranos. Seja como for, ele saiu de Saint Mary's como um pirata.

Duas vezes Kidd trouxe seu navio a uma distância ameaçadora da navegação protegida pelos britânicos, e duas vezes ele foi rejeitado. Finalmente, ele capturou um navio comercial solitário de Bombaim com as cores inglesas. Ao conhecer o capitão do navio, Kidd descobriu que já era considerado um pirata. A notícia viajou rapidamente.

Kidd logo pegou mais três navios, incluindo o valioso Quedah Merchant em janeiro de 1698. Com sua nova frota, ele quebrou todas as regras e atacou um navio da Companhia das Índias Orientais. Ele deixou a costa da Índia

com seus prêmios e partiu para Madagascar, onde passou seis meses antes de voltar para a América do Norte.

É difícil acreditar que um capitão experiente como Kidd pensaria que ele poderia retornar a Nova York e escapar da punição por causa de suas conexões, mas parece que foi esse o caso. O conde de Bellomont, agora governador de Nova York, veio em defesa de Kidd. O governador disse ter recebido relatos de que Kidd foi forçado por seus homens a agir como um pirata. Mas Bellomont estava em uma posição estranha. Tendo substituído Fletcher, que havia dado uma comissão ao pirata Thomas Tew, Bellomont teve que tomar cuidado para não se colocar sob a mesma luz. Ele também tinha direito a uma grande comissão caso emitisse um perdão. Kidd, entretanto, tinha ido longe demais.

A captura do Mercador Quedah causou tumultos nas ruas de Surat, onde a Companhia Britânica das Índias Orientais mantinha seus escritórios. A empresa já era responsabilizada por quaisquer atos de pirataria europeia, mas desta vez o navio pertencia a um membro da corte do imperador indiano. Essa notícia finalmente chegou a Nova York - bem antes de Kidd.

Bellomont teve que se distanciar da situação e cortar suas perdas. O governador do que hoje é Nova York e Massachusetts nunca tinha visto Boston e viajou para lá em 26 de maio de 1699, pela primeira vez. Pareceu aos seus críticos que ele estava a caminho de encontrar seu parceiro pirata Kidd, que tinha acabado de chegar à baía de Delaware e estava indo para o norte. Bellomont explicou mais tarde que escreveu uma carta a Kidd que propositalmente não ameaçava sua prisão, já que ele não queria assustar Kidd.

Joseph Emmot, um advogado de Nova York cuja especialidade eram casos do almirantado, informou Bellomont que Kidd tinha um tesouro a bordo e havia deixado um tesouro no Caribe. Emmot também entregou dois passes concedidos pelos franceses que Kidd havia tirado dos navios mouros que capturou. Esses documentos eram evidências de que o ato de captura daqueles navios, pelo menos, não era pirataria. Se esses passes tivessem chegado ao julgamento de Kidd, ele poderia ter sido absolvido. Mas de alguma forma Bellomont ou outro patrocinador da viagem permitiu que os passes desaparecessem.<sup>12</sup>

Enquanto ele conspirava para a condenação de Kidd, Bellomont enviou

dois homens para obter uma declaração do pirata. Eles se encontraram com Kidd fora de Block Island. Depois disso, Kidd parecia confiante de que ainda podia confiar em Bellomont. Ele partiu para uma pequena ilha na costa leste de Long Island chamada Ilha de Gardiner. Ele descarregou três ou quatro pequenos barcos de butim e depois mandou chamar John Gardiner, a cujo cuidado Kidd colocou uma arca para Bellomont.

A área de Gardiner no leste de Long Island era um dos dois locais favoritos dos piratas para ancorar no verão; o outro ficava do outro lado da foz do estreito de Long Island, nas ilhas entre Cape Cod e Martha's Vineyard. Ambos eram locais onde navios, tanto piratas quanto mercadores, podiam se encontrar para negociar e trocar cargas e suprimentos. Às vezes, era um mercado flutuante ilegal. A foz da Buzzards Bay também era atravessada por navios que navegavam entre Nova York e Boston, mas atracar um navio ali significaria chamar a atenção da Marinha.

Enquanto Kidd navegava ao redor da extremidade leste de Long Island, ele jogou tesouros em vários lugares. Um esconderijo foi entregue a um velho pirata chamado Thomas Paine, que vivia em Canonicut Island, perto de Rhode Island. Quando o governador de Rhode Island ficou sabendo da história, ele fez uma busca na casa de Paine, mas o ouro não estava lá. Ele pode já ter sido movido de volta para a Ilha de Gardiner, mas as provas contra a família Gardiner não foram encontradas.

O plano de Kidd era evitar suas apostas. Se ele escondesse um tesouro suficiente antes de se encontrar com as autoridades, seria algo para usar para acertar um bar-gain. À medida que a história real de Kidd se transformava em lenda, as pessoas contavam histórias sobre ele jogando seu tesouro ao norte até a Nova Escócia e ao leste até o Mar da China Meridional. Mas é mais provável que o que ele não deixou no Caribe tenha escondido em torno do estreito de Long Island.

Kidd também estava tentando jogar habilmente as cartas que recebia. Ele soube depois de se encontrar com Emmot que a situação era muito diferente desde que ele deixou Nova York. Os britânicos estavam reprimindo a pirataria, os navios que voltavam para Nova York estavam sendo apreendidos e os capitães e tripulações dos navios estavam sendo

caçados e presos. Kidd havia colocado seus parceiros Bellomont e Livingston em uma posição muito complicada. Bellomont, na verdade, tinha muito a ganhar como amigo de Kidd ou como o

prendendo oficial do tribunal. Ambos os cenários permitiram que ele fosse recompensado financeiramente ou em reputação.

Não ter todo o tesouro disponível para confisco foi uma das estratégias que Kidd empregou; a tentativa de ter mais serviria de incentivo para o parceiro apreensivo de Kidd. A segunda peça de Kidd foi entregar à esposa de Lord Bellomont uma caixa esmaltada com quatro joias; ele esperava que isso pudesse inclinar a balança e fazer de Bellomont de volta seu parceiro. Mas Bellomont fez as contas. Permitir que as acusações de Kidd pudessem ser falsas e perdoá-lo - e assim manter sua parte na perna - poderia equivaler a mil libras. Mas apreender Kidd e reclamar sua parte legítima como governador deu a ele treze mil libras.

Os conselheiros de Bellomont o advertiram para não ir contra a companhia britânica das Índias Orientais e os poderes que a companhia representava. Assim, Bellomont decidiu contra seu ex-parceiro; Kidd estava para ser preso. O outro sócio, Robert Livingston, ficou consternado com a decisão de Bellomont. Ele ganharia tudo se Kidd fosse perdoado e nada se Kidd fosse preso. Na verdade, Livingston havia depositado uma fiança garantindo o comportamento de Kidd. Bellomont alegou que Livingston o ameaçou, dizendo que Livingston aceitaria o reembolso do tesouro de Kidd se Bellomont não devolvesse o título. Bellomont inventou essa acusação para se distanciar do crime? Ou, como Bellomont poderia temer, estavam Kidd e Livingston, irmãos escoceses, envolvidos em uma conspiração contra ele?

Tanto Bellomont quanto Livingston tiveram que suportar o peso da opinião pública. Na América, a prisão foi um acontecimento emocionante; na Inglaterra, também foi um evento político. O partido Conservador, intimamente ligado à Companhia Britânica das Índias Orientais, queria Kidd condenado. Os Whigs, vários dos quais apoiavam a viagem de Kidd, estavam encurralados. No final, todos, exceto Kidd, conseguiram o que queriam. No julgamento, faltava o livro listando os proprietários do navio de Kidd, seus sócios e suas instruções. O mesmo aconteceu com os passes vitais obtidos dos navios mouros, que poderiam tê-lo absolvido. (Os passes foram descobertos duzentos anos depois em um escritório de registros de Londres.) A carta de Bellomont para Kidd também estava desaparecida.

Havia apenas duas testemunhas oculares contra Kidd: Robert Bradinham

e Joseph Palmer. Ambos eram desertores militares que viraram piratas. Hoje, um advogado americano pode apontar que tais criminosos podem não ser testemunhas confiáveis, já que não são homens de reputação, e estavam obviamente testemunhando contra Kidd para seu próprio adiamento. O perdão deles veio dias depois da condenação de Kidd.

Parece que um acordo foi fechado, um acordo que convenceu a todos, exceto William Kidd. Kidd foi o bode expiatório e, como tal, foi enforcado. Livingston foi inocentado de todas as acusações. Bellomont foi enriquecido por seu papel na prisão de Kidd. Os outros sócios Whig não foram maculados pelo que poderia ter sido um escândalo, embora tenham perdido sua participação no navio e todos os lucros que poderiam esperar. Para a Inglaterra e a classe dominante, o ponto principal era que a navegação conservadora estava a salvo dos iniciantes Whig.

Livingston se saiu melhor do que pensava. Ele recebeu sua fiança de volta, embora tenha sido forçado a pagar o colega Robert Blackham por sua participação no empreendimento. Os membros da tripulação do capitão Kidd foram em sua maioria perdoados e alguns morreram na prisão. A esposa de Kidd, Sarah Bradley Cox Oort Kidd, foi presa e sua casa confiscada por ordem de Bellomont. Oort era conhecido por ter parte do saque de Kidd, mas nunca foi encontrado. Ela acabou sendo libertada e se casou pela quarta vez.

Aqueles que receberam o tesouro foram alvos de Bellomont, que ganharia uma parte dos objetos de valor recuperados. A maior quantidade de tesouro estava na parte de Gardiner, em Long Island. Ameaçado com um inimigo pousando em seu minúsculo reino, John Gardiner presenteou

Bellomont com bolsas de ouro e prata. Assim, Kidd foi morto e todos os associados a ele prosperaram.

## Capítulo 4

# ESQUELETOS NO ARMÁRIO

**T**o corpo sem vida do Capitão William Kidd se juntaria aos corpos de outros piratas capturados e condenados saíram para saudar aqueles que navegavam no porto de Londres. Os criminosos enforcados serviram de alerta para potenciais vagabundos marítimos que o crime não compensou. A verdadeira mensagem, porém, era que o crime compensava e recompensava aqueles que podiam pagar a outros para cumprir suas ordens.

O sistema feudal que deu origem aos Cavaleiros Templários deu origem a ideais nobres como liberdade, igualdade e fraternidade. Entre os que estavam no poder, porém, prevalecia a corrupção. A Maçonaria se desenvolveu a partir dos nobres ideais dos Cavaleiros Templários, e o sistema de lojas foi criado - subterrâneo - para proteger seus membros. Algumas lojas tornaram-se mais celebradas do que outras, e ser membro das lojas de maior prestígio oferecia recompensas maiores. Enquanto Livingston sobreviveria a dias de Maçonaria pública, Bellomont não. Quase vinte anos se passaram depois que o corpo de Kidd pairou sobre o Tamisa, antes que a Maçonaria se tornasse pública. De Londres a Boston, Nova York e Filadélfia, o sistema de alojamento separava aqueles que puxavam os cordões daqueles que ficavam pendurados. Por meio das conexões certas, as dinastias familiares poderiam sobreviver e construir fortunas feitas com crimes nefastos. Os lucros da pirataria tornaram-se investimentos em empreendimentos mais aceitáveis, e as fortunas feitas no crime do século XVII foram a base para a riqueza no século XXI.

## THE GARDINER DYNASTY

Entre os que se beneficiaram das atividades criminosas dos "dispensáveis" estava a família Gardiner. É difícil não suspeitar que os Gardiners administravam uma espécie de banco pirata em seu minúsculo reino. Eles possuíam a própria Ilha de Gardiner e grandes extensões de terra que se estendiam de East Hampton a Smithtown em Long Island.

O progenitor da família foi um inglês, Lion Gardiner, que nasceu em 1599. Ele veio para a América em 1635 como soldado, construtor de fortificações, comerciante e lutador contra os índios. O filho de Gardiner, David, foi a primeira criança branca a nascer no que se tornaria o estado de Connecticut. No que agora é conhecido como Guerra dos Pequot, Gardiner foi fundamental para alistar tribos opostas para se juntarem a uma pequena força inglesa que buscava exterminar os Pequots. O principal aliado de Gardiner era Wyandanch, um sachem de Long Island. Gardiner concordou em negociar com o grupo de Wyandanch se ele "matasse todos os Pequots" que viessem até ele e "enviasse ... suas cabeças". <sup>1</sup>De seus novos amigos, a tribo Montaukett, Gardiner comprou a autodenominada Gardiner's Island, um reino insular de 3.500 acres (parte da atual East Hampton), como pano, uma arma, um pouco de pólvora e um cachorro. Ele aumentou suas propriedades em Long Island ao resgatar a filha de Wyandanch de uma tribo inimiga; por essa façanha, ele recebeu a terra que se tornaria Smithtown, elevando suas propriedades para cem mil acres.

Os direitos ao reino de Gardiner foram confirmados pelo rei Carlos I. No século XVII e mais tarde, as propriedades orientais de Gardiner proporcionaram um grande refúgio para piratas e contrabandistas, e as evidências parecem indicar que os primeiros herdeiros de Gardiner eram mais do que simplesmente cúmplices voluntários.

Em 1672, um relatório indicava que um pirata de Massachusetts chamado Joseph Bradish zarpou para a Ilha de Gardiner com seu saque. Em 1692, o governador de Connecticut relatou que piratas estavam ancorados em East Hampton e se engajando no comércio. Em outro relatório, um proeminente cidadão de Connecticut foi acusado de receber propriedade

roubada e vendê-la em Boston, e notou-se que a costa oriental de Long Island era o refúgio de

piratas e contrabandistas. Ainda outro relatório afirmava que um navio pirata chamado Sparrow havia levado dezoito passageiros sob um acordo feito no Caribe. O mestre, Richard Narramore, então carregou os passageiros para a Ilha de Gardiner, onde eles desembarcaram, com baús e tudo. Conforme a história se espalhou, os homens não identificados, que eram suspeitos de serem piratas, foram apresentados a um magistrado. Christopher Goffe foi um dos poucos homens acusados que apareceu. Ele confessou que, como suspeitava, era pirata, mas conseguiu obter o perdão.<sup>2</sup>

A família Gardiner manteve sua riqueza ao longo dos séculos pelas conexões certas com a Inglaterra antes da Guerra da Independência e por conexões mais secretas que duraram até meados do século XIX. Enquanto muitas famílias Whig conseguiram evitar a perda de suas terras após a Revolução Americana, os Gardiner, como seus vizinhos e muitas vezes parceiros que foram Conservadores, caminharam sobre uma linha tênue e não foram sujeitos à apropriação de terras do pós-guerra. Muitas dessas famílias mostraram sua relutância em romper com a mãe Inglaterra, e algumas de suas ações beiravam a traição.

A Guerra de 1812 tornou-se uma segunda guerra de independência, pois a Grã-Bretanha nunca deixou de tratar a América como uma colônia. Sua marinha impressionava regularmente os marinheiros americanos. Seu exército armou e incitou tribos nativas da fronteira contra sua colônia perdida. Muitas famílias prosperaram por meio de seus relacionamentos com firmas britânicas, e essas famílias pró-britânicas whig encontraram-se em conflito com o presidente Jefferson. Um punhado de famílias de comerciantes da Nova Inglaterra, que sobreviveram à Revolução e até prosperaram, propuseram que a Nova Inglaterra deixasse a União. Sua lealdade não era para com seu país, mas para seus interesses mercantis, que muitas vezes eram compartilhados com seus homólogos britânicos.

Nas décadas anteriores à Guerra Civil, a América foi novamente ameaçada de secessão, desta vez de vários estados do sul. Um grande segredo da história americana é que as mesmas famílias de comerciantes da Nova Inglaterra que haviam tentado deixar a União anteriormente se juntaram às famílias de comerciantes de Nova York para ajudar na dissolução da União. Apesar dessa atividade traiçoeira, poucas famílias

poderosas foram responsabilizadas. A família Gardiner foi uma dessas famílias que ocupou os dois lados da Guerra Civil.

Esqueletos no armário

A família Gardiner, embora sempre voasse sob o radar de comentários públicos, era uma base de poder em Nova York e parte dos Cotton Whigs. O partido Whig estava dividido em muitas questões, e os chamados Cotton Whigs aliaram-se às poderosas famílias da Virgínia e das Carolinas que, pela natureza de seu negócio, o algodão, mantinham-se próximos dos bancos e mercadores ingleses. Quando os interesses de Gardiner se fundiram com os interesses das famílias plantadoras da Virgínia e da Carolina do Sul, a própria família Gardiner se fundiu com a família Tyler da Virgínia.

Embora a política americana tenha evoluído ao longo dos séculos, no século XIX não era incomum que um presidente discordasse de seu vice-presidente. Como resultado de um acordo dentro do partido Whig, William Henry Harrison e John Tyler acabaram na mesma chapa. Harrison era considerado um político nos moldes dos líderes leais da Virgínia, como Washington, Jefferson e Madison, e por isso era contra a política divisionista da Carolina do Sul, que foi a primeira a ameaçar deixar o Sindicato. Tyler fazia parte do movimento separatista na Virgínia, baseado no College of William and Mary. Embora fosse membro do partido Whig, não tinha inclinação para apoiar a política Whig. Ele concordou em admitir o Texas como um estado escravo e era contra a abolição. Harrison e Tyler ainda conseguiram tomar a Casa Branca, usando o slogan "

Harrison assumiu a presidência em 4 de março de 1841 e um mês depois morreu. Sua morte foi atribuída primeiro a doença intestinal e depois a pneumonia, embora nenhuma autópsia tenha sido realizada. Descrito como robusto, o herói de guerra e fazendeiro robusto foi de alguma forma derrubado por um resfriado. Depois de seu longo discurso de posse, feito na chuva, o presidente aparentemente saudável adoeceu; muitos acreditam que seu resfriado se transformou em pneumonia.

Na época vitoriana, não era incomum os médicos diagnosticarem erroneamente o envenenamento por arsênio como "envenenamento gástrico", já que os sintomas de envenenamento por arsênio geralmente começavam com distúrbios gastrointestinais, incluindo dor abdominal,

vômito e diarreia. Mas os dois médicos do presidente eram suspeitos de um sentimento pró-britânico. Dr. Frederick May

foi treinado pelo maçom Dr. John Warren. O filho de May era um conservador falante e amigo próximo de Benedict Arnold. O outro médico, Dr. William Eustis, também foi treinado por Warren. Ele havia sido demitido pelo presidente Madison por causa de suas ações na Guerra de 1812. O Dr. Eustis ajudou a planejar a defesa de Detroit com o General William Hull. No caminho para Detroit, Hull foi emboscado. Sem suprimentos e com o moral baixo, ele se rendeu a Detroit assim que a alcançou. Madison acreditava que os britânicos haviam sido avisados. Quando o Departamento de Guerra concebeu um plano para atacar a base de suprimentos da Inglaterra na Nova Escócia, Eustis não permitiu que isso acontecesse. Com a morte de Harrison, o pró-secessionista Tyler foi elevado à presidência em 1841; John Tyler foi o primeiro presidente dos Estados Unidos a chegar ao cargo sem eleições.<sup>3</sup>

Harrison foi o primeiro presidente a morrer no cargo. Sua morte suspeita deu início ao que mais tarde foi chamado de "Maldição dos Vinte anos" ou "Maldição Zero", que postulava que todo presidente eleito em um ano terminando com zero morreria no cargo. A "maldição" durou 160 anos antes de ser quebrada por Ronald Reagan. Reagan, no entanto, quase não deixou de ser assassinado pelo filho com distúrbios mentais de um amigo do vice-presidente. Alguns disseram que a maldição foi lançada sobre Harrison por Tecumseh, o guerreiro indiano que o presidente havia derrotado. Mas é mais provável que a morte tenha sido planejada.

Caleb Cushing, cujas inclinações políticas eram influenciadas pelo potencial de lucro, conhecia bem a manipulação política e o suborno sutil. Ele era um maçom de trigésimo terceiro grau, o nível mais alto que um maçom poderia atingir, e um contrabandista de ópio. Sua fortuna estava ligada aos contrabandistas mercantis, traficantes de escravos e traficantes de drogas pró-britânicos. Cushing queria ocupar um cargo governamental.

Tyler alegou que não era partidário e aceitou sua nomeação com relutância. Mas depois da morte de Harrison, Tyler imediatamente repudiou a maior parte da plataforma Whig que trouxera Harrison à Casa Branca. Como resultado, o novo presidente não era popular; na verdade, ele foi ridicularizado como "seu acidente".

A primeira ordem do dia de Tyler era pressionar Caleb Cushing para se tornar secretário do Tesouro. O Senado rejeitou sua nomeação

Esqueletos no armário

três vezes, com a terceira votação garantindo apenas três votos para Cushing. Tyler então propôs enviar Cushing para a China. Essa mudança foi saudada com entusiasmo, possivelmente por ser o lugar mais distante da sede do governo para onde o desonesto político poderia ser enviado.

A morte de Harrison foi a primeira de três durante a estada de Tyler em Washington. A segunda morte foi a da esposa de Tyler, Laetitia. Tyler não passou muito tempo lamentando; em vez disso, ele optou por unir sua família de plantations da Virgínia com uma família de comerciantes do norte. Julia Gardiner, a filha mimada do rico e proeminente David Gardiner, era o alvo de Tyler.

Depois de retornar de uma grande viagem pela Europa, Julia Gardiner tornou-se parte do turbilhão social de Washington, namorando vários congressistas, incluindo o futuro presidente James Buchanan, dois juizes da Suprema Corte e um oficial da marinha. Ela conheceu o presidente Tyler em uma festa na Casa Branca, e ele a convidou para voltar. Embora ela fosse trinta anos mais jovem que o presidente, o primeiro encontro terminou com ele a perseguindo pela Casa Branca. Ele não perdeu tempo em propor a Gardiner, mas a mãe dela atrapalhou o casamento. Ela estava preocupada que o presidente não fosse um bom partido para um Gardiner. O fazendeiro e dono da plantação da Virgínia simplesmente não tinha dinheiro em comparação com a fortuna de Gardiner.<sup>4</sup>

Tyler não era de desistir. As mortes do "Velho Tippecanoe" e da esposa de Tyler abriram caminho para seu novo caminho, e uma terceira morte permitiria a Tyler conseguir o que queria.

O palco foi montado a bordo do USS Princeton, onde a marinha queria exibir um novo canhão, que foi apelidado de Peacemaker por causa de seu tamanho. Vários personagens importantes estavam a bordo e a arma foi disparada inúmeras vezes. David Gardiner, amigo de Tyler e senador do Estado de Nova York na época, trouxe sua atraente filha, Julia, para testemunhar a cena. Ela rapidamente ficou entediada e convidou o enamorado presidente do convés inferior para uma taça de champanhe. A arma superaquecida seria disparada mais uma vez como uma saudação a George Washington ao passar

por sua casa em Mount Vernon, mas em vez disso explodiu e matou o secretário de Estado Abel Upshur, secretário do

Marinha Thomas W. Gilmer, e pai de Julia, o senador David Gardiner.<sup>5</sup>

O presidente de 54 anos e Julia Gardiner de 24 anos ficaram noivos secretamente logo após a morte de seu pai. Mais tarde, eles se casaram em particular. A enorme diferença de idade representou mais alimento para a opinião pública e a mídia, mas Julia Gardiner Tyler conquistou os corações do público, mesmo quando seu marido era o alvo de suas piadas.<sup>6</sup>

Durante o "reinado" de Gardiner como primeira-dama, como ela o chamava, ela reviveu a formalidade das recepções na Casa Branca, que haviam saído de moda. Ela recebeu os convidados com plumas no cabelo e rodeada por doze damas de honra vestidas de branco. Ela também instituiu a reprodução de "Hail to the Chief". Gardiner teve vários filhos com o presidente: David Gardiner Tyler, John Alexander Tyler, Julia Gardiner Tyler, Lachlan Tyler, Lyon Gardiner Tyler, Robert Tyler e Pearl Tyler.

Como presidente, a maior realização de Tyler foi retribuir os favores de seu principal promotor, Caleb Cushing, entre os Cotton Whigs. Ele conseguiu fazer de Cushing uma espécie de embaixador, enviando-o à China para colher os frutos da Guerra do Ópio Britânica. A assinatura de um tratado com a China manteve os comerciantes americanos de ópio nos negócios - um comércio que beneficiou um punhado de famílias da Nova Inglaterra e de Nova York.

Tyler foi expulso de seu próprio partido Whig e todos, exceto um membro de seu gabinete, renunciaram. O membro restante do gabinete era Daniel Webster, que devia muito a Caleb Cushing e estava à sua disposição. Tyler foi até mesmo impugnado por não assinar uma lei tarifária, embora o impeachment tenha sido derrotado. Sua falta de apoio em Washington foi tão profunda que ele não compareceu à posse do presidente seguinte. Tyler deixou a política americana para se juntar ao governo confederado, tornando Tyler o primeiro presidente americano a usar armas contra o governo federal. Após sua morte em 1862, Julia retornou a Nova York e trabalhou para promover a causa confederada.

Os Gardiners sobreviveram à acusação por ajudar piratas, sobreviveram às simpatias pró-britânicas após a Revolução e sobreviveram ao sentimento pró-rebelde durante a Guerra Civil. Hoje, o décimo sexto senhor do feudo ainda defende sua reserva dos perigos mais modernos,

como impostos e abandono. A Ilha de Gardiner é a mais antiga propriedade familiar

Esqueletos no armário

desse tipo na América. A propriedade de Gardiner está agora nas mãos de Robert David Lion Gardiner, de oitenta e oito anos, que divide seu tempo entre propriedades em Palm Beach e East Hampton. Com exceção de ter que cumprir impostos, ele é o senhor de seu feudo, assim como um senhor de outro século. Ele regularmente convida visitantes para participar de uma caçada para reduzir a população de veados da ilha.

Pela primeira vez na história da família Gardiner, não há herdeiro direto. A sobrinha de Robert Gardiner, Alexandra Creel, casou-se com outra das primeiras famílias da América, os Goelets, e herdará a ilha. Os Goelets estão na América desde 1676 e construíram sua fortuna no mercado imobiliário, junto com as famílias Philipse e Roosevelt. Um dos Goelets fundou o Chemical Bank com o avô de Theodore Roosevelt. Os Goelets e os Gardiner são rivais há anos, e o último lorde da mansão Gardiner disse recentemente que não está feliz em ver suas terras ancestrais acabarem na província de Goelets. A amarga rivalidade entre Gardiner e Goelet foi extensamente coberta em Filistheus de Steven Gains na cerca viva, e algumas citações anti-Goelet muito coloridas estão em [peconic.net](http://peconic.net),

Embora ambas as famílias mantenham um alto grau de sigilo, Robert Gardiner recentemente abriu sua vida e sua luta aos olhos curiosos da mídia. Historiadores e repórteres tiveram um raro vislumbre da ilha, visitando-a a bordo de um barco da propriedade Gardiner, o Capitão Kidd III.

## THE LIVINGSTON DYNASTY

Robert Livingston, outro dos sócios do capitão Kidd, ficou em grande parte ileso pela prisão de Kidd. A família Livingston viria a desempenhar um papel importante na política de Nova York e da nação, e sua base de apoio era a Maçonaria, que permitia aos membros também operar nos bastidores. Vários dos primeiros escândalos os ligaram à pirataria, roubo e

contrabando, mas seu poder, que sempre esteve logo abaixo da superfície, permitiu-lhes crescer e prosperar até os tempos modernos.

No momento em que Robert Livingston respirava aliviado por Kidd estar preso, a filha de Livingston, Margaret, casou-se com um escocês, seu primo Samuel Vetch. O novo genro trouxe mais notoriedade para a família, o que aparentemente não foi uma preocupação para o clã de Livingston, desde que a notoriedade fosse acompanhada por empreendimento. A família Vetch e a família Livingston já estavam unidas pelo casamento na Escócia. O reverendo John Livingston trouxe o pai de Samuel Vetch para a Igreja Presbiteriana. William Livingston, o irmão mais velho de Robert, também se casou com uma ervilhaca. Samuel Vetch era desprezado por muitos na Escócia, e é improvável que os Livingstons e qualquer outra pessoa na Escócia não soubessem de suas atividades criminosas.<sup>7</sup>

Na Escócia, foi criado um projeto para fundar uma nova colônia na América. A Scotland Company Trading to Africa and the Indies foi formada em junho de 1695 com o objetivo de trazer para a Escócia o que a British East India Company trouxe para a Inglaterra. Os livros de assinaturas, que permitiam a qualquer pessoa com dinheiro comprar ações da empresa, foram rapidamente preenchidos com nomes de comerciantes, armadores e indivíduos ricos, de médicos a viúvas. O plano era comprar navios e trazer colonos escoceses para sua própria colônia, que seria em Darien, na costa do Panamá. Pouca atenção foi dada ao fato de que a terra foi reivindicada pela Espanha, e a empresa não era realmente favorável à Inglaterra.

O projeto foi atormentado por desastre após desastre. Os navios lotados de soldados e colonos estavam mal abastecidos e veriam quarenta mortos antes de chegar ao Novo Mundo. Quando os colonos chegaram ao Panamá, estavam quase morrendo de fome, pois sua comida infestada de vermes mal podia ser tolerada. Mais estavam doentes do que saudáveis, e poucos tinham a habilidade, o desejo ou o conhecimento para construir um assentamento. Um navio atingiu uma rocha no porto, afundou e levou consigo metade de sua tripulação. Membros da tripulação em outros navios tentaram um motim e muitos simplesmente desertaram. Ao final da primeira estação chuvosa, não havia plantações plantadas, nenhuma fortificação erguida, nenhum comércio estabelecido e um governo de cinco

homens em disputa.<sup>8</sup> Havia, no entanto, duzentos túmulos em New Edinburgh.

Depois de dez meses, os colonos estavam prontos para desistir de seu assentamento

Esqueletos no armário

mento. Mais de um terço morreu. Dois navios deixaram a colônia com destino à cidade de Nova York a fim de vender mercadorias e comprar mantimentos. Samuel Vetch estava em um dos navios. No East River ele tentou apreender outro navio, um ato de pirataria que ele explicaria ser seu direito por fretamento. Dois amigos de Robert Livingston ajudaram Vetch. Stephen Delancey e Thomas Wenham eram associados de Livingston que construíram fortunas financiando os piratas de Madagascar. Livingston teve que manter um perfil baixo, no entanto, já estava sob suspeita de sua parceria com Kidd.

Vetch, como seu primo Robert Livingston, provavelmente não deixaria passar uma oportunidade lucrativa. Ele decidiu manter o carregamento de mercadorias destinadas a comprar mantimentos para os colonos famintos em Darien. Livingston o ajudou a vender os bens roubados.

Claro, Vetch não poderia retornar a Darien ou à Escócia; a notícia do fiasco causaria tumultos em Edimburgo. Dificilmente uma família abaixo da linha das Terras Altas não teria a perda de um membro da família ou amigo para assombrá-los como resultado da expedição mal concebida.

Uma segunda viagem viu trezentos de 1.300 mortos antes de chegar à colônia devastada. Poucos conseguiram voltar para a Escócia. Como Vetch provavelmente seria enforcado nas areias de Leith junto com vários outros criminosos relacionados a Darien, ele decidiu ficar em Nova York. Ele se casou com a filha de Livingston, e o magnânimo Livingston deu ao jovem casal como presente de casamento uma casa que já foi propriedade do Capitão Kidd.

Samuel Vetch e John Livingston entraram no negócio de contrabando juntos. Eles compraram um navio e o batizaram de Mary, depois navegaram para o Canadá para importar conhaques e vinhos franceses. Em sua segunda viagem, eles estavam contrabandeando cargas para o leste de Long Island, não muito longe do reino da ilha de Gardiner, quando encontraram

problemas. Esta versão inicial da gangue que não conseguia atirar diretamente "deixou seu navio encalhado sem ancoragem e então decolou, provavelmente para encontrar ajuda. O navio foi levado pela maré para Montauk, onde foi apreendido - completo com carga, logs, e todas as evidências necessárias para apresentar acusações contra o par.

Ninguém foi enforcado; todos foram liberados simplesmente com a perda de um navio

e sua carga. O incidente, no entanto, atraiu atenção indesejada para Robert Livingston, que ainda esperava que o caso Kidd acabasse. Livingston convocou seus marcadores, e Edward Hyde, Lord Cornbury, que assumiu o lugar do governador Bellomont, teve as acusações contra o jovem Livingston e Vetch retiradas. Ele também revogou a Declaração de Confisco, permitindo a Livingston e Vetch manter sua carga. Não por coincidência, o governo de seis anos de Cornbury foi destacado por acusações de suborno, má administração e até mesmo de comparecimento a festas vestido com roupas de mulher.<sup>9</sup>

Samuel Vetch aprendeu com seu primo e logo se tornou um rico comerciante. Ao contrário de seus novos sogros, no entanto, sua sorte não durou. A fortuna o alcançou e ele morreu na prisão de devedores em Londres.

Robert Livingston faria muito melhor.

A vida de Livingston deu uma guinada estranha quando ele viajou a Londres para defender o caso das tribos iroquesas em Nova York. No caminho, seu navio foi abordado por corsários franceses, que não faziam ideia de que mantinham à mercê o patrocinador do pirata mais infame do mundo. A vantagem deles durou pouco, pois o súbito aparecimento de um navio de guerra britânico mudou a situação.

A imensa quantidade de terra mantida pela família Livingston era de pouco valor se não pudesse fornecer uma renda. Em 1710, a oportunidade de transformar as terras ociosas em terras lucrativas veio com um novo governador. Embora Robert Hunter fosse considerado honesto, ele pode não ter sido muito inteligente. Ele havia sido avisado em ambos os lados do Atlântico sobre como lidar com Robert Livingston. Pouco importava para Hunter, cuja tarefa era fornecer um local para acomodar refugiados alemães. Após o primeiro inverno, os palatinos famintos estavam em rebelião aberta contra seu senhorio. O governo inglês recusou-lhes a permissão para partir, e Robert Livingston advertiu sua esposa, Alida, por querer dar-lhes pão. Um segundo inverno gelado encontrou os colonos fugindo através do Hudson na esperança de escapar de seu senhor feudal.

O século XVIII foi marcado por guerras entre ingleses e franceses e, por fim, entre colonos e britânicos. Para os Livingstons, o século foi marcado por revoltas por seus dez

Esqueletos no armário

famílias de formigas. Eles usaram as guerras francesa e indiana para aumentar sua riqueza depois de serem nomeados para a lucrativa posição de provisionar as tropas britânicas. Quando a Revolução Americana veio, a família ficou escarranchada na cerca pelo maior tempo possível. Então, alguns membros voltaram para casa na Escócia e outros fortuitamente apostaram ao lado dos revolucionários.

Um dos bisnetos de Robert Livingston foi Robert R. Livingston. Ele desempenhou um papel fundamental na política e nos maçons, dos quais foi o grão-mestre da filial de Nova York. Em 30 de abril de 1789, ele jurou no primeiro presidente do país, George Washington. Livingston esperava por uma nomeação para o novo governo de Washington, mas não havia nenhuma; era possível que Washington reconhecesse o clã Livingston como jogando em ambos os lados. Vários Livingstons haviam deixado Nova York para as Índias Ocidentais. Alida Livingston Gardiner, que era casada com Valentine Gardiner, partiu para a Inglaterra.<sup>10</sup> Robert R. Livingston manteve sua própria base de poder nos bastidores. O poder dos Livingstons cresceu por meio de casamentos dinásticos, quando um Livingston se casou com John Jay, outro com Astor e outro com Roosevelt. Mas os laços maçônicos eram pelo menos tão importantes.

A loja mais influente e poderosa do estado de Nova York era a Holanda nº 8. Jacob Astor estava ciente do poder exercido pelas lojas maçônicas em sua casa na Alemanha e em Londres. Quando ele chegou à cidade de Nova York, ele usou seu casamento com um membro da família Brevoort para obter entrada na Loja Holland No. 8. Lá ele fez conexões com o governador de Nova York, George Clinton, seu sobrinho e mais tarde prefeito da cidade de Nova York, De Witt Clinton, o barão da terra Stephen Van Rensselaer e a família Livingston.<sup>11</sup> De Witt Clinton, em particular, era um maçom

ardoroso, e entre os cargos que ocupava estavam o grão-mestre da loja, o sumo sacerdote do Grande Capítulo, um grão-mestre do Grande Acampamento de Nova York e o grão-mestre dos Cavaleiros Templários do Estados Unidos. A base de poder de Clinton, no entanto, permaneceria como a Loja No. 8 da Holanda.

Quando Robert Livingston era grão-mestre da Loja Holland No. 8, ele fundou dez outras lojas; ainda assim, a Loja Holanda permaneceu a mais poderosa. A velha guarda de Nova York estava firmemente no controle enquanto a ordem maçônica e a Loja Holanda cresciam em poder. Muitos avançariam em suas carreiras por meio de conexões maçônicas, incluindo Charles King, ex-presidente da Universidade de Columbia; Cadwallader Colden, neto do governador da província; e John Pintard, secretário da Mutual Insurance Company. A Maçonaria recompensou bem a família Livingston, e a família não se afastou do ofício mesmo durante seus anos impopulares. Hoje, a Biblioteca Maçônica de Livingston é mantida na West Twenty-third Street na cidade de Nova York.

Nova York era um centro de poder para o clã Livingston, mas sua influência não se limitava a esse estado. Robert R. Livingston ficou desapontado porque não recebeu uma nomeação na administração de Washington, mas durante a administração de Thomas Jefferson ele se juntou a James Monroe em uma missão na França. Eles foram negociar a compra de Nova Orleans e teriam ficado surpresos quando Talleyrand, o ministro de Napoleão, perguntou: "O que você dará pelo todo?" - referindo-se aos 825.000 milhas quadradas oferecidas para venda. <sup>12</sup>Sem permissão e sem tempo para contatar Washington, os dois homens ofereceram quinze milhões de dólares. Livingston mais tarde assumiu o crédito total pela compra, alterando as anotações em seu diário para dizer que recebera a oferta três dias antes, antes de Monroe chegar à França. O governo negou vigorosamente e publicou o itinerário real de Livingston, e a desgraça custou-lhe qualquer crédito que pudesse ser devido.

A área que foi aberta graças à compra da Louisiana foi um dos primeiros equivalentes do Velho Oeste. Nova Orleans era a porta de entrada. Muito perto da cidade havia um reino pirata que perdia apenas para o reino de Madagascar cem anos antes. A nova Libertalia foi chamada de Baratária, e Jean Lafitte controlou o território como um rei. Da Índia ao Caribe, a carreira de Lafitte se destacou entre os piratas. Como sua marinha era tão grande que não podia navegar em nenhum porto, seu reino, com estuários protetores, tornou-se sua base. Em Baratária, o pirata criou um mercado onde piratas, contrabandistas e comerciantes legítimos

podia comprar e vender sedas, vinhos, especiarias, móveis e escravos, todos levados no mar. O mercado pirata em Baratária tornou-se tão grande que ameaçou os mercadores de Nova Orleans.

Semanas após a compra da Louisiana ser oficializada, um novo governador, nem William Claiborne, foi nomeado. Ele entrou com uma escolta militar para assumir seu cargo. A cidade compareceu à ocasião: dois mil americanos, franceses, espanhóis, italianos, negros haitianos e jamaicanos, orientais de seda, hindus de sárís - e os irmãos Lafitte.<sup>13</sup>

Em pouco tempo, o governador recém-nomeado da área foi instigado a oferecer uma recompensa por Lafitte e seu irmão, Pierre. Lafitte postou sua própria recompensa pelo governador Claiborne. Quando Pierre Lafitte foi capturado, o promotor público John R. Grymes pediu demissão. Em vez de processar Lafitte, ele se tornaria o co-advogado de defesa do pirata. O irmão de Robert Livingston, Edward, um maçom ativo e prefeito da cidade de Nova York, deixou Nova York para se juntar à equipe de defesa. Os dois defensores teriam recebido uma oferta de 20 mil dólares.

Edward Livingston teve vários motivos para deixar Nova York, todos relacionados com dinheiro, especificamente sua falta de dinheiro. As especulações de terras e outros empreendimentos de Livingston o deixaram endividado. Sua posição como prefeito não era tão lucrativa para ele quanto era para ex-prefeitos. Nova Orleans seria o início de uma nova vida. Ele rapidamente se casou com uma viúva francesa de dezenove anos, Louise D'Avezac de Castera Moreau de Lassay, cuja família era proprietária de plantações no Haiti e havia sido expulsa pela insurreição de escravos. Como grão-mestre da grande loja de Nova York, Robert Livingston teve uma influência que se espalhou muito além das fronteiras do estado. Edward Livingston tornou-se grão-mestre da loja da Louisiana na chegada.

Jean Lafitte não era um pirata comum. Diz-se ser um nobre francês cujos pais perderam a vida sob a lâmina da guilhotina durante o Reinado do Terror,<sup>14</sup> o espadachim também era um homem culto que falava quatro línguas. Chamado de "o cavalheiro pirata", Lafitte foi descrito como alto, de cabelo preto e bigode preto. Ele deixou a França a bordo de um navio corsário que mais tarde tomaria de seu capitão, e começou a atacar indiscriminadamente navios de todas as nações. Lafitte começou

nas Seychelles, onde comprou um barco cheio de escravos para o comércio. No caminho para vendê-los na Índia, ele foi perseguido por uma fragata britânica. Precisando desesperadamente de suprimentos, ele capturou outros navios britânicos, incluindo um da Companhia das Índias Orientais. O corsário logo teve uma frota.

A reputação de Lafitte atingiu proporções gigantescas depois que ele usou um de seus navios e quarenta de seus homens para lutar contra um navio britânico muito grande de quarenta canhões tripulado por quatrocentos marinheiros. Os quarenta homens de Lafitte, com punhais na boca e cabeças cobertas por bandana, embarcaram no navio em frenesi. Lafitte comandou um canhão e mirou nos homens que permaneceram no convés, ameaçando-os com a morte certa. Todos eles se renderam.

Do Oceano Índico, Lafitte e sua marinha navegaram para o porto espanhol de Cartagena, onde foi contratado. A cidade acabara de se rebelar e autorizou-o a atacar a navegação espanhola. A certa altura, a marinha de Lafitte tinha cinquenta navios e mil marinheiros piratas. A partir daí, ele construiu seu reino em Baratária. Derivado da palavra espanhola barato, o nome se refere à parte dos ganhos que um jogador dá aos pobres para dar sorte. A cidade pirata de Lafitte tinha um café, um bordel, uma casa de jogos e depósitos. Ele iria alargar os cursos de água para facilitar os navios, cavar canais e até mesmo construir barcaças que navegariam até o porto de Nova Orleans para vender suas mercadorias.

Lafitte sobreviveu aos processos do governador e juntou-se aos americanos na Batalha de Nova Orleans em 1812. Além de ter a proteção legal do advogado e maçom Edward Livingston, outro notável maçom viria em auxílio do pirata. Andrew Jackson recompensou a tripulação de Lafitte com cidadania, e Lafitte tentou se estabelecer. Quando sua tripulação não pôde desistir de seus velhos hábitos, Lafitte navegou para o México e ninguém mais ouviu falar dele.

Os Livingstons, é claro, seriam ouvidos novamente. Hoje, a dinastia Livingston é lembrada nos nomes de locais em Nova York, Nova Jersey e Louisiana. E a família continua ativa na política. Durante o governo Clinton, por exemplo, Robert L. Livingston, o sexagésimo terceiro homem chamado Robert na árvore da família Livingston, era um candidato ao

cargo de presidente da Câmara. Ele faz parte da décima geração, descendente do primeiro senhor do feudo em

Esqueletos no armário

Nova York. Outros membros do clã Livingston ainda possuem vastas extensões de terra em Nova York. Os parentes modernos dos Livingstons incluem a família Bush e Thomas Kean, o ex-governador de New Jersey, que mora no município de Livingston, New Jersey.

## A FAMÍLIA MORRIS

Os Livingstons não foram a única família proprietária de terras a começar na pirataria. O progenitor da família Morris também fez sua fortuna capturando navios e usou os lucros para obter vastas extensões de terra. Nomes de localidades ainda existem nos mapas de Nova York e Nova Jersey que lembram a extensão da propriedade dos Morrises.

Lewis Morris era um pirata que tinha uma comissão do rei que lhe permitia caçar navios nas colônias e dividir seus prêmios com a coroa. Seu sobrinho, também chamado Lewis Morris, estava envolvido no comércio de triângulos. Entre administrar plantações de açúcar em Barbados e usar a mão de obra de escravos importados para criar produtos finais como o rum, o lucrativo comércio de Morris deu a ele uma propriedade nas colônias. O Morris mais jovem seria mais tarde um signatário da Constituição.<sup>15</sup>

O jovem Lewis Morris também fez parte de uma rivalidade incomum que se tornou um importante marco histórico americano. No início da década de 1730, Morris atuou como presidente da Suprema Corte de Nova York, formada por três homens. Um comerciante rico chamado Rip van Dam tornou-se governador e aposentou-se. O novo governador, o coronel William Cosby, era o mais corrupto possível. Ele exigiu que Van Dam devolvesse seu salário de governador e o desse a Cosby. O caso chegou ao tribunal de Morris, onde ele deu um voto em três negando Cosby sua reclamação.

Cosby, no controle da publicação estadual, o New York Gazette, foi implacavelmente atrás de Van Dam e Morris. Os amigos da dupla apoiaram um jornal rival e contrataram John Peter Zenger como editor para retaliar na mídia impressa. Cosby não gostava de desempenhar o papel de vítima

editorial e jogou Zenger na prisão. Depois de um julgamento longo e muito divulgado, a absolvição de Zenger deu início ao processo que mais tarde se desenvolveu na liberdade do

pressione. Coincidentemente, um dos outros dois homens na corte de Morris era o comerciante e financista Frederick Philipse.

## THE PHILIPSE DYNASTY

A família Philipse pertencia à aristocracia latifundiária de Nova York. Frederick Philipse também foi um pioneiro de outra maneira; ele construiu a fortuna da família fornecendo aos piratas bens e dinheiro. Ele já estava no negócio antes de Fletcher assumir o cargo de governador, mas sob o governo de Fletcher, Nova York cresceu como um refúgio de piratas e Philipse lucrou. E muitos sabiam sobre os negócios de Philipse. Um ministro de Salem chamado reverendo John Higginson certa vez escreveu em uma carta a seu filho: "Frederick Philipse, de Nova York, é relatado, tem um comércio pirata com Madagascar há quase vinte anos."<sup>16</sup>

Philipse conhecia bem Kidd e contratou Samuel Burgess, que havia navegado com Kidd como corsário. Burgess foi recrutado após a aposentadoria para navegar até Madagascar com mercadorias para os piratas. Roupas, bebidas, suprimentos navais e munições eram as importações preferidas do Saint Mary's. Esses bens, por sua vez, eram trocados por escravos, uma das únicas exportações de Madagascar.

Outro funcionário da Philipse foi o pirata Adam Baldrige, que foi por um tempo um dos reis piratas de Santa Maria. Embora seu título não desse o direito a Baldrige de governar de maneira monárquica, ele o tornava a cerca número um para itens roubados por piratas - uma posição muito lucrativa. Baldrige comprou mercadorias a preços atraentes e as colocou a bordo de navios para Frederick Philipse. Ele também serviria como agente de viagens, auxiliando piratas aposentados a fazer sua passagem de volta à Inglaterra ou às colônias da América do Norte.

Com o rei pirata Baldrige em Saint Mary's e Burgess navegando de ida e volta para Nova York, o aristocrático Philipse tinha seu próprio império comercial. O pirata Thomas Tew também estava a seu serviço, e Philipse pouco fez para esconder seu papel na pirataria. Um de seus navios que navegavam no Oceano Índico em busca de escravos, contrabando e para se envolver na pirataria chamava-se Frederick.<sup>17</sup>

Mas a vida nem sempre seria simples para Philipse. Após a prisão de Kidd, Bellomont estava em busca de piratas e não hesitou em atrair conhecidos como Philipse. Quando Bellomont ficou sabendo que duzentos piratas estavam recebendo passagem de Madagascar para Nova York em um navio de Frederick Philipse, <sup>18</sup>ele decidiu que dinheiro era mais denso do que amizade. A taxa cobrada de cada ex-pirata era de caras cinquenta libras, mas provavelmente essa era a ponta do iceberg de sua riqueza pessoal; os homens provavelmente estavam carregados de espólios destinados a sustentá-los em seus anos de aposentadoria. Felizmente para Philipse e sua carga, Bellomont não sobreviveria o suficiente para interceptá-lo.

Em seguida, o capitão número um de Philipse, Burgess, foi capturado no mar. Foi a segunda vez para Burgess, que já havia sobrevivido à prisão sendo perdoado por Bellomont. Mas isso foi antes da reação contra a pirataria iniciada pela British East India Company e da prisão de Kidd. Desta vez, Burgess foi levado para Londres, onde foi condenado à morte. Para seu crédito, Philipse mandou para Londres seu filho Adolph, que trabalhou por três anos para salvar Burgess de sofrer o mesmo destino de Kidd. Burgess voltou ao mar e mais tarde viveu seus anos de aposentadoria em Londres como consultor da British East India Company.

Ao contrário dos Livingstons e dos Gardiners, o poder e a riqueza da família Philipse foram divididos após a Revolução. Eles haviam começado nas colônias como parte da aristocracia latifundiária do Vale do Hudson, o que lhes dava direito ao sistema patronal que concedia terras aos favoritos da realeza na Inglaterra: Pelham Manor para Thomas Pell, Philipsborough para os Philipeses, Morrisania para Lewis Morris, Cortlandt Manor para os Van Cortlandts. As famílias no controle dessas extensões extremamente grandes alugavam terras agrícolas para fazendeiros arrendatários, que muitas vezes eram mantidos na pobreza e endividados com suas terras.

Em 1766, o inquilino de Philipse, William Prendergast, iniciou ações de turba ao longo do Hudson que afetariam tanto o clã Livingston quanto as propriedades de outras famílias patronais. Em seu julgamento, Prendergast disse que foi cobrado mais por sua pequena fazenda do que

todos os outros inquilinos de Philipse. Não importa. Ele foi considerado culpado de traição e

ordenado enforcado, desenhado e esquartejado à maneira feudal dos senhores das mansões de Hudson. Quando ninguém se apresentou para executar a execução, Prendergast recebeu uma suspensão e, finalmente, o perdão do rei George III.

O Rei George decepcionou a família Philipse pela segunda vez ao perder a Guerra da Independência. Os Philips faziam parte de um contingente de Nova York que declarou sua lealdade ao rei e assinou a Declaração de Dependência. Frederick Philipse III foi preso pelas tropas de Washington e então ele fugiu de sua casa. Washington confiscou as terras. A família Morris acabou ficando com um terço da bolsa original. Os fazendeiros inquilinos foram autorizados a comprar as fazendas nos outros dois terços após a Revolução.

Alguns dos herdeiros de Philipse se saíram melhor do que Frederick. Como os Livingstons, alguns fugiram para a Inglaterra depois da guerra, enquanto outros conseguiram evitar a marca de conservadores e permaneceram nas colônias. Também como os Livingstons, pelo menos um herdeiro Philipse se casaria com alguém da família Roosevelt. Outro herdeiro de Philipse, Jacobus Goelet, começou sua própria dinastia com terras que eventualmente se uniu à família Gardiner.

Jacobus Goelet fora criado por Frederick Philipse, o senhor da mansão. Peter Goelet, neto de Jacobus, estabeleceu-se nos negócios e na política durante a Revolução. Em vez de ser preso ou deportado, Peter Goelet usou seu relacionamento próximo com os governantes para permanecer em Nova York e prosperar. O relacionamento de Goelet com o controlador da cidade, Benjamin Romaine, permitiu ao clã Goelet adquirir imóveis de forma tão favorável quanto fizeram os Astors e outros investidores de grande escala como os Rhinelanders, Schermerhorns e Lorillards.

Romaine foi um professor fracassado que encontrou sua verdadeira vocação como um dos primeiros membros da Tammany Society, que foi fundada como uma instituição de caridade fraternal para veteranos da Guerra Revolucionária em 1789, logo após a posse de Washington. A Sociedade de Cincinnati de Washington era apenas para oficiais e, mais tarde, para aqueles com linhagens familiares aristocráticas. A Sociedade Tammany era destinada a homens de todas as classes, embora rapidamente tenha surgido como uma organização corrupta que ajudou apenas um

punhado a saquear os cofres do governo. Enquanto a história de Nova York aponta

Esqueletos no armário

o dedo no Boss Tweed e em outros que eram os mais corruptos, os principais beneficiários, como as primeiras famílias de Nova York, emergiram com fortunas maiores, poucas críticas e nenhuma penalidade criminal ou civil por seus papéis.

Os dois filhos de Goelet se casaram com as filhas do comerciante escocês Thomas Buchanan e promoveram a ascensão da família. Os Goelets mais jovens fundaram o Chemical Bank of New York numa época em que havia um sentimento anti-bancário em Nova York. Era quase impossível conseguir um alvará de um banco, então várias empresas conseguiram um alvará para um certo tipo de negócio e, mais tarde, alteraram o alvará original. A New York Chemical Manufacturing Company era uma pequena empresa formada para produzir corantes, tintas e medicamentos. Um ano depois de obter a licença para este negócio, tornou-se um banco. O Chemical Bank contou com várias gerações de Goelets no conselho de administração.

A próxima geração de Goelet coletaria fortunas ultrapassando a marca de US \$ 100 milhões quando suas terras, incluindo Union Square e Fifth Avenue, fossem apreciadas. Famílias como Goelets, Astors e Rhinelanders se tornaram a "Velha Nova York", já que possuíam muitas propriedades. E sua fortuna cresceu com a população da cidade.

Quando Newport, em Rhode Island, começou a atrair gente como Astors e Vanderbilts, os Goelets também construíram sua própria mansão. As filhas de Goelet se casaram bem, incluindo o casamento de Hannah Goelet com Thomas Russell Gerry. Os descendentes de Goelet-Gerry fizeram laços com os Livingstons, Harrimans e Gallatins, bem como com a realeza britânica. O iate de Robert Goelet rivalizava com os iates dos Astors, Vanderbilts e JP Morgan.

Em 1870, J. Pierpont Morgan fundou sua própria sociedade de elite, que chamou de Zodiac Club. A associação, como a dos clubes privados aos quais o pai de Morgan pertencia, era limitada a doze homens brancos anglo-cristãos. Pierpont, o pai de JP Morgan, alegou que a árvore genealógica incluía o pirata Morgan, e para levar para casa o ponto, ele

chamou seu iate de Corsair e voou no Jolly Roger. Cem anos depois que o Zodiac Club foi fundado, Robert Goelet dividiu uma das cobiçadas cadeiras com onze dos mais poderosos empresários do Meio-Atlântico.<sup>19</sup>

Apesar da diluição causada pelos casamentos, a riqueza do clã Goelet secreto é de longo alcance. Eles estiveram envolvidos com Guaranty Trust, Equitable Trust, Illinois Central Railroad e Union Pacific Railroad e instituições como a Metropolitan Opera e o Museu de História Natural de Nova York. Por meio da Goelet Corporation, a família tem interesses em mineração, petróleo e gás.

O Knickerbocker Club já representou o maior nível de riqueza da cidade de Nova York. Como Nova York é a capital financeira do mundo, a entrada neste clube não é mais apenas para pilares da sociedade nova-iorquina, como Goelets e Astors. Em 1965, as fileiras do Knickerbocker incluíam Aga Khan, Giovanni Agnelli, C. Douglas Dillon, du Ponts, Goulds, Huttons, Ingersolls, Rockefellers, Alfred Sloan e William Vanderbilt.<sup>20</sup>

## PIRATAS A PATRÍCIA

Quando os Cavaleiros Templários foram dissolvidos no século XIV, eles tinham em seu núcleo um punhado de famílias ricas e nobres que sempre agiram nos bastidores. Embora o analfabeto Jacques de Molay tenha sido queimado na fogueira, o núcleo da elite permaneceu vivo e bem. A maioria dos Templários comuns também sobreviveu - não em suas propriedades na França, mas na clandestinidade. Eles foram protegidos pelos herdeiros das famílias normandas na França que detinham o poder na Escócia. E eles foram protegidos por sua lealdade jurada um ao outro. Em terra, alguns ex-Templários encontraram trabalho como mercenários e outros no comércio de construção. Eles estabeleceram um sistema de senhas secretas e apertos de mão e uma rede de lojas que os protegia de divulgação e de desempregados em um mundo feudal.

Como havia um punhado de famílias centrais por trás dos Templários, haveria um punhado de famílias centrais por trás dos ex-Templários. A mais conhecida é a família Sinclair da Escócia. A rede de lojas criada após a queda dos Templários surgiu como Maçonaria e a família Sinclair foi nomeada como hereditária

guardiões. Os ex-Templários foram empregados em terra pela família Sinclair como trabalhadores da construção e no mar como marinheiros na enorme frota Sinclair. Os mesmos homens que navegaram sob a bandeira de caveira e ossos cruzados como Templários continuaram a navegar nos mares.

A Reforma desempenhou um papel prejudicial na divisão dos Stuarts Católicos da Escócia, Inglaterra e outras famílias da elite que apoiaram os Templários na França. Após um século de deslocamento e guerras massivas, a Europa experimentou um colapso na moralidade. A América era habitada alternadamente por qualquer grupo religioso que estivesse em declínio na Europa. Os protestantes franceses conhecidos como huguenotes, os escoceses católicos e protestantes e os ingleses se encontrariam na América e, em alguns casos, continuariam as guerras iniciadas em casa. A Maçonaria, no entanto, serviria para romper a divisão religiosa.

As lojas maçônicas forneciam um refúgio para muitos e eram lugares onde as idéias de tolerância e fraternidade prevaleciam em um mundo intolerante. Para muitos, o sistema de alojamento oferecia a possibilidade de romper com o sistema de castas. A comunidade pirata deu um passo além: democracia em sua forma pura, irmandade, proteção mútua e igualdade existiam entre os piratas de uma forma raramente vista em outros lugares. O Reino da Libertalia poderia ter servido como modelo de sociedade se não tivesse sido colorido pela ficção pirata e manchado por sua prosperidade estar ligada a bens roubados. Na Libertalia, todos os homens tinham direito a voto, a riqueza era mantida individualmente e tudo fornecido para a comunidade. Os velhos e enfermos eram sustentados por todos. O crime contra outros piratas era raro; não só estava cada homem armado e perigoso, mas também cada um havia assinado artigos que não permitiam tal atividade. A presença de qualquer homem que causou perturbação na comunidade não era tolerada na lei ou na prática.

Ao mesmo tempo, tanto a loja maçônica quanto a vida pirata foram dominadas pelos mesmos males que permeiam a condição humana. Orgulho e ganância garantiam que alguns estivessem em um nível mais alto do que outros. Embora a igualdade possa existir dentro de uma loja

individual, as lojas logo se separaram, com os capitães do mar e armadores pertencendo a uma e os estivadores e tripulações de navio pertencendo a outra.

Como nos primeiros dias dos Cavaleiros Templários, algumas famílias centrais foram capazes de usar e descartar os soldados rasos à vontade. Os piratas que navegavam sob a mesma bandeira dos Templários precisavam contar com a elite de poucos que podiam andar nos dois mundos. Como os Sinclairs no Velho Mundo, os Livingstons, Gardiners e Philipsses no Novo Mundo podiam operar e lucrar por meio de sua conexão com o submundo. Ao mesmo tempo, eles poderiam se retirar para suas casas senhoriais, enquanto os Kidds e os De Molay carregavam a culpa.

Embora a semente de uma sociedade democrática tenha se formado a bordo dos navios piratas e entre as unidades de combate dos Templários, os restos de uma sociedade feudal permaneceram. Ex-templários e famílias de elite continuaram seu relacionamento simbiótico na América nos anos que se seguiram. A riqueza da família seria construída por meio de sociedades secretas. Os lucros seriam obtidos com o contrabando, o comércio de escravos e até mesmo o negócio do tráfico de ópio, onde as frotas dos comerciantes da China ainda navegariam sob a cabeça e os ossos cruzados. Como no século XIV, os riscos muitas vezes eram suportados por muitos, enquanto os ganhos eram desfrutados apenas por poucos que podiam existir nos dois mundos.

## PARTE DOIS

# A Loja e o Revolução

QUA  
TRO CENTENAS ANOS DEPOIS Templár  
io  
pedid po autoridade ist  
o era proscrito r a papal , o era ainda  
Forma entidade Apesar  
vivo no a to do numeroso s. de ser  
fraturado por a religioso disputas o Europa, a o pedid  
ainda manteve muitos de seus objetivos, que incluíam ência,  
resistênci  
a aos dominadores poderes religiosos de a dia,  
um  
e a conspiratório fraternidade do auto-proteção. Por  
décimo estava  
o cedo oitavo século lá m de várias instituir  
a  
part  
ções que podem reivindicar descida direta r de a original  
Cavaleiro Templári Entre esses grupos estav militares

s o. am  
orden naq existi segred sociedad  
s uela poderia r no a abrir e o es  
que sobreviveu no subsolo. A sociedade secreta d o debaixo-  
chão Maçonaria na Escócia era a ia autêntico  
grupo Templário remanescente, e mais tarde chamaria em si o  
Antiga Loja.

O sistema de alojamentos subterrâneos fora o refúgio dos ex-Templários; por décadas, ajudou muitos a sobreviver e evitar a prisão. Com o passar dos séculos, entretanto, o sistema de lojas tornou-se mais aberto e deu origem à Maçonaria mais pública. O mundo e as lojas maçônicas se dividiriam como resultado da religião, política e economia. Todos os maçons não seriam mais bem-vindos em todas as lojas.

A Europa e a Maçonaria seriam dilaceradas pela revolta contra o papado. Os conflitos que começaram na Europa encontraram seu caminho no Atlântico, assim como as soluções. A revolta contra a Igreja levou a uma revolta contra o sistema aristocrático que mantinha a maioria em uma casta camponesa. Essa revolta econômica deu origem a uma classe média da qual qualquer um poderia participar, desde que encontrasse um meio. Sociedades secretas e violações de leis forneceram o caminho mais rápido para a prosperidade econômica.

A Europa estava repleta de grandes e pequenas conspirações. Os homens conspiraram para se proteger dos horrores das constantes guerras pela religião. Eles conspiraram para proteger sua própria indústria, mantendo a concorrência de fora. Eles conspiraram para quebrar uma série de leis comerciais que pouco contribuíram para fomentar o comércio e muito para enriquecer os reis. E em todos os lugares que havia conspiração, havia lugares para conspiradores se encontrarem. O sistema de alojamento fornecia esse refúgio.

Nem toda conspiração pode ser considerada ruim. Ingressar em uma sociedade secreta na América forneceu os meios para elevar a posição de alguém na vida, encontrar trabalho, pertencer a uma comunidade e transcender as disputas religiosas dos europeus. Ao mesmo tempo, também forneceu caminhos para a riqueza por meio da violação da lei, e gerou dissensão e incitou as turbas contra o governo fraco. Assim que as hostilidades contra a coroa começaram, as sociedades secretas permitiram aos colonos criar uma rede de espionagem e atacar o inimigo da forma mais desavisada.

A Revolução Americana começou como uma reação à Grã-Bretanha reprimindo o contrabando. Aqueles que os britânicos declararam contrabandistas eram considerados pelos americanos simplesmente como mercadores, embora esses mercadores tivessem algo em comum. Como

piratas, os contrabandistas precisavam de conexões para sobreviver. Isso significava pertencer às lojas certas. Embora o contrabando fosse feito por comerciantes individuais, exigia

um sistema de suporte que não era nada pequeno. Os comerciantes que compravam até mesmo mercadorias básicas de qualquer uma das numerosas possessões europeias no Novo Mundo estavam quase sempre infringindo a lei. Um sistema de confiança evoluiu por meio de uma sociedade secreta: a Maçonaria.

A Revolução Americana foi travada por uma rede de espíões, diplomatas, contrabandistas, maçons e comerciantes de escravos. Embora raramente estivessem unidos politicamente, eles compartilhavam um interesse - e os meios para realizar seus interesses. Os laços maçônicos permitiram que conspiradores da Inglaterra, Nova Inglaterra, Nova York e as Carolinas encontrassem um terreno comum e fizessem movimentos críticos nos bastidores. Um exemplo proeminente é Benjamin Franklin, que se moveu livremente pelos círculos maçônicos que se estendiam de Londres a Paris e Nantes. Franklin foi capaz de provocar descontentamento entre os britânicos, trazer suprimentos da Holanda e, por fim, trazer os franceses para a guerra. Da Grã-Bretanha, Franklin alistou membros de uma entidade hedonista conhecida como Hellfire Club, cujas atividades orgiásticas chocariam até a Grã-Bretanha moderna para reunir apoio público contra a guerra e pelos Filhos da Liberdade. Por meio de uma rede de contrabando que operava no Caribe a partir das Bermudas e da Europa, os capitães do mar americanos forneceram munições aos revolucionários. As conexões maçônicas de Franklin na França eram ricos comerciantes de escravos, geralmente huguenotes, que operavam por meio de sistemas de alojamento que alcançavam todos os lugares em que seus navios navegavam. Amigos também foram encontrados entre a classe aristocrática na França, com a Maçonaria novamente pavimentando o caminho - mesmo que a realeza fosse católica fervorosa. frequentemente huguenotes, que operavam por meio de sistemas de alojamento que alcançavam todos os lugares em que seus navios navegavam. Amigos também foram encontrados entre a classe aristocrática na França, com a Maçonaria novamente pavimentando o caminho - mesmo que a realeza fosse católica fervorosa. frequentemente huguenotes, que operavam por meio de sistemas de alojamento que alcançavam todos os lugares em que seus navios navegavam. Amigos também foram encontrados entre a classe aristocrática na França, com a

Maçonaria novamente pavimentando o caminho - mesmo que a realeza fosse católica fervorosa.

Em um movimento mais audacioso, uma rica família francesa subornou o almirante britânico que comandava o esforço de guerra para negar apoio a Cornwallis em Yorktown. Ao mesmo tempo, o contingente francês liderado pelos Cavaleiros da Ordem Soberana de Malta abastecia o lado americano. A Revolução Americana foi vencida não no campo de batalha tanto quanto nas reuniões secretas de vários conspiradores como Benjamin Franklin e seus irmãos de loja.

Com a guerra vencida, os arquitetos da nova república deram à luz um governo impregnado de simbolismo maçônico, enquanto Washington fundou uma sociedade aristocrática onde a reprodução e a hereditariedade eram os

ingressos mais importantes para a admissão. Estranho? Sim, mas menos à medida que se compreende o turbilhão do mundo do século XVIII, em que as velhas formas de autoridade religiosa e aristocrática eram desafiadas regularmente.

As mudanças dramáticas que afetaram a vida diária de todos criaram uma nação, ao mesmo tempo que fomentaram uma nova elite. A nova elite, infelizmente, promoveu uma atitude elitista muito depois da independência que permitiu a atividade criminosa, desde que fossem os seus beneficiários finais.

John Hancock pode servir como o melhor exemplo de um maçom bem relacionado que se tornou um grande patriota por causa de sua própria fortuna. Com um pé em uma loja de elite e o outro em uma loja de trabalhadores, ele de alguma forma foi capaz de se apresentar como um campeão da liberdade e um príncipe da indústria. Hancock viajou em uma carruagem bem equipada por Boston vestido com o roxo aristocrático que era sua marca registrada, mas ele seria um herói para os milhares de trabalhadores portuários que dependiam dele para o emprego. Pode-se argumentar que a Revolução Americana começou quando um navio pertencente a Hancock, o *Liberty*, foi apreendido. O evento e as ações que se seguiram conectaram o rico Hancock e sua loja à classe trabalhadora, que pertencia a várias outras lojas, e a Sam Adams.

John Hancock nasceu em uma família mercantil rica e conectada. Ele se tornou um dos comerciantes mais ricos por herança de um tio. Ele entendeu desde o início que um comerciante precisava de conexões, e uma maneira muito importante de desenvolver essas conexões era por meio da Maçonaria. O tio de Hancock tornou-se maçom em uma loja aristocrática no Canadá. Ao ser admitido em uma loja em uma cidade, ele poderia então participar de reuniões em outras cidades. Em Boston, Hancock comparecia às reuniões de uma loja da classe trabalhadora conhecida como *Saint Andrew's*.

A Maçonaria estava passando por uma grande mudança. O ofício na América e na Inglaterra havia sofrido uma diluição de seus valores originais, que incluíam liberdade e igualdade. Embora a liberdade fosse valorizada por todos, a igualdade não estava presente no novo sistema de

classes. O que seria chamado de Maçonaria "moderna" compartilhava muito com as crescentes classes mercantis e profissionais que

formou o partido inglês Whig na arena política e uma classe burguesa na economia. Com os novos maçons aceitos por convite e acordo comum, os indivíduos nos escalões mais baixos da sociedade em mudança - um pedreiro, por exemplo - nem sempre eram bem-vindos. Isso foi um repúdio aos ideais maçônicos, e o efeito foi que uma classe de elite teve permissão para desenvolver e servir às carreiras de seus membros.

Política e religião ainda eram inseparáveis, e os Maçons da Loja Moderna eram pró-Parlamento e muito protestantes em uma época em que o mundo ainda estava lutando uma série constante de guerras por causa das inclinações religiosas e casamentos de seus reis e rainhas.

Em 24 de junho de 1717, representantes de quatro lojas inglesas se reuniram na cervejaria Goose and Gridiron em Londres e criaram a Grande Loja. Ao tornar-se pública, a Grande Loja, também conhecida como Loja Mãe, encerrou séculos de operações clandestinas. Em vez de ser uma guilda de artesãos onde membros das mesmas profissões podiam se encontrar e agir para servir aos interesses uns dos outros, não era mais necessária uma determinada profissão para ser membro. A maçonaria no estilo da Grande Loja tornou-se a maçonaria "especulativa"; esta interpretação moderna eliminou os títulos e ferramentas de um ofício de trabalho e os transformou em símbolos místicos. Havia quatro lojas principais na Inglaterra que foram a público para criar a Grande Loja. Eles se encontravam há anos, então não era um grande acontecimento na época. Em dois anos, o número de lojas aumentou dez vezes,<sup>1</sup>

Quando essas lojas se encontraram, eles brindaram ao rei de Hanover e cantaram canções patrióticas. Como isso ocorreu pouco tempo após a mais recente rebelião escocesa, os maçons modernos esperavam que a divulgação pública os distanciasse dos maçons escoceses e os ajudasse a evitar suspeitas.

O estabelecimento da Grande Loja Inglesa Moderna como uma instituição pública serviu a mais de um propósito: permitiu que os maçons ingleses se distanciassem publicamente dos maçons jacobitas, e também pode ter forçado as lojas escocesa e irlandesa a se tornarem públicas. Em um mundo muito complicado, onde a mudança da monarquia freqüentemente levaria à guerra, essas lojas eram ostensivamente pró-

católicas e pró-monarquia; na Inglaterra, eles foram a base para o partido Conservador. Mas ao mesmo tempo que

essas lojas foram acusadas de serem reacionárias, elas realmente consideravam os melhores ideais maçônicos como verdadeiros.

Embora muitas vezes caíssem no lado católico das intermináveis guerras religiosas, a Grande Loja tinha mais a ver com a tradição dos Templários do que com a adesão à autoridade papal. A Grande Loja tinha três graus: Aprendiz, Companheiro e Mestre Maçom. A Maçonaria do Rito Escocês reivindicou graus mais elevados e descendência direta da organização Templária.

Em 1603, Jaime VI da Escócia tornou-se Jaime I da Inglaterra. James era um Stuart, e sua família estava ligada às famílias Guise-Lorraine da França, que foram fundamentais na criação dos Cavaleiros Templários. A velha espada dos Templários e a espátula do mestre construtor, que eram tão importantes para os papéis nascidos centenas de anos antes, agora faziam parte da heráldica Stuart. A ascensão de Stuart ao trono tentou desfazer as perdas da Escócia e do catolicismo. Famílias nobres escocesas desempenharam um papel importante nos assuntos da Inglaterra, e duas famílias, os Hamiltons e os Montgomeries, mudaram-se para a Irlanda para iniciar a plantação de Ulster.<sup>2</sup> Jaime I era católico e maçom e, no início do século XVII, seu status politizaria a Maçonaria. James lutou constantemente com o Parlamento, que tentava aumentar sua influência em questões como tributação, política externa e religião. A regra de Stuart não duraria o século; terminou com a Revolução Gloriosa de 1688.

Carlos I, filho de Jaime I, subiu ao trono em 1625. O Parlamento de 1640 a 1641, entretanto, declarou que ele, e não o rei, tinha o poder de tributar. Essa ameaça ao poder do rei pode ter levado à rebelião de 1641 na Irlanda contra o domínio protestante. Enquanto Carlos I era realmente anglicano, sua esposa e sua família Stuart eram católicas. O Parlamento viu a rebelião irlandesa como uma conspiração; eles achavam que o rei estava usando o leão-rebelde para levantar tropas e formar uma contra-revolução contra o protestantismo. O Parlamento tentou acabar com o poder do rei de reunir tropas, mas o rei ordenou que os soldados prendessem alguns membros do Parlamento. A guerra civil estourou e terminou com a decapitação do rei Stuart.

A alternativa para as ações de Charles foi pior, no entanto, com Cromwell atacando não só os católicos, mas também seitas extremistas de protestantes. Sua comunidade não durou uma década e, surpreendentemente, o filho do rei decapitado, Carlos II, foi colocado no trono. Carlos II aboliu muitos dos privilégios da monarquia, mas quando seu irmão católico, Jaime II, assumiu o trono, o velho bicho-papão religioso apareceu novamente. James foi despejado na Revolução Gloriosa.

Charles e James tinham uma irmã, Mary, que se casou com o príncipe holandês de Orange. James também tinha uma filha chamada Mary, que era protestante e que também fortaleceu os laços familiares com os holandeses ao se casar com o filho do príncipe de Orange, William III. A Casa Holandesa de Orange foi unida desde os tempos antigos com a Casa Alemã de Nassau, uma região que faz fronteira com o estado de Hesse. Ela abandonaria a designação Nassau-Orange e passaria a ser chamada simplesmente de Casa de Orange. As famílias alemãs eram especialmente adeptas da arte dos casamentos estratégicos e, após a luta duramente conquistada para obter o trono inglês, os Stuarts o perderiam para a Casa de Orange.

Uma nova Declaração de Direitos foi estabelecida sob Guilherme de Orange e Mary, mas não se parecia com a Declaração de Direitos americana posterior, uma vez que baniu os católicos do trono. O governo de William e Mary também deu origem às facções Tory e Whig. A facção Whig era composta de várias famílias inglesas e escocesas poderosas e estava baseada na Holanda protestante, que estava sob o governo da Casa de Orange. Uma irmandade modelada na Maçonaria foi estabelecida e se autodenominou Ordem de Orange. Era anticatólica e seu legado vive até hoje em Belfast, onde a ordem não mais secreta tem cem mil membros.<sup>3</sup>

Quando William morreu (anos após a morte de Mary), a filha de James II, Anne, assumiu o trono. Quando Anne morreu, a Casa de Orange cedeu o trono aos governantes do estado alemão de Hanover. Desse ponto em diante, os hanoverianos forneceram à Inglaterra todos os seus monarcas, embora tenham mudado o nome da família muito mais tarde para Casa de Windsor, para parecer menos alemão. Anne foi sucedida pelo neto de Elizabeth Stuart e Friedrich, o conde Palatine.

Os Stuarts acreditavam que poderiam reconquistar o trono. Com o propósito de colocar um herdeiro Stuart de volta ao trono, um novo ramo da Maçonaria foi criado por Michael Ramsay, um místico escocês e tutor dos filhos de Jaime III. Seu plano era ressuscitar os velhos ideais. Ele modelou o novo ramo segundo os Cavaleiros Templários e, pela primeira vez em trezentos anos, reivindicaria publicamente o que muitos na Escócia e na Irlanda haviam mantido em segredo: que a organização maçônica era a herdeira direta da organização clandestina original. Um dos co-organizadores de Ramsay, o Conde de Derwent Water, afirmou que a autoridade para criar a Loja dos Cavaleiros Templários veio da Loja Kilwinning, a loja mais antiga da Escócia.

A Loja Kilwinning foi realmente formada antes da prisão dos Templários. Data de 1120 e, no século XVII, estava praticando a Maçonaria especulativa, o que significa que não era simplesmente uma guilda de artesãos. A história da Loja Kilwinning é complicada, pois ela foi primeiro independente, depois uniu-se, depois se separou e depois se juntou novamente à Grande Loja da Escócia.

Após a criação da nova loja, uma série de levantes pró-Stuart Jacobite do início do século XVIII começou, que culminou na horrível derrota em Culloden em 1746. Para os ingleses, Culloden era para ser a última tentativa da Escócia. Após a batalha, os sobreviventes foram caçados e mortos. Suas famílias também foram processadas, e uma emigração escocesa em massa se seguiu - grande parte dela para as Américas.

Os eventos no Reino Unido afetaram de várias maneiras o continente americano: as guerras europeias tornaram-se guerras americanas, os protestantes aumentaram suas suspeitas sobre os católicos e o deslocamento de populações e a intolerância religiosa causaram ondas de migrações de puritanos, huguenotes e católicos escoceses e irlandeses. Esses eventos também mudaram para sempre a Maçonaria. A Maçonaria estava ligada aos Stuarts na Escócia, já que o ofício se desenvolveu e as lojas se reuniram desde os dias antigos do status de guardião de Henry Sinclair. Não foi, entretanto, uma conspiração jacobita, já que as lojas também se reuniram na Inglaterra entre o sistema anti-jacobita, pró-Whig e pró-Parlamento que estava no poder.

Na América, a Grande (Moderna) Loja foi estabelecida cedo. Embora registros precisos permaneçam desconhecidos, uma das primeiras nomeações foi do duque de Norfolk, que em 1730 concedeu a Daniel Coxe de Nova Jersey o título de grão-mestre para Nova Jersey, Nova York e Pensilvânia.

Em 1733, Henry Price fundou uma Grande Loja em Boston. <sup>4</sup>James Oglethorpe, conhecido na história americana como o fundador da colônia da Geórgia, estabeleceu e tornou-se mestre da loja de sua colônia em Savannah. Sua família incluía jacobitas ativos, e seu comando nada entusiasmado das forças inglesas o levou à corte marcial.

Em 1738, havia lojas estabelecidas que se reuniam em Boston, Nova York, Filadélfia, Charleston e Cape Fear, na Carolina do Norte. <sup>5</sup>Elas atraíram e admitiram os mercadores e armadores, excluindo o trabalhador médio. Essa não era a intenção da Maçonaria escocesa, que se apegou aos princípios de uma sociedade igualitária.

Em Boston e Filadélfia, surgiram novas lojas, aparentemente sem qualquer autoridade. O mais famoso é o Saint Andrew's Lodge em Boston, que se reunia na Green Dragon Tavern. Ele recebeu seu mandado da Loja de Rito Escocês, em vez da Grande Loja, e um fis-sure foi criado na Maçonaria americana. As antigas lojas atraíam um punhado de mercadores, mas eram compostas principalmente por artesãos, carpinteiros e construtores navais. As exceções notáveis na Loja de Santo André foram o Dr. Joseph Warren, que se tornou grão-mestre, e John Hancock. Ambos os homens desempenharam papéis importantes nos primeiros conflitos que iniciaram a guerra.

Os maçons desempenharam papéis tanto no lado inglês quanto no lado americano do conflito. Na confusão, uma revolução iniciada pelos Boston Whigs operando em uma loja fretada por um sistema de lojas escocês encontrou como oposição os católicos escoceses que permaneceram conservadores. Assim como irmão lutou contra irmão e vizinho lutou contra vizinho, os maçons também lutariam em ambos os lados da Revolução Americana.

As influências maçônicas iniciaram a guerra e as conexões maçônicas penderam a balança para o lado revolucionário. Quando a guerra finalmente acabou, a Maçonaria desempenhou o papel mais importante na criação da nova nação.

## capítulo 5

# TRAFICADORES, PATRIOTAS E MAÇONS

O No dia 16 de novembro de 1776, foi disparada a primeira saudação reconhecendo a soberania dos Estados Unidos da América. Pode ter sido disparado pela França, que estava a poucos dias de entrar na luta - res para as colônias americanas. Pode ter sido disparado pela Espanha, que era a próxima na fila e estava sendo cortejada por agentes americanos. Ou poderia ter sido disparado por qualquer número de países europeus que desejassem ver a Grã-Bretanha sofrer um revés em sua conquista do mundo. Mas não foi.

O tiro foi disparado pela minúscula possessão holandesa de Santo Eustatius, uma ilha no Caribe que era desconhecida na época, exceto pelos capitães do mar e comerciantes, e dificilmente conhecida hoje, apesar do apelo do Caribe para os viajantes. O tiro foi disparado em resposta a uma saudação nacional de arma de fogo do brigadeiro americano Andrew Doria. Embora poucos tenham ouvido falar da pequena ilha comumente chamada de Statia, ela foi fundamental para decidir a Guerra Revolucionária Americana e, como resultado, a independência americana. Golden Rock, como a ilha também era chamada, era o quartel-general central de uma enorme operação de contrabando que durou todo o século e que fornecia armas e munições ao lutador exército continental.

No momento mais crítico da Revolução Americana, o almirante britânico Rodney comandava uma frota de navios de guerra britânicos. Ele havia sido instruído a se encontrar com Cornwallis em Yorktown, onde os britânicos estavam entrando e esperando por reforços e suprimentos.



Rodney foi responsável por trazer ajuda de sua frota para Cornwallis e instruir a frota em Nova York para trazer mais ajuda. Se Rodney tivesse chegado à Virgínia, a combinação de americanos desordenados e cansados da guerra e seus novos aliados não teriam tido sucesso.

Rodney decidiu, em vez disso, punir a minúscula ilha de Santo Eustácio. Mais tarde, ele justificou sua ação afirmando: "Esta rocha de apenas seis milhas de comprimento e três de largura fez mais mal à Inglaterra do que todas as armas de seus mais poderosos inimigos, e sozinha apoiou a infame rebelião americana". Em vez de acelerar em direção à Virgínia, o Almirante Rodney demorou a atacar e depois saquear as centenas de navios mercantes e provisões da ilha. O minúsculo porto "livre", lar de contrabandistas de várias nacionalidades, pagou o preço por ajudar a causa americana. Só 163 anos depois, o presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, um holandês de ascendência que nasceu em uma família que não era estranha ao negócio do contrabando, iria homenagear a ilha holandesa por disparar sua primeira saudação.

É muito possível que Santo Eustatius tenha conseguido desempenhar duas funções: ser um dos principais depósitos de suprimentos da guerra e fornecer uma diversão ao almirante Rodney. As ações da ilha podem ter feito Rodney perder o papel mais importante que ele poderia ter desempenhado na Revolução - bem como a habilidade de emergir da batalha com sua riqueza e prestígio intactos. Não foi por acaso que Rodney não estava presente para salvar a guerra.

Não há dúvida de que a Batalha de Yorktown foi a batalha mais crítica da guerra de dez anos. Depois que Saratoga foi perdida pelos britânicos, o público inglês começou a perder o apetite por uma guerra prolongada. Yorktown garantiu a vitória para os americanos e foi uma verdadeira derrota para os militares britânicos, graças em grande parte ao exército e marinha franceses. Isso desanimou a população inglesa e, finalmente, desequilibrou a balança no Parlamento. A rendição de Cornwallis acompanhada pela melodia de "The World Turned Upside Down", tocada pela banda militar enquanto o exército entregava suas armas, marca o início do fim

da guerra, embora o tratado de paz tivesse que esperar mais dois anos. Também marca o reconhecimento da independência americana.

Mas a guerra que terminou com o desvio fornecido por um refúgio de contrabandistas também começou com uma tentativa de conter o contrabando.

## LIBERDADE APREENDIDA

Em maio de 1768, o Liberty, um saveiro que transportava uma carga de vinho importado da Madeira, entrou no porto de Boston. O capitão disse ao despachante aduaneiro, Thomas Kirk, que continha 25 tonéis de vinho, mas o agente sabia que o navio poderia transportar muito mais carga do que o declarado. Afinal, era um navio pertencente a John Hancock. O despachante aduaneiro resolveu procurar por si mesmo.

Uma vez a bordo do Liberty, Kirk foi empurrado para uma cabana por uma gangue de homens que fechou a porta com pregos. Enquanto o agente estava trancado a bordo, o navio foi descarregado. Quando Kirk foi libertado, ele foi avisado por outro capitão que sua vida e propriedade estavam em perigo caso ele abrisse a boca sobre o que aconteceu. Ele poderia ter concordado, exceto que o navio de guerra britânico Romney também havia estacionado no porto de Boston. Kirk apresentou seu relatório, acusando um dos comerciantes mais prósperos da cidade de contrabando.

O capitão do Romney desembarcou tropas, apreendeu o Liberty e rebocou-o para seu próprio navio. Ele subestimou a raiva da multidão de Boston, no entanto. Mil homens ganhavam a vida por causa da ambiciosa empresa administrada pela família Hancock. Eles foram às ruas armados com cassetetes. Seus primeiros alvos foram os despachantes aduaneiros. Vários foram espancados pela turba. Um deles, Joseph Harrison, tinha seu próprio barco no cais, que foi incendiado pela turba. Enquanto a multidão apedrejava a alfândega, o vinho Madeira de John Hancock foi retirado com segurança das docas.<sup>1</sup>

Não é por acaso que Boston se tornaria a sede da Revolução Americana. A economia de Boston, e de fato a economia de toda a parte oriental de Massachusetts, dependia de seus interesses marítimos. O rei da Inglaterra dependia da renda que pudesse

desviou o negócio do comércio e ele aprovou leis que impediam a lucratividade do comércio. Como resultado, Boston também foi o epicentro do contrabando americano.

A resistência foi financiada por um punhado de homens, incluindo John Hancock, Josiah Quincy, Elbridge Gerry, James Bowdoin e Richard Derby<sup>2</sup>O contrabando serviu tanto como causa quanto como solução para o problema. O que seria considerado comércio livre para os mercadores da Nova Inglaterra era, na verdade, contrabando de acordo com as leis da Grã-Bretanha. A vida econômica das colônias dependia da violação das leis. A América tornou-se tão adepta do contrabando que se tornou o principal meio de abastecimento para a longa guerra.

A Grã-Bretanha aprovou uma série de leis ao longo dos cem anos anteriores, começando em 1660, quando o rei impôs restrições a certas mercadorias. O tabaco foi o primeiro item contrabandeado e, mais tarde, o melão continuou um negócio ativo. Em 1707, o Parlamento proibiu qualquer comércio que não cruzasse a Grã-Bretanha e navegasse em um navio britânico. Em 1733, a Lei do Melão fechou as brechas que permitiam o comércio do Caribe, bem como o comércio com os franceses. Praticamente todo o comércio de melão era ilegal sob as regras do comércio marítimo britânico, embora raramente fossem aplicadas.

Uma commodity como o açúcar custa 30% mais em uma ilha britânica no Caribe do que em uma ilha controlada pela França. Na verdade, o açúcar disponível produzido para exportação nas Índias Ocidentais britânicas não era suficiente para manter abastecido o negócio da destilaria de Rhode Island. Por outro lado, um navio carregado com madeira da Nova Inglaterra não encontraria mercado suficiente entre as ilhas britânicas. O comércio com os holandeses e franceses era uma necessidade tornada ilegal pela regulamentação.

A Lei do Melão, que visava especificamente ao comércio de rum e açúcar, pareceu aos mercadores da Nova Inglaterra intencionalmente planejada para ajudar as plantações das Índias Ocidentais britânicas às custas dos mercadores da Nova Inglaterra. Mas, do ponto de vista do rei inglês, ele estava apenas tratando os mercadores americanos de

forma igual. Ele considerava os mercadores maduros para a colheita. Na verdade, os mercadores americanos eram possivelmente mais protegidos no mar do que os ingleses em casa.

Os mercadores das colônias recém-formadas aceitariam firmemente suas posições de contrabandistas à medida que a lei se tornasse totalmente contraproducente para os negócios. Aqueles que obedeceram logo fecharam as portas; aqueles que desafiaram a lei tiveram sucesso. Para as pessoas que buscam libertação da perseguição religiosa, a necessidade trouxe essas mudanças. Os colonos já eram perseguidos pela própria natureza de sua religião, portanto, estar do lado errado das leis de comércio pouco importava.

Os huguenotes na Europa já haviam feito uma presença muito forte nas fileiras dos comerciantes mercantes. Muitas vezes eram franceses, mas sob constante ameaça da monarquia católica, eram uma população móvel. Exilados por anos na Holanda, eles se aliaram aos povos de língua valona e, juntos, migraram para o outro lado do Atlântico.

A reação anti-Roma que mais tarde ficou conhecida como Reforma começou muito antes de Martinho Lutero. O movimento cátaro no sul da França havia sido mais uma ameaça a Roma do que o islã representava. Os cátaros acreditavam em uma pureza na qual o homem e a mulher compartilhavam um relacionamento direto com Deus. Essa pureza foi possível sem uma hierarquia patriarcal de padres, bispos, cardeais e papas. Para o papado, a ameaça de perder poder e a ameaça implícita de perda de receita produzida pelos impostos da Igreja eram mais importantes do que os exércitos do Islã. Os puristas cátaros tomaram como símbolo a pomba, que mesmo na arte católica representa o conhecimento. O mesmo sentimento gnóstico foi compartilhado pelos Cavaleiros Templários. A adoração de uma suposta cabeça decepada chamada Baphomet era na verdade uma apreciação da sabedoria, ou sophia na tradução grega.

Quando o papa decidiu que os cátaros seriam vítimas de uma cruzada, ele teve que obter o apoio da Inglaterra; os Templários da França recusaram. Ironicamente, os templários, que deveriam receber orientação apenas do papa, lutaram contra seu mestre. O fim para os cátaros veio com o cerco de Montsegur, onde os templários defenderam os cátaros até a sua rendição.

Embora tanto os templários quanto os cátaros fossem vítimas da Igreja, a tradição de uma religião cátara mais humanística continuou. O sangue dos defensores cátaros regou o solo do sul e do oeste da França e, quando a semente dos reformadores foi plantada três séculos depois, deu os frutos mais abundantes nessas terras. Tanto os templários quanto os cátaros levaram suas ideias para o exílio na vizinha Suíça, e esse grupo de cantões tornou-se um país que protegeu o movimento reformista.

Embora Martinho Lutero da Alemanha e João Calvino da França, ambos exilados na Suíça, fossem mais conhecidos pela Reforma, ela havia começado mais cedo entre a população da França. Hughes Besancon, um pregador, pode ter dado seu nome ao povo da Reforma, os huguenotes. Frequentemente, eram mais do que apenas descendentes espirituais das primeiras tentativas de reformar o cristianismo. A cruz templária de oito lados tornou-se a cruz do Languedoc e, subsequentemente, a cruz huguenote. Combinado com a pomba descendente, o simbolismo da cruz e da pomba é difícil de perder.

## O TEMPLO E A CRUZ

Como um grande contingente de Templários franceses havia sobrevivido no que se tornaria a Suíça, não é surpreendente que a Reforma Protestante, sob líderes como João Calvino, encontrasse refúgio na Suíça ao mesmo tempo em que a revolução religiosa estava se espalhando rapidamente pela França e para o interior Inglaterra. Vinte anos depois do proselitismo de Calvino, os huguenotes se estabeleceram na França; em Kent, Inglaterra; nas Ilhas do Canal; e no Novo Mundo. A reação à conversão foi igualmente rápida. Em 1545, os protestantes foram massacrados - muitas vezes queimados na fogueira - em 22 cidades. Parecia que a cruzada anti-cátaros estava começando tudo de novo. Os poderes por trás dos Cavaleiros Templários originais eram frequentemente encontrados em ambos os lados do movimento reformista. A família Guise, proprietária do estado fronteiriço de Lorraine, era composta de católicos militantes.

Quando Carlos IX se tornou rei da França, a rainha-mãe, Catarina de Médicis, controlava a França. Enquanto ela era aliada da família Guise, não havia paz. Ao longo do século, as guerras entre cristãos e cristãos pioraram, destacadas por assassinatos de alto nível e, por fim, o massacre do dia de São Bartolomeu, onde dezenas de milhares de huguenotes foram massacrados. Finalmente Henrique de Navarra tornou-se rei. Ele devia sua sobrevivência política aos huguenotes, mas precisava permanecer católico para ser rei. Ele poderia apaziguar os dois grupos trazendo paz e tolerância religiosa para a França com o Édito de Nantes em 1598. A liberdade religiosa foi concedida em graus aos cristãos em setenta e cinco cidades. A essa altura, o porto de La Rochelle, antes uma fortaleza templária, era agora uma fortaleza huguenote.

A cruz de Lorraine e a cruz maltesa de oito pontas passaram a representar os dois lados do conflito religioso. Para os huguenotes, a cruz com uma pomba descendente representava a liberdade de buscar a Deus por meio do conhecimento individual. Para as ordens católicas, como os Cavaleiros de São João, a mesma cruz representava a ordem feudal da qual a Igreja e o rei eram os senhores.

A proteção concedida pelo Édito de Nantes foi repentinamente revogada um século depois, e cinquenta mil famílias fugiram da França para sua segurança. Os huguenotes eram uma população móvel, mas também eram altamente organizados em lojas ou guildas. Eles dominariam muitas indústrias, como fabricação de linhas e rendas, fabricação de vidro e manufatura de tecidos. Sem pátria, muitos se lançaram ao mar como mercadores e comerciantes. Como comerciantes, estavam sob a ameaça da pirataria e dos costumes ingleses; muitos se voltaram para a pirataria, para o contrabando e para as Américas. Os huguenotes estavam entre os maiores grupos a colonizar tanto o Canadá francês quanto a América inglesa. Da Nova Escócia a Boston, Nova York, os portos das Carolinas e mesmo do sul à Flórida, os huguenotes escaparam do clima volátil da Europa.

As colônias do Novo Mundo nem sempre ofereciam as liberdades desejadas, mas o preconceito religioso e social era menor em comparação com as guerras religiosas repressivas do continente. Repressão econômica

tornou-se a ameaça à nova prosperidade dos colonos. A série de leis destinadas a aumentar os impostos do rei ou proteger seus amigos, como a Companhia Britânica das Índias Orientais, afetou as colônias - algumas mais do que outras.

## COMERCIANTES E contrabandistas

Para a Virgínia, as leis não prejudicaram muito, já que os produtos do estado eram enviados diretamente para os mercados da Inglaterra. A Nova Inglaterra em geral, incluindo Boston, era autossuficiente em comparação, uma entidade mercantilista que tinha materiais e mão de obra para construir navios e fazer comércio com o mundo. A moeda da época reflete a importância do comércio. A moeda mais comum na Nova Inglaterra era o dólar espanhol, a famosa moeda de oito moedas. Embora muitas moedas trocassem as mãos, incluindo dinheiro da França, Holanda e Portugal, todas eram avaliadas em relação ao dólar espanhol.

Comerciantes que entenderam seus negócios lucraram com as políticas e regras inviáveis. Um ponto de partida típico foi a ilha de Saint Kitts, de propriedade britânica, especializada em documentos britânicos falsos. Em São Cristóvão, um capitão podia pagar uma taxa somente em dinheiro para obter os documentos necessários que mostrassem que sua carga foi vendida em um porto britânico. De Saint Kitts, ele levaria a carga para qualquer ilha estrangeira que pagasse melhor por sua mercadoria.

O comércio com nações estrangeiras estava tão arraigado na Nova Inglaterra que o contrabando era apenas uma consequência natural. As leis restritivas, promulgadas uma após a outra, dificilmente foram aplicadas, pois a Grã-Bretanha não tinha os meios. Os agentes alfandegários em geral foram receptivos a subornos, assim como muitos funcionários. Os numerosos navios dos mercadores de Boston transportavam itens restritos, como pólvora, papel e produtos de luxo, junto com mercadorias a granel como açúcar, melão e bebidas alcoólicas a bordo dos mesmos navios que transportavam mercadorias legais.

O dano causado foi duplo. Os britânicos apresentaram regras arbitrárias que aparentemente foram concebidas para sacrificar os interesses de alguns aos interesses de outros. Os americanos, um povo aparentemente com princípios,

estavam desenvolvendo um desrespeito mais profundo pela lei. Na época da Revolução, o contrabando já havia sido um estilo de vida por duas gerações.

John Faneuil, cujo nome está imortalizado no Faneuil Hall de Boston, era um huguenote francês cuja fortuna foi construída desobedecendo às leis do governo ausente. Ele era um maçom em uma época em que a maioria dos maçons pertencia a lojas compostas por pessoas em ofícios semelhantes. A cabana de Faneuil consistia em capitães de mar e mercadores. John Hancock era outro comerciante, armador, maçom e contrabandista.

John Hancock nasceu em Braintree, Massachusetts, em 1737. Ele tinha sete anos quando seu pai morreu, então foi enviado para morar com seu tio Thomas. Thomas, um aprendiz de encadernador, casou-se com uma das famílias de comerciantes mais ricas da Nova Inglaterra e, como resultado, também ficou rico. Embora afirmasse que estava no negócio de óleo de baleia, ele se saiu muito melhor do que outros comerciantes de commodities legais. O negócio do óleo de baleia era um dos poucos negócios comerciais legais em que uma pessoa podia vender para a Grã-Bretanha e obter dinheiro, na forma de libras esterlinas, em vez de créditos comerciais, que dependiam da solvência de outras casas.

Os navios de Thomas Hancock transportavam alimentos para a Terra Nova, depois recebiam óleo de baleia em troca e navegavam para a Inglaterra. Outros, porém, praticavam o mesmo negócio e, devido à volatilidade dos preços dessas commodities, os comerciantes nem sempre se saíam bem. Hancock tinha uma casa maior, vestida com um estilo mais digno do que seus colegas mercadores, e estava construindo rapidamente uma pequena frota de navios mercantes.

O segredo de Hancock era que ele estava importando chá de Santo Eustácio. Ele tinha seus agentes na Inglaterra, na Holanda e na ilha que passou a se chamar Golden Rock. Um navio Hancock navegaria para o sul até o porto holandês de Santo Eustatius com itens exportados legalmente e retornaria com contrabando. Hancock manteve um alto grau de sigilo a bordo de seus navios para evitar chamar a atenção. Seus homens foram advertidos a nunca falar de seus negócios e não foram autorizados a escrever para suas esposas.

Como contrabandista, Hancock também era um visionário. Muito provavelmente, ele recebeu notícias da Europa por meio de seus agentes em vários portos. Quando ele chegou à conclusão de que a guerra na Europa se espalharia para o

colônias, ele antecipou os lucros que poderia trazer com a importação de armas.<sup>3</sup> Durante as guerras francesa e indiana, as tropas britânicas mal abastecidas foram à empresa de Hancock para comprar munições.

O aumento repentino da riqueza de Hancock graças a práticas comerciais sólidas - e práticas comerciais ilegais - acabou atraindo sua atenção. Enquanto seus contemporâneos ficaram perplexos com a riqueza de Hancock, o governador, Thomas Hutchinson, não ficou. Mas encontrar provas era outro problema.

Graças à riqueza de Thomas Hancock e de sua empresa, seu sobrinho John, a quem ele adotou, foi enviado para Harvard e se formou como sócio na empresa. Thomas morreu em 1764 e John herdou o negócio. Hoje, o valor de sua herança é estimado em mais de US \$ 100 milhões.<sup>4</sup> Embora ainda não tivesse trinta anos, John Hancock estava à frente de um negócio próspero.<sup>5</sup> Ele imitou seu tio em todos os sentidos; ele valorizava sua casa ostentosa, viajava em uma bela carruagem e ganhava dinheiro com o contrabando.

Uma das mercadorias que Hancock contrabandeava era chá. Com a abertura do comércio na China, os americanos, assim como seus primos britânicos, ficaram viciados na bebida exótica. Os colonos beberam cerca de seis milhões de libras de chá por ano. Em 1773, Hancock forneceu um milhão de libras. É claro que era um bom negócio, mas embora fosse muito lucrativo, também era ilegal. A British East India Company recebeu o monopólio sobre o negócio do chá e, por coincidência, Thomas Hutchinson, o governador em exercício de Massachusetts, era um investidor na empresa. Na verdade, ele comprometeu todo o seu capital em ações da empresa.<sup>6</sup> Além disso, seu pagamento estava vinculado à quantidade de impostos que ele arrecadava sobre o chá.

A British East India Company era a segunda maior instituição financeira britânica, perdendo apenas para o Banco da Inglaterra. Também estava à beira da falência, pois ainda não havia conseguido viciar a China em ópio. A empresa fixou o preço do chá em três xelins a libra, em comparação com os dois xelins a libra estabelecidos pelos holandeses. A empresa tão importante para a aristocracia britânica fez com que o governo britânico proibisse todos os outros chás. Foi uma medida que serviu apenas

para tornar o contrabando lucrativo e colocar o governador de Massachusetts contra seus cidadãos ricos, que se mostraram à altura da situação.

Hancock permaneceu como membro da Grande Loja por um ano e, quando recebeu sua herança, voltou para a Grande Loja, discutindo com pessoas de status de comerciante recém-descoberto semelhante. Seu negócio, entretanto, dependia do trabalho dos estivadores e construtores de navios, armazéns e carpinteiros, de modo que ele não podia se separar completamente dos homens comuns de Boston. Hancock permaneceu perto de Sam Adams, que era ouvido pela população de trabalhadores com a qual Hancock prosperou. Trilhar o caminho com cuidado em ambos os círculos era uma necessidade e, quando chegou a hora de colocar seus trabalhadores entre ele mesmo e a lei britânica, Hancock não hesitou.

Se a motivação de Hancock para se rebelar contra a coroa parecia apenas monetária, ele teve a sorte de conhecer homens cujas motivações eram políticas.

## SAMUEL ADAMS

Sam Adams nasceu em Boston. Seu pai, Samuel Sr., era um pilar da comunidade e era chamado de Diácono. Ele era um comerciante dono de um cais, era cervejeiro e investidor em terras e propriedades. Seu status elevado não o manteve acima do aluguel de casas que eram usadas como bordéis. No entanto, o jovem Sam cresceu com aversão ao pecado; ele não fumava nem bebia. Nascido em uma família de doze filhos, ele se matriculou em Harvard aos quatorze anos e ficou em quinto lugar em sua classe de formandos de vinte e dois acadêmicos.

Padrões elevados não significavam grande fortuna para o filho do diácono. Samuel Sênior havia perdido um terço de seu dinheiro no início da década de 1740 como resultado de uma crise monetária. Sam Jr., que estudava direito na época, teve que deixar a escola. Ele esperava mesas. Ele foi trabalhar em uma casa de contabilidade, mas deixou o cargo por consentimento mútuo com o proprietário. Ele pediu mil libras emprestadas para abrir um negócio, mas ele faliu e a dívida permaneceu. Adams então foi trabalhar na cervejaria de seu pai. Mas parecia que Sam Jr. não estava vinculado à carreira; ele se vestia mal, muitas vezes usando as mesmas roupas por dias. Ele não tinha dinheiro, e todo o dinheiro que

ocasionalmente tinha, ele esquecia de carregar com ele. Ele tinha poucas perspectivas.

Adams tinha um forte senso de valores, tanto na vida pessoal quanto nos assuntos políticos. Quando não foi autorizado a entrar no Caucus Club, que dominava os assuntos políticos, ele começou o seu próprio. Enquanto o Caucus Club atraía os ricos armadores e mercadores como Thomas Hancock, o clube de Sam Adams permitia a entrada do estivador e do moinho. Dentro de seu círculo estavam os Nove Loyall, que manipulavam as turbas, às vezes simplesmente colocando cartazes por toda Boston para trazer as turbas para fora no dia seguinte. Sam Adams não era um maçom, mas seus círculos coincidiam com grupos maçônicos e suas próprias células secretas. Ele manipulou maçons, estivadores, armadores e armadores por sua causa.

Quando Sam Jr. tinha 26 anos, seu pai morreu. Sam herdou a cervejaria, bem como dinheiro suficiente para pagar suas dívidas. Ele também tinha dinheiro suficiente para se casar; no ano seguinte, ele se casou com Elizabeth Checkley. Mas a vida idílica não durou muito. A má gestão da cervejaria de Adams fez com que a empresa falisse.

Adams foi eleito coletor de impostos de Boston pouco tempo depois, um trabalho que duraria até os 47 anos. No entanto, não foi uma carreira agradável. Ele foi acusado de prevaricação, processado várias vezes e quase perdeu sua própria propriedade em um leilão. Sua falha foi sua incapacidade de cobrar de muitas pessoas, já que Boston havia sofrido severas recessões que mantiveram muitos desempregados, mas Adams ainda os contaria como tendo pago. Seu crime, segundo um biógrafo, foi ser bondoso, embora ao mesmo tempo fosse considerado um pobre manipulador de dinheiro.

Quando Elizabeth morreu, Adams estava pelo menos solvente o suficiente para se casar pela segunda vez. Em 1764, ele era dono de uma casa, recebia renda do cais e tinha uma nova esposa, dois filhos e um cachorro Newfoundland que adquiriu um ódio por qualquer pessoa em um uniforme britânico. Se sua situação financeira pessoal era, na melhor das hipóteses, instável, a tese política de Adams sempre permaneceu sólida. Ele acreditava que a perda de uma única liberdade era o primeiro passo para a escravidão. Ele nunca desistiria desse ideal, mesmo quando outros líderes

da Guerra Revolucionária modificaram seu próprio pensamento depois que a liberdade foi alcançada. Ele escreveu que todo homem tem o direito à vida, liberdade e propriedade, bem como o direito de apoiar e defender tais

direitos. Enquanto a maioria dos mercadores de Boston contornava as leis da Inglaterra, Adams acreditava em confrontar as leis. Três anos antes de o Liberty ser apreendido no porto de Boston, Adams e John Hancock iniciaram uma campanha de redação de cartas para combater a Lei do Selo.

O encontro de Adams e Hancock pode ser um dos eventos mais críticos da guerra pela independência. Hancock forneceu o dinheiro para manter os clubes políticos de Adams à tona, enquanto Adams validava os ideais e alistava as turbas que garantiriam que todos ouvissem sobre eles. Seguindo a Lei do Selo, uma multidão incitada por Adams da frente de água atacou o Tribunal do Almirantado e tentou destruir todos os seus registros. Em seguida, voltou-se para a casa do juiz Hutchinson, que anos antes havia ilegal o papel-moeda, trazendo a ruína para muitos, incluindo o pai de Adams. Um editorial de Sam Adams no dia seguinte condenou a violência da turba e apontou a injustiça da Lei do Selo. No editorial, ele chamou as turbas de Filhos da Liberdade, nomeando-os em homenagem a um discurso no Parlamento inglês de Isaac Barre simpatizando com a causa americana.

Quando o Liberty foi apreendido, Sam Adams despertou novamente as turbas, dizendo-lhes: "Se vocês são homens, comporte-se como homens."<sup>7</sup> Ele também deu início a uma comemoração para comemorar três anos de resistência à Lei do Selo. Cerveja grátis corria graças à sua cervejaria. Mas, mesmo sendo Adams o responsável por incitar as turbas, ele e um punhado de líderes patriotas negociaram a paz posteriormente. Hancock foi absolvido das acusações de contrabando e as turbas ficaram impunes. Essa rebelião, junto com um boicote geral aos produtos britânicos em Boston e Filadélfia, levou à revogação das Leis de Townshend, mas a Grã-Bretanha ainda manteria quartel das tropas em Boston.

Embora a situação tenha se acalmado, as turbas receberam bastante forragem para futuras rebeliões. Enquanto os oficiais dos britânicos eram bem-vindos nas casas conservadoras, o homem comum não tinha lugar para o soldado comum. Brigas de bar e brigas de rua começaram entre os plebeus, e muitos soldados britânicos desertaram como resultado do tratamento duro e do cotidiano hostil.

Dois anos após o caso da Liberdade, uma multidão armada com bolas de neve contra

pedras de contaminação foram atrás dos britânicos. A luta resultou em tiros dos casacas vermelhas e quatro bostonianos foram mortos. Como era o estilo de Adams, o confronto foi orquestrado; três dias antes do incidente, apareceram cartazes informando que os britânicos estariam atacando os habitantes da cidade. O jornal de Adams publicou incidentes de meninos sendo agredidos por soldados e de estupros cometidos pelo exército de ocupação. No dia do massacre, os sinos da igreja tocaram em todo Boston para alertar as pessoas de que algo estava acontecendo. Adams chamaria o incidente de Massacre de Boston, um nome que sobreviveu nos livros de história.

Surpreendentemente, os patriotas novamente negociaram a paz. John Adams, que defendeu John Hancock no incidente do Liberty, defendeu o capitão dos soldados britânicos no massacre de Boston.

Os confrontos funcionaram, mas mesmo depois de revogar as Leis de Townshend, o rei da Inglaterra decidiu não perder prestígio e manter o direito exclusivo da Companhia Britânica das Índias Orientais de vender chá para a América. Ele também indicaria quais agentes poderiam importar o chá na América. As colônias responderam boicotando o chá. O consumo de chá caiu drasticamente. Em 1769, as colônias importaram chá ao custo de 900.000 libras esterlinas, valor que caiu para 237.000 libras esterlinas três anos depois. Essa queda de quase 75% não ajudou a British East India Company, que estava quase falida. O rei decidiu que o chá seria forçado às colônias.

Em outubro de 1773, a Filadélfia foi a primeira a realizar reuniões e nomear um comitê para desafiar a autoridade do rei e da Companhia Britânica das Índias Orientais. Eles forçaram os agentes britânicos de chá a renunciar. Em novembro, as reuniões em Boston tentaram forçar uma ação semelhante, mas o governador colonial se opôs à sua renúncia. Três navios navegaram para o porto de Boston e, apesar da recusa dos colonos em descarregá-los, o governador Hutchinson exigiu que a cidade pagasse o imposto sobre o chá a bordo dos navios, mesmo que eles partissem descarregados.

Sam Adams dirigiu-se a uma multidão de oito mil pessoas para reunir a oposição ao imposto sobre o chá, mas isso era apenas parte do plano. Na

Taverna do Dragão Verde, mais tarde chamada de Freemasons Hall, a Loja de Santo André e outros grupos, alguns clandestinos, se reuniam. Enquanto os grupos maçônicos

foram honestos e assinaram participação em todas as reuniões, outros grupos como o Comitê de Correspondência, o North End Caucus e os Sons of Liberty (com seu grupo central, o Loyall Nine) nem sempre podiam se dar ao luxo de ser tão abertos. Os maçons, que era uma antiga loja licenciada por ordem, tinham os membros maiores e mais abertos, e muitas vezes os membros se sobrepunham entre ela e outras organizações. O North End Caucus consistia nos armadores mais ricos; os maçons eram mais um grupo da classe trabalhadora.

Adams e seus Filhos da Liberdade decidiram se vestir como Mohawks e embarcar nos navios britânicos de chá. Eles abriram dez mil libras de chá Darjeeling e jogaram na água. A noite do evento, que ficou conhecido como Boston Tea Party, foi uma noite de reuniões regulares. Apenas cinco membros compareceram à reunião, porém, assinando seus nomes e deixando anotado no livro que a reunião não seria realizada por falta de comparecimento. Esses membros provavelmente eram conservadores ou pelo menos se opunham à atividade planejada, e suas assinaturas possivelmente serviriam como álibis. Pelo menos doze dos trinta "Mohawks" conhecidos eram membros da Loja de Santo André, embora Sam Adams não fosse, e mais doze se juntariam à Loja após o Tea Party.

Sam Adams era aquele a ser enfrentado, e o rei sabia disso. Em uma última tentativa de parar a resistência, Adams foi visitado pelo General Gage, que, em nome do Rei George, ofereceu a Adams um acordo que ele não deveria ser capaz de recusar. A escolha era fazer as pazes com o rei e ser pago para recuar ou arriscar a ira do rei. A resposta de Adams foi: "Senhor, acredito que há muito tempo fiz as pazes com o Rei dos reis." Os Filhos da Liberdade enviaram cavaleiros da Nova Inglaterra para o sul, para as outras colônias, afixando panfletos com uma caveira e ossos cruzados avisando-os sobre o Reação britânica.<sup>8</sup>

Adams, embora não fosse um maçom, exibia os ideais tradicionais da

ofício: liberdade, fraternidade e igualdade. Enquanto isso, Hancock, um maçom, um elitista que favorecia uma estrutura de classes até mesmo dentro do ofício, era um participante ativo tanto de uma loja moderna quanto de uma antiga. Uma terceira marca de Maçonaria também estava se desenvolvendo nas Américas: a Loja Militar.

## A LODGE MILITAR

Pouco depois que a Grande Loja se tornou pública no início do século XVIII, a Maçonaria começou a crescer tanto nas colônias quanto no exército inglês. Dentro do exército, a "loja" agora era móvel e a parafernália da Maçonaria carregada pelo regimento. O comandante de uma unidade era normalmente o mestre da loja, e tanto os oficiais quanto os soldados comuns eram reunidos pela irmandade da loja. Frequentemente, permitia que os nascidos no estado comum avançassem na categoria de oficiais, uma opção que não estava disponível antes de se tornar um irmão de loja. As comissões de oficiais ainda eram compradas, mas o comandante frequentemente emprestava ao candidato os fundos para sua comissão.

A Grande Loja irlandesa, não a Grande Loja inglesa, autorizou as lojas militares de campo. Em 1754, as guerras francesa e indiana começaram como resultado das hostilidades francesas e inglesas na Europa. A população das colônias vinha crescendo aos trancos e barrancos, devido à imigração da Escócia e da Irlanda. As novas terras ofereceram uma fuga da guerra religiosa e da perseguição pós-Culloden, e forneceram uma maneira de aumentar a posição de alguém no mundo. Muitos serviam no exército especificamente para o avanço social, e não era segredo que ser admitido em uma loja era a passagem - e não apenas para o soldado comum.

Jeffrey Amherst começou sua carreira militar durante a Guerra da Sucessão Austríaca. Suas proezas militares valeram-lhe o reconhecimento, mas ao final da guerra ele era um oficial mediano, sem perspectiva de ascensão. Embora tivesse sido ajudante de campo do general John Ligonier, Amherst estava servindo como oficial de compras. A eclosão da guerra deu

a Ligonier a chance de recomendar seu protegido para um cargo, mas Amherst não tinha fundos para comprar uma comissão. o

fundos foram emprestados por Lionel Sackville, o primeiro duque de Dorset. Os dois filhos de Sackville eram muito ativos na Maçonaria; Charles Sackville fundou uma loja na Itália e era um amigo próximo de Sir Francis Dashwood, e George Sackville era um mestre de loja regimental que mais tarde se tornaria o grão-mestre da Grande Loja irlandesa. Com a ajuda de amigos em posições importantes, Amherst foi encarregado do cerco de Louisbourg na Nova Escócia. A vitória de Amherst em Louisbourg e Ticonderoga e seus esforços no ataque a Montreal o levaram à posição de comandante de todas as forças britânicas nas colônias.

Onde quer que Amherst serviu, ele estabeleceu uma loja de campo, e sua influência cresceu por causa de suas façanhas militares. Amherst foi um dos primeiros comandantes a estabelecer os diferentes métodos de luta que funcionariam bem nas Américas. Em vez de dois regimentos opostos simplesmente atacando um ao outro, as novas táticas de tiro certeiro, camuflagem, escaramuça e patrulha foram empregadas nas colinas densamente arborizadas da Pensilvânia e Nova York. Sob o comando de Amherst, muitos dos heróis proeminentes da Guerra Revolucionária dos Estados Unidos receberam seu treinamento. Entre eles estavam Ethan Allen e Benedict Arnold, que lutaram em Ticonderoga; Israel Putnam, que mais tarde seria o herói de Bunker Hill; Charles Lee, que participou do ataque a Montreal; e o patrício de Nova York Philip Schuyler. <sup>9</sup> Amherst capturou Louisbourg, Ticonderoga e, finalmente, Montreal em 1760, no golpe que faria a França admitir a derrota e pedir a paz.

Amherst não foi o único oficial militar de alto escalão a espalhar a Maçonaria pelas forças inglesas na América. Sob seu comando estava o tenente-coronel John Young, que lutou em Louisbourg e Quebec. Young foi nomeado grão-mestre adjunto da Loja Escocesa por William St. Clair de Rosslyn. Em 1757, Young era o grão-mestre provincial de todas as lojas escocesas na América e nas Índias Ocidentais. Ele foi sucedido por Augustine Prevost, que se tornou grão-mestre de todas as lojas garantidas no exército britânico que eram de rito escocês. <sup>10</sup> De Amherst a Young, Prevost e mais abaixo no comando, os sistemas do Templo e da Loja mostram como os oficiais subalternos foram promovidos e, posteriormente, colocados em

encarregado de lojas que mais tarde dominariam as províncias canadenses.

Quando a Revolução Americana estourou, muitos maçons britânicos de alto escalão se recusaram a desempenhar um papel na derrota dos colonos americanos. Sir Jeffrey Amherst recusou um comando. Como os maçons lutaram em ambos os lados da guerra e os maçons inclinados aos conservadores até compareceram à Green Dragon Tavern em Boston, não é possível chegar à conclusão de que uma enorme conspiração maçônica foi responsável pela derrota dos britânicos. No entanto, numerosas conspirações menores rodaram que certamente frustraram o esforço militar britânico.

Entre o Boston Tea Party e a eclosão da guerra, os grupos que Samuel Adams criou construíram um movimento de guerrilha que operava a partir do núcleo interno, o Loyall Nine, e se espalhou para outras células. A partir daí, uma milícia foi criada e as munições foram obtidas em segredo e mantidas escondidas. A inteligência inglesa também estava ativa, e logo os ingleses decidiram confiscar as munições e os líderes patriotas. Eles enviaram tropas para o campo. O famoso aviso "um se por terra, dois se por mar" foi dado por Paul Revere, um descendente de uma família huguenote francesa e um mestre artesão e maçom.

A guerra estourou em 19 de abril de 1775, quando a milícia de Massachusetts, alertada por Revere, tentou impedir uma vanguarda das tropas britânicas. Essa primeira batalha de Lexington e Concord ficaria na história como "o tiro ouvido em todo o mundo". Três semanas depois, Ethan Allen e Mason Benedict Arnold capturaram o Forte Ticonderoga em Nova York para obter suprimentos e munições extremamente necessários. Em junho, a Batalha de Bunker Hill expôs as fraquezas de ambos os lados. Os britânicos "ganharam" a batalha a um custo tremendo, levando muitos a questionar os motivos do general Gage, que poderia ter cortado os reforços aos americanos e não o fez, e do general Howe, que deixou as forças americanas retirarem-se intactas.

As forças americanas também tinham suas próprias dúvidas. Os homens não eram levados para a batalha em momentos críticos, a estrutura de comando era uma farsa, havia falta de disciplina entre os soldados e

havia suprimentos inadequados ou meios inadequados para levá-los aonde eram necessários. Entre alguns milicianos, os oficiais eram

eleito e, em momentos críticos, os soldados se reuniam para decidir seu plano.

Dois dias antes de Bunker Hill, John Adams decidiu que os colonos precisavam de um "Exército Continental" e um comandante. Sua escolha para o último foi George Washington. Em poucos dias, o Congresso Continental nomeou Washington general e comandante-chefe do exército americano.

George Washington foi iniciado na Maçonaria em 4 de novembro de 1752, aos vinte anos, na loja de Fredericksburg, Virginia. Sua taxa de entrada foi exorbitante de vinte e três libras esterlinas, uma quantia que o homem médio seria incapaz de pagar. Mas Washington não era um homem comum e, embora sua loja fosse uma loja antiga, ainda atraía homens de maiores posses. A vida de George Washington parecia determinada para a de um modesto proprietário de terras até 1752, quando seu irmão morreu. George tinha admirado seu irmão, Lawrence, que navegou para as Índias Ocidentais sob o comando do almirante Edward Vernon (o homônimo de Mount Vernon) para lutar contra os espanhóis. Quando Lawrence sugeriu que George aceitasse o emprego de marinheiro, a mãe o impediu. A família de seu irmão, no entanto, logo foi atingida pela tragédia: os três filhos de Lawrence sucumbiram à tuberculose.

Por meio da herança, as propriedades de George cresceram para 2.500 acres.<sup>11</sup> Por meio do casamento, ele acrescentaria outros 17.500 acres, aumentando tanto sua riqueza quanto sua posição social. Ele também subiu rapidamente em sua loja, alcançando o posto de Mestre Maçom em um ano. Mas era uma loja antiga e não particularmente influente.

De seu irmão, George herdou uma patente militar, a de ajudante-geral da colônia. A posição foi dividida em três, e George foi forçado a fazer lobby por um posto inferior. Ele pretendia usar a posição como ponto de partida e rapidamente se apresentou como voluntário para uma ação contra os franceses. Em sua primeira expedição contra os franceses, foi promovido a tenente-coronel e o segundo em comando de outra expedição. O jovem comandante motivado, que constantemente

estabeleceu planos e regras para si mesmo por escrito, havia quebrado as regras de sua família. Ele era um líder natural por causa de seu porte impressionante e sua compreensão de que manter uma certa distância encorajava o respeito de seus homens. Desde o início de sua carreira militar, George buscou seus irmãos maçons para ocupar cargos de importância. Ele trouxe um intérprete holandês de sua loja em Fredericksburg em sua próxima expedição contra os franceses. Este irmão maçônico, entretanto, decepcionaria Washington após a perda de Fort Necessity.<sup>12</sup>

Negociar os termos de rendição do forte foi difícil por causa da barreira linguística entre os comandantes franceses e americanos. O intérprete apressou-se a ler um documento na chuva e, como estava mal traduzido, parecia enquadrar os ingleses não apenas como provocadores, mas também como assassinos. Os franceses já haviam afirmado que os ingleses eram os agressores, e a investida inicial de Washington não foi provocada. Washington foi então submetido a revisão e rebaixado. Quando ele foi para a guerra, ele voltou para a Loja de Fredericksburg apenas uma vez, ao invés disso, tornou-se ativo nas lojas militares.

Em pouco tempo, outro envolvimento nas guerras francesa e indiana permitiu que a bravura de Washington brilhasse e restaurou sua reputação brevemente manchada. A guerra se espalhou pela Europa e causou quase um milhão de baixas militares. A perda de libras esterlinas foi igualmente angustiante para a Inglaterra, que aumentou os impostos. Incapaz de coletar os impostos necessários em casa, o Parlamento voltou-se para as colônias. A série de medidas repressivas que levaria à apreensão do Liberty, o navio de John Hancock, e ao início da revolução em Boston, teve suas raízes nas ações das guerras francesa e inglesa de anos anteriores.

Washington voltou para casa da guerra para viver a vida de um cavaleiro do interior. Ele foi eleito para a Casa dos Burgesses em sua terceira tentativa - possivelmente por causa de seu noivado com a rica viúva Martha Dandridge Custis. Seus 17.500 acres contribuíram muito para aumentar sua posição social, e há evidências de que era isso que o jovem oficial militar buscava em um casamento. Pouco antes de se estabelecer, ele visitou outra jovem herdeira, Eliza Philipse, pela última vez. Ela foi

uma das herdeiras de um império imobiliário construído com os lucros  
obtidos com o apoio

pirataria. Washington vinha cortejando Philipse há algum tempo antes que a postura conservadora de sua família os distanciasse da família Washington, que era decididamente Whig.

Enquanto as antigas lojas de Boston frequentemente representavam o trabalhador mais comum, as lojas da Virgínia geralmente se inclinavam para a elite aristocrática. O próprio Washington não foi exceção. Quando o enteado de Washington, John Parke Custis, frequentou o Kings College em Nova York, o menino comeu com o corpo docente - um privilégio não concedido a nenhum outro aluno.<sup>13</sup>

Depois que Washington foi nomeado comandante militar, ele imediatamente decidiu criar um exército de verdade. Ele pediu aos homens dos vários grupos militares que se comprometessem a um alistamento de um ano, apenas para descobrir que poucos estavam dispostos. Na verdade, toda a milícia de Connecticut decidiu voltar para casa. Washington escreveu: "Um espírito tão sujo e mercenário permeia".<sup>14</sup> Ele então recorreu a seus irmãos maçônicos para os oficiais. Ele esperava que a unidade encontrada no sistema de lojas pudesse ser levada aos continentes desordenados. De acordo com Lafayette, Washington "nunca deu voluntariamente comando independente a oficiais que não fossem maçons". Pelo menos doze generais do exército de Washington eram maçons.<sup>15</sup>

Washington primeiro procurou candidatos de sua própria Loja de Fredericksburg, mais tarde chamada de Loja No. 4, da qual nomeou vários de seus comandantes. O general Hugh Mercer da Virgínia, que morreria de ferimentos em Princeton, era maçom na Loja de Fredericksburg. O general de brigada William Woodford era membro da mesma loja, enquanto o general de brigadeiro George Weedon foi nomeado maçom na loja de Port Royal Kilwinning Cross, que era afiliada a Fredericksburg. O Brigadeiro General Paul Muhlenberg, que era membro da Loja do Royal Arch No. 3 da Filadélfia, também era da Virgínia.

Os britânicos deram a Washington um ano para reunir uma força de combate. Por que eles não perseguiram os colonos fracos e não unificados na Nova Inglaterra é uma das principais questões da Revolução Americana. Em vez disso, eles abandonaram a Nova Inglaterra e fizeram breves

incursões inconstantes em outras partes das colônias. Washington antecipou que a cidade de Nova York era onde os britânicos tentariam levar a sério, e ele estava

direito. Uma enorme força de combate de 32 mil soldados, a maior que as colônias já haviam visto, estava a caminho de Nova York.

Washington fortificou Brooklyn Heights, apenas para se deparar com uma força que ameaçava encerrar a guerra de uma só vez. Enquanto Washington cometeu um erro ao posicionar suas tropas de costas para a água, pescadores e marinheiros de Massachusetts resgataram 9.500 homens transportando-os para Manhattan. Ao mesmo tempo, o General Howe interrompeu seu avanço e tomou um gole de chá por duas horas em Murray Hill, na residência da Sra. Robert Murray. Washington continuou sua retirada para White Plains, depois através do Hudson até Fort Lee e a oeste de New Jersey. Os britânicos o seguiram lentamente.

Os britânicos claramente tinham a vantagem: um exército terrestre superior completo com nove mil mercenários estrangeiros, uma grande marinha, amplos suprimentos, um grande tesouro para comprar mais suprimentos e até mesmo uma grande população legalista, os conservadores, que ajudaram seus esforços. Os americanos tinham uma força inferior, nenhuma marinha, suprimentos inadequados e nenhum meio de comprar mais. Sua própria população dividiu lealdades, assim como seus líderes. Então, como o exército continental derrotou os britânicos? A guerra foi vencida pelos esforços de um punhado de homens, muitas vezes ligados por laços maçônicos e às vezes unidos por eventos religiosos, muitas vezes operando ilegalmente e quase sempre agindo de forma egoísta. No final, a maior conquista, a vitória em Yorktown, foi conquistada por um audacioso ato de suborno que não era atípico na época.

## Capítulo 6

# FRANKLIN E O FUNDO MAÇÔNICO

**O**m das maiores histórias não contadas da Revolução Americana envolve as intrigas de bastidores de Benjamin Franklin e seus companheiros europeus. Se não fosse pelos esforços de Franklin para manter os colonos fornecerem e financiaram e para trazer aliados franceses e espanhóis a bordo, a guerra poderia não ter sido a mesma. Franklin operou por meio de grupos maçônicos na Inglaterra e na França, e seus parceiros no esforço de guerra pró-americano eram, na maioria das vezes, hedonistas, ocultistas, rosacruzes, comerciantes de escravos e espões.

Franklin fizera fortuna ainda jovem, principalmente por ser dono de jornais e do Poor Richard's Almanack. Ele era um quacre, mas também tinha tendências ocultas. Franklin poderia ser chamado de um pioneiro da Nova Era, pois meditava todas as manhãs e noites, ocasionalmente praticava o vegetarianismo e se preocupava com a vida após a morte e a possibilidade de reencarnação. Ele era um extrovertido autoconfiante e feliz, que popularizou o trabalho árduo e a frugalidade, enquanto desfrutava da alta vida e de um código sexual liberal. Ele gostava da companhia de mulheres e escreveu sobre a alegria do sexo com mulheres mais velhas.<sup>1</sup>

Franklin foi um marceneiro e um fundador que iniciaria seu próprio clube político, o Junto, bem como a Sociedade Filosófica. Ele planejou criar o United Party for Virtue quando foi apresentado à Maçonaria. A arte empregava os ideais que Franklin valorizava e também o atraiu por suas raízes esotéricas. E ser um maçom tinha uma prática

lado; Franklin pôde observar como empregos e contratos foram concedidos a outros maçons na Pensilvânia e na vizinha Nova Jersey. Embora não tivesse barreiras sociais, a embarcação enfatizava o atendimento aos já elitistas cavalheiros da cidade. De que outra forma o aprendiz de impressor poderia encontrar os Penn e Shippens da Filadélfia?

Franklin se tornou um maçom na Loja de Saint John na Filadélfia em 1731. A loja era composta pelos principais mercadores da cidade; na verdade, 75% de seus membros eram mercadores ou capitães do mar.<sup>2</sup> Franklin saltou com dois pés, usando seu intelecto e suas impressoras para promover a Maçonaria, escrevendo artigos pró-Maçonaria, redigindo o estatuto da loja e imprimindo o primeiro livro maçônico na América. A maçonaria trouxe-lhe contatos e contratos, e ele atribuiu a concessão do contrato como impressor de montagem a seus "amigos da casa".<sup>3</sup> Sua sorte aumentou dez anos após sua iniciação.

Como um editor rico e independente, Franklin sempre foi o estudante, "formando-se" em filosofia e "formando-se" em política. Ele ascendeu a mestre de sua loja e logo depois a grão-mestre da província. Ele foi um dos primeiros a falar contra a tributação sem representação e foi para a Inglaterra em 1754 com esse propósito. Foi Franklin quem traçou um plano de união que incluía uma grande casa de representantes.<sup>4</sup>

Franklin estabeleceu bombeiros, hospitais, bibliotecas e iluminação pública. Ele ocasionalmente servia a si mesmo, e seus correios foram abertos em parte para que seus jornais pudessem ser entregues gratuitamente. Ele era dono de oito jornais em lugares de Nova York a Antígua, incluindo um jornal de língua alemã na Pensilvânia. Em 1748, aos 42 anos, aposentou-se do jornal para dedicar sua vida à ciência e à política, embora nunca tenha parado de escrever.<sup>5</sup>

Embora Franklin seja lembrado por suas obras públicas e provérbios práticos, o outro lado dele é geralmente ignorado. Seu mundo abrangia tanto a existência prática do dia-a-dia entre as novas colônias quanto os segredos esotéricos da ciência. Suas conexões com filósofos, rosacruzes, ocultistas e especialmente maçons permitiram a Franklin mover-se livremente em todos os lados do conflito.

## THE HELLFIRE CLUB

Entre os homens que Franklin conheceu em suas viagens à Inglaterra antes da Revolução estava Sir Francis Dashwood. Dashwood foi o chanceler do tesouro e também o fundador de sua própria sociedade, a Dilettanti, e mais tarde outro grupo semissecreto chamado Friars of Saint Francis ou os Monges de Medmenham. Nenhum dos grupos tinha qualquer semelhança com uma ordem religiosa. As festas de Dashwood eram infames e diziam que incluíam prostitutas vestidas de freiras, rituais satânicos, adoração à deusa e orgias.

Dashwood era filho de um rico empresário, um maçom iniciado na Itália muito jovem e que se casou com a aristocracia. Dashwood esteve na Câmara dos Comuns por mais de vinte anos e ocupou vários cargos, incluindo chanceler do tesouro, tesoureiro-geral ao rei George III e postmaster general. O dinheiro deste maçom permitiu-lhe reconstruir a casa ancestral de sua família em West Wycombe, em uma forma que deixaria Calígula orgulhoso - com estátuas de divindades gregas e romanas, murais no teto inspirados na Roma antiga, e até mesmo um lago criado para encenar batalhas navais simuladas. A ala oeste do edifício era uma recriação de um templo clássico para Baco, com Dionísio e Ariadne em carruagens puxadas por leopardo. Outra sala na mansão de Dashwood foi projetada como um templo maçônico. Seu tema pagão se estendia ao jardim, com representações eróticas de deuses e deusas clássicos em pedra.

Perto dali ficava a Abadia de Medmenham, que Dashwood também modificou em um monumento pagão, com uma escultura sobre a entrada principal informando: "Faça o que quiser". A sala de jantar, no entanto, com suas estátuas dos deuses egípcios e romanos do silêncio, aconselhava os visitantes a não falarem sobre suas aventuras. Sua conversão mais estranha foi escavar uma rede de cavernas sob a Colina West Wycombe, onde se diz que seus companheiros "monges" podiam se juntar a hóspedes

do sexo feminino. Acredita-se que um santuário subterrâneo interno serviu de cenário para as missas negras que faziam parte do entretenimento.

Tendo sido iniciado na Maçonaria e mergulhado nas artes negras

ao fundar uma sociedade após a outra, Dashwood se mudou dentro dos círculos mais altos da Inglaterra, que se tornou conhecido como Hellfire Club.<sup>6</sup> Ele era, no entanto, muito estranho para alguns. Uma vez membro de uma ordem druida fundada em 1717 para reviver a religião celta (membros também incluíam o poeta William Blake, um druida e o grande mestre de uma ordem Rosacruz), Dashwood foi expulso conforme as histórias das atividades de West Wycombe se espalharam.

Em 1758, Franklin estava na Inglaterra e em West Wycombe, e ele e Dashwood se encontraram para discutir sua visão para as colônias. Franklin foi admitido no Hellfire Club, onde se misturou com luminares como John Stuart, o conde de Bute; John Wilkes, um político radical, membro do Parlamento e mais tarde Lord Mayor de Londres; John Montagu, o conde de Sandwich; o filho do Arcebispo de Canterbury; e o Príncipe de Gales.

John Stuart, o terceiro conde de Bute, nasceu em Edimburgo e foi o primeiro primeiro-ministro britânico nascido na Escócia. Educado em Eton e na Universidade de Leiden, na Holanda, Stuart se casou com Mary Wortley Montagu. Seu status foi elevado ainda mais quando ele conheceu o Príncipe de Gales nas corridas e se tornou membro de seu grupo de jogadores de cartas.

Frederick Louis, o Príncipe de Gales, era filho do Rei George II, então governante da Inglaterra. Jorge II detestava seu filho, assim como a rainha, e nenhum dos dois queria nada com ele, apesar de ser herdeiro do trono. O jovem Frederico era pequeno, frágil e feio, com a testa baixa e recuada, olhos esbugalhados, pálpebras largas e queixo duplo flácido. Na verdade, ele era um hanoveriano. <sup>7</sup>Frederick e sua esposa, a princesa Augusta de Saxe-Gotha, foram expulsos de Kensington. Frederico encontrou refúgio nas orgias de uma semana em West Wycombe, e a princesa Augusta daria à luz George III, o menino que seria rei durante a revolução nas colônias.

John Wilkes, o jovem parlamentar, era, como Sam Adams, filho de um destilador de malte. Ele se casou com uma mulher muito mais velha, a herdeira Mary Meade, pela conveniência que o dinheiro dela oferecia. Ela possuía uma grande propriedade em Aylesbury, embora Wilkes passasse pouco tempo lá. Em vez disso, ele viveu o estilo de vida de muitos aristocratas ingleses: como libertino e jogador.

Wilkes logo perdeu a fortuna de sua esposa e então se separou dela e se voltou para a política. Apesar de sua participação ativa nas orgias Hellfire, ele passou a odiar o rei inglês e o conde de Bute. Quando o conde foi nomeado primeiro-ministro, um grande número de membros do Parlamento ficou descontente, pois Bute foi considerado incompetente. Wilkes, em particular, voltou-se contra seus velhos amigos do Hellfire Club e tornou-se público, falando no Parlamento contra a monarquia e por um governo constitucional.

Em seu discurso mais famoso, publicado no número 45 do North Briton, jornal que distribuiu, Wilkes declarou: “A prerrogativa da coroa é exercer os poderes constitucionais que lhe são confiados de uma forma, não de favor cego e parcialidade, mas de sabedoria e julgamento... O povo também tem sua prerrogativa. ” Interpretando a última linha como um convite à revolução, o rei prendeu Wilkes na Torre, embora sua imunidade parlamentar logo lhe valesse a liberdade. Depois de retornar ao Parlamento, Wilkes continuou a escrever, e seus escritos posteriores, que mesclavam obscenidade e poder, valeram-lhe a expulsão. Na Inglaterra e na América, no entanto, Wilkes era visto como um herói. <sup>8</sup>Em 1774 foi eleito Lord Mayor de Londres. O ativo maçom serviu como representante britânico secreto dos Filhos da Liberdade americanos e levantou dinheiro para o Exército Continental, que seria repassado por Franklin.

Outro membro do Hellfire Club era o conde de Sandwich, John Montagu. Educado em Eton e Cambridge, bem viajado e membro ativo da Royal Society, Montagu também era libertino e jogador. Dizem que ele se recusou a deixar as mesas de jogo até para comer, em vez de colocar a carne entre as fatias de pão e, assim, inventar o sanduíche. Sua vida pessoal foi tão trágica quanto sua vida pública cheia de realizações. Sua esposa, Dorothy, o deixou enquanto ela sofria de uma doença mental progressiva. Sua amante, Martha Ray, era uma cantora popular de dezessete anos quando se conheceram. Montagu compartilhou sua casa com Ray por dezessete anos, até que o cantor foi assassinado por um clérigo enlouquecido que queria se casar com ela.

Montagu teve várias nomeações militares, incluindo Lord Admiralty da marinha inglesa. Ele foi o responsável por modernizar o

marinha, mas sua marinha ainda perdeu a Revolução para os caças americanos e seus aliados franceses. Montagu quase foi imortalizado quando patrocinou a expedição do Capitão Cook, que descobriu as "Ilhas Sandwich" no meio do Pacífico. As ilhas mais tarde sofreram uma mudança de nome, no entanto, para Havai.

Sandwich conheceu Dashwood em 1740 e tornou-se membro do Dilettanti e da Ordem de São Francisco. Sandwich conheceu Benjamin Franklin quando ele chefiava a Marinha, e eles se tornaram amigos rapidamente, já que ambos curtiam as festas na casa de um amigo em comum em West Wycombe. Com Montagu no comando da marinha, Dashwood no comando do sistema de correio inglês e Franklin no comando do Comitê de Correspondência Secreta, os homens eram um estranho trio.

Em um período tão inicial do sistema de correio, postmaster também significaria "espião mestre", já que o carteiro chefe tinha acesso a todo o correio. Franklin estava na Inglaterra há anos como agente da Pensilvânia e mais tarde como porta-voz da América, e foi acusado e condenado perante o Conselho Privado na época em que a Inglaterra recebia notícias do Boston Tea Party. Franklin foi acusado de tentar criar uma república americana, mas sofreu apenas a perda de seu cargo de agente dos correios das colônias. O espião também estava sendo espionado, sua própria correspondência sendo aberta e lida.

## FRANKLIN NA FRANÇA

As contribuições de Franklin e o apoio anti-Tory na Inglaterra não podem ser superestimadas. Nos bastidores, uma guerra de propaganda foi lançada para manter a opinião pública inglesa dividida. Quando a inteligência americana soube da contratação de mercenários hessianos, Franklin entrou em ação. Ele trabalhou com Jefferson para lutar contra os Hessianos em duas frentes. Na Europa, Franklin escreveu uma carta supostamente escrita por um príncipe alemão para seu comandante americano, argumentando que os números britânicos para os mortos de Hessian eram muito baixos e que ele estava sendo enganado no pagamento de cada um dos soldados mortos. Ele encorajou o oficial a permitir que os feridos morressem, ao invés de mandar para casa

aleijado e, portanto, ferido pesado. Na América, Jefferson distribuiu avisos oferecendo aos desertores hessianos concessões de terras nas colônias. No final, mais de cinco mil hessianos desertaram.

É possível que amigos em lugares importantes - e em mimow outros - ajudou

Franklin evita ser enforcado como traidor. Ele logo estabeleceu seu quartel-general da Guerra Revolucionária em Paris. Franklin e sua família não negociavam com o povo francês comum; em vez disso, eles foram recebidos com vinho e jantados, entretidos e hospedados pela aristocracia. Os bem-nascidos da França e da Inglaterra conheciam-se bem e as intrigas nos bastidores freqüentemente causavam constrangimento aos envolvidos. Uma das conhecidas de Franklin, Caroline Howe, era irmã do General Sir William Howe, que lutou em Quebec e foi rumores de estar recebendo um comando na América. Outro irmão, o almirante Lord Richard Howe, já era o comandante dos esforços da marinha britânica nas colônias. A irmã do general Howe reuniu Howe e Franklin, um movimento que mais tarde levou a acusações contra o general Howe.

Franklin entendeu o valor das pessoas que navegavam nos mares no comércio. Eles eram um meio importante de abastecimento e comunicação. Em geral, apoiavam a causa da liberdade e, como quase todos violavam rotineiramente a série de leis comerciais em constante mudança, operavam em confrarias secretas. Maçonaria governada esses mares, e até mesmo Franklin precisava de uma criptografia para a confiança do do comerciantes.

Na França, essas conexões foram feitas por meio do senhor Montaudoin de Nantes e do Dr. Jacques Barbeau-Dubourg de Paris. Quando Franklin chegou à França, ele foi direto para a fortaleza maçônica de Nantes. O movimentado porto era controlado por mercadores, e poucos tinham a intenção de seguir as regras que dificultavam o comércio. Eles se comunicavam por meio de uma série de códigos que impediam estranhos de penetrar em sua cabala. Nantes também era um porto de comércio de escravos - o maior da França - e o comércio triangular que trazia escravos e

munições para a América dependia dos mercadores caribenhos, que muitas vezes eram americanos.

As relações entre contrabandistas franceses e americanos seriam muito importantes na luta pela independência. Os traficantes de escravos franceses estavam fortemente armados e muitas vezes carregavam cartas de marca que lhes permitiam embarcar em um navio britânico. Os novos amigos de Franklin eram ativos valiosos para a causa americana; Dubourg comprou os suprimentos extremamente necessários, que foram transportados nos navios de Montaudoin.

Em Paris, os conhecidos de Franklin durante a guerra eram todos maçons e ajudaram a ganhá-lo como membro de três lojas maçônicas. A mais prestigiosa foi a Loja das Nove Irmãs. Franklin foi rapidamente admitido na loja, que era um ninho de atividade política. A loja havia se comprometido com a política de reforma da sociedade francesa. Um de seus objetivos era fornecer um sistema educacional alternativo, que assumiria o controle da Igreja Católica. Palestras públicas foram dadas sobre história, religião e ciência no College of Apollo, patrocinado pela loja. Um escritor maçônico até atribui a Franklin a criação da Sociedade Apolínea para promover seu objetivo de unir ciência e religião. Mais tarde, o zelo revolucionário fez com que o colégio mudasse o nome de Lycee Republicain. Membros incluíam o duque de La Rochefoucauld, <sup>10</sup>Capitão John Reinhold Forster, que navegaria com Cook, e o filósofo Voltaire. Franklin, de fato, estaria presente na iniciação de Voltaire na loja em abril de 1778. O Dr. Edward Bancroft, amigo de Franklin e também agente de Lord Auckland, chefe da rede de espionagem britânica, era outro membro. Após a guerra, John Paul Jones foi admitido na ordem.

A intriga que ajudou Franklin a construir sua rede de apoio na França desafia a compreensão total. Ao mesmo tempo, os maçons de alto escalão da Loja das Nove Irmãs pareceram ser pró-Igreja e anti-Igreja. Muitos dos membros se encontraram no salão da rica e excêntrica Anne-Catherine de Ligniville d'Autricourt Helvetius, que era desprezada por John Adams e também alvo dos interesses amorosos de Franklin. Seu salão era frequentado regularmente por membros das ordens religiosas católicas e por homens de negócios e ciências. Um círculo tão ambíguo teria um governo e tendências religiosas semelhantes.

Franklin, ostensivamente um deísta (um crente não aliado em Deus), era ativo com a aristocracia na França, que desejava uma mudança gradual da monarquia. A forma mais adequada de governo, eles acreditavam, era uma monarquia constitucional que mantinha um rei, bem como uma forte relação com a Igreja Católica.

A sede dessa intriga foi em Saint-Sulpice, em Paris. Aqui encontraram os padres que mais tarde seriam condenados ao ostracismo por se recusarem a lealdade ao Estado Revolucionário (anticatólico). Em vez disso, eles se aliaram aos Cavaleiros de Malta, que também se viram ameaçados pelo Estado da Máfia e, mais tarde, por Napoleão. A cura de Saint-Sulpice seria um dia o confessor da esposa do Marquês de Lafayette, Marie Adrienne d'Ayen de Noailles. Lafayette lutou pela liberdade da monarquia tirânica na Inglaterra, mas encontrou novos problemas em casa após a guerra. Sua recusa em fazer o juramento do novo governo tornou-se uma linha divisória que forçou a família Lafayette a tomar uma posição. Eles se aliaram à Igreja Católica e pagaram o preço.

Muitos aristocratas e líderes da Igreja literalmente perderam a cabeça como resultado da Revolução, que era tanto contra a Igreja quanto contra a monarquia. Mas Saint-Sulpice e sua secreta Companhia do Sagrado Sacramento sobreviveram. Após a Revolução Francesa, uma ordem da empresa chamada Damas do Sagrado Coração contou com o apoio da família d'Ayen. Seu dever era uma devoção constante ao sagrado sacramento, uma hóstia sem véu. A cada hora uma irmã substituiu a última irmã na vigília perpétua. Mesmo esta ordem de irmãs foi forçada a operar em segredo.

Essa devoção inabalável aos mistérios da fé contrastava com o realismo prático dos homens da ciência, mas isso não era um problema para cabalas maçônicas como as Nove Irmãs e centros religiosos de influência como Saint-Sulpice. Quaisquer que tenham sido as opiniões de Franklin, ele as manteve para si mesmo. Ele tinha um papel a cumprir, a saber, garantir suprimentos para as colônias em dificuldades. Por esta razão, Franklin também se juntou à Loja de Saint Jean de Jerusalém, a "Loge des Bons Amis", e a um misterioso conclave chamado de Loja Real dos Comandantes da

Templo a oeste de Carcassonne. Essas conexões eram inestimáveis e ajudavam a obter suprimentos extremamente necessários que eram enviados em navios de propriedade dos maçons, como o Jean Baptiste, que recebeu o nome do maior santo da Maçonaria. Noventa por cento da pólvora usada pelo exército de Washington se originou na França.

Por meio dos esforços de Franklin e seus colaboradores maçônicos na Europa, outros comerciantes e até mesmo piratas juntaram-se ao esforço de guerra americano. Quando a participação dos mercadores franceses se tornou conhecida entre os mercadores clandestinos, os holandeses logo o seguiram. Como nação, eles haviam perdido o domínio dos mares e suas colônias para os ingleses. A Casa Crommelin de Amsterdã ficou mais do que feliz em ajustar o nariz do rei inglês e obter lucro garantindo pólvora para os americanos. <sup>12</sup>Para manter a aparência de neutralidade, os navios holandeses navegaram diretamente para a minúscula ilha de Santo Eustatius, onde descarregariam suas cargas de munição e chá para os navios americanos. Quando os navios britânicos se postaram nas águas da Holanda e os espiões britânicos descobriram seus lotes mercantis, os holandeses usaram Portugal como intermediário. As mercadorias eram enviadas para Portugal e depois reenviadas para as Caraíbas. Os britânicos logo entenderam o problema, mas não tinham solução. Em vez de arriscar uma nova ruptura nas relações e enfrentar uma guerra em casa, eles sentaram e assistiram enquanto os navios holandeses eram repintados, mudavam as bandeiras e transportavam seus carros para os americanos.

Os britânicos tiveram problemas maiores do que interromper o comércio; o país estava preocupado com a revolução e a guerra se espalhando para outras colônias. Pode ter sido apenas a distância relativa das colônias americanas originais a algumas das outras colônias da Inglaterra que impediu a revolução de se espalhar. As Índias Ocidentais, o Canadá e o posto avançado isolado das Bermudas, todos tinham seus próprios interesses, e sua lealdade nunca foi garantida.

O movimento clandestino maçônico que unia um contrabandista a outro ligava americanos a seus primos ingleses nas Bermudas. Homens como John Hancock precisavam manter um certo segredo para manobrar em torno dos navios da alfândega dos ingleses, bem como da série

de leis restritivas. A Maçonaria fornecia a proteção de uma ampla irmandade. Para poder fazer conexões nas ilhas distantes de Bermuda a Barbados, o capitão de um navio ou comerciante precisava se conectar com aqueles em quem ele pudesse confiar. A irmandade maçônica que existia em alto mar permitiu que muitos enfrentassem conflitos religiosos e políticos e sobrevivessem. Os Tuckers da Virgínia e das Bermudas são um exemplo de como duplicidade, lealdades questionáveis e crimes flagrantes não impediram a prosperidade - fornecendo as conexões certas existentes.

## O CLÃ TUCKER

A história das Bermudas está muito ligada à história americana. Descobertas pelos espanhóis em 1503, as Ilhas do Diabo, como eram chamadas por Juan de Bermudez, permaneceram incertas por cem anos. O rei Jaime I concedeu uma concessão de terras às ilhas para a Virginia Company. Em 1612, um grupo de sessenta ingleses tornou-se o primeiro colonizador. Desde os primeiros dias da colonização, a economia baseou-se no contrabando e na pirataria, no comércio de tabaco e na caça à baleia. Lojas maçônicas nas Bermudas recentemente celebraram seu aniversário de duzentos anos, mas o ofício foi estabelecido na ilha por pelo menos cinquenta anos antes que a Loja Saint George recebesse oficialmente seu mandado em agosto de 1797. O conde de Strathmore, o grão-mestre da Lojas inglesas, nomearam um grão-mestre provincial para as ilhas por volta de 1544. A Loja Saint George é, no entanto, a mais antiga loja escocesa em operação contínua fora da Escócia. A prevalência da Maçonaria é visível até hoje, onde a Alfândega de São Jorge se assemelha a um templo maçônico mais do que a um prédio oficial do governo.

Com cerca de um terço de todo o comércio das Bermudas coloniais considerado contrabando, não era de se admirar que existissem conexões muito fortes entre as colônias americanas e as Bermudas. Em 1775, uma pequena delegação das Bermudas participou do Congresso Continental na Filadélfia. As Bermudas permaneceram leais à coroa, mas isso não impediu os residentes de fornecer assistência.

A família Tucker das Bermudas e da Virgínia representou o líder

navio do movimento de resistência. A dinastia Tucker traça sua história desde a invasão normanda de Guilherme, o Conquistador. Setecentos anos depois, à medida que a Grã-Bretanha expandia seu papel no Novo Mundo, o clã novamente desempenhou um papel na invasão. Os Tuckers desembarcaram em Charleston, Carolina do Sul, Virgínia e Bermudas, onde chegaram ao poder e ao privilégio.

O coronel Henry Tucker foi o agente das Bermudas durante a Revolução Americana. Em julho de 1775, o Congresso Continental deu permissão para trocar alimentos por pólvora. Washington disse ao congresso que seu exército precisaria desesperadamente da pólvora, enquanto os residentes das Bermudas precisavam desesperadamente de comida. Em agosto do mesmo ano, dois navios patriotas encontraram-se com os homens do coronel Tucker. Os bermudenses ajudaram os americanos a invadir seu próprio Fort William para roubar cem barris de pólvora, que foram rapidamente carregados em navios baleeiros das Bermudas e depois transferidos para navios americanos. Os ladrões de pólvora nunca foram presos, pois a Inglaterra temia que a população estivesse procurando uma desculpa para se juntar à causa americana. Também ajudou o fato de o filho do coronel Tucker ser governador das Bermudas e, apesar de suas ações potencialmente traidoras, ele permaneceu governador bem depois que a Grã-Bretanha perdeu suas colônias. Além disso, o neto do coronel Tucker, Henry St. George, tornou-se presidente da British East India Company.

Durante a Revolução, o diplomata americano Silas Deane recomendou que a ilha das Bermudas fosse usada como um porto de abastecimento e um porto que poderia manter a minúscula marinha da América abastecida e protegida. Em troca, os bermudenses receberiam comida. A ilha forneceu aos americanos navios rápidos feitos de cedro das Bermudas. St. George Tucker era um parente do clã Tucker da Virgínia, com fortes laços comerciais com a ilha, e ele sugeriu a aquisição das Bermudas para George Washington em 1780.<sup>13</sup> St. George serviria em Yorktown como intérprete para Rochambeau; sua ajuda aparentemente era mais valiosa fora do campo de batalha, onde o comandante francês precisava de ajuda para encontrar mulheres.

Os esforços combinados da família Tucker na Revolução, que podem ter sido considerados traidores do ponto de vista britânico,

pouco fez para manchar o prestígio de Tucker. A Tucker House em Saint George, que recebeu o nome de Henry Tucker, o tesoureiro colonial e presidente do Conselho do Governador que a comprou em 1775, faz parte do Bermuda National Trust e atualmente é uma atração turística. O prestígio e as conexões dos Tuckers os ajudaram a sobreviver a quase todos os escândalos. "India Henry", como era conhecido Henry St. George Tucker, passou seis meses na prisão por uma "tentativa de estupro" cometida enquanto era presidente da British East India Company.<sup>14</sup>

John Randolph, filho do proeminente estadista da Virgínia (também chamado John), e sua esposa, Nancy, foram acusados do assassinato de seu filho pequeno. Relacionados ao clã Tucker, eles também tinham o encanto de sobreviver a qualquer escândalo. O "time dos sonhos" de advogados da Randolph incluía Patrick Henry, Alexander Campbell e John Marshall.<sup>15</sup> Os Randolphs foram absolvidos do assassinato.

Na América, os Tuckers se casaram bem. Em 1778, St. George Tucker casou-se com a viúva de John Randolph (do clã Jefferson-Randolph). Ele recebeu 1.300 acres no rio Appomattox. Ann Tucker casou-se com Lyon Gardiner Tyler, filho do presidente e herdeiro dos donos do refúgio pirata na Ilha de Gardiner.

Onde quer que a família Tucker fosse proeminente, importava a Maçonaria do Rito Escocês. Nas Bermudas, o clã Tucker foi fundamental para trazer a Maçonaria do Rito Escocês à proeminência sobre os Maçons da Grande Loja. Em Charleston, onde pertencer às lojas certas era a passagem para a riqueza mercantil, o Rito Escocês reinava. E na Virgínia, onde o movimento separatista orbitava ao redor do College of William and Mary, os Tuckers, os Tylers e outros que desempenharam papéis importantes no lado confederado da Guerra Civil eram maçons proeminentes.

Pode ter sido a Maçonaria do Rito Escocês que permitiu aos Tuckers individuais evitar a pena final por traição contra os britânicos de sua base nas Bermudas durante a Revolução e novamente na Guerra Civil. Por exemplo, Nathaniel Beverly Tucker, servindo como cônsul dos EUA em Liverpool, usou seu escritório para começar a construir navios confederados para usar contra o governo que o pagou. Durante a guerra, ele

fez parte do "gabinete canadense" que instigou motins de recrutamento nas cidades dos Estados Unidos. Tucker iria

até mesmo ser indiciado por desempenhar um papel no assassinato de Lincoln.<sup>16</sup> Mas, de alguma forma, as acusações foram retiradas e, quando Tucker voltou aos Estados Unidos, ele serviu na ferrovia da Pensilvânia como lobista.

De Medmenham a Nantes e de Bermuda a Boston, os homens que foram as forças por trás da Revolução nem sempre foram motivados por interesses puros ou singulares. De moral questionável e inquestionavelmente violadores da lei, muitos desses homens eram pelo menos tão corruptos quanto aqueles contra os quais lutaram. O poder dos grupos de elite, bem como dos maçons comuns, embora justificado, serviu para mudar para sempre a paisagem política do século XVIII.

## Capítulo 7

# OS COMERCIANTES DA GUERRA

**C**No entanto, é surpreendente que aqueles que desempenharam papéis importantes na guerra no exterior precisava recorrer a maçons, ocultistas, traficantes de escravos e contrabandistas para obter apoio; não era diferente nas colônias. Homens como Sam Adams, George Washington e Patrick Henry arriscariam a vida, a liberdade e a propriedade pela causa, mas as motivações dos outros não eram tão puras. Quando a guerra com a Inglaterra se tornou uma realidade, muitos comerciantes americanos fizeram fila para fazer fortuna. Pessoas que construíram fortunas com a importação de armas e suprimentos incluíam o clã Livingston de Nova York, Elbridge Gerry de Marblehead, Stephen de Filadélfia

Girard, Thomas Cushing de Boston e Benjamin Harrison da Virgínia. <sup>1</sup>

Benjamin Franklin reuniu o que ficou conhecido como o Segredo Comitê. Conseguir uma nomeação para ele era obter uma licença para roubar, ou pelo menos cobrar a mais. O Comitê Secreto recebia uma imensa quantia de fundos do recém-formado Congresso, e era composto de mercadores que conheciam as regras e não hesitavam em infringir as leis para seu próprio benefício. Esses homens eram responsáveis por manter as colônias abastecidas. O primeiro presidente do Comitê Secreto foi o sócio de Robert Morris, Thomas Willing. O primeiro contrato foi para sua própria firma, o que gerou protestos de outros comerciantes e membros do novo Congresso.

Apesar das críticas, Morris, aos 41 anos, tornou-se o maior fornecedor de bens militares na guerra. Ele nasceu em Liverpool, filho de um comerciante de Chesapeake. Após a morte de seu pai, ele ingressou na empresa Willing and Company; mais tarde ele se tornou um parceiro. A firma de vontade

e Morris tinha uma frota de navios mercantes nas Índias Ocidentais, o que significava que participavam da economia clandestina que prosperava sob uma massa de regras e regulamentos complexos e em constante mudança. Os sócios tinham fama de espertos e honestos, já que contrabando não era considerado ato desonesto. Embora Franklin percebesse que a combinação da experiência da empresa no comércio caribenho e sua rede de agentes em todo o mundo tornava Willing e Morris capazes de realizar transações, o Congresso estimou que a empresa teria um ganho exorbitante ao mesmo tempo. Morris, na verdade, escreveu a um associado comentando que armazenava o pó até que os preços aumentassem antes de entregá-lo ao Congresso.<sup>2</sup> Os comerciantes não viam nenhum dilema moral em ter lucro enquanto defendia o país.

O fato de a primeira designação ter dado errado não ajudou em nada. O navio comissionado, o *Lion*, supostamente não conseguiu encontrar nenhuma mercadoria para ser comprada na Europa e voltou vazio. Era altamente suspeito que um capitão experiente voltaria com o porão vazio de uma viagem tão longa. Morris ofereceu devolver as trinta mil libras esterlinas (oitenta mil dólares americanos) adiantadas pelo Congresso, mas, em vez disso, uma nova missão foi dada.<sup>3</sup>

A segunda tarefa foi melhor. Munição e pólvora foram compradas na Inglaterra, enviadas para Santo Eustatius e depois enviadas para as colônias. As empresas que assinaram os contratos tinham direito a 2,5% sobre os bens exportados e os suprimentos importados. Na verdade, era uma comissão muito pequena, considerando o risco que os armadores estavam correndo. Isso não impediu que o comitê passasse os contratos para suas próprias firmas, amigos e familiares. Robert Morris aprendeu rapidamente quais ângulos poderiam maximizar os lucros e minimizar as perdas - como embarcar as mercadorias da empresa junto com as que o Congresso estava pagando a bordo de navios de guerra americanos. Morris e Willing não registraram, como nunca, o pagamento do frete pelas exportações de índigo e arroz de sua empresa para a França.

Franklin, com sua grande experiência como líder empresarial da Filadélfia e suas conexões com comerciantes ingleses e americanos, foi rápido

para reconhecer o talento e as habilidades administrativas de Morris. O Congresso logo aceitaria Morris como o melhor homem que já existia.

Não é nenhuma surpresa que outros membros do comitê, que incluíam Silas Deane de Connecticut e Robert R. Livingston, John Alsop, John Dickinson e Francis Lewis de Nova York, tenham dado as atribuições a eles próprios ou a amigos. Os marrons da Providência aumentaram sua fortuna no comércio de escravos lucrando com a guerra. Samuel Otis, Thomas Cushing e Elbridge Gerry, de Massachusetts, também participaram da especulação. Arthur Lee, um fazendeiro da Virgínia, foi o maior crítico do lado comercial da aquisição de armas, em parte porque desconfiava dos comerciantes. Seu irmão William, no entanto, participou do duplo trato com suas próprias especulações. Mas a maior quantidade de lama lançada contra os aproveitadores foi direcionada a Silas Deane.

## DEANE E LAFAYETTE

Silas Deane nasceu em 1737 em Groton, uma antiga cidade portuária em Long Island Sound. Seu pai era ferreiro. Deane, no entanto, conseguiu passar por Yale e foi admitido na Ordem dos Advogados. Ensinando na escola em Hartford enquanto também praticava o direito, a carreira de Deane deu uma guinada dramática quando ele liquidou a propriedade de Joseph Webb. Seja por oportunidade ou por amor, o jovem advogado conheceu e se casou com a rica viúva de Webb, Mehitabel. Sua família era ativa no comércio das Índias Ocidentais, e Deane desistiu de lecionar e estudar direito. Em vez disso, ele começou a fazer viagens às Índias Ocidentais e a aprender o ofício. Depois que sua primeira esposa morreu, ele se casou com Elizabeth Saltonstall, neta de um governador e filha de um general. Embora sua família também tivesse sido comerciantes ativos, sua influência política foi maior e o oportunista Deane entrou na política.

Quando Deane perdeu sua cadeira no Congresso por causa de uma disputa com seu colega delegado de Connecticut, Roger Sherman, Morris, amigo próximo de Deane, encontrou uma missão melhor para ele: ele foi para a Europa como um

enviado aos franceses e um comerciante, e sua missão era alistar os franceses na causa americana, ou pelo menos obter suprimentos para a guerra. Segundo alguns relatos, Deane exagerou suas realizações com os franceses, mas se saiu bem no departamento de suprimentos de guerra, onde tinha direito a uma comissão de 5%. Em casa, seus inimigos cresceram e o Congresso não apenas deixou de pagar suas comissões, mas também o acusou de desvio de fundos. Suas cartas a um correspondente britânico sugerindo um acordo negociado para a guerra renderam-lhe a acusação de traição. Quando Deane finalmente deixou a Europa para voltar para casa, ele foi atacado por um violento ataque abdominal que o levou à morte em poucas horas. Acredita-se que ele tenha sido envenenado pelo agente duplo britânico Dr. Edward Bancroft.

Qualquer que seja a verdade nas acusações dos detratores de Deane, ele também merece crédito. No início da guerra, Deane contratou trinta mil rifles, quatro mil tendas, trinta morteiros e roupas para as tropas. Ele foi responsável pela apresentação de mais de um jovem aristocrata francês à causa americana. Um dos problemas do Congresso com Deane era dar contratos a oficiais franceses que desejavam cargos elevados e acreditavam que os estavam conseguindo ao se alistar na causa americana. Um desses oficiais foi Marie-Joseph-Paul-Yves-Roch-Gilbert du Motier, o Marquês de Lafayette. Nascido em 1757, o pai de Lafayette foi morto na batalha de Minden aos 27 anos por uma bateria comandada pelo general inglês Phillips. Lafayette tinha apenas dois anos na época, mas estava destinado a se vingar.<sup>4</sup>

O futuro general foi criado por sua mãe e avô, mas eles também morreram prematuramente quando Lafayette tinha treze anos. Ele era, no entanto, um dos homens mais ricos da França e tinha conselheiros que cuidavam de suas numerosas propriedades. Aos quatorze anos, ele teve um casamento arranjado com sua prima de 12 anos e meio, Marie Adrienne d'Ayen de Noailles, e eles logo se estabeleceram em Paris.

A família de De Noailles era igualmente nobre e de linhagem antiga. Seu avô era o Marechal duque de Noailles, que lhe deu um

direito hereditário de manter seu próprio regimento de cavalaria. Lafayette e seu cunhado, o visconde de Noailles, se encontraram para jantar em agosto de 1775 com o duque de Gloucester, irmão do rei Jorge III. Em um momento sincero, o duque anunciou que a insurgência na América poderia realmente aumentar e provocar a França a iniciar novas hostilidades contra a Inglaterra. O marquês e o visconde visitaram um terceiro parente, o conde de Segur, que se casou com alguém da família d'Ayen, com o plano de entrar na briga. O trio, apelidado de Três Mosqueteiros por sua família, correu rapidamente para a casa de Silas Deane para se alistar.

O jovem marquês tinha a patente de capitão da reserva quando navegou para a América. Descrito como um menino crescido enfiado em um belo uniforme, ele era rechonchudo, ruivo, já estava ficando careca e tinha um nariz comprido. Ele supostamente proclamou: "No momento em que ouvi falar da América, eu a amei; no momento em que soube que ela estava lutando pela liberdade, queimei de desejo de sangrar por ela." Tal sentimento, bem como um carregamento de munições e suprimentos, tornou-o querido para o Congresso e especialmente para o general Washington. Washington e o Congresso também podem ter gostado da família que Lafayette trouxe com ele: seu cunhado, o visconde Louis-Marie de Noailles, também veio para as colônias e era o segundo no comando de uma das lendárias unidades de combate da França, os Soissonnais. Lafayette foi comissionado um major-general, uma das mais altas patentes do exército continental. Quando foi ferido em Brandywine, Washington instruiu o cirurgião: "Trate-o como se fosse meu filho".<sup>5</sup>

O encontro de Washington e Lafayette deu início a uma longa amizade, e Washington viveu para retribuir os favores. Quando as idéias do marquês sobre liberdade e igualdade saíram pela culatra em uma loucura dirigida por facções que é chamada de Revolução Francesa, apenas os fundos da América compraram a libertação de Lafayette da prisão.

Embora Lafayette tenha servido com distinção e ganhado o respeito do regimento que lhe foi confiado ao comando, nem todos esses voluntários estrangeiros foram bem-vindos. Massachusetts era uma sociedade fechada que admitia poucos em suas facções. Enquanto a cidade de Nova York era

uma sociedade aberta no final do século XVIII, Boston sempre foi inglesa.  
Preconceito contra

Imigrantes irlandeses e italianos surgiram mais tarde, mas no período colonial simplesmente ser da Escócia era uma barreira. A Maçonaria superaria esse obstáculo.

## JOHN PAUL JONES

John Paul Jones é um herói estranho. Ele nasceu John Paul em Kirkcudbright, Escócia, em 1747, em uma época em que não havia um mundo de oportunidades esperando aqueles que ficaram em casa. Seu pai era um jardineiro casado com uma governanta e os dois trabalhavam na propriedade de William Craik. Muitos acreditavam que o verdadeiro pai de John Paul era James Craik, filho de William. A mãe de Craik e John Paul, Jean, se casou com um dia de diferença com outras pessoas, e Craik forneceu a Jean um chalé para começar sua nova família. Até o biógrafo Samuel Eliot Morison aponta que as atividades de Craik "sugeriam" que o relacionamento de Jean com ele era mais do que uma governanta. <sup>6</sup>Desde o nascimento, uma nuvem pairou sobre João Paulo por causa de sua ascendência pouco clara. Aos quatorze anos, ele começou sua carreira a bordo de um navio que comercializava rum, açúcar e humanos em Barbados. Aos dezessete anos, ele era o terceiro imediato de um blackbirder, o termo para um navio negroiro, tendo se mostrado capaz no mar. Ele navegaria a bordo de escravos por mais dois anos antes de abandonar o "abominável" comércio. Não era tanto a moralidade que agredia suas sensibilidades quanto o cheiro. Um navio mercante de escravos que às vezes confinava centenas de homens e mulheres em seu porão sem instalações sanitárias podia ser farejado a quilômetros de distância.

Ao voltar de Kingston, Jamaica, o comandante e imediato do navio de Paul morreu, então ele trouxe o navio sozinho. Ao fazer isso, ele ganhou a nomeação de mestre, uma grande conquista na idade de 21 anos. Paulo fez tudo o que pôde para viver o papel. Ele tentou abandonar seu sotaque escocês rural e aprendeu a ler e escrever bem - na verdade, melhor do que seus colegas. Ele vestiu o papel de um oficial e procurou a companhia de outros oficiais. Ele também impôs disciplina.

Com um metro e setenta e cinco de altura, o comando nem sempre era fácil para Paul. Ao longo de sua carreira, ele iria mais de uma vez

sozinho reprimir um motim. A disciplina, no entanto, tinha seus riscos. Em uma das primeiras viagens como capitão, Paulo ordenou que o filho de um rico comerciante fosse açoitado três vezes. O homem apresentou acusações, das quais Paulo foi absolvido, mas depois morreu a bordo de outro navio que voltava para a Escócia. O pai então apresentou novas acusações contra Paul e mandou prendê-lo. Novamente Paulo foi inocentado, mas ele veio a entender o valor das conexões.

Poucos dias depois de sua libertação da prisão de Tolbooth, Paulo se inscreveu e foi aceito na Loja de Maçons São Bernardo em Kirkcudbright. Como membro daquela loja, ele era bem-vindo para visitar e às vezes encontrar acomodações em outras lojas ao redor do mundo. Ele também fez conexões nas lojas que avançariam em sua carreira e até salvariam sua vida.

Três anos depois, Paul foi novamente acusado de assassinato. Sua versão era que o líder de uma tripulação amotinada estava prestes a acertá-lo com uma clava quando ele o atravessou com a espada. O incidente ocorreu em Tobago, onde a pequena população de brancos era majoritariamente escocesa e o vice-governador era um amigo. No entanto, o jovem capitão decidiu fugir. Ele desapareceu por dois anos e depois apareceu na Virgínia com o novo sobrenome Jones. Provavelmente ele se escondeu em Edenton, Carolina do Norte, onde tinha um amigo de sua cidade natal, Robert Smith. Ele então se mudou para a Virgínia, onde o irmão de Robert, James, também de Kirkcudbright, era armador e oficial da loja maçônica local.

Com um novo nome e uma nova vida, Jones encontrou segurança e aceitação em Scotchtown, Virgínia. Smith era sócio de uma empresa de navegação com Joseph Hewes, que se tornaria o patrono de Jones durante a Revolução. Outro amigo era o Dr. John K. Read, parente da esposa de Ben Franklin e também ativo na Maçonaria. Jones conhecia Patrick Henry e iria competir pela mão de Dorothea Dandridge em casamento. Quando a guerra estourou, Jones chamou Hewes e outro maçom de Kirkcudbright, David Sproat, para uma nomeação na primeira marinha americana.

Antes de encontrar o inimigo, Jones teve muitas batalhas para travar.  
Ele

encontrou hostilidade dos sangues-azuis da Nova Inglaterra que se ressentiam de um escocês; na verdade, eles se ressentiam de qualquer um que não fosse um Saltonstall ou um Winthrop que subisse acima de sua casta. Incompetentes como Dudley Saltonstall, cunhado de Silas Deane, que era descendente dos Winthrops, receberam o comando em vez de um arrivista como Jones. Foi só depois que outros provaram sua incompetência que Jones recebeu navios escolhidos. Outra batalha era encontrar homens. A marinha americana pagou menos do que os marinheiros a bordo dos corsários. Quando um prêmio era conquistado, um marinheiro privado poderia receber o dobro da parte.

Jones superou seu primeiro obstáculo alojando-se com os maçons de Boston, como Thomas Russell e Abraham Livingston, e os maçons de Portsmouth, como John Wendell. Wendell era membro da muito importante Saint John's Lodge de Portsmouth e apresentou Jones. Jones, em troca, contratou o filho de Wendell, David Wentworth Wendell, primo de John Hancock e John Adams, como aspirante. Reembolsar Abraham Livingston seria mais difícil, já que Livingston "encomendou" doze caixas de clarete, um jogo de chá chinês, talheres, decantadores, copos, amêndoas, anchovas, alcaparras e azeitonas da viagem de Jones à Europa.

O segundo obstáculo foi superado por "impressionar" os marinheiros, forçando-os a trabalhar em esconderijos de piratas como Tarpaulin Cove nas Ilhas Elizabeth. Isso não lhe rendeu amigos e, na verdade, quase causou sua prisão em Providence, até que ele puxou a espada para o xerife local.

Jones fez carreira na Europa, chocando a Inglaterra com ataques a seus portos e navios. O tempo é tudo, e o tempo de Jones foi excelente. A França estava começando a questionar a chance americana de independência quando as notícias das façanhas de Jones chegaram. Quando Jones desembarcou na França, ele foi o brinde da cidade e foi aceito no grupo maçom de maior prestígio da França, a Loja das Nove Irmãs. Benjamin Franklin e Voltaire também eram irmãos deste misterioso grupo, que se reuniu em Saint-Sulpice.

Jones passou seu tempo na França aceitando medalhas, jantando com seus novos irmãos maçons e comprando suprimentos de guerra e talheres. Depois de ter negado ao Virginian Arthur Lee passagem para casa por causa de sua enorme bagagem e séquito de criados, Jones fez um novo inimigo. Uma vez

em casa ele teve que responder a acusações de atrasar os suprimentos de guerra necessários. Seu status de herói permitiu-lhe responder de forma abreviada, evitando mencionar qualquer coisa, exceto o estado de seu navio.

A guerra estava sendo travada em várias frentes. O exército continental de Washington foi de derrota a derrota, retirando-se através do país rebelde, enquanto os britânicos se aproveitavam das facções conservadoras escocesas leais no sul para desmoralizar as forças americanas. Na Europa, agentes americanos como Franklin e Deane trabalharam nos bastidores para encontrar amigos americanos. E em casa um punhado de elite rica aproveitou suas nomeações para construir fortunas.

## BENJAMIN HARRISON

Benjamin Harrison era um aristocrata da Virgínia, cuja família provavelmente prosperou por estar politicamente conectada e por ser uma das primeiras famílias da Virgínia. A partir de 1632, quando o primeiro Harrison desembarcou, a família foi representada no órgão governamental da Virgínia, a Casa dos Burgesses. Na época da Revolução, a propriedade dos Harrison, chamada de Berkeley Hundred, era um reino dentro do estado.

A estrada de uma milha e meia que corta a propriedade serpenteia por campos de tabaco e senzalas antes de chegar à grande mansão Harrison. Benjamin Harrison era, a essa altura, parente de todas as famílias aristocráticas da Virgínia, incluindo os Lees, os Carters e os Byrds. Além de ser signatário da Declaração de Independência e governador da Virgínia,<sup>7</sup> ele também era um parceiro secreto na firma Willing and Morris. Em 1776, com a guerra apenas começando, Harrison, o fazendeiro, e Willing e Morris, os comerciantes mercantes, compraram a maior parte das safras de tabaco americanas. Os preços eram baixos porque todos acreditavam que enviar o produto para venda na Grã-Bretanha seria impossível em um momento em que uma guerra estava acontecendo. Mas Morris e Harrison compreenderam que, ao mesmo tempo em que os preços caíam na Virgínia, estavam subindo

na Inglaterra. O tabaco representava metade do valor das exportações da América, e as apostas

eram enormes. Morris alugou navios da Nova Inglaterra, Deane fez um seguro para eles, notavelmente, em Londres, e eles zarparam. Eles não precisaram ir longe; o mercado de livre comércio em Santo Eustatius era o mercado. Isso ajudou a tornar Morris extremamente rico durante uma época em que competia contra o Comitê Secreto, no qual atuava.<sup>8</sup>

Harrison teve sete filhos, incluindo William Henry Harrison, que se tornou o nono presidente. O histórico de William na Guerra de 1812 e o status de patricio da família o ajudaram a ser notado. A publicidade em torno de seu envolvimento na pequena escaramuça chamada Tippecanoe pode tê-lo eleito, mas Harrison não era realmente um herói de guerra. Ele marchou com sua força de mil homens contra uma aldeia Shawnee com metade do tamanho em uma medida punitiva. Apesar de sua força ser o dobro do tamanho e seu exército perder mais homens em batalha do que Shawnee, Harrison reivindicou a vitória. A mídia acreditou em sua palavra e ele foi considerado um herói. Sua campanha para a presidência não estava indo muito bem até que ele parou em Richmond. Lá, um batedor de carteiras sendo levado para a prisão gritou "Tippecanoe e Tyler também", que se tornou Harrison 'slogan da campanha s. Harrison logo foi eleito o presidente de mandato mais curto da América.<sup>9</sup>

A administração de Harrison durou apenas um mês, quando ele se tornou o primeiro de dois presidentes a cruzar os Cotton Whigs. Harrison e Zachary Taylor morreram de dor de estômago após eventos muito públicos. A morte de Harrison, primeiro declarada como sendo de uma doença estomacal, foi posteriormente atribuída ao fato de ele ter pegado um resfriado durante o discurso inaugural. A morte de Taylor foi atribuída ao fato de ele comer cerejas e beber leite. Ambas as mortes pavimentaram convenientemente o caminho para mudanças políticas significativas em Washington.

A riqueza e o status da família permaneceram, e o bisneto do signatário da Declaração Benjamin Harrison, que também se chamava Benjamin, se tornaria presidente. Na época, o partido de Harrison estava dividido. Em sua convenção, o partido passou por sete votações sem líder. No momento

crítico, James Blaine, que recebeu o crédito por colocar o presidente anterior, Grover Cleveland, na Casa Branca, enviou um telegrama da Escócia que dizia: "Tome Harrison". Porque ele estava

percebido como um homem que poderia ser manipulado, Blaine conseguiu o cargo de Secretário de Estado. Benjamin Harrison, como seu avô, faria seu longo discurso de posse em uma chuva de março, mas ele sobreviveu. Suas realizações são poucas. Suas causas favoritas eram as tarifas elevadas, o banimento da imigração asiática e a derrubada do governo do Havaí para anexar o território.

## ELBRIDGE GERRY

Elbridge Gerry era um membro da aristocracia Marblehead. Em uma época em que a navegação mercante pavimentou o caminho para a riqueza, o pai de Gerry era um rico e politicamente ativo navio mercante. Sua mãe era filha de um comerciante britânico. Marblehead era mais conhecido como um porto de pesca, e grande parte do negócio de Gerry era enviar bacalhau para Barbados para ser usado como alimento para os escravos recém-importados. Antes da guerra, Marblehead rivalizava com Salem em importância, e Gerry era um de seus cidadãos mais ricos.

Como um homem rico que dependia do comércio, legal ou não, Gerry não concordava com o crescente sentimento anti-britânico que crescia em Boston. Ele ficou indignado com o Boston Tea Party e, como resultado, deixou seu cargo político de baixo nível. Sob a influência de Sam Adams, no entanto, Gerry voltou à política. Mas, como Hancock, seus motivos costumavam ser planejados para aumentar seu bolso. Ele serviu como presidente do Comitê de Abastecimento, cargo que lhe convinha perfeitamente. Além disso, ele fez parte de um conselho parlamentar que regulamentava as finanças. Quando o Congresso foi mesquinho em distribuir dinheiro a fornecedores como Gerry, ele saiu. Ele passou a ser considerado o "amigo do soldado" por suas demandas por melhores equipamentos e suprimentos, embora não tenha feito nada no debate sobre as pensões dos soldados. Durante a guerra, Gerry não poderia ter tido mais sorte. Os britânicos fecharam o porto de Boston, mas de alguma forma deixaram Marblehead em paz. A importância de Marblehead aumentou à medida que patriotas ao redor das colônias doavam bens para Boston e Gerry os enviava.

Altivo e aristocrático, Gerry nunca foi popular entre os

Eleitores de Massachusetts. Seu interesse sempre foi em sua própria riqueza e propriedade. Na noite da marcha britânica contra Lexington e Concord, Gerry se escondeu em um milharal em suas roupas de dormir. Antes da Batalha de Bunker Hill, ele tentou persuadir o Dr. Joseph Warren, o presidente do Congresso Provincial, de se juntar à batalha. <sup>10</sup>Warren disse a Gerry: "Dulce et decorum est, pro patria mori", que significa "é um dia doce e glorioso morrer pelo país". Warren então foi para a morte. Gerry não.

Embora defendesse publicamente a independência, Gerry tinha dúvidas sobre a assinatura da Declaração. Benjamin Harrison brincou com Gerry sobre o perigo de assinar, dizendo que seu próprio peso garantiria uma morte mais rápida na forca do que o de Gerry. <sup>11</sup>Gerry pode ter levado isso a sério, pois estava ausente quando a Declaração foi assinada; ele colocou sua assinatura no documento meses depois. O esforço mais forte de Gerry no Congresso Provincial foi fazer com que o Congresso emitisse cartas de marca. Isso permitiu que armadores como ele capturassem legalmente navios britânicos e lucrassem com as mercadorias apreendidas.

Para manter a si mesmo e a seus políticos favoritos no cargo, Gerry redesenhou as linhas de vários distritos para manipular o efeito da votação. Um distrito foi desenhado para se parecer com uma salamandra, e o termo gerrymander entrou no vocabulário.

## A FAMÍLIA CUSHING

Os Cushings representavam a aristocracia americana. Thomas Cushing era um comerciante ativo e aliado político do pai de Sam Adams. Cushing, cujo apelido era Cabeça da Morte, <sup>12</sup>não via necessidade de separar a política do lucro. Como empresário, ele tentou servir aos dois "deuses". Ele reuniu informações de inteligência sobre os conservadores, mas às vezes relutava em compartilhá-las. Ele estava igualmente relutante em elevar o conflito, e verificar os "desígnios violentos dos outros" era seu objetivo antes da guerra.

Os homens encarregados de abastecer os militares podem hoje ser acusados de se permitirem comissões e lucros excessivos. No

No século XVIII, era quase esperado que esses homens e seus amigos usassem seus cargos para ganho pessoal. Enquanto Cushing e Gerry ganhavam fortunas no esforço de guerra, aqueles que os forneciam não pensavam em aumentar os bens em 500%. Os mercadores menores viam pouco mal em vender também aos britânicos e em cobrar caro demais aos franceses, que haviam entrado na guerra para salvar os esforços dos colonos.<sup>13</sup>

O clã Cushing elevou o interesse próprio aos níveis mais traiçoeiros. Depois de lucrar durante a guerra, os Cushings, liderados por Caleb Cushing, agiram passo a passo para derrotar os interesses dos Estados Unidos e enriquecer. O mentor de Caleb Cushings foi John Lowell, que serviu como agente de muitos britânicos ricos forçados a deixar Boston. Ele continuaria a desempenhar um papel de liderança no Essex Junto da Nova Inglaterra, que tentou incitar a região a se separar dos Estados Unidos recém-formados porque os mercadores não gostavam das políticas de Jefferson. Pouco depois de ir trabalhar para Lowell, Cushing se casou com a filha de um importante membro do movimento separatista.

Cushing se tornou um corretor de poder e aparentemente não pararia por nada para obter lucro. Ele era uma conspiração maçônica de um homem só. Como um maçom de trigésimo terceiro grau do rito escocês, ele usou sua influência para enriquecer, levar seu país à guerra contra a China e o México e, finalmente, conduzir os Estados Unidos à dissolução da União. Publicamente, Cushing era um abolicionista, mas, ao mesmo tempo, lutou pela anexação do Texas, que a maioria dos estados do norte temia que desequilibraria o conflito. Cushing, como Cotton Whig, não via problemas em uma União dividida se o comércio com a Inglaterra fosse seguro. Esse comércio dependia do algodão barato como principal produto de exportação; o algodão barato dependia de mão de obra barata. Logo depois que ficou óbvio que o presidente Harrison não tinha intenção de promover a causa da anexação, ele estava morto.

Um livro intitulado *The Adder's Den* foi publicado em 1864. O autor, John Smith Dye, afirmou que os agentes do Sul pró-escravidão envenenaram Harrison para colocar Tyler na Casa Branca. Harrison tinha sido um fazendeiro, tinha servido no exército, marchou pelo deserto por meses a fio e lutou como soldado. Parece improvável

que passar duas horas na chuva pode levar à sua morte. Após a morte suspeita do presidente Harrison, o presidente acidental John Tyler nomeou Caleb Cushing secretário do Tesouro. Cushing, entretanto, não era apreciado ou confiável, e o Senado rejeitou sua indicação. Tyler então o nomeou comissário para a China.

A família de Cushing enriqueceu com o comércio de ópio na China. Pouco depois que os britânicos iniciaram uma guerra contra a China para impor seu direito de vender ópio ao país, Caleb Cushing ordenou que os navios americanos entrassem em Cantão com armas em punho para uma China ainda mais humilde. Seu próximo ato foi empurrar para a guerra contra o México. Admitir o Texas e outros estados na União como "estados escravos" ajudou a escravidão a continuar. A Nova Inglaterra e as famílias brâmanes dependiam da capacidade do Sul de fornecer algodão barato. O algodão poderia então ser fiado em tecidos nas fábricas da Nova Inglaterra, das quais Lowell era a força preeminente.

Quando o apoio foi necessário para reunir certos estados do sul contra o movimento abolicionista, Cushing despachou outros habitantes da Nova Inglaterra para o sul. Albert Pike, da base de Cushing em Newburyport, Massachusetts, foi enviado para Arkansas. Ele também seria elevado ao trigésimo terceiro grau no Rito Escocês e desempenhou um papel fundamental na formação da Ku Klux Klan. Outro amigo, John Quitman, de Nova York, foi enviado ao Mississippi, onde iniciou a Maçonaria do Rito Escocês e um movimento separatista.

Após a guerra contra o México, Cushing convidou seus generais da guerra mexicana, incluindo Jefferson Davis, para Massachusetts, onde os informou que queria que Franklin Pierce fosse o presidente. Zachary Taylor foi o herói da Guerra do México, mas alienou os Cotton Whigs ao se opor à extensão da escravidão na Califórnia. No entanto, ele foi eleito. Após dezesseis meses no cargo, Taylor participou da dedicação decididamente maçônica do obelisco conhecido como Monumento a Washington. Ele teria ficado doente depois de comer cerejas e beber leite e morreu pouco depois. Mais uma vez, um herói de guerra que havia sobrevivido tanto às dores de parto quanto aos rigores da guerra foi derrubado por um problema simples.

Cushing ainda atuou nos bastidores em um papel

a

Buchanan White House, e uma vez que a guerra se tornou inevitável, ele apoiou Lincoln. Apesar de ter plantado homens no Sul para liderar o caminho para a secessão, a duplicidade de Cushing nunca foi suficiente para mantê-lo fora do governo.

## STEPHEN GIRARD

Stephen Girard começou sua carreira como piloto de um navio francês no comércio do Caribe. Sua primeira viagem foi a bordo do Pelerin para Port-au-Prince em Saint Domingue. Este porto de escravos foi uma das capitais do comércio triangular. Escravos foram trazidos da África para trabalhar nas plantações de açúcar. O açúcar era a carga de retorno, sendo aí produzido há quase duzentos anos, altura em que os portugueses construíram muitos dos engenhos. O piloto era o homem encarregado do comércio e muitas vezes recebia carta branca do proprietário do navio para lucrar da maneira que pudesse. Vender o açúcar para as colônias americanas aumentou os preços porque o comércio havia sido proibido pelos britânicos.

Girard fez seis dessas viagens antes de ser promovido a capitão. Em sua última viagem comercial da França, ele decidiu que tinha se saído mal, pois os preços das commodities haviam caído. Em vez de retornar à França com uma aposta menos do que lucrativa para seus patrocinadores, ele simplesmente vendeu as mercadorias e ficou com o dinheiro. Com a renda ilícita, ele pegou um carregamento de açúcar e o trouxe para Nova York. Lá ele se juntou a Thomas Randall no comércio de Nova Orleans, mas foi o bloqueio britânico que finalmente plantou Girard na Filadélfia. A cidade do amor fraterno era especialmente afetuosa com seus irmãos maçônicos, e Girard, que havia se tornado maçom em Charleston, rapidamente se juntou à loja de sua cidade. A pousada serviria como um antigo clube de garotos para mercadores como John Wanamaker e capitães de navios como Girard.

Um homem feio com um olho ruim, Girard casou-se com uma donzela irlandesa sem um tostão, Mary, aos 27 anos. Cinco meses depois de casado, ele a pegou traindo um coronel britânico. Seu irmão o visitou e o deixou

com uma concubina negra chamada Hannah, a quem ele nomearia em seu testamento. Sua esposa estava comprometida.

Durante a Revolução, o rico comerciante e armador aumentou sua fortuna agindo como um corsário para o lado americano enquanto negociava com os britânicos. Girard havia feito um juramento de lealdade às colônias, mas sua lealdade era, antes de mais nada, para consigo mesmo. Seu comércio traiçoeiro com os britânicos, sua participação no comércio de escravos e seu papel posterior no comércio de ópio fizeram dele o quarto americano mais rico de todos os tempos.<sup>14</sup>

Depois da guerra, Girard contratou uma nova amante de dezoito anos. Sua esposa, que ainda estava no asilo, deu à luz uma filha que ele nunca conheceria.

A fortuna de Girard cresceu, pois ele foi um pioneiro no comércio com a China. O biógrafo George Wilson diz: "Ele acabou obtendo mais lucros com o comércio da China do que qualquer um dos que estavam no andar térreo."<sup>15</sup> Quando os britânicos foram proibidos pelo governo chinês de contrabandear ópio para o país, navios americanos como o Girard's assumiram o comércio. Girard levantou capital por meio de um banco britânico, Baring Brothers, para financiar sua entrada. Do comércio legítimo e do contrabando, Girard tornou-se um dos homens mais ricos da América. Durante a Guerra de 1812, ele investiu metade dos dezesseis milhões de dólares de que o país precisava para superar o conflito, cobrando de seu país uma comissão de 10 por cento.

Aos setenta e sete anos, Girard contratou sua quarta e última empregada doméstica e amante. Ele viveu mais quatro anos. Sua vontade proveu generosamente para aqueles que trabalharam para ele; governantas, criados e capitães de mar, todos recebiam rendas vitalícias. A loja maçônica de Girard recebeu vinte mil dólares. Os órfãos da Filadélfia receberam uma escola para abrigá-los e educá-los até hoje. Hoje, o testamento vital de Girard ainda é superior a duzentos milhões de dólares.

O exército americano marchou de uma derrota para outra e foi forçado a subsistir com rações mínimas e sem uniformes adequados ou mesmo sapatos. Ao mesmo tempo, o esforço de compras americano estava nas mãos de Cushing, Gerry, Girard e outros exploradores que pensavam

nada de trapacear e sobrecarregar seu próprio lado. O lado britânico, no entanto, não teve falta de políticos egoístas e ineptos e líderes militares que conseguiram roubar a derrota das garras da vitória em várias ocasiões. A responsabilidade foi então deixada para os franceses, e em particular um pequeno círculo de aristocratas e maçons franceses, para inclinar a balança.

## Capítulo 8

# O SUBORNO QUE GANHOU A GUERRA

**T**a história de como um aristocrata francês pode ter sido o responsável — pois a vitória americana nunca foi dita.

A Guerra Revolucionária Americana é um conto ilustre de momentos vitoriosos. O primeiro foi o notável ponto de inflexão em Saratoga, que serviu como catalisador para trazer os aliados em potencial da América. O segundo foi a travessia surpresa do Delaware no Natal, onde o exército americano faminto e desordenado derrotou os bem treinados e bem equipados Hessians. O clímax veio em Yorktown, onde os americanos e seus novos aliados, os franceses, cercaram o exército do General Cornwallis.

Os alunos da guerra, no entanto, veem o outro lado. Eles veem as poucas vitórias pesando contra as múltiplas perdas dos americanos no Brooklyn, Manhattan e White Plains; os ingleses perseguindo Washington de uma derrota a outra; a fome e privação de continentais não treinados, e sua subsequente deserção e motim. O exército de lutadores pela liberdade foi parcialmente destruído em batalha e quase liquidado pela fome e doença, mas as colônias ainda eram povoadas por muitos que não eram leais à nova causa. Os conservadores dominavam a população do leste de Long Island, onde o exército britânico podia comprar gado. Nova Jersey era principalmente conservadora e fornecia comida para o exército inglês, enquanto Washington passava fome do outro lado do rio, na Pensilvânia.

Proprietários de terras conservadores dominavam as Carolinas, sua lealdade muitas vezes a seus

bolsos pessoais, que estavam intimamente ligados à Inglaterra. Muitos americanos, embora leais à causa da liberdade, ainda colocam suas melodias pessoais em primeiro lugar, negando comida ao exército de Washington e recusando o Continental como moeda.

Apesar do estado da economia, as constantes derrotas em escaramuça após escaramuça e a perda da maior parte do exército americano por doença, captura e deserção, o resultado da guerra foi uma vitória notável. O estudante sério pode ser levado a se perguntar como isso foi possível.

Há um terceiro lado da história que pode parecer ainda mais estranho. Sir William Fraser disse uma vez: "A Batalha de Waterloo foi vencida nos campos de jogo de Eton." Sua declaração se refere à escola onde os futuros líderes da Inglaterra foram treinados. Pode ser válido parafrasear Fraser ao discutir como a Guerra Revolucionária foi ganha: A batalha de Yorktown foi perdida nas mesas de jogo de uma casa de jogos de Londres conhecida como White's.

## ALTA SOCIEDADE EM LONDRES

Numa época em que o sol nunca se punha no império britânico, a sociedade londrina pode ter estado em sua fase mais decadente. Era a maior cidade do mundo e a Inglaterra, é claro, era a dona do oceano. Enquanto os pobres morriam de fome nas ruas, a camada superior da sociedade se deliciava com a bebida, o jogo selvagem, as piadas e o comportamento obsceno. Como a maior cidade portuária do mundo, pode haver até oito mil navios no Tamisa ao mesmo tempo. O número de bares e bordéis para servir os milhares de marinheiros e oficiais era impressionante. As classes mais altas se distanciaram das classes mais baixas, mesmo participando dos vícios de Londres.

De um estabelecimento chamado Shakespeare's Head, uma taverna de Covent Garden popular entre os capitães do mar e diretores da Companhia Britânica das Índias Orientais, John Harris publicou uma lista das melhores prostitutas e onde seus serviços podiam ser encontrados.<sup>1</sup> Mas para aqueles no auge da sociedade londrina, havia clubes de cavalheiros.

A moda dos cavalheiros de Londres do século XVIII era

pertencem a um ou mais clubes de cavalheiros. Muitos deles mudaram de um lugar para outro; outros estavam ancorados em uma taberna ou salão específico. Alguns clubes eram tão espetaculares quanto os cassinos modernos, e tornar-se membro era tudo para a classe aristocrática. Almack's, Brooke's e White's estavam entre os melhores clubes. O Almack's tinha um grande salão de baile que acomodava 1.700 dos dândis da moda de Londres. Ganhar entrada era importante para a jovem cena social de Londres, e o duque de Wellington uma vez foi recusado porque chegou de calça em vez dos calções de joelho exigidos. Mulheres foram admitidas no Almack's, que se tornou um mercado de casamentos para os mais elegíveis de Londres.

A principal atração dos clubes de cavalheiros era o jogo. Numa época em que o assalariado médio ganhava uma libra por semana, não era incomum ver dez mil libras esterlinas na mesa. Os de Brooke e White eram estritamente clubes masculinos, e a principal diversão era o jogo. Eles mantinham um livro de apostas aberto, onde se podia apostar em qualquer coisa, e os assentos nas mesas de cartas ficavam ocupados a noite toda. Whist, loo, faro e azar eram os jogos favoritos, e o tamanho das apostas arruinou muitos da jovem elite da Inglaterra.

O White's e o Brooke's ocasionalmente atraíam membros divididos pela política e, nos anos anteriores à Revolução Americana, o Brooke's era considerado um clube Whig e o White's um clube Conservador. Os membros de White incluíam o duque de Devonshire e o conde de Rockingham. Os membros de Brooke incluíam Charles James Fox, Lord Robert Spencer e Sir Joshua Reynolds.

Charles Fox pode resumir os macaronis de Londres. Nascido com a proverbial colher de prata, a riqueza de Fox o levou à eleição para a Câmara dos Comuns aos dezenove anos. Na altura da sua eleição, viajava por todo o continente, por isso não sofreu o tédio de uma campanha. Na verdade, de acordo com suas próprias cartas, ele foi vítima de um ataque de gonorréia em Nice. De volta a Londres, a Fox passaria dias pulando do Brooke's para o White's, do Almack's para outros clubes, onde uma noite

ruim poderia causar uma perda de dez a quinze mil libras e uma boa noite poderia ver o seu retorno.

Embora a fortuna da família Fox apoiasse esse excesso, o mesmo não poderia ser dito de todos os jovens dândis que compunham a cena do Saint James Club em Londres. Uma enorme dívida de jogo contraída nas mesas de jogo do White's em Londres levou ao suborno de um homem cujo papel seria tão importante no resultado final da Guerra Revolucionária: Sir George Brydges Rodney.

Nascido em uma família Somerset que traçou sua linhagem por vinte gerações, Rodney estudou em Harrow. Como muitos outros comandantes navais de sua época, ele deixou a escola ainda muito jovem, aos 12 anos, para treinar na Marinha. Mas prestígio e lucro nem sempre andaram de mãos dadas. Uma figura elegante e bonita, Rodney era um libertino e um jogador sem qualquer riqueza herdada para pagar suas perdas. O jovem dândi perdeu a fortuna de sua família nas mesas de jogo do White's.

Ainda pior do que suas perdas foram as dívidas que ele contraiu. Rodney planejou ir ao mar para compartilhar o butim que foi prometido aos comandantes. Em uma das primeiras ações nas Índias Ocidentais, ele conseguiu consertar parcialmente suas finanças. Embora a renda lhe trouxesse tempo, o mar o decepcionaria tanto quanto as mesas de jogo do White's. Rodney gastou seus fundos restantes para entrar no Parlamento, mas mesmo essa campanha falhou. Suas dívidas eram com demasiada frequência para com os homens em cargos públicos, e seus contatos logo se tornaram um prejuízo para sua carreira.

Incapaz de ficar longe de White's ou recuperar suas finanças, Rodney foi forçado a fugir de Londres e de seus credores. Durante o exílio na França, soube que fora escolhido para chefiar a marinha britânica. Mas ele também devia aos credores franceses e foi informado que teria de pagar suas dívidas antes de partir. As perspectivas eram realmente sombrias. Mesmo que encontrasse dinheiro suficiente para sair da França, ele ainda poderia ser jogado em uma prisão de devedores na Inglaterra antes mesmo de ver um navio de guerra.

No comando da marinha estava a luz no fim do túnel de Rodney. Em seu momento mais sombrio, Rodney foi abordado por um representante de uma das famílias mais ricas da França. Rodney receberia dinheiro suficiente

para saldar suas dívidas monumentais, mas o que era necessário para tal favor era igualmente monumental.

## IRMÃOS MAÇÔNICOS DO EXTERIOR

O inverno de 1777 a 1778 foi particularmente difícil para o exército americano sob o comando de Washington. Muitos soldados tinham pouco mais do que cobertores para se protegerem do frio, pois suas camisas e calças estavam em farrapos. Sapatos eram um luxo, e muitos soldados perderam os pés e as pernas por causa do frio. Frequentemente, os sentinelas usavam chapéus para manter os pés descalços mais aquecidos. A comida era tão escassa que a guloseima do Dia de Ação de Graças consistiu em 120 gramas de bolo de arroz.<sup>2</sup> Ao mesmo tempo, fazendeiros alemães na vizinha Valley Forge estavam levando gado para a Filadélfia para os britânicos.

O próprio Washington teve de lidar com as desculpas constantes do Congresso quando implorou por comida, roupas, fundos e remédios. E um punhado chamado Conway Cabal conspirou contra Washington. O exército estava subnutrido e mal vestido, e durante anos foi forçado a recuar de uma derrota para outra. Parecia que, se a vitória fosse alcançada, seria um milagre. Esse milagre finalmente se tornou realidade com a chegada da ajuda da Europa.

Os esforços dos agentes americanos na Europa trouxeram os franceses como aliados. No início de 1778, enquanto Rodney estava escondido em Paris, os franceses assinaram uma aliança para se juntar aos americanos. Eles não declarariam guerra contra a Inglaterra até julho, no entanto. Um dos primeiros conflitos envolveu a marinha francesa e a frota inglesa perto da ilha de Ushant. As duas forças eram iguais, mas os ingleses estavam acostumados a vencer. Quando a frota francesa foi forçada a recuar, os dois comandantes ingleses de alguma forma confundiram seus sinais e também recuaram. Em um movimento que lembra muito as inúmeras batalhas terrestres travadas na América, parecia que os ingleses se recusaram a aproveitar a vantagem.

Como a batalha estava tão perto de casa para os ingleses e o fracasso tão público, os cidadãos se revoltaram nas ruas de Londres e ambos os comandantes foram submetidos à corte marcial. Cada um culpou o outro pelo fracasso em obter a vitória.

O exército inglês parecia incapaz de aproveitar sua vantagem em terra também, embora o público estivesse menos ciente do que ocorria do outro lado do Atlântico. Houve erros piores. Depois da guerra, Sir William

Howe, Sir Henry Clinton e Lord Charles Cornwallis foram acusados de incompetência. A famosa história de Howe tomando chá enquanto deixa o derrotado exército Continental escapar de Long Island é uma das que provavelmente o atormentou. Mas Howe era competente. Ele serviu com Amherst, que ensinou aos comandantes americanos e a Howe os valores da luta de guerrilha. Ele era um comandante experiente e endurecido pela batalha que lutou em Montreal, Louisbourg e Quebec antes da Revolução Americana. Howe cometeu erros graves. Ele permitiu que Washington, cujo exército passou a noite na chuva sem barracas e com pouca munição, escapasse de Long Island. E esta não foi a última vez que Howe permitiu que o exército americano escapasse. Ele seguiu Washington em Nova Jersey, onde as deserções reduziram a pequena força para menos de dez mil.

Quando o inverno chegou, o exército de Howe estava acampado a menos de vinte e cinco milhas dos americanos, mas Howe não tinha vontade de tremer durante o inverno em um acampamento. Em vez disso, ele voltou para a cidade de Nova York, onde sua amante, Elizabeth Loring, manteve o general aquecido. Seu marido havia sido enviado por Howe a Boston para cuidar das prisões. Um jornal londrino acusando o general de inépcia foi levado a Howe. Ele decidiu entregar sua renúncia e, enquanto esperava que fosse aceita, ele e Loring desfrutaram de jantares, concertos e danças de salão na Filadélfia. Quando os franceses perguntaram a Franklin se Howe havia conquistado a Filadélfia, Franklin respondeu que a Filadélfia havia conquistado o general Howe.<sup>3</sup>

Sir Henry Clinton também era militar. Ele começou sua carreira aos treze anos na Guarda Coldstream, onde foi comissionado como tenente. Ele também se destacou na batalha e rapidamente subiu na hierarquia para se tornar um major-general em 1772. Quando assumiu o lugar de Howe, ele estava mais interessado em estar em Nova York do que em comandar suas tropas no campo. Depois da guerra, Clinton foi chamado para explicar seu fracasso como comandante. Ele culpou Cornwallis e os outros generais, chegando a escrever um livro sobre suas ações. Ele afirmou que três vezes seu exército estava em perigo

de fome, embora em comparação com as forças de Washington, fome era um termo relativo. Com doze mil libras para cobrir seu salário e despesas, os pedidos de provisões de Clinton incluíam conhaque em lotes de dez galões, carne de vaca, vitela, carneiro, peixe, pães doces e ovos. <sup>4</sup> Ele tinha quatro casas na cidade de Nova York, que, segundo ele, eram usadas para se esconder porque sua vida estava em perigo, e ele também tinha uma amante na cidade.

Cornwallis era um comandante militar muito bem treinado, nascido em uma família rica e prestigiosa. Seu avô fora agraciado com o título de baronete de Carlos II, seu pai foi o primeiro Lord Cornwallis, sua mãe era filha de Lord Townsend e era parente do primeiro-ministro Robert Walpole. Charles Cornwallis provavelmente escolheu o exército desde muito jovem. Ele se matriculou em Eton, onde os alunos mais jovens eram objeto de tratamento duro por parte dos colegas mais velhos. Cornwallis, um homem alto, prosperou em Eton e foi ensinado por um oficial prussiano. Ele comprou uma comissão de oficial na Guarda Granadeiros. Aos oito anos, ele fez um tour pela Europa com seu tutor prussiano e depois se matriculou na Academia Militar de Torino. Era um dos melhores da Europa, e os jovens oficiais combinavam estratégia militar com dança de salão em seu currículo. Ao longo da carreira de Cornwallis, seu treinamento o ajudou a servir com distinção na Guerra dos Sete Anos, na Irlanda e na Índia. Depois de se casar, ele deu uma breve folga do serviço militar e aproveitou o estilo de vida da propriedade com sua noiva. Ele foi favorecido pelo rei George III, mas ao mesmo tempo aconselhou contra as medidas severas exigidas pelo rei contra seus súditos coloniais. A lealdade de Cornwallis nunca foi questionada, entretanto, e quando a guerra estourou, ele se ofereceu para seu comando contra os rebeldes americanos. Ele foi favorecido pelo rei George III, mas ao mesmo tempo aconselhou contra as medidas severas exigidas pelo rei contra seus súditos coloniais. A lealdade de Cornwallis nunca foi questionada, entretanto, e quando a guerra estourou, ele se ofereceu para seu comando contra os rebeldes americanos. Ele foi favorecido pelo rei George III, mas ao mesmo tempo aconselhou contra as medidas severas exigidas pelo rei contra seus súditos coloniais. A lealdade de Cornwallis nunca foi

questionada, entretanto, e quando a guerra estourou, ele se ofereceu para seu comando contra os rebeldes americanos.

Cornwallis perdeu o ânimo logo. Sua esposa na Inglaterra adoeceu e seus comandantes, Clinton e Howe, o desapontaram. Cornwallis havia flanqueado Washington em Long Island apenas para assistir Howe permitir sua fuga. Cornwallis venceu os americanos em Brandywine em 1777 e em Monmouth em 1778, e então foi enviado para o sul. Clinton, com Cornwallis como comandante de campo, efetivamente interrompeu a resistência no Sul, então Clinton foi para Nova York, deixando Cornwallis no comando. A guerra esquentou quando Cornwallis lutou contra vários

grandes batalhas e trabalhou seu caminho para o norte. De Nova York, Clinton ordenou que Cornwallis encontrasse uma área onde seu exército pudesse se posicionar para ser abastecido. Ele escolheu Yorktown, o que acabou sendo uma decisão fatal quando os franceses, por mar, e os americanos, por terra, o cercaram. Oito dias sob cerco encerraram a guerra. As ações de Cornwallis na Revolução não prejudicaram sua carreira por muito tempo, entretanto, ele serviu com distinção na Índia e reprimiu a rebelião na Irlanda.

O livro de Baigent e Leigh, *The Temple and the Lodge*, examina como o efeito da luta dos maçons contra os maçons pode ter dificultado a determinação. Howe havia servido com Amherst, onde a maioria dos oficiais eram irmãos na arte. Vinte e nove dos trinta e um regimentos sob o comando de Amherst tinham alojamentos de campo. Cornwallis serviu em dois regimentos que tinham lojas militares. Seu irmão Edward também serviu e foi o fundador de uma loja na Nova Escócia. Clinton serviu como ajudante de campo para Ferdinand, duque de Brunswick, um dos maçons mais influentes de sua época.<sup>5</sup> Três comandantes britânicos aparentemente capazes escolheram evitar dar o golpe de misericórdia a cada passo, em vez de simplesmente continuar a guerra até que, como a Guerra do Vietnã nos Estados Unidos, os soldados em campo e os cidadãos em casa perdessem a esperança de ver a vitória. Se a conspiração é o segredo por trás da derrota, então a batalha final de Yorktown foi o palco. No entanto, não há evidências de que Cornwallis planejou nada menos do que a vitória. Mas há evidências de que um homem serviria para destruir as chances dos britânicos.

## ATRÁS DAS CENAS NA FRANÇA

Como os esforços dos americanos Franklin e Deane na França foram recompensados, uma frota francesa e soldados franceses rumaram para a América. Quando o esforço americano se esgotou, a França interveio para fornecer a maior parte das tropas, as armas, a comida e o dinheiro para lutar a ofensiva final da guerra.

O comandante Rochambeau foi uma das primeiras e mais importantes figuras do esforço francês. Ele foi rapidamente seguido pelas tropas do conde William Deux-Ponts, que liderou um regimento do

Vale do Saar; o Visconde de Noailles, de cujo regimento na França Napoleão surgiria mais tarde; O conde Mathieu Dumas, que se tornaria um herói em Waterloo; o Marquês Claude-Henri de Saint-Simon; e o duque de Lauzun. Todos foram alistados por meio dos esforços diplomáticos de Franklin e Deane e forneceram ajuda clandestina antes que a França se comprometesse oficialmente com a guerra com a Inglaterra.

Rochambeau e suas tropas foram transportados por sete navios de transporte para Rhode Island em julho de 1780. Eles permaneceram por um breve período, com o exército bem financiado desfrutando de uma boa vida, mas ficaram chocados com os aliados que vieram salvar. Os americanos cobraram caro deles por suprimentos, negociaram abertamente com os britânicos que bloquearam sua costa e, em algumas ocasiões, atiraram neles. As primeiras tropas francesas não viram nenhuma ação até Yorktown; entretanto, quando chegou a hora de agir, os franceses impressionaram tanto os americanos quanto os ingleses com sua ordem e disciplina.<sup>6</sup>

O general Jean-Baptiste-Donatien de Vimeur, o conde de Rochambeau, era um militar de carreira com uma missão. Ele, como Lafayette e outros, queria ver os rebeldes romperem seus laços com o monarca da Inglaterra. Quando o rei francês Luís XVI assinou um tratado com o Congresso Continental, seu primeiro ato de assistência foi abastecer a América. A segunda foi enviar um exército de seis mil homens, chamado Expedição Particulière, sob o comando de Rochambeau.

Rochambeau entrou para o exército aos dezessete anos e lutou no cerco de Maastricht, na Holanda, durante a Guerra da Sucessão Austríaca, em uma expedição francesa contra Minorca e durante a Guerra dos Sete Anos. Rochambeau tinha 55 anos quando trouxe três regimentos para travar a batalha decisiva em Yorktown. Uma unidade foi o Deux-Ponts. Sob o comando de Rochambeau, esta unidade de mil homens foi recrutada na Alemanha. Era uma unidade típica em que os oficiais geralmente eram aventureiros. Muitos navegaram a bordo da frota francesa acompanhados de suas esposas e filhos, e pelo menos um oficial, o barão Ludwig von Closen, trouxe seus servos.<sup>7</sup>

Outros líderes militares que comandavam tropas na América estavam interessados no experimento social que se tornou um novo país. O primo de Saint-Simon se tornou o fundador do socialismo francês. Como Lafayette,

o duque de Lauzun estava muito interessado na experiência social do Novo Mundo. Seu desejo era estar presente no nascimento de uma nova era, para lutar pela causa da liberdade. Como muitos nobres franceses, a contradição da classe nobre que luta pela democracia não fez nada para diminuir seu entusiasmo. Lauzun era de uma família antiga que tinha títulos da época das Cruzadas. Como era tradição em uma família de militares com título, a aventura veio primeiro. Aos treze anos, Lauzun tornou-se alferes na elite da Guarda Francesa. Aos dezoito anos, ele se casou com outra família real francesa. Lauzun foi para a Córsega e provou seu valor na batalha. Ele foi recompensado com o título de coronel da Legion Royale. Mas a paz o entediava e ele foi um dos primeiros a se voluntariar para ajudar a causa americana.

Lauzun partiu da França como parte da força de combate que se juntou a Rochambeau. A cavalaria e a infantaria de Lauzun juntaram-se aos antigos regimentos militares franceses, os Bourbonnais, os Deux-Ponts, o Saintonge e os Soissonnais, e marcharam para Yorktown.

A Legião de Lauzun, como era chamada, era composta por homens de vários países europeus. A maioria viera do corredor Alsácia-Lorraine entre a França e a Alemanha; outros vieram da Suécia, Itália, Polônia e Rússia. Eles falavam oito línguas diferentes e, por tradição, praguejavam em húngaro. Eles eram voluntários e frequentemente aventureiros; muitos eram de famílias nobres, outros eram libertinos e ladrões. Eles foram os predecessores de outra força de combate francesa, a Legião Estrangeira Francesa.

Para o duque de Lauzun, a Revolução Americana foi apenas mais uma aventura. Suas façanhas no campo de batalha e nos boudoirs da Europa eram lendários. Dizem que ele fez amor com todas as mulheres que conheceu na França e em Newport, em Rhode Island, onde foi sediado pela primeira vez. Seus homens seguiram seu exemplo e, apesar de suas proezas contra os britânicos, também alcançaram a duvidosa distinção de lutar mais duelos entre si, geralmente por mulheres. Lauzun continuou a ter grandes aventuras após lutar na América, incluindo tornar-se amante de Maria Antonieta. Enquanto Lauzun estava ciente de sua posição e sua importância - ele estava até a par das discussões de estratégia de Rochambeau e Washington - ele pode não ter sabido

que sua presença na guerra foi o fator mais crítico em seu resultado.

Enquanto o marquês de Lafayette, o duque de Lauzun, o conde William Deux-Ponts, o conde Mathieu Dumas, o marquês de Saint-Simon e os outros nobres aguardavam ansiosamente a batalha, seu comandante supremo, Rochambeau, debatia a estratégia com Washington. Washington achava que um movimento para recapturar Nova York aumentaria o esforço de guerra. Rochambeau argumentou que uma vitória decisiva sobre os ingleses na baía de Chesapeake encerraria a guerra. A lógica de Rochambeau venceu e o foco se voltou para vencer o único comandante que era um sério candidato: Cornwallis. Rochambeau e Washington marcharam para a Virgínia para pegar Cornwallis, enquanto os americanos e ingleses dependiam da marinha para chegar a tempo.

Após a Batalha do Tribunal de Guilford, as forças sob o comando de Cornwallis estavam com poucos suprimentos. Em Yorktown, Cornwallis passou três meses cavando enquanto esperava seu encontro com o almirante Rodney. A frota britânica comandada por Rodney era considerada o fator mais importante no desfecho do confronto entre o exército britânico e as forças combinadas dos americanos e franceses. Suprimentos e reforços deveriam ser trazidos por Rodney; esta foi a razão pela qual Cornwallis não marchou muito ao norte.

Rodney tinha outros planos. Em vez de navegar para o norte quando tinha vantagem sobre os franceses, ele lançou um ataque violento ao minúsculo Santo Eustácio. Enquanto o exército de Cornwallis tinha sua cabeça em um laço cada vez mais apertado que só poderia ser aliviado pelos navios, suprimentos e novas tropas de Rodney, Rodney ficou para saquear Santo Eustácio. Seu exército gastou um tempo valioso confiscando tudo de quase todos os cidadãos da pequena ilha. Na verdade, ele instruiu seus homens a irem tão longe quanto saquear túmulos, alegando que objetos de valor haviam sido enterrados.

Enquanto isso, Washington e Rochambeau usaram bem os três meses, coordenando sua marcha cross-country e a chegada do

Frota francesa. Lafayette usou uma pequena força para bloquear uma retirada inglesa, Washington e Rochambeau correram para cobrir quinhentas milhas, e o almirante de Grasse navegou do Caribe com vinte navios e três mil soldados novos.

François-Joseph-Paul, o Marquês de Grasse-Tilly e o Conde de Grasse, juntou-se à frota dos Cavaleiros de São João de Jerusalém, também conhecidos como Cavaleiros de Malta, aos doze anos. Essa era a ordem original conhecida como Hospitalários de São João de Jerusalém, e foi estabelecida antes mesmo dos Cavaleiros Templários. Embora ambas as ordens fossem ostensivamente católicas, a exposição a diferentes religiões pode ter tido um efeito duradouro sobre os templários, que apoiaram os cátaros durante a cruzada papal e foram acusados de heresia. Os Hospitalários não tinham essa crise de fé, mas precisavam de uma razão para existir depois das Cruzadas. Eles se refugiaram no Mediterrâneo, onde travaram guerras sem fim contra os piratas berberes para proteger a navegação cristã.

Após seis anos de treinamento, de Grasse foi contratado pela marinha francesa. Como seus companheiros cavaleiros de Malta, de Grasse tinha interesse na causa americana da liberdade. Ele foi acompanhado por dezenove outros cavaleiros no esforço. Após a guerra, quatorze ingressaram na Sociedade de Cincinnati de Washington.<sup>8</sup> O almirante de Grasse tornou-se parte da Revolução Francesa, retirando-se quando o derramamento de sangue excessivo manchou a causa da liberdade.

O almirante de Grasse tornou-se da noite para o dia uma figura-chave na Guerra Revolucionária.<sup>9</sup> Com uma frota de vinte navios, ele partiu da França em março. Sua frota, incluindo o *Ville de Paris*, o maior navio de guerra do mundo, guiou um comboio de 150 navios mercantes que transportavam suprimentos para a guerra. De Grasse chegou à Martinica no final de abril e enviou trinta navios com tropas e suprimentos para Rochambeau. O reabastecimento incluiu a infantaria do marquês Claude-Henri de Saint-Simon e os antigos regimentos de Agenais, Gatinais e Touraine. A frota de De Grasse entrou em ação quase imediatamente após o desembarque dos navios mercantes.

No final de abril, de Grasse encontrou a marinha britânica. Essa primeira ação breve foi mais tarde descrita como indecisa, mas os

britânicos perderam seis navios de guerra, o que teve um efeito duradouro. De Grasse havia superado a frota do almirante Hood, que estava sob o comando do almirante Rodney.

Hood culpou sua perda precoce no posicionamento incorreto de Rodney de seus navios; foi o segundo erro de Rodney, mas certamente não o último.

Cinco semanas depois, Rodney encontrou novamente a frota francesa. Em 5 de junho, a marinha de Rodney alcançou a frota francesa, contou 24 navios e cinco fragatas e decidiu não fazer nada. Rodney tinha a vantagem do tamanho, mas não conseguiu perseguir de Grasse, permitindo que o almirante francês seguisse para o norte, para a Virgínia. Mas Rodney estava ciente da importância crucial do apoio naval e militar francês para determinar o resultado em Yorktown. Mesmo assim, ele falhou em dar prioridade a interromper ou mesmo desacelerar a ajuda francesa. O combate mais crítico da guerra foi decidido de qual lado estava mais preparado para a batalha. Os lados americano e francês precisavam do almirante de Grasse; o lado britânico precisava do almirante Rodney. Há ampla evidência de que ambos os comandantes navais estavam cientes de sua importância.

O almirante de Grasse estava programado para se encontrar com trinta pilotos americanos que eram necessários para navegar na baía de Chesapeake. De Grasse abastecia suas lojas de alimentos com pressa e fretou quinze novos navios mercantes para transportar alimentos. Não querendo esperar por cartas de crédito, ele pagou os suprimentos com seu próprio dinheiro.

Embora pareça que Rodney não conseguiu entender as implicações de seu atraso, suas ações provam o contrário. Ele enviou um aviso ao almirante Graves em Nova York, informando que a marinha francesa estava a caminho. Ele disse a Graves que ambas as frotas precisavam se conectar para evitar que a marinha francesa fornecesse a Rochambeau e Washington. A primeira mensagem foi interceptada; o segundo chegou dias depois que a frota francesa já havia destruído parte da frota de Graves. Rodney até escreveu para sua esposa que atacaria os franceses se tivesse oportunidade, e que "o destino da Inglaterra pode depender do evento". Dadas as evidências das cartas de Rodney, é chocante que ele tenha decidido dividir suas forças e navegar para casa com o saque de Santo Eustácio. Esta ação final dificilmente pode ser considerada um erro; Rodney abandonou seu posto. Ao mesmo tempo em que abandonou sua

missão, Rodney alertou seu comandante, o almirante Graves, sobre a importância de trazer a frota para Yorktown. As ações de Rodney, combinadas com a falta de pontualidade de

suas advertências, contribuíram para a vitória americana e francesa.

Os historiadores apontaram que os erros de Rodney podem ser atribuídos a problemas de saúde. Mas a verdadeira causa da vitória em Yorktown é que o almirante Rodney se permitiu ser derrotado de propósito. Ao fazê-lo, garantiu a vitória franco-americana, que lhe permitiu pagar uma dívida monumental.

## O MOTIVO

Como mencionado anteriormente, em 1774 Rodney fugiu para Paris para escapar da prisão de devedores.<sup>10</sup> O jogador ainda estava em Paris em 1778 e ainda era almirante, embora não tivesse um cargo. Rodney recebera meio salário de seu superior, o conde de Sandwich. O conde de Sandwich, quando não estava nas mesas de jogo, servia como Senhor do Almirantado. O conde também era amigo de Benjamin Franklin durante suas aventuras em Wycombe.

Depois de quase quatro anos no exílio, Rodney foi informado de que estava sendo chamado de volta ao serviço ativo. Foi uma oportunidade para reconstruir sua fortuna e sua carreira, mas por causa de novas dívidas contraídas na França, o almirante em dificuldades não pôde retornar à Inglaterra para aceitar seu comando. Pior ainda, ele não poderia reconstruir sua fortuna sem o comando.

Então, aparentemente do nada, um nobre francês e comandante da Guarda Francesa se ofereceu para ajudar Rodney. O marechal duc de Biron ofereceu ao almirante Rodney o dinheiro necessário para saldar suas dívidas e assumir seu comando. Alguns historiadores chamam isso de empréstimo; outros chamam de presente. Em qualquer dos casos, as implicações são surpreendentes.

Parece que pelo menos uma das duas partes estava cometendo um ato que poderia ser considerado traição. Embora as razões de Rodney fossem evidentes, devemos nos perguntar: Qual foi a motivação do comandante francês?

Quando a oferta foi feita, o sobrinho do duque de Biron era Armond Louis de Gontaut, o duque de Lauzun. Não é razoável pensar que o duque

de Biron realmente desejava ajudar Rodney a assumir seu posto; ao fazer isso, o duque estaria ciente de que ele poderia estar contribuindo para seu

derrota do sobrinho ou mesmo morte. Aparentemente, o empréstimo ou presente na hora certa para Rodney era a única maneira pela qual o duque de Biron poderia garantir o sucesso de seu sobrinho. O empréstimo foi um suborno. E esse suborno ganhou a guerra.

Rodney cumpriu sua parte no acordo. Quando ele poderia ter buscado a vantagem, ele escolheu esperar. Quando ele poderia ter parado a frota francesa, ele escolheu defender Tobago. Quando ele poderia ter corrido para Yorktown, ele decidiu que era hora de punir Santo Eustatius. Finalmente, ele simplesmente voltou para casa.

## O MUNDO ESTÁ DE CABEÇA PARA BAIXO

Rochambeau e Washington continuaram a estreitar o cerco em torno de Yorktown. Lafayette fora reforçado com as novas tropas de Saint-Simon. Enquanto isso, quatro mil soldados britânicos estavam sentados no porto de Nova York e o parceiro de Rodney, Graves, esperava. Quando a mensagem de Rodney chegou, os britânicos zarparam. Dois dias depois da rendição em Yorktown; quando a frota britânica foi informada da derrota de Cornwallis, eles simplesmente se viraram.

Depois de perder a guerra, a Grã-Bretanha passaria por uma longa série de culpar as pessoas. Enquanto outros apontavam os dedos para seus colegas comandantes, Rodney parecia acima da briga. O motivo era que antes que qualquer acusação de incompetência, covardia ou traição pudesse ser levantada contra ele, ele voltou às Índias Ocidentais para se tornar um herói.

Apesar da surpreendente vitória em Yorktown, ainda demoraria mais de um ano para que a Grã-Bretanha acabasse com as hostilidades. Clinton em Nova York ainda tinha um exército permanente durante essa calmaria, e Rodney voltou para perseguir a frota francesa. Ele avistou a frota francesa sob de Grasse navegando para a Jamaica; o mesmo comandante francês que ele evitou encontrar antes de Yorktown que agora perseguia. Por três dias Rodney acompanhou a frota francesa até chegar a uma posição na passagem entre Dominica e Guadalupe conhecida como os Santos. Ele tinha trinta e seis navios contra a frota francesa de trinta e três, e a batalha

foi uma batalha de linha padrão em que os navios formam uma linha e disparam diretamente uns contra os outros. Um capitão da frota, Sir Charles Douglas, recomendou que Rodney quebrasse a linha após

os franceses deixaram uma lacuna em sua formação. Mas isso era contra as Instruções de Combate, as regras de combate da marinha britânica, e era uma aposta que poderia resultar em uma corte marcial ou até mesmo em um pelotão de fuzilamento, se falhasse. Rodney nem tinha certeza de que seus capitães seguiriam tal ordem.

Anos de jogo, no entanto, inspiraram Rodney a fazer uma aposta tão boa e ele venceu. Cinco navios o seguiram e ele circulou vários navios franceses para atirar neles de ambos os lados. Seus outros capitães também exploraram lacunas na linha francesa. Até mesmo o *Ville de Paris*, o maior navio de guerra do mundo, foi ultrapassado, abandonado por sua tripulação e incendiado pelos britânicos. Claro, isso não teve efeito sobre o resultado da guerra nas colônias. Serviu para fazer de Rodney um herói, entretanto, e seus motivos não seriam questionados após a guerra.

O acordo feito entre o duque de Biron e o endividado almirante Rodney funcionou muito bem para os dois homens. O almirante Rodney recuperou sua fortuna e, apesar de abandonar Cornwallis em Yorktown, Rodney ainda era considerado um herói de guerra pela batalha naval que escolheu vencer. O sobrinho do duque de Biron estava seguro, por enquanto, e agora era considerado um herói na guerra contra a Inglaterra. No entanto, o status do duque de Lauzun não o salvaria dos terrores da Revolução Francesa. Ele iria para a guilhotina, mas não antes de oferecer a seu carrasco uma taça de vinho. O acordo que permitiu que a dívida de jogo de Rodney fosse paga também permitiu que a América ganhasse a independência.

## Capítulo 9

# UMA NAÇÃO SOB O GRANDE ARQUITETO

**E**mbora a guerra terminasse em fevereiro de 1783, ainda seria quase dez meses antes do tratado de paz ser assinado

Paris. A nova nação então se voltou para conquistar a paz.

Desde o início da história americana, era evidente que um punhado de maçons exerceria uma influência poderosa tanto abertamente quanto em segredo. A Declaração de Independência foi redigida pelo não-maçom Thomas Jefferson. Foi assinado pela primeira vez por um maçom, John Hancock, e em sua primeira votação em 1º de julho de 1776, o documento foi aprovado por nove dos estados - uma clara maioria. No dia seguinte, a votação chegou a doze, com a delegação de Nova York não votando. (John Adams previu que o dia 2 de julho seria para sempre celebrado como o dia da independência das colônias americanas.) No quarto dia, Nova York votou e a Declaração foi assinada pelo presidente e pelo secretário do Congresso, não por Hancock ou qualquer um dos outros cinquenta e seis signatários, que viriam depois. Quando a Declaração foi assinada, até quarenta e um dos signatários eram maçons, mesmo que nem todos esses maçons fossem publicamente reconhecidos como tal. Entre os maçons, o dia 4 de julho foi considerado um dia sagrado. Ele marcou a ascensão de Sírius, que nas religiões antigas era relacionado ao deus Thoth, que trouxe conhecimento ao homem. Também era considerado o guardião da deusa Ísis; como tal, era a estrela mais importante do céu, e pelo menos sete grandes templos egípcios foram orientados para ela. O 4 de julho agora era

sagrado para a nova nação também. e pelo menos sete grandes templos egípcios foram orientados para isso. O 4 de julho agora era sagrado para a nova nação também. e pelo menos sete grandes templos egípcios foram orientados para isso. O 4 de julho agora era sagrado para a nova nação também.<sup>1</sup>

A Constituição também foi redigida por vários maçons influentes - incluindo Washington, Franklin e Randolph - e pelos não maçons John Adams e Thomas Jefferson. Todos eles foram influenciados pelo movimento filosófico que varreu a Europa e incluiu Sir Francis Bacon, Rousseau e Voltaire. Os fundadores, no entanto, tinham sentimentos ambíguos em relação às sociedades secretas que divulgavam essas filosofias. Washington era conhecido por nunca promover voluntariamente um não-maçom nas forças armadas, mas John Adams, por outro lado, escreveu vários tratados antimaçônicos. Adams acreditava que a Maçonaria era um dos maiores males morais e políticos e a considerava uma conspiração de poucos contra muitos.<sup>2</sup>

Jefferson não era maçom, embora sua presença nas reuniões maçônicas tenha sido documentada. Existem algumas evidências de seu flerte com o Rosacruçianismo, incluindo alguns códigos Rosacruz que foram encontrados entre seus escritos.<sup>3</sup> Há evidências mais fortes de que Franklin estava conectado ao grupo Rosacruz que estava centralizado em Germantown, Pensilvânia. E certamente não faltam evidências das numerosas afiliações maçônicas de Franklin.

Dos quarenta homens que assinaram a Constituição, muitos já eram irmãos maçons e outros se tornariam maçons depois. As lojas maçônicas afirmam que quase todos os signatários pelo menos participaram das atividades da loja, mas a maioria dos historiadores concorda que vários não eram maçons, incluindo Madison e Jefferson.

O grupo Illuminati era a entidade mais secreta e possivelmente a mais conspiratória da Europa, mas os membros não avançaram nas colônias como os maçons. Washington falou contra esse grupo, condenando-os como "autocriados" e sem relação com a Maçonaria.<sup>4</sup> Mas Washington podia rastrear as raízes aristocráticas de sua própria família e, apesar de seus esforços em prol de uma democracia, ele era um elitista que criaria a Sociedade de Cincinnati, que admitia apenas pessoas com origens aristocráticas. Esta sociedade de elite causou medo generalizado de uma nova aristocracia, e até mesmo o companheiro da Virgínia Thomas Jefferson imediatamente desconfiou da instituição. Mais tarde, Washington se afastou das tendências aristocráticas do grupo.

Em 30 de abril de 1789, George Washington foi empossado como presidente. O juramento de posse foi administrado por Robert Livingston, que foi o grão-mestre da Grande Loja de Nova York. O marechal do dia era outro maçom, o general Jacob Morton. Ainda outro maçom, o general Morgan Lewis, foi a escolta de Washington. Washington, o mestre da Loja de Alexandria, fez seu juramento de ofício na Bíblia da Loja de Saint John de Nova York.<sup>5</sup>

## A NOVA ORDEM DAS IDADES

Logo a nova capital do país foi construída. O local era um deserto mais adequado para caçar perdizes do que para administrar o novo país, mas tinha suas vantagens. Washington temia que Nova York servisse de mau exemplo e permitisse que homens do dinheiro como Hamilton controlassem o país, e ele não queria colocar a capital lá.<sup>6</sup> Jefferson gostou da proximidade da nova capital com a Virgínia. A cidade foi desenhada em um plano maçônico, projetado pelo maçom francês Pierre-Charles L'Enfant, que se ofereceu para lutar pela liberdade. Ele era próximo a Washington e membro da Sociedade de Cincinnati. A cerimônia de comemoração do lançamento da pedra fundamental do Capitólio foi estritamente um evento maçônico. Washington serviu como mestre, vestindo o avental e a faixa de sua loja. Membros de lojas de todo Maryland e Virgínia compareceram, vestidos com trajes maçônicos. A cerimônia em si era um ritual maçônico realizado com batismo com milho, vinho e óleo para significar nutrição e refrigério. Os maçons também foram chamados para projetar, planejar e construir edifícios universitários, casas de Estado, pontes e memoriais de guerra, que eles então consagraram com seu milho,<sup>7</sup>

O edifício do Capitólio e o eixo leste-oeste da nova cidade foram orientados de uma maneira complicada para corresponder ao arco do sol. A cúpula do Capitólio é "um símbolo do meio-arco dos céus visíveis ... onde os pontos equinociais e solsticiais se encontram".<sup>8</sup> A tradição de incorporar geometria arcana e símbolos esotéricos continua até os tempos modernos. Em maio de 1974, o senador Joe Biden de Delaware

fez uma investigação oficial sobre os símbolos astrológicos no teto da agência dos correios do Senado e na sala do Comitê do Serviço Civil.<sup>9</sup>

O Grande Selo dos Estados Unidos foi desenhado ao mesmo tempo. Foi proposto que Franklin, Adams e Jefferson desenhassem o novo selo, mas suas sugestões de dispositivos heráldicos, deusas gêmeas e o olho illuminati de Deus em um triângulo foram rejeitadas. Dois novos comitês de projeto seriam empregados antes que os projetos fossem aceitáveis para todos. O Grande Selo final também está cheio de simbolismo arcano.

Diz-se que a águia careca representa Escorpião, que está associado à morte e ao renascimento. A águia segura um pergaminho que representa o lema de treze letras *E pluribus unum*, que significa "um entre muitos". Alguns acreditam que este lema representa uma nação surgindo das treze colônias, mas outros acreditam que se refere ao conceito de um Deus sobre todos os deuses - um princípio maçônico. O reverso do selo é uma pirâmide truncada, um símbolo maçônico comum. A pirâmide tem treze degraus, um para cada colônia. Sua face tem setenta e dois tijolos, representativos de outro número que é sagrado nos escritos religiosos do Rig Veda às obras do Berosus da Babilônia e ao Kalevala finlandês. A pirâmide sem sua tampa é considerada a perda de sabedoria da humanidade devido ao longo reinado da Igreja sobre o conhecimento. Este símbolo apareceu pela primeira vez em dinheiro colonial. O selo também representa o olho que tudo vê, que era um símbolo de culto que remonta ao antigo Egito. Muitos acreditam que o olho representa a deusa Ísis, que também é considerada uma personificação do conhecimento.

Outro lema de treze letras, *Annuit Coeptis*, é tirado da Eneida de Virgílio e é uma prece ao deus pagão Júpiter para abençoar o novo empreendimento. Na obra de Virgílio, a oração é *annue coeptis*, que contém doze letras, mas a grafia foi modificada propositalmente para dar à frase treze letras.<sup>10</sup> Além disso, o Grande Selo contém as palavras *Novus Ordo Seclorum*, que significam "a nova ordem das eras".<sup>11</sup> Essa frase também foi tirada de Virgílio e, nos tempos modernos, a Nova Ordem Mundial tem significados ominosos, embora seu significado maçônico fosse uma ruptura com a intolerância religiosa da Europa.

Os arquitetos maçônicos do século XVIII da nação americana

não parou de usar simbolismo arcano com o Grande Selo. A nota de um dólar moderna inclui o mesmo simbolismo maçônico de uma pirâmide inacabada encimada por um olho que tudo vê. O olhar que tudo vê estava voltado para a moeda americana já em 1778.

## UMA FÉ MAÇÔNICA

Existem inúmeras alegações sobre quantos dos Pais Fundadores da América foram na verdade maçons. Washington e Franklin eram membros ativos e documentados de organizações maçônicas, enquanto Jefferson e Adams não. Todos eles compartilhavam uma crença comum, entretanto - uma variação da fé conhecida como deísmo.

Os adeptos do deísmo acreditavam que um poder superior criou o mundo e estabeleceu a natureza como sua lei. Os maçons acreditavam que o poder supremo era o grande arquiteto do mundo, e sua lei foi refletida e revelada pela ciência. O símbolo G, que é tantas vezes debatido, pode simplesmente ser representativo da ciência da geometria. Os deístas, especialmente os seguidores do século XVIII, desprezavam as guerras entre cristãos nas quais pessoas eram mortas por questões menores de doutrina. Os homens da ciência, tratados com suspeita pela Igreja, também tinham o respeito que a Maçonaria tinha pela ciência. Essa nova religião, a religião deísta dos maçons, encontrou uma conciliação entre Deus e a ciência, e o símbolo G foi reverenciado como um sinal desse progresso.

As fileiras de revolucionários americanos que mantinham crenças deístas incluíam George Washington, Benjamin Franklin, Thomas Jefferson, Thomas Paine, Ethan Allen, James Madison, Alexander Hamilton e John Quincy Adams. <sup>12</sup>Paine foi um dos mais francos, e sua *Idade da Razão* é um tratado anti-Igreja. Washington frequentava a Igreja Episcopal, mas geralmente saía antes da comunhão. Jefferson considerava o cristianismo uma tirania sobre a mente do homem. Franklin, como membro da Loja das Nove Irmãs, era irmão de Voltaire, a quem, junto com Jean-Jacques Rousseau, é dado o crédito por ser o principal defensor dessa religião "natural".

O deísmo não exigia uma religião estruturada, nem se opunha

adesão a um. Embora Franklin ainda pedisse oração na Convenção Constitucional e Hamilton se opusesse a ela, ambos eram maçons. A Maçonaria permitiu que seus membros transcendessem as divisões de mesquinha religião e se unissem. Ao mesmo tempo, havia um lado negro na Maçonaria.

Como a religião organizada, a Maçonaria pregava a igualdade e praticava o elitismo. O próprio governo americano foi formado não tanto como uma democracia, mas como uma organização hierárquica que poderia barrar a representação. Por exemplo, o direito de votar era normalmente limitado a homens de propriedade.

Esses "direitos inalienáveis" declarados em 1776 não eram um desejo de todas as pessoas. Quando Thomas Jefferson e George Mason defenderam uma Declaração de Direitos para os indivíduos, eles tiveram que superar a oposição ferrenha de homens como o elitista Alexander Hamilton. George Mason acreditava que a escravidão era um crime e uma abominação, mas muitos se opuseram a qualquer tentativa de acabar com essa instituição. Mas Mason foi acompanhado pelos virginianos Richard Henry Lee e James Madison na substituição de Hamilton, e a Declaração de Direitos foi aceita.

A Maçonaria nasceu na Idade das Trevas feudal, quando uma pequena parte da população tinha controle de vida ou morte sobre as pessoas em seu reino. Liberdade e igualdade eram ideais nem sempre compartilhados por aqueles que ocupavam posições mais altas na cadeia alimentar. A grande aposta americana alcançou um resultado que de alguma forma iludiu os países que optaram por seguir seu exemplo.

Escritores como Franklin e Jefferson aparentemente declararam que desafiar o governo por meios violentos era aceitável. Revoltas ocorreram em toda a Europa e América do Sul e foram principalmente lideradas por maçons. Em alguns países, novas repúblicas foram formadas rapidamente e sem violência, como na Holanda, na Suíça e entre os vários estados da Itália. Na Itália, o grão-mestre e maçom de trigésimo terceiro grau Giuseppe Garibaldi lutou para unificar a Itália e colocar outro maçom, Victor Emmanuel II, no trono.<sup>13</sup> Na Rússia, os maçons foram os principais líderes da Revolta Dezembrista, que foi planejada nas lojas maçônicas. Na

América Latina, os revolucionários maçons incluíam Simon Bolivar, Jose de San Martin e Benito Juarez.

Na França, onde Rousseau e Voltaire inspiraram o livre-pensamento e os ideais maçônicos, a revolução teve reviravoltas bizarras e sangrentas, transformando o país em uma multidão empenhada em assassinato e destruição. Infelizmente, muitos dos campeões da causa americana sofreram muito, incluindo o marquês de Lafayette e o duque de Lauzun.

Na América, os conceitos elitistas e a filosofia do "fim justifica os meios" permitiam que um punhado de homens orientasse a adesão às lojas. O produto de tal organização levantaria sua cabeça feia em massiva atividade criminosa organizada. Do comércio de escravos ao contrabando de ópio asiático, a elite prosperaria enquanto as bases assumiam os riscos por eles.

## PARTE TRÊS

# Do sagrado para o profano

NAQUELA SEGUIDO a prisão  
O A SÉCULOS ELA a pedido  
do a Cavaleiro Templári o e a dissolução de seus o,  
segred um mund  
a o a sociedade se tornou a poderoso força no o  
eventos. Já não era o o governo Como órgão-  
izado como era antes de 1307, mas apesar tá frac-  
tiousness, seu poder não tinha diminuído.  
Vários países e estados europeus foram no direto  
sobrevivend ex-  
controle dos cavaleiros de vários o templário  
pedidos Espanh  
. Portugal, a, e o ainda não Unido alemão  
statesserveasexamples. Em outros países, principalmente

Escócia, a ordens exercitado controle sobre as forças Armadas.  
em pa  
o breve ra ser unidos cantões da Suíça preservados  
Amb  
as a tradição militar e instituição bancária  
naqu  
ela teve desceu a partir de a Templário organização.  
Bancos, comércio internacional, política, guildas de mercadores,

e mesmo o trabalho do trabalhador médio logo ficaria sob a influência de organizações que eram tipicamente fechadas para estranhos e freqüentemente acima da lei.

Embora essas sociedades secretas, que incluíam os Cavaleiros Templários, se rebelassem contra o governo autocrático, o poder e o desgoverno da Igreja e a hostilidade das religiões organizadas à ciência, elas estavam se tornando o novo estabelecimento. Como tais, eles seriam tão corruptos e poderosos quanto aqueles que buscavam mudar.

A pirataria e o contrabando eram mais frequentemente o domínio dos ricos e poderosos do que dos indivíduos pitorescos que a história retrata. O mesmo vale para a instituição do tráfico de escravos e do tráfico de drogas. Em ambos os casos, as ordens religiosas desempenharam um papel na criação dessas instituições, e lojas e guildas de mercadores continuaram seus negócios muito depois de se tornarem ilegais. É notório o tributo que o tráfico de escravos e o tráfico de drogas causaram no mundo. O fato de ambas as instituições serem controladas por um punhado de indivíduos ricos, cujos nomes costumavam ser gravados em mármore em bibliotecas e universidades, é o segredo mais sombrio da América.

Os chamados pilares da sociedade eram tamanha força a ser enfrentada que até o presidente da nação americana era descartável quando seus programas ameaçavam os lucros dos que detinham o poder mais organizado. Embora não haja como negar que o assassinato de Lincoln foi uma conspiração, pelo menos dois outros presidentes seriam vítimas das cabalas que desejavam controlar o governo tão bem quanto controlavam os negócios mais lucrativos.

## Capítulo 10

# OS COMERCIANTES DE ESCRAVO

**UMA**ntigua mal estava fora de vista quando o capitão

Hopkins, o líder do brigue Sally, percebeu que havia um problema. A pequena tripulação estava ficando doente com o fluxo, uma doença mais tarde conhecida como disenteria. O estado de fraqueza dos homens era alarmante, já que os conveses inferiores do porão eram uma carga viva que ultrapassava o número da tripulação reduzida. A carga era uma carga de barco de escravos africanos que haviam sido capturados ou vendidos como escravos na África, marcados com ferro e depois entregues em um porto costeiro para exportação.

Espancados, desnutridos e acorrentados, os escravos geralmente eram colocados a bordo de um navio britânico para a passagem transatlântica. Muitos não sobreviveram à jornada. Aqueles que sobreviveram foram colocados em currais em outro porto. Ali eram alimentados e banhados, já que o cheiro do confinamento era suficiente para fazer reclamar os fazendeiros vizinhos. Os escravos foram então levados ao mercado para serem revendidos a um comerciante americano, começando o processo de confinamento no mar mais uma vez.

Quando a tripulação era superada em número por cem para um, nunca era seguro permitir os africanos no convés. A condição do Sally, no entanto, estava se tornando desesperadora. O capitão Hopkins decidiu arriscar; ele permitiu que um punhado de seus escravos fosse trazido para cima para aumentar os esforços da tripulação. Os africanos perceberam rapidamente que tinham vantagem e começaram a libertar os outros na tentativa de tomar a prisão flutuante. O capitão estava armado e rapidamente matou ou feriu vários escravos e começou a ordenar que os outros pulassem no mar. Depois que oitenta homens foram forçados a entrar no Atlântico, a ordem foi restaurada.



O proprietário do navio, Nicholas Brown and Company, foi rapidamente notificado do sinistro, contra o qual teve a precaução de se resguardar com seguro. A Newport Insurance Company, a Bristol Insurance Company, a Mount Hope Insurance Company e outras grandes empresas que dominam a economia da Nova Inglaterra começaram com o seguro marítimo. Uma seguradora moderna, a Aetna, recentemente emitiu um pedido público de desculpas por seu papel no seguro de vidas de escravos. Embora isso não pareça diferente do seguro de vida moderno, a diferença é que os escravos estavam sendo segurados como propriedade.<sup>1</sup>

Uma miríade de regras sobre o que poderia ser cobrado dos seguradores muitas vezes sobrecarregava os armadores. Uma carga de africanos muito doentes e sem valor devido à passagem não foi coberta. Um capitão empreendedor decidiu jogar seus passageiros doentes ao mar, pois a carga perdida no mar seria então coberta. As Supremas Cortes da Louisiana e da Carolina do Norte e do Sul ouviram regularmente casos em que as reivindicações de um armador foram negadas devido a circunstâncias atenuantes. Nas políticas da Aetna, essas exclusões incluíam suicídio de escravos, escravos trabalhando até a morte e escravos sendo linchados.

Em 1781, o navio negreiro Zong, que pertencia a dois proeminentes mercadores de Liverpool, transportava 440 escravos de São Tomé. O capitão, Luke Collingwood, errou em suas instruções de navegação e a viagem demorou mais do que o esperado. Quando a doença atingiu o navio, sessenta escravos morreram e quase metade do navio adoeceu. O capitão ordenou que 132 escravos fossem atirados ao mar para capitalizar o seguro. A seguradora, Gilbert, et al., Rejeitou a reclamação e os proprietários do Zong levaram as seguradoras ao tribunal. Os armadores argumentaram que a carga foi lançada ao mar para salvar o resto das mercadorias, tornando legítima a reclamação. Os proprietários do Zong venceram. Até o juiz ficou surpreso com a facilidade com que o júri aceitou o conceito de que sacrificar escravos não seria diferente de se eles fossem animais.<sup>2</sup>

Na Nova Inglaterra, os proprietários de navios negreiros usavam todos os meios disponíveis para proteger suas apostas; eles se organizaram e investiram nas companhias de seguros marítimos que se responsabilizariam por tais perdas.

Nicholas Brown and Company também foi em parte responsável pelo

desenvolvimento inicial de outro negócio da Nova Inglaterra: bancos. A empresa desempenhou um papel na constituição do Providence Bank, que lhe permitiu financiar os seus próprios navios, e a partir desta instituição desenvolveu-se o moderno Fleet Bank, um dos maiores bancos do país.

A família Brown começou sua ascensão à fama e fortuna no negócio baleeiro da Nova Inglaterra, no qual os navios às vezes tinham que ficar no mar por anos com o objetivo de transformar baleias em espermacetes. Precisando de fundos para seu negócio, Nicholas Brown equipou o primeiro Guineaman - nome dado para significar um navio negreiro que negociava com a África - o Mary, para o comércio de escravos. Em 1736, seu filho Obadiah Brown alistou-se como supercarga, ou comerciante chefe, no que se tornaria o primeiro empreendimento de Providence no comércio de escravos. Obadiah logo entrou em seu próprio país e equipou outro navio, a Roda da Fortuna, para se juntar ao comércio. O jovem então trouxe toda a família para o negócio e desenvolveu uma reputação em toda a colônia.<sup>3</sup>

Para os Browns, a riqueza levou a um poder maior, e John Brown tornou-se um congressista representando Rhode Island; o outro comerciante de escravos, James De Wolf, representou o estado como senador. O lucro do comércio trouxe todas as armadilhas da riqueza. Quando o ex-presidente John Quincy Adams visitou a casa dos Browns, ele a chamou de "a mansão mais magnífica e elegante que já vi neste continente". Hoje, a casa ainda se encontra em Fifty-two Power Street em Providence, onde é operada pela Rhode Island Historical Society,<sup>4</sup> que gostaria que o comércio de escravos da família fosse mencionado o mínimo possível.

O fato de a fortuna da família Brown ter sido feita com o comércio de escravos é uma questão de registro histórico. Em agosto de 1797, John Brown se tornou o primeiro americano a ser julgado em um tribunal federal por violar a Lei do Comércio de Escravos. As manobras legais de Brown e os favores de cortes não o salvaram de chegar ao tribunal, já que seu irmão Moisés foi a pessoa que apresentou as acusações. Moisés vira em primeira mão os horrores do navio negreiro e, subsequentemente, abandonou os negócios da família e se tornou seu maior oponente. Seus esforços pararam a importação de escravos para Rhode Island, e ele

ajudou a promulgar uma lei federal contra isso. Um projeto de lei libertando os filhos de escravos e proibindo completamente o comércio teria sido bem-sucedido, mas William Bradford, de Bristol, removeu a cláusula sobre a proibição. Seu negócio de rum dependia do comércio de escravos. Os negócios de seu genro, James De Wolf, dependiam mais disso. John Brown morreu em 1803, antes que o comércio fosse banido para sempre.

Os lucros do comércio de escravos ajudaram a família Brown a alcançar a imortalidade. Perto da casa da Power Street fica a Brown University. Como os Browns foram grandes benfeitores, a escola originalmente conhecida como Rhode Island College mostrou à família a maior gratidão ao mudar seu nome para Brown University. Embora a Brown University seja o grande monumento aos lucros do comércio de escravos dos Browns, um monumento menos conhecido a John Brown é o Fleet Financial Group da Nova Inglaterra. Brown foi um dos fundadores em 1791, quando era chamado de Providence Bank. Ele se fundiu com a criação de Samuel Colt, o Industrial Trust, e passou por uma mudança de nome para Banco Nacional Industrial. Em 1982, o banco Rhode Island mudou seu nome novamente para Fleet Financial.

## NOVA INGLATERRA E O COMÉRCIO DE ESCRAVIDOS

Existem muitos segredos em torno do comércio de escravos. Os lucros do comércio de carga humana geraram grande parte da indústria americana, especialmente da Nova Inglaterra. O comércio reuniu um punhado de famílias unidas por laços maçônicos e casamentos mistos. As mesmas famílias ainda herdaram fortunas e herdaram o poder que domina o cenário econômico. Embora ser maçom muitas vezes fosse necessário para ser contratado por um armador ou construtor de navios, as lojas nas quais os trabalhadores eram recebidos não eram as mesmas às quais os proprietários se juntavam. Uma camada de elite havia mais uma vez ascendido ao topo da sociedade, assim como no período feudal.

Os normandos franceses não inventaram o sistema feudal. A elite

Normans, no entanto, prosperou controlando todos os aspectos da economia. Eles exportaram esse tipo de economia para a Inglaterra, Escócia e Irlanda, onde os senhores normandos empobreceram e expulsaram populações inteiras para estabelecer suas propriedades. Eles trouxeram a economia feudal para a Itália também, onde os exércitos normandos haviam causado mais destruição do que os celtas mil anos antes. As mesmas famílias normandas que acumularam enormes propriedades criaram os Cavaleiros Templários, que se tornaram a Maçonaria. No entanto, a liberdade e a fraternidade dentro da organização tinham seus limites; a filiação às poderosas lojas centrava-se primeiro na aristocracia, e somente quando a sociedade industrial substituísse a economia feudal uma classe profissional chegaria ao poder dentro da organização. As lojas comuns, por sua vez,

A entrada na crosta superior da sociedade poderia ser conseguida pelo casamento, mas com mais frequência os membros de uma família de armadores casavam-se com membros de outras famílias de armadores. Apenas os capitães dos navios tinham chance de se mover para cima, pois participavam dos lucros de suas viagens. Os capitães começaram como membros das lojas que incluíam estivadores, carpinteiros, guerreiros e marinheiros. Os sindicatos, que surgiram muito depois, não inventaram a loja fechada. Os sindicatos, no entanto, se basearam no conceito de salão sindical e se uniram em grupos quase maçônicos como os Cavaleiros do Trabalho. Ser admitido foi o primeiro passo muito importante. Ser aceito pelos capitães que fizeram as contratações foi o passo seguinte. Para isso, um trabalhador deve ser considerado confiável e focado nos objetivos do capitão e de seus mestres, os armadores.

A terminologia geométrica empregada pelos maçons era tão importante quanto um aperto de mão secreto. Ser considerado "no nível" ou "no quadrado" significava que um candidato a contratado era um membro da loja. Isso mostrou aos proprietários que eles tinham o empregado sob seu controle com tanta certeza quanto se fossem senhores feudais na França ou na Escócia do século XIV. Ser incluído significava ter um emprego e

sobreviver à dura economia dos séculos XVIII e XIX; ser excluído pode significar ser sem-teto.

A ironia é que onde a população tinha desempenhado um papel tão crítico

ao iniciar uma guerra de independência e criar uma sociedade democrática, a elite ainda foi capaz de manter seus papéis de poder por trás da economia. Os princípios maçônicos de fraternidade e igualdade foram perdidos quando as organizações maçônicas deram a um punhado de mestres a habilidade de controlar sua organização.

Os americanos hoje têm uma visão particular da história que concede à Nova Inglaterra o melhor caminho moral. O mito do Peregrino conta como os Peregrinos desembarcaram, fizeram amizade com a população nativa e logo os convidaram para celebrar o Dia de Ação de Graças após um ano particularmente difícil. A realidade dos peregrinos era que os peregrinos pousaram no lugar errado, lutaram entre si, quase morreram de fome e foram resgatados por uma população nativa. Os nativos - não os selvagens retratados tardiamente em livros e filmes - instruíram os peregrinos na ciência da agricultura. Os sobreviventes então retribuíram seus anfitriões submetendo-os a uma apropriação de terras que não pararia até que os "selvagens" fossem confinados às reservas.

Acredita-se que a cultura puritana tenha conduzido os Estados Unidos para a criação de uma democracia, mas a liberdade religiosa e a tolerância não eram marcas da colônia de Massachusetts. Cidadãos eram colocados no tronco para dançar, mandados fugir para outras áreas por causa de pequenas diferenças religiosas e frequentemente queimados como bruxos não por qualquer motivo religioso, mas em vez disso para resolver rixas com os vizinhos. Embora não se possa negar que a Nova Inglaterra e, pode-se argumentar, Boston, foi o berço da democracia americana, a região logo se tornou o alto comando dos federalistas, que substituíram os valores da Revolução pelos de uma elite da classe mercantil que introduziu a escravidão, promoveu o contrabando, inventou o trabalho infantil nas fábricas e quase derrubou a Declaração de Direitos em uma tentativa de acabar com a dissensão.

O sonho americano foi manchado pelo poder desenfreado e pela sede de dinheiro que levou aqueles que hoje chamamos de Brâmanes de Boston ao comércio de escravos, ao comércio de ópio e ao abuso do trabalho. Nessa classe semelhante ao brâmane, os membros preservavam seu status por meio de sociedades maçônicas que excluíam o trabalhador médio e por

meio de casamentos mistos entre a elite da Nova Inglaterra e, ocasionalmente, famílias inglesas aristocráticas. A classe de elite tinha acesso ao poder financeiro e político

por causa da enorme riqueza que o comércio trouxe. A mesma classe de elite existe hoje.

A base para muitas das fortunas dos líderes políticos de hoje pode ser atribuída a um punhado de fundadores. Eles construíram fortunas em conspirações criminais que eram tão ilegais e imorais quanto são agora. Eles investiram os lucros em fábricas e ferrovias. Quando seus impérios foram ameaçados, eles se tornaram políticos e legisladores. E ao longo do caminho eles decidiram que havia valor nas relações públicas, então eles financiaram escolas de Brown a Harvard, Princeton e Yale.

## A PLANTAÇÃO DE AÇÚCAR

O mundo dos Cabots, Lodges e do resto dos Boston Brahmins nunca teria existido se não fosse pela família Brown, que traficava escravos, e uma família mais poderosa, mas menos conhecida, os Perkinses. Os Browns desenvolveram seu império no comércio de escravos, nos bancos e por meio do mais notável ato de pirataria industrial, a indústria têxtil. Os Perkinses foram ainda mais longe. Começando como traficantes de escravos, eles levaram a Nova Inglaterra ao seu nível mais alto de riqueza ao introduzir a região no comércio de ópio. A família Perkins uniu Whitney, Tafts, Roosevelts, Cushings, Appletons, Bacons e outros no empreendimento criminoso que formaria o alicerce da Nova Inglaterra e da riqueza americana.

Não é de admirar que as raízes da família Perkins estivessem no comércio de escravos, especificamente em Saint Domingue, uma ilha onde, no final do século XVIII, trinta mil fazendeiros brancos e seus soldados controlavam meio milhão de trabalhadores negros. O controle foi mantido por um tratamento duro, e esse controle enriqueceu São Domingos. Embora fosse ostensivamente governada pelos franceses, a ilha era composta por oitocentas plantações de açúcar que muitas vezes pertenciam a americanos. A ilha, que um dia se tornaria o Haiti, era responsável por dois terços de todo o comércio exterior da França. São Domingos superou todas as

exportações agrícolas das índias espanholas juntas. O comércio com a metrópole empregou mil navios e quinze mil

marinheiros. O algodão de Saint Domingue manteve em funcionamento as fábricas de tecidos da França. Os historiadores estimam que, na França, uma pessoa em cada cinco dependia do comércio exterior para obter emprego. Esta riqueza impressionante foi a inveja de todos os países europeus.<sup>5</sup> As plantações haitianas mantiveram um grau de lucro mais alto do que qualquer outra ilha do Caribe. Um terço das plantações retornou a seus proprietários 12 por cento a cada ano, em comparação com uma média de 4 por cento nas ilhas de propriedade britânica.

A mídia da época muitas vezes apoiava os negócios contra seus detratores, como acontece hoje. Enquanto Adam Smith escreveu sobre o tratamento superior dos trabalhadores das plantações pelos franceses, era uma fantasia, e a taxa de mortalidade de escravos o prova. <sup>6</sup>Uma pesquisa mostra uma plantação passando por quatro vezes sua população escrava original; isso significa que o ato de matar 80% da força de trabalho de alguém por meio de um tratamento severo era de alguma forma aceitável na economia da plantação de açúcar.

Os trabalhadores eram mal alojados e mal alimentados. A comida dos escravos costumava ser o peixe de estoque trazido nos quatro mil ou mais navios americanos que se registravam em São Domingos. Os navios americanos eram principalmente da Nova Inglaterra e voltaram com açúcar e melão. Os navios americanos também comercializavam escravos. A indústria na Nova Inglaterra e na França prosperou quando aqueles que se engajaram no comércio de escravos investiram seus lucros nas fábricas, ferrovias e minas.

Para que uma pequena população controlasse uma população tão grande, a violência era comum. Para uma infração menor, chicotadas e aplicação de sal e pimenta nas feridas eram típicos. Marca, mutilação e morte também eram típicas. Um escravo fugitivo poderia esperar ser paralisado. O ato de comer cana-de-açúcar era punido com o uso de focinho de metal. As mulheres podem ser estupradas sem recurso. Existem casos documentados em que a desobediência foi restringida pregando um homem pela orelha a um objeto. E, em um caso, as orelhas de um escravo foram cortadas, cozidas e forçadas a ele como alimento.

As torturas comuns dos escravos incluíam borrifar o escravo com cera fervente ou xarope de cana, costurar os lábios com arame, amarrar homens com melão nos caminhos das formigas e mutilação sexual. Morte

foi uma bênção para muitos, e centenas cometeram suicídio para evitar serem queimados vivos ou enforcados pelos fazendeiros e seus supervisores.<sup>7</sup>

A plantação da família Perkins pode ter sido típica de qualquer plantação de São Domingos. Embora lucrativo para os proprietários, era um inferno para aqueles que eram forçados a trabalhar para eles. No Memoir of Thomas Handasyd Perkins, Thomas Perkins poupou futuros leitores dos detalhes do negócio da plantação de açúcar e sua participação no comércio de escravos. Em vez disso, suas memórias simplesmente mencionam que os irmãos Perkins tinham uma "casa", ou empresa, no Haiti, mas acharam o clima desagradável e então voltaram para Boston.<sup>8</sup>

O "clima" a que Perkins se referiu foi uma revolução dos escravos negros contra seus senhores brancos, na qual dois terços dos brancos foram mortos ou forçados a fugir e um terço dos negros foram mortos. Foi a terceira de uma série de revoluções começando com a Revolução Americana, que então se espalhou para a França e São Domingos. A família Perkins e seus herdeiros sobreviveram à carnificina e se tornaram os pilares da sociedade da Nova Inglaterra.

O comércio de escravos não foi inventado pelos Perkinses ou mesmo pelos mercadores da Nova Inglaterra. Em vez disso, existiu na Europa, África e Ásia por milhares de anos. O envolvimento da Europa no comércio africano, no entanto, cresceu e prosperou depois de ficar sob o controle das ordens militares pós-templárias.

## Capítulo 11

# CRUZ VERMELHA E CARGA PRETA

**M**a história moderna atribui o início do escravo europeu comércio da América com os portugueses. Os Cavaleiros Templários, reintegrados em Portugal como Cavaleiros de Cristo, estavam sob o controle de Henrique, o Navegador, o grão-mestre português que viu uma oportunidade econômica se desenvolver quando a reconquista, a reconquista da Península Ibérica, empurrou os árabes fora da Península Ibérica. Henry não inventou a instituição da escravidão; já tinha milhares de anos quando se tornou mestre de sua ordem. Mas Henrique modernizou a escravidão para que pudesse incorporá-la em sua busca por novas terras, assim como havia incorporado o comércio de uma série de outras mercadorias. Ele licenciou a escravidão. Ele desenvolveu um sistema em que o comércio cresceria e ele poderia coletar royalties. No entanto, a escravidão como instituição é tão antiga quanto a civilização. O Príncipe Henrique e os Cavaleiros de Cristo "melhoraram" pode assumir a culpa por inventar a escravidão.

Aristóteles escreveu que a humanidade é composta de escravos e senhores. Platão, que acreditava que nenhum homem honesto poderia ser rico, não via nada de desonesto no comércio de escravos e acreditava apenas em regulamentar seu papel no mercado. A Roma pré-cristã empregava escravos nas galeras e nas proverbiais minas de sal, onde trabalhavam em condições horríveis. O cristianismo romano não questionava o comércio de escravos, pois ceder às decisões de César ainda era a regra. O bárbaro Alaric invadiu Roma

com a ajuda de quarenta mil escravos capturados. Mais tarde, anglo-saxões e vikings negociaram escravos brancos que haviam sido capturados em ataques e guerras. Na Irlanda, as garotas escravas eram uma unidade real de troca ou moeda e eram mais valorizadas do que os escravos do sexo masculino.<sup>1</sup> Em uma versão inicial do iluminismo, Veneza foi uma das primeiras cidades-estado a banir a escravidão, em 960 DC.

## AS ORDENS MILITARES E O COMÉRCIO DE ESCRAVOS

O comércio de escravos prosperou durante toda a disseminação do Islã. Embora a Europa participasse da instituição milenar, ela usava principalmente escravos brancos de terras europeias que haviam sido conquistadas, em vez de escravos africanos. Os árabes simplesmente tornaram o comércio de escravos mais internacional. Quando a maré se voltou contra o Islã, os mercadores italianos e depois as ordens dos cruzados lutadores entraram no mercado. Na verdade, os armadores italianos tinham a reputação de simplesmente vender um barco cheio de passageiros a um comerciante árabe. Tais atos levaram os navios Templários a serem considerados mais seguros do ponto de vista dos passageiros, já que os Templários eram mais propensos a proteger seus passageiros peregrinos. Mais tarde, as ordens dos Templários e os Cavaleiros de São João se juntaram ao comércio de escravos para financiar suas operações.

Na Península Ibérica, os árabes usavam escravos negros para cultivar a terra e lutar contra os cristãos. Durante a reconquista, muitas terras foram dadas às ordens militares, incluindo as de Calatrava, Alcantara e Aviz de Espanha e dos Cavaleiros de Cristo em Portugal. Propriedades também foram dadas à ordem cisterciense de monges, que não via conflito moral em cultivar a terra com trabalho escravo.<sup>2</sup> Com a maioria dos invasores árabes expulsos da Europa, o principal negócio dos Templários tornou-se o negócio. Quando os Templários foram suprimidos, a ordem passou por uma mudança de nome e uma mudança de gerenciamento. Os Cavaleiros de Cristo recriaram os Cavaleiros Templários em seu pior momento. Eles se

tornaram um cartel de negócios internacionais com a aprovação do governo. Henry e seus intrépidos exploradores compreenderam a oportunidade de lucrar assumindo o lucrativo comércio de escravos. Eles então licenciaram o comércio de laços reais, e navios da ordem e navios de propriedade de outros, mas licenciados

por meio da ordem logo navegou os mares de Angola à Costa dos Escravos, comprando ou roubando escravos dos mercadores árabes.

Henry, o Navegador, teve a vantagem de ser nobre. Como terceiro filho do Rei João I de Portugal e da Rainha Filipe de Lancaster, Henrique recebeu o título de Grande Mestre dos Cavaleiros de Cristo. Os Cavaleiros eram uma das quatro ordens militares em Portugal, todas elas remanescentes dos Cavaleiros Templários, que foram dissolvidos pelos esforços do rei da França e do papa católico. Enquanto os cavaleiros franceses eram presos, torturados e queimados na fogueira, os cavaleiros portugueses simplesmente mudaram de nome e renasceram com a bênção do Papa João XXII. Os cavaleiros mantiveram sua riqueza, seu status e até mesmo seus trajes: uma cruz vermelha em um campo branco.

Embora fosse chamado de Navigator, o Príncipe Henry navegou muito pouco. No entanto, pilotou a sua encomenda a partir de um castelo em Sagres, Portugal, onde reuniu toda a sabedoria náutica da sua época. Aprimorou os instrumentos náuticos, reuniu mapas e aperfeiçoou a arte da cartografia, desenvolveu novas embarcações como a caravela (um pequeno e gracioso navio de dois mastros construído para navegar em mares rasos e fazer travessias de longa distância) e treinou sejam marinheiros para navegar.

Os navegadores de Henrique, possivelmente com a ajuda de mapas antigos, logo redescobriram as ilhas atlânticas, como os Açores e a Madeira, e partiram para a África. Em 1441, a primeira caravela de Henrique chegou à África - e voltou com escravos negros. O comércio não era novo para a África. Tribos negras escravizaram umas às outras por milhares de anos. Os berberes islâmicos e os mouros árabes então assumiram o comércio.

Os custos de equipar uma frota e uma universidade de classe mundial em Sagres eram grandes, e o comércio de açúcar com a Madeira e o tráfico de escravos custeariam parte dos altos custos de manutenção de ambos. Henry também tinha projetos agrícolas, fábricas de tingimento, fábricas de sabão, piscinas de peixes e pesca de coral, mas mesmo assim foi forçado a pedir dinheiro emprestado.<sup>3</sup> Onde os navios de Henrique foram pioneiros, o resto da Europa o seguiu. Leões foram trazidos para a Irlanda. Papagaios e

macacos foram transportados para Bruges. O rei da Dinamarca recebeu as presas de um elefante e uma expedição inteira foi lançada

com o objetivo de capturar um elefante vivo. A expedição nunca mais teve notícias, mas o fascínio da Europa pela África só aumentou.<sup>4</sup>

Antecipando as futuras críticas de captura, compra e venda de seres humanos, os Cavaleiros de Cristo receberam jurisdição espiritual da Guiné, Núbia e Etiópia. Como "Mestre da rica Ordem de Cristo, que herdou as riquezas do Templo", Henrique agora tinha uma missão. A entrada da Europa no comércio de escravos africanos tornou-se oficial e foi colocada sob a ordem da elite que não só ainda existe, mas também floresce hoje, tendo o presidente da República de Portugal como seu atual grão-mestre.

Se os portugueses foram os responsáveis por trazer a indústria de escravos negros para a Europa, os espanhóis foram mais do que igualmente responsáveis pela expansão do comércio. Colombo finalmente partiu para a América em 1492, após anos negociando um patrocinador. O casamento de Isabel, rainha de Castela, e Ferdinando II, rei de Aragão, uniu grande parte da Espanha. Na conquista de Granada, que unificou grande parte do que hoje é a moderna Espanha, o governo se apressou em empregar o que hoje chamaríamos de limpeza étnica. Os conquistadores islâmicos foram os primeiros a partir. Em seguida foram os judeus; eles prosperaram sob um governo islâmico mais tolerante e foram autorizados a ser educadores, mercadores e banqueiros. O terceiro alvo eram os hereges. Mesmo antes da captura de Granada em 1492, a Inquisição já existia, com o objetivo de expulsar pagãos e hereges cristãos. Em 1492, os tribunais dominicanos operavam em oito grandes cidades. Cristãos e conversos, os judeus convertidos, eram regularmente consumidos pelas chamas nas praças da cidade. 2 de agosto de 1492, um dia antes de Colombo deixar a Espanha, era o prazo final para que todos os judeus se convertessem ou partissem.

Quando a Espanha ficou sem gente para expulsar, enviou uma expedição às Ilhas Canárias. Lá os espanhóis conheceram uma cultura que chamaram de Guanches. Com uma expedição armada, os espanhóis foram à guerra contra o povo isolado e eliminaram toda a população de duzentos mil.<sup>6</sup> A aventura nas Canárias serviu de base para o que aconteceria nas Américas.

## THE MYSTERIOUS CHRISTOPHER COLUMBUS

O próprio Colombo interessa mais como homem misterioso do que explorador. Sua primeira biografia, escrita por seu filho Ferdinand, questiona até mesmo seu sobrenome. Colombo, que significa "a pomba", foi um nome escolhido, diz Ferdinand, pois era o símbolo da sabedoria e de São João Batista. São João era sagrado para os Templários.<sup>7</sup>

O primeiro serviço de Colombo fora das expedições comerciais foi para o Bom Rei René. Pouco foi escrito sobre a conexão Columbus-Rene d'Anjou. O livro *Holy Blood, Holy Grail* afirma que René foi um grão-mestre do Priorado de Sion, a organização secreta que estava por trás da formação dos Cavaleiros Templários. Certamente René estava envolvido em algumas ordens cavaleirescas muito seletas, incluindo a Ordem do Crescente, a Ordem do Galgo Branco e L'Ordre de la Fidelite. Não se sabe se René desempenhou um papel na introdução de Colombo às ordens secretas. O mais provável é que a rota tortuosa que levou Colombo a uma conexão com a ordem dos Templários ressuscitada foi através do casamento.

Em 1477, Colombo navegou para o norte, para a Islândia, onde os vikings haviam se estabelecido centenas de anos antes, e usou a área como uma estação intermediária entre a Groenlândia e as Américas. Ele navegou para a Irlanda, onde na baía de Galway nativos "sem graça", levando Colombo a acreditar que eram asiáticos, morreram. Eles eram possivelmente inuítes da Groenlândia ou da América do Norte. Colombo também navegou para a cidade portuária de Bristol, na Inglaterra, que já foi uma fortaleza dos Cavaleiros Templários e mais tarde uma fortaleza do comércio de escravos inglês.

Colombo era mais do que culto; durante sua época, ele foi um erudito extraordinário. Ao lado da cama estava um livro intitulado *Imago Mundi*, do cardeal Pierre d'Ailly, que Colombo havia lido e relido e cujas margens ele havia preenchido com anotações.<sup>8</sup> Ele também leu Marinus de Tyre, que dividiu o tempo em vinte e quatro horas. Colombo encontrou apoio de Estrabão e Plínio, que estimaram o mundo em um terço a menos do que seu tamanho real. E o aventureiro leu Aristóteles e Sêneca, que acreditavam que as Índias estavam a apenas alguns dias de navegação de Cádiz.<sup>9</sup> Em Medea

Sêneca escreveu: "Virá uma era em que o oceano quebrará suas correntes,  
um

imensos terrenos serão revelados." <sup>10</sup> Colombo também possuía uma cópia do Livro de Ser Marco Polo e uma tradução italiana da História Natural de Plínio.<sup>11</sup>

Como o outro famoso explorador genovês John Cabot (nascido Giovanni Caboto), Colombo se casou bem. Depois de naufragar em Portugal, fixou residência em Lisboa e assistiu à missa na Igreja de Todos os Santos. A família Moniz-Perestrello viera de Gênova cem anos antes e se estabelecera em Portugal para trabalhar como mercadores, comerciantes e aventureiros. Quando Colombo chegou a Portugal, a família havia alcançado riqueza e status. Também havia doado os Conventos dos Santos, onde Colombo conheceu a viúva Felipa Moniz. Dona Felipa tinha vinte e cinco anos; Colombo tinha vinte e sete anos. Em um ano eles se casaram.

Como o filho de um tecelão se casou com uma família dos Cavaleiros de Cristo é um mistério que nunca foi resolvido. O pai de Moniz, Bartholomeu Perestrello, foi educado pelo Navegador Henrique no Castelo de Sagres e participou na exploração das ilhas atlânticas. Recebeu o título de governador, ou capitano, do Porto Santo, onde recebia as receitas de todo o comércio. Seu filho mais tarde herdou o título, a posição e a receita.

Colombo e a sua noiva passaram a lua-de-mel na Madeira, acompanhados pela sua nova sogra, Isabel Moniz. A sua família tem também uma longa história marcante com raízes algarvias. Embora o casamento com a família Moniz-Perestrello trouxesse o status de Colombo, Isabel Moniz deu a Colombo algo ainda mais apreciado pelo explorador: os livros e mapas de seu marido. As sucessivas descobertas e redescobertas das Canárias, dos Açores, da Madeira e do arquipélago de Cabo Verde revelaram um oceano repleto de ilhas tal como Platão havia escrito.<sup>12</sup> Munido do conhecimento da geografia disponível para poucos que sabiam ler, bem como dos mapas e cartas do Atlântico conhecidos por poucos e protegidos pelo segredo dos Cavaleiros de Cristo, Colombo navegou para o oeste.

O Novo Mundo não era como Colombo esperava. Primeiro, não era a China, então chamada de Cathay, ou qualquer outro lugar da Ásia. Não

havia especiarias, que naquela época eram tão valiosas quanto ouro. Havia um pouco de ouro,

mas foi em torno do pescoço da tribo Arawak, particularmente belicosa, que primeiro saudou Colombo. Em busca de ouro, eles estavam convencidos de que poderia ser encontrado em outro lugar, a expedição de Colombo pesquisou o mar do Caribe.

Ao longo do caminho, eles descobriram que os nativos Taino do maior grupo Arawak na ilha de Canoa, uma província da Hispaniola, tinham navios que podiam transportar quarenta e cinco pessoas. Os espanhóis chamavam esses abrigos de "canoas", mas eles eram, na verdade, do tamanho de uma galera européia e tinham quase 2,5 metros de largura.<sup>13</sup> Em comparação, os três navios da expedição de Colombo continham noventa pessoas no total.

Um grupo Arawak conhecido como Lucayans eram comerciantes ativos que navegavam para a Guatemala em busca de contas, jade e quartzo, que usavam para fazer cerâmica. Os nativos também eram capazes de fundir ouro, prata e cobre.

Os nativos descobriram os "juncos de trovão" dos recém-chegados, do lado errado dos canos dos rifles. Em março de 1495 em Hispaniola, a ilha mais tarde dividida entre o Haiti e a República Dominicana, a primeira batalha foi travada entre o povo espanhol e a população nativa. A população da ilha seria reduzida de 250.000 para 500 em 1558.<sup>14</sup>

## NEW WORLD SLAVE TRADE

A cumplicidade da Espanha no comércio de escravos começou com Colombo trazendo escravos do Novo Mundo para a Espanha. No início foi um punhado de nativos Taino, que foram trazidos para a Espanha quase por curiosidade. Na época da quarta viagem de Colombo, os espanhóis poderiam ter trazido tantos escravos brancos ou mouros quanto negros. Em 1505, quinze escravos negros foram trazidos para Hispaniola,<sup>15</sup> mas logo depois a população nativa foi reduzida pela varíola a uma taxa tão alarmante que foram necessários trabalhadores substitutos. Os espanhóis consideravam um negro digno do trabalho de quatro caribenhos nativos e

com melhor resistência a doenças. O antigo comércio de escravos espanhol pode ter sido metade branco e metade negro. Judeus cativos na guerra contínua contra as cidades mouras e

Os escravos muçulmanos eram vendidos no mercado de Valência. Os negros africanos acompanhariam os exploradores espanhóis como escravos e como homens livres. Na verdade, na exploração de Cortes no México, Juan Garrido, um negro livre nascido na Espanha, recebeu a distinção de ser o primeiro europeu a plantar trigo no México.<sup>16</sup>

O colapso da população nativa americana logo abriu as comportas e as licenças foram concedidas até mesmo às ordens sagradas católicas para importar escravos - às vezes às centenas. Bartolomé de Las Casas, descendente de uma velha família francesa na Espanha, viu em primeira mão a destruição de vidas que a Espanha estava causando entre os nativos e recomendou que os negros fossem colocados para trabalhar na América.<sup>17</sup> Logo, tanto europeus brancos quanto africanos negros estavam fazendo a perigosa travessia para trabalhar como escravos para a nova classe dominante das Américas. Duzentos e cinquenta mil ingleses brancos foram transportados contra a vontade para trabalhar nas plantações do Caribe.<sup>18</sup> Seu tratamento foi tão severo; sua sobrevivência foi curta.

Quando a escravidão é discutida hoje, a raça geralmente é enfatizada. Mas a escravidão, por mais horrível que fosse uma instituição, não se tornaria uma questão racial até depois da Revolução Americana. Antes dessa época, a escravidão envolvia mais frequentemente povos que eram capturados ou subjugados na guerra; como tal, pode ter assumido um enfoque cultural, mas não foi ao longo das linhas de cor. Os brancos escravizaram os brancos, os negros escravizaram os negros e os exércitos e marinhas conquistadores do Islã escravizaram europeus e africanos conforme a oportunidade permitia. A culpa pela escravidão não pode ser atribuída a nenhum grupo em particular, pois a prática era quase universal.

O primeiro comércio de escravos foi um esforço do Velho Mundo como comunidade. Os portugueses e depois os espanhóis licenciaram o comércio. Os capitães do mar de Gênova compraram as licenças. As famílias de banqueiros e mercadores da França e Flandres emprestaram o dinheiro que pagou as licenças e montaram as expedições. A escravidão era um explorador de oportunidades iguais; em todos os lugares, os poderosos podem escravizar os menos poderosos. O comércio inicial não era uma

questão de capturar escravos, mas sim de comprá-los. Os próprios africanos eram parte integrante do comércio; notavelmente, os escravos do Príncipe Henrique até encontraram um mercado para escravos negros

entre chefes negros, que aceitavam os escravos como pagamento por marfim e ouro.<sup>19</sup>

A tribo Wolof do Senegal entendeu que na África um cavalo tinha o valor de sete homens. Eles também entenderam que, na Europa, a lei sálica definia o preço de um escravo como igual a um cavalo. Os wolof, que eram ricos em escravos, logo ficaram ricos em cavalos, e não foram menos cúmplices do que os europeus que vieram comprar. O império Songhai na Senegâmbia era pelo menos tão sofisticado em comércio, moeda e status social quanto o português. Seus mercados eram tão desenvolvidos e geralmente mais antigos do que os dos comerciantes que vinham comprar.

De 1520 a 1540, o comércio cresceu para proporções elevadas. Conversos, ou famílias judias que alegaram conversão para escapar da morte, encontraram seu caminho para a Holanda e depois para o Novo Mundo, onde alguns desempenhariam um grande papel. Os jesuítas também possuíam escravos, negociavam escravos e administravam plantações. Dos dinamarqueses e holandeses do norte da Europa aos ibéricos e árabes do sul, o negócio era realizado para o lucro daqueles que podiam construir e comprar os navios e capturar, vender ou empregar os escravos.

Quando as Américas foram invadidas pelos conquistadores espanhóis, um dos primeiros usos para trabalhos forçados foi nas minas de prata do Peru e Cuba. Os índios haviam trabalhado nessas minas antes, mas não sob as duras condições impostas pelos espanhóis. A crueldade dos conquistadores levou a uma taxa de mortalidade muito maior entre os nativos. Como os donos de escravos achavam que os índios morriam com muita frequência, os negros foram trazidos para substituí-los. Os escravos negros estavam destinados a trabalhar nas plantações de açúcar primeiro em Santo Domingo e depois em Porto Rico. Entre 1529 e 1537, a coroa espanhola concedeu 360 licenças para importar escravos apenas para o Peru, e a maioria dessas licenças foi para Francisco Pizarro e sua família. As outras licenças foram concedidas a amigos da coroa, que muitas vezes as vendiam a banqueiros.

Embora todos os grupos étnicos e vários países participassem do comércio de escravos, talvez a maior parte da culpa possa ser atribuída a alguns poucos países da elite. Aqueles que podiam explorar os outros,

e em qualquer forma possível. Frequentemente, as pessoas que podiam explorar outras tinham conexões poderosas. As organizações cruzadas remanescentes ainda estavam na melhor posição para participar dessas atividades.

A ordem dos ex-templários portugueses, os Cavaleiros de Cristo, deu início ao comércio transmediterrânico de africanos para financiar suas explorações. Mais tarde, eles trouxeram o comércio através do Atlântico. A coroa espanhola, agindo por meio de uma série de ordens militares, licenciou os direitos de explorar, conquistar e subjugar povos e terras estrangeiras. Uma vez que um império foi estabelecido em uma nova região, o governo assumiu o direito de vender licenças concedendo a outros o direito de comprar e vender escravos. Essas licenças foram primeiro para as famílias da elite que financiaram e lideraram expedições com fins lucrativos às Américas.

## OS FRANCESES ENTRAM NO COMÉRCIO DE ESCRAVOS

A França foi separada pelas guerras destrutivas entre católicos e protestantes, mas ambos os lados logo seguiriam no comércio caribenho de açúcar e melão. Católicos e protestantes também participavam do comércio de escravos, embora geralmente de portos diferentes. Enquanto os protestantes franceses, ou huguenotes, conduziam seus negócios por meio de um sistema mais moderno que dava grande poder a líderes mercantis individuais, as ordens militares católicas que sobreviveram agiam como uma grande companhia, como os Cavaleiros Templários agiam antes de 1307.

São Cristóvão, a primeira ilha caribenha a ser colonizada pela França, foi comprada por ordem de São João de Jerusalém em 1653.<sup>20</sup> A ordem logo adicionou as ilhas de Tortuga e Saint Barthelemy às suas propriedades. Os cavaleiros, no entanto, não gostavam do comércio de escravos. O comércio de escravos era um negócio fisicamente sujo e muito provavelmente menos lucrativo do que o esteio de pirataria da ordem. O pedido logo transferiu a propriedade de suas ilhas do Caribe para a Companhia Francesa das Índias

Ocidentais.<sup>21</sup> Depois que a ordem abriu o caminho para a participação francesa no comércio atlântico, empresas individuais dirigidas por católicos ou huguenotes preencheram o vácuo.

A França ainda era um país católico e seguiu a liderança do papa em Roma ao justificar o comércio. Editos começando com aqueles de

Alexandre II em 1493 e o Code Noir do rei francês Luís XIV em 1685 instruíam que os escravos fossem batizados a bordo dos navios negreiros. De alguma forma, o raciocínio complicado permitiu que os conquistadores e mercadores de escravos acreditassem que estavam "salvando" suas vítimas. Eles estavam matando os "pagãos ímpios e pagãos" ou convertendo-os. Mas a conquista militar e religiosa combinada teve um resultado não intencional: as religiões dos africanos, assim como suas próprias "lojas" de elite, foram trazidas para as Américas.

## SEGredo SOCIEDADES AFRICANAS E O COMÉRCIO ESCRAVO

Enquanto as sociedades militares europeias de elite desempenhavam seu papel na compra de escravos, transportando-os e vendendo-os aos fazendeiros americanos, as sociedades africanas de elite desempenhavam outro papel. Sociedades secretas e de elite podem até ter dirigido o outro lado do negócio, adquirindo escravos para vender aos europeus. Em *A Serpente e o Arco-Íris*, Wade Davis descreve as vítimas capturadas do Yoruba ocidental sendo derrubadas do Níger e entregues nas mãos dos Efik. Os Efik eram ideais na foz do rio para encontrar os europeus. Os navios negreiros que ancoravam na foz do rio eram obrigados a pagar uma taxa aos chefes efik em troca de escravos. A ordem era mantida por uma sociedade secreta, os Egbo, ou sociedade dos leopardos.

O chefe efik, chamado de obong, costumava ser o chefe de um grupo de Egbo que mantinha a disciplina por meio do medo.

As armas dos europeus eram primeiro os canhões e depois a religião organizada. As armas das sociedades africanas eram semelhantes; primeiro, a população de vítimas foi conquistada e escravizada pela força, e depois foi submetida à religião. A religião no início da África provavelmente se baseava na superstição, como no resto do mundo, mas era diferente porque utilizava mais drogas. Uma das armas de subjugação era o feijão Calabar, uma fonte de datura, uma erva psicologicamente violenta. <sup>22</sup>O uso dessas drogas psicoativas foi transportado para a América para manter a ordem.

Superficialmente, parecia que a elite do Novo Mundo precisava apenas de suas armas e dos poderes marciais dos militares e

as ordens militares para manter a ordem. Mas a religião serviu a um propósito; além de manter a ordem, forneceu justificativa para o ato de conquista dos índios americanos. E isso forneceu uma desculpa para a crueldade da escravidão.

Os escravos - negros e índios - obviamente não esqueciam simplesmente suas próprias crenças religiosas. Suas religiões, que muitas vezes eram produtos de numerosas nações, regiões e línguas, se fundiram com a iconografia católica. O resultado foi uma multidão de novas religiões híbridas construídas com base em crenças pagãs. A religião dos santos passou a ser Santeria em Cuba e Porto Rico, obeah na Jamaica, vodun (vodu) no Haiti (Saint Domingue) e mais tarde em Nova Orleans, Curanderismo no México e Candomblé no Brasil.<sup>23</sup>

A cola que o catolicismo supostamente teria fornecido à sociedade foi, na verdade, fornecida de uma forma para a qual a Igreja e os proprietários de escravos não estavam preparados. Os mesmos xamãs e membros de sociedades africanas secretas que sobreviveram à passagem trouxeram sua própria estrutura coesa para o Novo Mundo. Nas ilhas de Hispaniola, Jamaica e Cuba, esses grupos escaparam para as montanhas, liderados por líderes religiosos e sua elite central. Eles inspiraram outros a escapar e se juntar, e eles despertaram medo suficiente nos outros para que segredos fossem mantidos. Os assassinatos foram conduzidos até mesmo por membros do grupo que podiam se mover de forma invisível. A revolução inspirada no vodun que perseguiu gente como a família Perkins de volta a Boston foi tão mortal quanto o terror da Revolução Francesa.

Os comerciantes e plantadores brancos trouxeram a Maçonaria para o outro lado do Atlântico. Poucos anos depois que as lojas foram estabelecidas nas colônias do norte, elas se espalharam para o sul. A primeira loja caribenha foi estabelecida na Jamaica em 1739. A próspera ilha de Barbados tinha uma loja própria no ano seguinte e, em 1749, São Domingos também tinha sua própria loja. Os franceses em Saint Domingue permitiam a entrada de negros em suas lojas em uma época em que o crescimento do vodun estava no auge. A rebelião que trouxe brancos e negros do Caribe para Nova Orleans introduziu tanto o sistema europeu de

lojas quanto as sociedades secretas voduns nos Estados Unidos. A religião vodun americana, com seu simbolismo,

roupas rituais e doutrinas misteriosas parecem ser um amálgama de influências africanas, maçônicas e católicas.

A insurreição dos escravos negros foi liderada por Jean-Jacques Dessalines e Toussaint-Louverture, ambos maçons ativos. Toussaint-Louverture declarou independência de São Domingos em 1791 e, embora o imperador da França, Napoleão Bonaparte, tentasse suprimi-la, havia trinta mil brancos entre 465.000 escravos negros. A população tinha visto um aumento de quarenta mil negros nos três anos anteriores à revolução. O movimento de independência acabou tendo sucesso sob a liderança de Dessalines, que então rebatizou a parte francesa da ilha de Haiti, um nome arawak. Entre 1791 e 1794 houve um reinado de terror quando os negros revolucionários tiveram sua própria versão de Robespierre, Boukman. Boukman usou uma rede de sacerdotes do vodu e o mistério do ritual do vodu para incitar a revolução. Sob o governo de Boukman, brancos foram estuprados, torturado e morto; as plantações foram saqueadas; e a propriedade foi queimada. Em três anos, dez mil brancos e um número desconhecido de negros fugiram, principalmente para a Louisiana. Dez mil brancos foram mortos, o que representava um terço da população.

## HUGUENOTS NO COMÉRCIO

Enquanto a França católica pavimentava o caminho, os escravistas e contrabandistas huguenotes desempenharam um papel ainda maior na atividade comercial das novas colônias americanas. Dos mesmos portos que os templários outrora possuíam no século XIV, como La Rochelle, os huguenotes do século XVI se organizaram em grupos secretos a partir dos quais se apoiavam contra inimigos muitas vezes maiores. Esses grupos foram organizados por meio de uma série de lojas maçônicas.

Grande parte da participação inglesa e escocesa no tráfico de escravos, no contrabando e até na pirataria era organizada em lojas e celas cujos membros protegiam uns aos outros. Os maçons gozavam de proteção que se estendia aos níveis mais elevados de poder. Embora hoje o comércio de escravos seja uma pirataria legal, costumava ser uma prerrogativa da coroa inglesa. O duque de York organizou o monopólio inglês do comércio, e o

maiores acionistas eram os membros das famílias reais - que muitas vezes estavam no auge das sociedades secretas.

Os protestantes franceses nem sempre tiveram a mesma bênção da realeza que seus concorrentes ingleses ou os escravistas católicos. Os huguenotes foram os últimos a entrar no comércio de escravos, mas os alcançaram rapidamente. Em 1691, um huguenote a serviço da Companhia Francesa do Senegal tornou-se governador de São Domingos.<sup>24</sup> Em casa, na França, três portos - Nantes, Bordeaux e La Rochelle - acabaram controlando 70% do comércio de escravos.

Nantes, que fica acima do rio Loire a partir da costa atlântica, logo controlou 50% do comércio sozinho, graças às famílias protestantes unidas e unidas de Michel, Luynes, Boutelhiers, Drouins, Bertrands, Grou e Montaudoin.<sup>25</sup> As ilhas do Loire proporcionavam um porto adequado para a importação de algodão e outros bens, o produto final do comércio iniciado com os escravos africanos. A casa de Rene Montaudoin emergiu como a maior empresa isolada, controlando a maior parte do comércio em Nantes, a maior cidade negociante de escravos. O negócio familiar equipou 357 navios no século XVIII, quase o dobro do valor da família Luynes, o próximo concorrente mais próximo.

Rene Montaudoin era membro da Royal Academy of Science e também maçom. Sua base, Nantes, era uma fortaleza maçônica imbuída das idéias de Voltaire e Rousseau. Montaudoin tornou-se amigo íntimo de Benjamin Franklin e ajudou a abastecer a causa americana contra os britânicos. Mas os direitos do homem tinham pouca aplicação no principal negócio de Nantes - a compra e venda de humanos.

O papel dos maçons franceses no comércio de escravos é um excelente exemplo dos objetivos de divisão dos grupos maçônicos e da própria elite. Em 1789, havia mais de seiscentas lojas maçônicas em Paris. Eles variavam de artesãos e grupos sociais às lojas mais restritivas com nobres, sacerdotes e até irmãos do rei. Lojas proeminentes incluíam os líderes do Iluminismo. A Loja das Nove Irmãs era uma dessas lojas; fundada pelo astrônomo Lalande, a loja foi acompanhada por Condorcet, Chamfort, Houdon, Danton e Benjamin Franklin. Eles não aderiram a nenhuma doutrina religiosa fora da crença deísta

que existe um arquiteto supremo do universo<sup>26</sup> Eles agiram contra a religião católica, no entanto, e foram fundamentais para expulsar os jesuítas da França. Eles estavam comprometidos com a ajuda mútua e a tolerância religiosa, o que, inversamente, lhes permitia controlar o comércio de escravos e forçar a religião católica aos escravos.

Havia também grupos maçônicos liberais cujos membros incluíam Lafayette, seus sogros, Noailles, Mirabeau, o duque de La Rochefoucauld e o duque d'Orleans. Lafayette trabalhou para acabar com a escravidão e experimentou comprar duas plantações do Suriname dos jesuítas e educar seus próprios escravos em preparação para sua liberdade.

Talvez a maior ironia seja que a revolução de inspiração maçônica saiu pela culatra contra os nobres e a elite dos membros. Uma década antes que o Reinado do Terror contasse milhares de cabeças perdidas para a guilhotina, famílias ligadas à Maçonaria, como os Montaudoins, vieram em auxílio do novo experimento de democracia.

A empresa familiar de René Montaudoin pode ter fornecido um exemplo aos capitães americanos das indústrias escravista e têxtil. Montaudoin doou dinheiro para construir o hospital de Nantes e investiu grande parte de sua riqueza em fábricas onde o algodão era processado. Membros da família De Wolf de Bristol, Rhode Island, eram imitadores clássicos, financiando a indústria têxtil da Nova Inglaterra com o dinheiro ganho no comércio de escravos.

Embora a motivação dos franceses no comércio de escravos fosse principalmente o lucro, suas ações assumiram conotações políticas e religiosas. Os huguenotes franceses tinham numerosos inimigos e a Igreja Católica representava a maior ameaça. Os maçons franceses trouxeram negros para as lojas como uma forma de impedir que os grupos se tornassem católicos. Quando a Grã-Bretanha entrou em guerra com as colônias americanas, a França viu uma oportunidade de ferir seu inimigo de longa data.<sup>27</sup>

## OS NEGOCIADORES DE ESCRAVO INGLÊS

Os ingleses chegaram atrasados na exploração do Novo Mundo. Após um breve esforço empregando John Cabot para navegar pela costa em 1497,

os ingleses esperaram mais de cem anos, até a época da Rainha Elizabeth I, antes de conduzir novas explorações. Elizabeth foi cercada por uma corte de aventureiros e alquimistas, que aconselharam a rainha a participar da conquista.

O reinado de Elizabeth começou logo após a morte da rainha católica Mary I. A morte de Mary encerrou uma tensa luta entre facções católicas e protestantes pelo trono. O pai de Elizabeth, Henrique VIII, tinha uma propensão incomum para se casar e dispensar as esposas. Uma delas, Ana Bolena, era a mãe de Elizabeth. Bolena foi acusado do crime de fornicção e foi decapitado, tornando Elizabeth ilegítima. Esse status não era importante para a família do duque de Northumberland, que queria um governante protestante. O duque e seu grupo tentaram um golpe para colocar Isabel no trono, em vez da outra filha de Henrique, Maria. A chamada Conspiração de Duda terminou mal para os vinte conspiradores; eles foram enviados para a Torre, alguns para serem executados e outros para serem presos. Elizabeth, no entanto,

Poucas semanas após a morte de Maria, em um dia preciso (15 de janeiro de 1559) escolhido pelo astrólogo de Elizabeth, Dr. John Dee, Elizabeth foi eleita rainha da Inglaterra. Ela foi atraída pelo ocultismo desde a infância, e era uma comunhão que ela compartilhava com seu pai. Seu amigo de longa data e suposto amante, Robert Dudley, apresentou Elizabeth a Dee. Dee fora contratado pelo duque de Northumberland para ensinar ciências a seus dois filhos.

A reputação de Dee como feiticeiro cresceu desde seus dias de escola, quando no meio de uma peça grega em Cambridge ele exibiu a habilidade de levitar um grande escaravelho. No ano em que se formou, ele foi preso como feiticeiro. A curta prisão não prejudicou suas chances de emprego remunerado; ele logo se tornou um favorito da corte de Elizabeth e ganhou uma casa chamada Mortlake.

Em Mortlake, o cabalista, alquimista e matemático acumulou uma biblioteca de quatro mil volumes, a maior da Inglaterra. A biblioteca de Dee seria usada por dois dos maiores cronistas da Inglaterra, Hakluyt e

Holinshed. Para Dee, não havia divisão entre ciência e magia. Ele exibiu um espelho mágico que confundia a todos, mas não permitia que ninguém revelasse o que tinha visto. Uma empregada relatou que tinha visto uma nuvem de abelhas enxamear escada abaixo de seus aposentos, evidentemente familiares do médico.

Dee apresentou Elizabeth a Francis Kelly, que afirmou ser capaz de transmutar metais em ouro. Elizabeth o contratou para evitar cobrar impostos de seus súditos.

Dee convenceu Elizabeth de que ela tinha direito a enormes áreas no Novo Mundo com base nas afirmações que a versão saxônica do conquistador grego Alexandre, o rei Edgar, havia feito. Sua Majestade também era herdeira direta do Rei Arthur, de acordo com Dee. Dee convenceu Elizabeth de que a Grã-Bretanha tinha um destino para governar como Britannia e que, como ilha, o país precisava de uma grande marinha. Ele disse a ela que as Américas seriam o novo, Grande Britannia, o continente virgem para a Rainha Virgem. Agora a busca pelo novo Avalon estava iniciada. Tendo sido confinada em seu palácio, Elizabeth viveu sua vida vicariamente - em telectualmente através do Dr. Dee, emocionalmente através dos homens que Dee trouxe para ela.

Em 1577, Dee escreveu *The Perfect Art of Navigation* e a dedicou a Christopher Hatton, que financiou as aventuras marítimas da corte de Elizabeth. Elizabeth reuniu Sir Francis Drake e Sir Walter Raleigh. Drake mudou o nome de seu navio para *Golden Hind*, que era o emblema heráldico do brasão da família de Hatton. Drake foi então solto para saquear o Main espanhol e reivindicar terras para Elizabeth. Ele trouxe para ela uma coroa cravejada de esmeraldas, uma cruz de diamante e uma parte das 235.000 libras saqueadas da Espanha. Sua parte por si só excedia seus royalties anuais.

Drake é considerado um dos maiores capitães do mar inglês de todos os tempos. Suas façanhas como navegador trouxeram a Grã-Bretanha ao papel abrangente de Britannia, o império. Drake declarou o norte da Califórnia como sendo Nova Albion e o reivindicou para Elizabeth. Suas façanhas como corsário - um pirata com permissão - ajudaram a financiar outras idades de viagem e aumentar os cofres do reino inglês. A Rainha

Virgem foi rápida em entender os costumes do mundo. Ela licenciou o comércio, conquista e

pirataria. Os riscos eram pequenos, a menos que incluíssemos a guerra com a Espanha. Os espanhóis ficaram indignados com os ataques a seus navios e a invasão de suas novas terras, por isso ameaçaram invadir a Inglaterra. O feiticeiro-chefe de Elizabeth, John Dee, lançou um feitiço na Armada Espanhola, que se acredita ter causado mau tempo e a vitória inglesa. Elizabeth deu licenças ao Dr. Dee, que já teve a patente de todas as terras americanas ao norte de 50 graus de latitude. A rainha também licenciou os exploradores John Davis e Walter Raleigh para encontrar uma passagem noroeste para a China e a Índia.

Sir Walter Raleigh era um dissidente. Alternativamente favorável e desfavorecido à rainha, Raleigh era conhecido por sua bravata, energia e inteligência. Por Elizabeth e a glória da Britânia, Raleigh procurou na América do Sul o lendário tesouro de El Dorado. Ele acreditava que uma fonte de ouro não estava longe do rio Orinoco, que ele chamou de rio da Cruz Vermelha, uma referência aos templários. Raleigh acreditava que ele deveria desempenhar o papel do Cavaleiro da Cruz Vermelha, uma figura da Faerie Queene de Edmund Spenser.<sup>28</sup>

Raleigh entrou para a história como o primeiro a tentar brevemente a colonização no Novo Mundo, que falhou. Ele pelo menos conseguiu imprimir o nome da rainha no Novo Mundo, no estado da Virgínia.

John Hawkins, um primo de Sir Francis Drake, apresentou os ingleses ao comércio de escravos africanos. Outros capitães ingleses antes dele haviam estado na África, violando o comércio exclusivo reivindicado pela Espanha e Portugal. Mas Hawkins recebeu permissão expressa da Rainha Elizabeth para negociar por escravos. Os apoiadores de Hawkins incluíam seu sogro, Benjamin Gonson, o tesoureiro da Marinha, e Sir Thomas Lodge, o Lord Mayor de Londres.<sup>29</sup>

Hawkins não teve escrúpulos em capturar pessoalmente os escravos ou comprá-los ou roubá-los dos portugueses. Sua primeira viagem foi um sucesso moderado, mas suas viagens subsequentes renderam grandes

lucros, e por isso ele foi nomeado cavaleiro. Seu novo brasão incluía uma figura feminina africana.

## Capítulo 12

# MASTER MASONS AND SEUS ESCRAVOS

**F** de seu castelo em Nova York, Frederick Philipse olhou para o Rio Hudson, sua estrada para a riqueza. De Nova York, navios de propriedade do empresário holandês navegaram ao redor do mundo. Philipse teve

veio para a América em 1647 e imediatamente reconheceu que as leis não eram aplicadas aos que detinham a riqueza. Ele começou vendendo pólvora e rum aos piratas. <sup>1</sup>Em seguida, passou a fornecer apoio financeiro para as viagens dos piratas. Finalmente, ele se formou para se tornar um dos pioneiros do comércio de escravos americano. Logo se tornou um negócio de família, com o filho de Philipse, Adolph, chegando à América vindo de Madagascar em um navio cheio de escravos. Com o dinheiro da pirataria e do comércio de escravos, a família Philipse comprou o que antes era uma plantação Yonkers e estabeleceu mais de uma mansão no Hudson. Apesar de seus interesses comerciais, Frederick Philipse conquistou respeitabilidade e riqueza. Ele ocupou um cargo político e foi um membro de longa data do Conselho de Nova York.

Enquanto muitos dos primeiros colonos vieram para a América em busca de liberdade religiosa, muitos também buscaram oportunidades econômicas. O afrouxamento dos laços que prendiam a sociedade criou oportunidades. Nem todo imigrante em busca de liberdade precisava explorar os outros para melhorar a si mesmo. Mas para cada Sam Adams havia um Caleb Cushing, e para cada Thomas Jefferson havia um Thomas Perkins. As instituições e alianças feitas no Velho Mundo prevaleceram no Novo Mundo. O sistema de um grupo de elite



que controlava as massas existia desde os tempos feudais, e embora tenha sido alterado pelo mercantilismo o sistema ainda predominava. Homens como Abraham Lincoln carregariam a bandeira da igualdade e dos direitos individuais, enquanto outros perpetuariam o status quo.

Não há linha divisória para dizer onde terminou o comércio de escravos inglês e onde começou o comércio americano. Rastreado o início da escravidão no que se tornaria os Estados Unidos, Hugh Thomas, autor de *The Slave Trade*, encontrou uma carta do reverendo George Downing, de Harvard, que foi escrita a seu primo John Winthrop, governador de Connecticut. A carta sugeria a importação de escravos para a Nova Inglaterra e considerava Barbados de propriedade britânica como exemplo dos lucros da escravidão. O pai de George Downing, Emmanuel Downing, de Salem, também escreveu a Winthrop sugerindo o mesmo. Os mercadores da Nova Inglaterra descobriram que o comércio era lucrativo, embora a área em si tivesse pouca necessidade de mão de obra importada. Massachusetts tinha apenas cerca de cem escravos no século XVII.

Os comerciantes de escravos americanos mais bem-sucedidos mantinham relacionamentos na Europa. À medida que o comércio de escravos crescia na Europa, o porto inglês de Liverpool passou de uma vila de pescadores a um porto marítimo de primeira linha. Quatro famílias dominaram o comércio; o mais rico era Foster Cunliffe, que tinha quatro navios que navegavam para a África todos os anos. Sua riqueza cresceu com o comércio e ele foi eleito prefeito. A sede americana da empresa comercial da Cunliffe ficava em Oxford, Maryland, onde o agente americano da Cunliffe era o pai de Robert Morris, o principal financiador da Revolução Americana.

Assim como muitas fortunas americanas se baseiam no comércio de escravos, no tráfico de ópio e no contrabando, o mesmo ocorre com muitas fortunas da Inglaterra. O comércio de escravos cresceu aos trancos e barrancos na Grã-Bretanha e duas cidades, Bristol e Liverpool, tornaram-se pontos quentes para o comércio. Bristol havia se tornado um importante porto marítimo durante as Cruzadas, e navios Templários controlavam a indústria lá. Quando o comércio de escravos explodiu como uma

oportunidade econômica, os negócios de Bristol aumentaram, com seus mercadores responsáveis pelo transporte anual de setenta mil escravos. A história do Liverpool foi mais curta; evoluiu para

um porto marítimo como resultado do comércio de escravos. Antes da entrada de Liverpool no negócio de comércio, sua população chegava a cinco mil. Depois de entrar no triângulo do algodão, do açúcar e do comércio de escravos, empresas como construtores de navios, fábricas de tecidos e indústrias de apoio aumentaram o minúsculo porto e as cidades vizinhas para quase um milhão de pessoas.

Famílias inglesas proeminentes que controlavam o comércio incluíam os Leylands, Ingrams, Cunliffes, Tarletons, Claytons, Bolds, Kennions e Banastres. Essas famílias fundaram os bancos e indústrias da cidade, muitos dos quais sobrevivem até hoje.<sup>2</sup> Não muito foi feito para esconder o negócio feio; até mesmo o prédio de câmbio da cidade de Liverpool representava cabeças e elefantes africanos.

O primeiro navio negociante de escravos da Nova Inglaterra veio da cidade portuária de Marblehead, mas foi construído em Salem e foi registrado lá. O *Desire* não foi o pioneiro no comércio para a África, mas simplesmente navegou para as Índias Ocidentais e voltou com escravos à venda em Connecticut.<sup>3</sup> Marblehead e Salem eram capitais de um império de comércio marítimo que se estendia pelos sete mares. Aqueles que participaram do comércio estavam firmemente conectados ao sistema de Loja Maçônica. Na verdade, uma loja Marblehead levou a Maçonaria americana para a China, onde, no apogeu do comércio de ópio, Massachusetts tinha uma cabeça de ponte.

As lojas dos marinheiros de Massachusetts eram frequentemente fraternas e admitiam armadores e trabalhadores comuns, mas, à medida que os proprietários enriqueciam, eles frequentemente atraíam lojas de maior prestígio. Em uma ou duas gerações, eles se mudaram com frequência para Boston. A Maçonaria colonial elevou-se acima dos fatores divisores como religião e cor, mas reforçou a barreira entre ricos e pobres.<sup>4</sup>

As primeiras famílias de Boston logo entraram no comércio. Peter Faneuil, maçom e huguenote, era um comerciante ativo. Ele foi acompanhado pelos Arrotos, os Cabots e os Waldos. Enquanto os clientes do comércio de escravos eram as plantations do sul, os carregadores eram os da Nova Inglaterra. A Boston moderna tenta minimizar seu papel no comércio de escravos, com historiadores de Massachusetts apontando o

dedo para seu vizinho Rhode Island. O historiador Samuel Morison afirma: "O 'comércio da Guiné' nunca foi uma linha importante de comércio em Massachusetts,"<sup>5</sup> mas ao mesmo tempo ele

admite que Salem tinha um comércio regular com a África, vendendo rum e peixe para ouro em pó, óleo de palma e marfim. “Seria surpreendente se o ocasional comandante do navio não cedesse à tentação”, observa o autor.<sup>6</sup> Morison, que era de uma família brâmane proeminente, alertou igualmente os leitores contra o exagero do tráfico de ópio.<sup>7</sup> Mas não há como negar que a base da riqueza da Nova Inglaterra, incluindo a de muitas das corporações mais bem-sucedidas de hoje, foi financiada com os lucros do comércio de escravos e do ópio.

Apesar das afirmações em contrário de Massachusetts, ele estava envolvido no comércio quase desde a época da Virgínia. Samuel Vassall, um dos primeiros promotores da colônia, queixou-se oficialmente do monopólio da Guinea Company, uma instituição inglesa, no lucrativo comércio em 1649.<sup>8</sup> Uma carta de 1724 do comerciante irlandês Thomas Amory sugere que os carregadores do comércio de escravos eram predominantemente da Nova Inglaterra. Outros historiadores também concluem que a contribuição do comércio de escravos para a indústria da Nova Inglaterra é muito maior do que a maioria admite. Os autores de *New England and the Sea* afirmam que 30% do tráfego de negros era feito em navios da Nova Inglaterra. Além disso, as plantações de fumo e arroz, alimentadas por trabalho escravo, eram os maiores clientes das exportações da Nova Inglaterra: madeira, rum e peixe. Como dizem os autores, “os cofres de algumas das famílias mais orgulhosas da Nova Inglaterra estavam cheios de lucros com esse comércio”.<sup>9</sup>

Massachusetts pode ter sido o primeiro estado da Nova Inglaterra a se envolver no comércio, mas como dedicou sua atenção à China, o negócio de escravidão do estado logo foi eclipsado pelo de seu vizinho Rhode Island.

## RHODE ISLAND E O COMÉRCIO

Os habitantes da Nova Inglaterra gostam de alegar que o comércio de escravos estava centrado em Rhode Island e não estão completamente errados ao atribuir a culpa.<sup>10</sup> Os habitantes de Rhode Island, por sua vez, gostam de apontar o dedo aos judeus, o que também é parcialmente

correto. Em 1654, um punhado de famílias sefarditas portuguesas, temendo uma nova Inquisição, deixou seu país e foi para a Holanda. Após um breve período, eles vieram para a América. Rhode Island, fundada por Roger

Williams, ofereceu liberdade religiosa. Também ofereceu algo ainda mais revolucionário para um pequeno grupo de famílias: a liberdade econômica.

Esse punhado de famílias intimamente relacionadas aprendeu rapidamente e logo passou a representar a maior parte do comércio de escravos da pequena colônia. Famílias sefarditas, incluindo as de Aaron Lopez, Abraham Redwood, Abraham Pereira Mendes, Jacob Riveras, Jacob Polock e os De Wolfs, juntaram-se a colonos ingleses como William Ellery, Henry Collins, Samuel Vernon, John Canning e Joseph Wanton, que também ganharam dinheiro com o comércio. O comércio de escravos não era território de judeus, episcopais ou huguenotes. No entanto, valeu a pena se unir e operar em sigilo. Cristãos ou judeus, os traficantes de escravos tinham que estar conectados, pelo menos entre si. A afiliação religiosa costumava ser o laço que ligava. Mas nem todo comerciante de escravos pertencia a uma seita perseguida.

Por esta razão, era muito importante ser aceito em uma loja. O sistema de lodge, que era composto por armadores de elite, tornava a navegação nas águas traiçoeiras do Oceano Atlântico e a vida política da Nova Inglaterra mais fácil. A Loja Newport foi fundada por um comerciante de Boston e, uma vez estabelecida, foi habitada principalmente por judeus de Portugal e do Caribe. Moses Seixas serviu como grão-mestre de Rhode Island de 1791 a 1800"; passou a ser um dos fundadores do Bank of Rhode Island.

O casamento entre as primeiras famílias de Newport estreitou os laços, assim como entre a elite mercantil de Boston. Mas casamento misto não significa casar dentro da própria raça ou religião; significava casar dentro de uma casta. Um protestante poderia se casar com um judeu, desde que ambos fossem da mesma posição na vida. Armador, capitão do mar e comerciante eram três títulos da casta superior da vida de Rhode Island.

Na América, os judeus em geral não sofreram o grau de hostilidade que encontraram na Europa. Enquanto em muitos países a Maçonaria rejeitou os judeus, e pelo menos um ainda o faz, na América a Maçonaria os acolheu. Moses Michael Hay, um judeu sefardita português, foi fundamental para trazer a Maçonaria do Rito Escocês para a América, e Paul Revere, um huguenote, foi seu vice-grão-mestre. Hay também foi fundamental na fundação do Bank of Boston.

Nem todos os homens que contribuíram para fomentar a rebelião eram maçons. Sam Adams, por exemplo, usava as tavernas onde as lojas se reuniam como meio de conseguir o apoio da multidão. Ele era totalmente contra o comércio de escravos e recusou o presente de um escravo. John Adams também declarou que qualquer escravo que entrasse em sua casa era um homem livre. Ele era contra o comércio e era um crítico aberto da Maçonaria; o clientelismo que gerou permitiu que muitos estivessem acima da lei.

Entre os mercadores judeus de Rhode Island, Aaron Lopez era possivelmente o mais famoso, com trinta navios em seu crédito. Depois de fugir de uma nova onda de zelo inquisitorial em Portugal, Lopez chegou a Newport na década de 1750 com um segundo grupo de judeus sefarditas. Ele fez contatos rapidamente em Boston, Charleston, Nova York e Jamaica, e começou a negociar rum, móveis, velas e escravos. Em 1775, ele era o maior pagador de impostos do estado e também possuía uma propriedade na Antígua britânica. Esta foi a era de ouro do comércio de Newport, e Lopez foi o comerciante mais bem-sucedido de Newport. Sua família leva o crédito pela construção da famosa Sinagoga Touro de Newport e pela introdução da indústria de óleo de esperma na América. Antes de seus navios irem para a África em busca de escravos negros, sua frota navegava pelos oceanos à caça de baleias. Uma coleção de seus papéis,

Rhode Island foi chamada de Veneza americana, uma pequena área inadequada para a agricultura, mas por natureza uma meca comercial. A indústria do estado se beneficiaria com o comércio de escravos de outras maneiras. Pode ter sido o centro do negócio do rum, com trinta destilarias de rum dependendo do comércio triangular que dependia de escravos africanos. Os negócios de rum, açúcar e escravos evoluíram em torno uns dos outros, o que manteve Rhode Island proeminente no comércio de escravos. O autor Jay Coughtry em seu livro *The Notorious Triangle* estima que cem mil africanos foram levados a bordo de mais de novecentos navios registrados para proprietários de Rhode Island.

Muitas famílias descendentes de traficantes de escravos mais tarde destruiriam documentos familiares e alterariam outros para absolver a família de culpa. Sua riqueza e poder nunca foram diluídos, e muitos proeminentes

nomes construíram sua fama no comércio de triângulo. Os comerciantes incluíam a família Devassa, cujo Joseph Wanton seria lembrado como o quarto governador de Rhode Island; Abraham Redwood, benfeitor da Biblioteca Redwood; John Bannister, proprietário do Bannister's Wharf; Samuel e William Vernon; Philip Wilkinson; e Stephen d'Ayrault.

Uma família que era extremamente rica e proeminente por causa do comércio e, portanto, não podia apagar o passado foi os De Wolf. Eles vieram para Rhode Island pelo Caribe. Marc Antoine De Wolf, cuja migração começou em Portugal e seguiu para a Holanda, Guadalupe e, finalmente, Bristol, Rhode Island, casou-se com a imigrante inglesa Abigail Potter. Bristol era o homônimo do maior porto de escravos da Inglaterra, e lá De Wolf foi apresentado ao comércio como um capitão no navio de seu cunhado, Simeon Potter. Potter negociava escravos e rum no Caribe, e De Wolf aprendeu rapidamente.

Com seus oito filhos seguindo De Wolf para o negócio de escravos, sua extensa família pode ter sido responsável por um quarto das expedições escravistas de Rhode Island. No entanto, nem todos em sua família estavam felizes com o negócio; seu filho mais novo, Levi, ficou tão enojado depois de uma viagem como escravo que pediu demissão da empresa da família. Mas outros não mostraram sinais de dissensão. Um dos irmãos de Levi era famoso por atirar no oceano um escravo com varíola.

Rhode Island tentou impedir o comércio e tomou várias medidas contra os clãs De Wolf e Brown. Quando um navio negreiro foi confiscado, os escravistas se uniram para ajudar o proprietário a comprá-lo em um leilão fraudado. Quando o governo enviou agentes para corrigir os abusos, eles foram arrastados ou espancados. Quando o governo federal enviou um promotor especial, John Leonard, para julgar um caso de comércio de escravos contra James De Wolf, um júri de Rhode Island não conseguiu condenar o comerciante. Ganhar o caso não foi suficiente, entretanto, e De Wolf enviou seus próprios agentes a Washington, DC, para entregar uma mensagem. Eles bateram em Leonard nos degraus do tribunal.

O comércio de Bristol e Newport continuou muito depois de ser ilegal.  
James De Wolf saiu em 1808, mas seu irmão George continuou até

1820, doze anos após a proibição nacional. James se casou com a filha de William Bradford, dono de uma destilaria de rum e serviu no Senado dos Estados Unidos. Ele colocou os lucros do comércio de escravos em fábricas de têxteis e se tornou proprietário da Arkwright Manufacturing Company, que sobreviveu até os tempos modernos e atualmente faz parte de uma empresa holandesa.

A família De Wolf também seria lembrada por fundar uma das primeiras seguradoras da Nova Inglaterra. A empresa segurou os navios negreiros e a "carga". Hoje a imponente mansão dos De Wolfs, Linden Place em Bristol, é uma atração turística. Foi construído em 1810 pelo General George De Wolf, que mudou seu quartel-general para Cuba e continuou a aumentar sua fortuna em plantações, comércio de escravos e pirataria nas Índias Ocidentais. Em 1825, quando a safra de açúcar fracassou em Cuba, George abandonou sua mansão e fugiu de Rhode Island à frente de seus credores.

A casa da família mudou de mãos várias vezes, mas a cada vez para um De Wolf diferente. Theodora De Wolf casou-se com Christopher Colt, irmão do famoso fabricante de armas de fogo, e teve seis filhos com ele. Após a morte de Theodora, Samuel Colt comprou a parte de seu irmão e permaneceu na casa. Samuel Colt também é responsável pela fundação da Industrial Trust Company, que se fundiu com o Fleet National Bank, agora chamado Fleet Boston Financial, um dos maiores bancos da Nova Inglaterra. Samuel P. Colt, sobrinho de Samuel Colt e filho de Teodora, tornou-se um próspero advogado na Nova Inglaterra e administrou a propriedade de Vanderbilt. Ele também é lembrado por fundir pequenas empresas de borracha para criar a US Rubber, que mais tarde se tornou a Uniroyal.

Rhode Island permaneceu uma sociedade fechada muito depois que o comércio de escravos passou à história. Ser membro de uma loja maçônica parece ter sido um requisito para cargos políticos no estado. Os governadores David Russell Brown, Norman Case, Robert Livingston Beeckman, William Gregory, Charles Kimball, Herbert Warren Ladd e

Frank Licht foram todos maçons, assim como vários senadores, congressistas e outros detentores de cargos públicos de Rhode Island.

## PATRIOTAS E LUCROS

Costuma-se dizer que a Nova Inglaterra foi o centro da Revolução. Os prejudicados pelos acordos comerciais restritivos da metrópole foram os mercadores e comerciantes. Os primeiros estágios da rebelião remontam à Lei do Selo e outros éditos mercantis. Em 1764, quando a Grã-Bretanha tentou aumentar o preço do açúcar e do melão, os mercadores e armadores de Massachusetts se uniram para se opor à ação. Essas mercadorias eram essenciais para o comércio de escravos, vital para o comércio da Nova Inglaterra. A navegação colonial empregou quatro mil marinheiros na Nova Inglaterra e foi responsável por milhares de ocupações periféricas. As famílias Cabot e Russell de Boston eram duas das maiores embarcações. George Cabot era um anglófilo e federalista convicto, cuja riqueza familiar se baseava na navegação mercante. Ele serviu como senador por Massachusetts e foi nomeado primeiro secretário da Marinha, mas recusou o cargo. Embora muitos dos que buscavam independência para as colônias enriqueceram com o comércio de escravos, outros se opuseram a ele.

O sucesso da Revolução pode ter dependido do dinheiro e das conexões dos mercadores, mas seus ideais não dependiam dos mercadores cuja política se equilibraria cuidadosamente sobre a proverbial cerca até que uma decisão fosse forçada.

## NOVA YORK NO COMÉRCIO

O número de navios negreiros partindo de Nova York era pequeno em comparação com os dos estados da Nova Inglaterra. Mas a riqueza dos nova-iorquinos que prosperaram com o comércio é pelo menos igual. O comércio era restrito às famílias da elite que freqüentemente estiveram entre os senhores feudais desde os primeiros dias da colônia. O núcleo da elite de casamentos mistos que reuniu a família Scottish Livingston com seus vizinhos holandeses, os Schuylers, juntou-se aos Philipases, Thomas Francis Lewis, aos Beeckmans, aos Marstons, aos Van Homes, aos van Cortlandts e aos Walters. Até a Revolução Americana, a riqueza do

a família philipse pode tê-los colocado entre os dez primeiros nas colônias.

Frederick Philipse havia chegado com Peter Stuyvesant como mestre construtor da West India Company. Philipse explorou as avaliações do wampum nativo, comprou terras e investiu no comércio desde o início. Seu apoio a viagens piratas pode ter sido um de seus maiores empreendimentos, e ele até se casaria com a viúva de outro comerciante transatlântico. O comércio de escravos de Philipse era apenas uma parte de sua vasta operação. Em 1693, as terras do Philipse se estendiam por vinte e uma milhas ao longo do Hudson, por um total de noventa e dois mil acres.

Philip Philipse, um herdeiro da fortuna de Frederick, casou-se com Margaret Marston, ligando assim outra família poderosa à sua. Os Marstons possuíam terras em Wall Street, bem como a enorme Prospect Farm, uma propriedade rural perto do que hoje é a Eighty-five Street. Os Marstons também eram uma família mercantil e, como traficantes de escravos, eles mantinham escravos em sua propriedade em Manhattan. O pai de Margaret, Nathaniel, era ativo na Igreja Anglicana e está enterrado no cofre da família na Igreja da Trindade, um marco de Manhattan. Seu retrato no Museu da Cidade de Nova York o retrata com seu livro-razão, uma referência à sua participação no comércio da China.

Embora o volume de navios pertencentes a nova-iorquinos fosse menor do que os da Nova Inglaterra, seu papel poderia ter sido tão grande. Mesmo depois que a escravidão se tornou ilegal, navios de propriedade de nova-iorquinos foram encontrados conduzindo negócios da África para Cuba. Em 1859, oitenta e cinco navios da cidade de Nova York estavam supostamente trabalhando no comércio de escravos cubano. Os lucros foram usados para aumentar "os tesouros de organizações políticas" e "realizar eleições" nos estados vizinhos.<sup>12</sup>

Apenas alguns dos que trabalhavam no comércio possuíam escravos. Robert Livingston foi uma dessas pessoas. Como presidente eleito da assembleia provincial de Nova York em 1718, os negócios mantinham Livingston em Albany enquanto sua esposa, Alida, administrava a plantação. Uma carta que Robert recebeu de Alida solicitou que ele encontrasse sapatos velhos para os Palatinos e escravos, que estavam

descalços. Robert Livingston é um dos poucos nova-iorquinos que realmente tentou cultivar com escravos negros e, quando o experimento não funcionou, os Livingstons mantiveram os escravos como criados.

Outra carta mostra Robert comprando uma garota negra para seu filho Philip.<sup>13</sup>

Já em 1690, Robert Livingston teve interesse em um navio holandês que navegou para Madagascar, depois para Barbados e, finalmente, para a Virgínia. Nos séculos XVII e XVIII, ainda havia preconceito contra os escoceses, mesmo no caldeirão de Nova York. Para subir acima de uma posição, a passagem era casar-se com uma família holandesa, que compreendia a aristocracia de Nova York. No auge do comércio de escravos de Philip Livingston, filho de Robert, o comerciante investiu na cadeira de professor de Yale.

Alexander Hamilton, o filho ilegítimo de um proprietário de plantação escocês no Caribe, seguiu o caminho de Livingston para a fama e fortuna ao se casar com uma mulher holandesa, Elizabeth Schuyler. Ele se tornou um maçom pelas conexões que oferecia. Após a guerra, o fato de seu nascimento inferior foi completamente esquecido, quando ele se tornou membro da elite da Sociedade de Cincinnati.

Hamilton tornou-se a antítese do que Thomas Jefferson considerava um modelo para o país em formação. Como Jefferson, Hamilton possuía escravos e exigia sua liberdade; ao contrário de Jefferson, que considerou Nova York uma cidade de grubbers, a ambição de toda a vida de Hamilton era fundar um banco. Hamilton entendeu que quem controla o dinheiro tem mais poder. George Washington nomeou Hamilton o primeiro secretário do Tesouro. Seu primeiro ato foi anunciar que as dívidas do novo país seriam pagas. Era uma ideia aparentemente nobre, mas construída em uma versão inicial do insider trading. Hamilton e seus companheiros compraram o máximo possível da dívida de guerra a uma taxa de centavos por dólar. Eles ficaram ricos quando estes foram pagos. Muitos gritaram com esta ação,

Hamilton então fundou o primeiro banco de Nova York, o Bank of New York, em 1784 e trouxe três outros escoceses para preencher o conselho. Outro antigo banco de Nova York, o Manhattan Company, foi fundado por Aaron Burr, que prontamente se emprestou uma fortuna. A Manhattan Company foi tomada em uma aquisição hostil pelos aliados de Hamilton - os

Livingstons - quem expulsou Burr. Uma guerra entre Hamilton e Burr terminou no duelo infame que deixou Hamilton morto, Burr um fugitivo e a Bolsa de Valores (a Tontine Coffee House, na época) fechada por um dia. O banco sobreviveu ao escândalo e ainda está vivo e bem hoje com o novo nome de Chase Manhattan.

Os imigrantes escoceses da América eram fortemente unidos por meio da Maçonaria e outras conexões e eram particularmente adeptos do uso dessas conexões para organizar sindicatos, empresas e instituições. Outro escocês e comerciante, Archibald Gracie, abriu o primeiro banco de poupança em Nova York. Ele havia emigrado de Dumfries em 1784 e, em duas décadas, o comércio marítimo fez dele um dos cidadãos mais ricos de Nova York. Gracie é descrito como fabulosamente rico, e provavelmente havia menos de cinco homens em Nova York cuja fortuna poderia rivalizar com a dele. Hoje, a mansão Gracie é a casa dos prefeitos de Nova York. Vizinho dos Astors, Rhinelanders, Crugers e Schermerhorns, as festas de Gracie eram lendárias, e os glit-terati de Nova York, incluindo Alexander Hamilton, James Fenimore Cooper e Washington Irving, eram convidados frequentes.

Os escoceses também desempenharam um papel fundamental no estabelecimento de bancos na Europa. O Banco da Inglaterra foi fundado em 1694 por William Paterson, um escocês nascido em uma fazenda que tinha a visão de um sistema bancário mundial controlado por bancos centrais. Esse sistema está em vigor hoje. Paterson também é lembrado como o promotor do malfadado esquema de Darien, no qual muitos escoceses morreram (ver capítulo 4), ao qual Livingston se encontraria conectado pelo casamento. Outro filho da Escócia, John Law, nasceu na mesma época que Paterson e deixou sua terra natal para a França, onde fundou o Banque Generale. O banco trouxe prosperidade para a França ao tornar o comércio mais viável. Law, no entanto, perdeu sua camisa proverbial em sua própria aventura americana. Ele combinou o banco com a Mississippi Company, que estabeleceu para desenvolver os territórios da Louisiana na América.

Os escoceses até trouxeram a palavra dólar para a língua inglesa. Rei

Jaime VI introduziu uma moeda de trinta xelins que ficou conhecida como dólar-espada por causa do desenho. Os escoceses usaram o termo dólar para distinguir sua moeda daquela de seu vizinho autoritário do sul. A palavra assumiu uma conotação anti-inglesa e independente que os escoceses trouxeram com eles para as Américas.

## PENSILVÂNIA

O primeiro Congresso Continental foi realizado na Filadélfia, uma das cidades portuárias mais importantes das colônias. A reunião contou com a presença de muitos no comércio de escravos. Embora a Pensilvânia não fosse um estado de plantação e a Filadélfia não fosse tão ativa no comércio como algumas colônias, seus comerciantes participavam. Thomas Willing, da firma Willing and Morris, foi um dos comerciantes presentes. Seu parceiro, Morris, representava um dos maiores mercadores de escravos da Europa, Foster Cunliffe. Philip Livingston, cujo navio negreiro Wolf navegava no Atlântico, também compareceu. Presentes do sul estavam os proprietários de plantações, incluindo o futuro presidente Madison, George Mason da Virgínia e Henry Laurens da Carolina do Sul.

A Sociedade de Amigos da Filadélfia, também chamada de Quakers, não aprovava o tráfico de vidas humanas. No entanto, alguns quacres individuais lucraram com o comércio. Amigos envolvidos no comércio de escravos incluíam William Frampton, que carregou os primeiros escravos para a Filadélfia, bem como James Claypole, Jonathan Dickinson e Isaac Norris. Até o sempre industrioso Benjamin Franklin, que era amigo da família Montaudoin, considerou entrar no comércio de escravos. Ele também teve a ideia de criar escravos, em vez de importá-los, na Flórida.

A cidade do amor fraterno foi fundada por William Penn, cujas crenças quacres lhe renderam a inimizade de seu próprio pai. Na Inglaterra, Penn lutou pela tolerância religiosa e foi preso na Torre de Londres. Lá ele escreveu seu texto Sem Cruz, Sem Coroa e avisou seus carcereiros que deveriam emitir sua sentença de morte, já que ele não mudaria sua filosofia. Após sua libertação, Penn continuou sua luta e

foi preso várias vezes. Ele finalmente pediu ao rei uma carta para iniciar uma colônia no Novo Mundo. O rei, sem dúvida aliviado por se livrar da incômoda Penn, concedeu o desejo do homem.

Penn foi um modelo de tolerância religiosa e imaginou uma terra onde todos fossem livres para praticar sua fé. Voltaire, irmão de Ben Franklin na Loja Maçônica das Nove Irmãs, chamou Penn de aquele que poderia se orgulhar de trazer uma nova Idade de Ouro à terra. De seu paraíso na Pensilvânia, Penn escreveu que os homens "nascem com o título de liberdade perfeita". Infelizmente, os seguidores desse modelo de tolerância e liberdade ficaram em silêncio sobre a questão da escravidão, embora os quacres fossem mais tarde contados entre os primeiros abolicionistas.

## VIRGÍNIA

A Virgínia era um estado de fazendeiro e, como tal, a aristocracia do estado era composta por pessoas que possuíam grandes extensões de terra e escravos para manter as plantações. Sua história começa com o fretamento da Virginia Company em 1606 para os principais comerciantes de Londres, incluindo Richard Hakluyt e Sir Thomas Smith, filho de um dos financiadores de Raleigh.

Desde os primeiros dias, a vida na Virgínia foi dura e as ações do punhado de poderosos que constituíam a autoridade podem chocar aqueles que aceitam a liberdade religiosa como a razão para a colonização das Américas. Blasfêmia e sacrilégio eram crimes sujeitos à pena de morte, assim como o crime de matar uma galinha. <sup>14</sup> Por roubar farinha de aveia, um homem teve uma agulha cravada na língua e foi acorrentado a uma árvore e deixado para morrer de fome. <sup>15</sup> Mas o tratamento desumano dos colonos brancos pelos crimes mais mesquinhos não se estendia aos membros da elite da colônia.

O contrato da Virginia Company incluía a ilha das Bermudas, o que permitiu aos fundadores da Virgínia, como Lord Robert Rich, fazer fortuna na pirataria enquanto navegavam de um porto seguro na Virgínia para um porto seguro nas Bermudas. O trabalho escravo simplesmente substituiria

um sistema cruel, a servidão, por outro. Os homens conquistaram a passagem transatlântica concordando em trabalhar para as famílias dos fazendeiros, geralmente por um período indefinido de tempo.

os plantadores aproveitaram o sistema e aumentaram a extensão do serviço. Os pobres e problemáticos de Londres foram eliminados por meio de prisões, as forcas, os militares e esta nova opção, a Virgínia.

O trabalho escravo negro veio substituir a servidão indefinida dos brancos. Uma cabeça de gado que valia cinco libras na Virgínia valia vinte e cinco libras em Barbados, e aquela ilha seria uma grande fonte de escravos para as plantações da Virgínia. Ao contrário da indústria açucareira, em que o caminho para o lucro era trabalhar os escravos até a morte, a indústria do fumo apresentava trabalho mais fácil e famílias de escravos eram importadas para manter as plantações por mais tempo.

Apesar da natureza da plantação do fumo, mais fácil do que a da indústria açucareira, a vida ainda era perigosa para quem não tinha recursos legais. Em 1669, a assembleia da Virgínia aprovou uma lei permitindo o assassinato de um escravo como disciplina por mau comportamento. Quando Robert Carter entrou com um pedido no tribunal para ter permissão para desmembrar dois escravos desobedientes, seu pedido foi concedido.<sup>16</sup>

As primeiras famílias da Virgínia, como os Ludwells, os Byrds, os Carters e os Spencers, dividiram os despojos do cargo e uma série de casamentos bem colocados para se tornarem uma nova aristocracia. Eles construíram mansões enormes em suas propriedades rurais: os Harrisons construíram Berkeley; os Lee construíram Stratford; os Carters construíram o Sabine Hall, o Nomini Hall e o Carter's Grove; os Byrds construíram Westover; os Randolphs construíram Tuckahoe; e os Washingtons construíram Mount Vernon.

A Maçonaria uniu os aristocratas da Virgínia, e membros importantes da alta sociedade também eram membros da Loja. Embora os registros das lojas muitas vezes não tenham sobrevivido aos séculos, a filiação de George Washington, George Whyte e George Mason é indiscutível. Há evidências de que os futuros presidentes Monroe e Madison também eram maçons, e os maçons não reivindicam apenas um membro da aristocracia da Virgínia, Benjamin Harrison, como irmão da loja.

James Madison, um descendente da aristocracia de plantadores, desempenhou um papel ativo na Convenção Constitucional. Como seu colega fazendeiro George Washington, Madison tinha dúvidas sobre o

conceito de escravidão e trabalhou para enviar os escravos negros de volta à África.

Benjamin Harrison, ancestral dos presidentes William Henry Harrison e Benjamin Harrison, e fiador da Declaração da Independência, era descendente de outro Benjamin Harrison, provavelmente um fazendeiro das Bermudas.<sup>17</sup> O clã Tucker começou com William Tucker, um capitão do mar que chegou à Virgínia antes de 1620. Ele foi encarregado de negociar em nome da colônia. Ao fazer isso, ele concluiu um tratado com os índios Pamunkey matando duzentos membros de sua tribo com vinho envenenado.<sup>18</sup> Os Tuckers também tinham um pé nas Bermudas, com plantações lá e na Virgínia que datavam dos primeiros dias da Virginia Company.

## O SUL PROFUNDO

A Carolina do Norte tinha uma economia impulsionada pela plantação, embora apenas um membro da Convenção Constitucional daquele estado, William Blount, fosse proprietário de uma plantação. Como vários outros signatários, ele era advogado e maçom. Blount também foi um herói da Guerra Revolucionária que conquistou o respeito de muitos na batalha.

Blount começou de novo após a Revolução como especulador de terras. Suas finanças ameaçadas, no entanto, o induziram a assumir um papel subversivo destinado a levar o país de volta à guerra. Ele queria ver o novo país derrotar os espanhóis e abrir o Ocidente. Por esse motivo, Blount se tornou parte de uma conspiração que tentava entregar a Flórida aos britânicos. Como resultado, ele foi expulso do Senado. Blount tinha muitos amigos, incluindo o colega Mason Andrew Jackson, a quem nomeou procurador-geral do Território do Tennessee. Esses amigos em cargos importantes e lojas importantes impediram que o impeachment de Blount atrapalhasse a dinastia política de sua família, que prosperaria no século seguinte.

Na Carolina do Sul, a casta de elite, que construiu sua fortuna no comércio de escravos e na indústria de plantation, era todo-poderosa e dirigia a colônia da mesma forma que os estados caribenhos eram administrados. O primeiro governador da Carolina do Sul foi Sir John

Yeamans, um fazendeiro de Barbados que fundou Charleston e introduziu escravos para limpar sua própria plantação.

Cem anos depois, a aristocracia de plantadores estava no controle total do estado, embora o país estivesse às portas da democracia.

Henry Laurens, que estava na Convenção da Filadélfia, era sócio da firma Austin and Laurens. A empresa era a maior das doze firmas em Charleston, capturando 25% do comércio de escravos. <sup>19</sup>Laurens possuía algumas das maiores plantações da colônia e era um dos maiores comerciantes, lidando com arroz, índigo, rum, cerveja e vinho. Os comerciantes de escravos geralmente ganhavam uma comissão de 10% do preço de venda de seus negócios, e o comércio de escravos era grande o suficiente para que os maiores homens de Charleston fossem propriedade dos mercadores e traficantes de escravos.

O pai de Henry, John Laurens, era um huguenote de La Rochelle, na França. Ele fez parte da onda de imigração huguenote que fugiu da França católica por causa da guerra religiosa e da perseguição. John enviaria seu filho Henry para a Inglaterra em 1744 para ser treinado como comerciante.

A educação de Henry foi promovida na Carolina do Sul, fazendo os amigos certos. Ele se tornou um membro da Loja de Salomão e foi treinado no ofício por outro rico comerciante de Charleston, James Crockatt. <sup>20</sup>Ser membro da loja era muito importante para ser aceito por outros mercadores e homens de negócios. Stephen Girard, da Filadélfia, também ingressou na Maçonaria por meio dessa loja influente.

Henry Laurens iniciou o comércio da família importando rum e outros produtos tropicais das Índias Ocidentais, trazendo produtos manufaturados da Inglaterra, exportando arroz e índigo e comprando escravos de comerciantes britânicos e depois vendendo-os aos fazendeiros da Carolina do Sul. Ele logo estava enviando seus próprios navios para a África para eliminar os intermediários britânicos. Os lucros de seu comércio foram investidos em terras e, pela Revolução, ele possuía oito plantações. Ele também entrou na política, primeiro no nível local e depois em posições cada vez mais importantes. Em 1770, com sua fortuna feita, Henry trouxe seu filho para a Inglaterra para providenciar a educação dele. Lá Henry envolveu-se com o contingente americano de protestos contra o Parlamento. Assim que voltou para a Carolina do Sul, ele se retirou da vida de comerciante e do comércio de escravos.

Durante uma missão na Europa para conseguir um empréstimo da Holanda, Henry Laurens foi capturado pelos britânicos e passou quinze meses na Torre de Londres. Ele voltou para a Carolina do Sul para encontrar seu negócio destruído pela Revolução, então ele se demitiu da vida pública. Quando solicitado a aderir à Convenção Constitucional como representante da Carolina do Sul, ele recusou, enviando seu novo genro.

Após a batalha de Yorktown, quando a disposição da Inglaterra em apoiar a prolongada guerra acabou, a conexão inglesa de Laurens, Richard Oswald, foi enviada para negociar a paz. Oswald, um comerciante de escravos escocês que havia nomeado Laurens como seu agente americano, foi enviado por Lord Shelburne a Paris para se encontrar com Benjamin Franklin. Como a casta mercantil era uma minoria de elite, era de seu interesse manter o grupo exclusivo. Da Nova Inglaterra ao casamento misto das Carolinas era a norma da época. Charles Pinckney era filho do coronel Charles Pinckney, um rico proprietário de uma plantação, advogado e proeminente maçom. O jovem Charles seguiu os passos do pai, mas se saiu melhor: casou-se com Mary Eleanor Laurens. Pouco depois do casamento de Pinckney, sua carreira e riqueza dispararam. Ele se tornou o governador da Carolina do Sul, e junto com seu primo Charles Cotesworth Pinckney ele representou o estado na Convenção Constitucional. O primo Charles também era filho de um fazendeiro e foi treinado como comerciante e advogado. Ele também fazia parte da elite da Sociedade de Cincinnati de Washington. O terceiro e o quarto delegados da Carolina do Sul também eram fazendeiros e advogados.

Pierce Butler era filho de um membro do Parlamento. Ele veio para a América por causa da instituição da primogenitura, que não lhe permitia herdar as propriedades da família por não ser o filho mais velho. Em 1771 ele se casou com Mary Middleton, filha de um rico fazendeiro. Eles se mudaram para o sul, com Butler renunciando à sua comissão militar no exército britânico. Ele foi franco em garantir que os interesses do proprietário de escravos na Carolina do Sul fossem representados e

atendidos tanto no Congresso Continental quanto na Convenção Constitucional.

John Rutledge nasceu em Charleston e foi enviado para Londres para

estudar direito no Middle Temple. Ele voltou a acumular uma fortuna em plantações e escravos. Ele serviu como governador de seu estado e, após a guerra, foi nomeado para a Suprema Corte dos Estados Unidos. O Senado rejeitou sua nomeação por causa do que foi percebido como um declínio da saúde mental e uma posição anti-federalista.

James Oglethorpe, o homem que fundou a Geórgia, começou sua carreira na Royal African Company. Ele se tornou o diretor da empresa, cujo estatuto lhe dava o direito de importar ouro para a Inglaterra e escravos negros para as Américas - por mil anos. A empresa de Oglethorpe incluía alguns cavalheiros poderosos, como James, o duque de York, que era o maior acionista, Lord Shaftesbury, Lord Craven, Sir George Carteret e Sir John Colleton. Todos estavam envolvidos no negócio da plantação de uma forma ou de outra; Colleton era proprietário de terras em Barbados antes de comprar terras nas Carolinas. Os acionistas menores incluíam John Locke, o filósofo cujo apelo por liberdade obviamente não incluía todos.

Oglethorpe era maçom na Inglaterra e organizou a primeira loja na Geórgia em 1733 sem o benefício de uma carta patente nos primeiros dois anos. A Grande Loja logo mudou e garantiu sua loja, até mesmo ajudando-a financeiramente. A maior parte da família de Oglethorpe eram jacobinos e apoiadores da causa Stuart. Oglethorpe foi colocado em uma posição incômoda em 1745; como comandante militar dos ingleses, ele deveria ajudar a conter a rebelião liderada pelo Príncipe Bonnie Charlie. Sua falta de preocupação rendeu-lhe uma corte marcial, embora tenha sido finalmente absolvido.<sup>21</sup>

## FLORIDA

A Flórida ainda pertencia à Espanha durante a Revolução Americana. Quando o estado foi admitido na União, tinha um status único entre os estados escravistas, pois concedia aos negros muitos dos mesmos direitos que os brancos. A polarização da política do início do século XIX eliminaria esses direitos.

Os primeiros escravos negros foram trazidos da Espanha, não da África, onde

eles foram empregados em minas e na agricultura. Os escravos espanhóis tinham direitos únicos; eles eram capazes de deter propriedades, comprar e vender mercadorias e iniciar processos judiciais. Esses direitos somados à capacidade de obter sua liberdade. Negros livres navegaram com os espanhóis para a América e fizeram parte de expedições escravistas contra os índios Taino. Após 150 anos fazendo parte da Flórida espanhola, desenvolveram-se milícias negras e fortalezas negras de negros livres. Os membros ganharam status servindo na milícia, e isso lhes deu a capacidade de adquirir títulos e privilégios.

Muitos negros, incluindo o príncipe Witten, usaram essas atividades para alcançar um alto grau de status na Flórida. Ele e sua esposa, Judy, receberam uma grande quantidade de pedidos para atuar como padrinhos de crianças na comunidade, e eles evoluíram para uma espécie de realeza, com Judy tendo uma escrava própria. A revolta de escravos em São Domingos foi liderada por Jorge Biassou, que comandava um exército de quarenta mil. O cunhado de Biassou, Jorge Jacobo, casou-se com a filha do príncipe Witten, Polly, desmembrando uma importante família da Flórida com uma importante família haitiana.

Juan Bautista Collins era outro negro do norte da Flórida cujas realizações se destacavam tanto entre a comunidade negra livre quanto entre a colônia branca da Flórida. Ele se tornou um comerciante e construiu uma firma mercantil em Saint Augustine que desenvolveu ligações comerciais na Carolina do Sul, Saint Domingue, Havana, Nova Orleans e na Flórida central e ocidental. Os agentes de Collins foram capazes de negociar entre a nação Seminole, que se tornou uma amálgama dos índios Creek e dos negros em fuga. Collins criava gado, comprava e vendia gado, possuía propriedades e, como a casta superior espanhola, manteve a fé católica e serviu na milícia.

Em 1763, os britânicos tomaram a Flórida dos espanhóis. As colônias britânicas, especialmente as vizinhas Carolinas, se sentiram ameaçadas por negros armados tão perto de casa, e os direitos e o status de negros livres foram ameaçados. O rei George III deu a seu primeiro-ministro favorito, o conde escocês de Bute, a incumbência de escolher os primeiros

governadores britânicos da Flórida; ambos eram escoceses aristocráticos. O primeiro, James Grant, concebido de uma colônia onde enormes plantações, de propriedade de aristocratas escoceses ausentes como ele, empregariam mão-de-obra negra escrava para cultivar safras comerciais.

como índigo. A plantação de Grant foi criada em 1774, três anos após sua aposentadoria do governo, e produzia um quarto de toda a produção de índigo do estado.

Em 1763, investidores americanos e britânicos se uniram para formar um experimento de criação de escravos. Richard Oswald, um comerciante nascido em Caithness que começou sua carreira em Glasgow e mais tarde se tornou um membro da comunidade de tráfico de escravos de Londres, juntou-se a Henry Laurens e Benjamin Franklin para importar e criar africanos. Oswald era dono de uma ilha em Gâmbia Paver, casado com a família escocesa Ramsay (que trouxe propriedades na Jamaica para seu portfólio), começou suas próprias propriedades na Virgínia, perto do rio James, e em 1764 teve uma enorme casa construída para ele em Ayr, Escócia.

Os planos da Grã-Bretanha para a Flórida não duraram muito, pois o Tratado de Paris de 1783 devolveu a Flórida à Espanha. Negros libertos que emigraram para as ilhas do Caribe voltaram para a Flórida e foram aos tribunais espanhóis para confirmar sua condição. Tal status foi alcançável até que a bandeira dos Estados Unidos voou sobre a Flórida em 1821. Os anos entre a Flórida se tornar um estado na União e a Guerra Civil testemunharam o racismo se tornar uma realidade. A Flórida espanhola independente não exigia que o status econômico fosse concedido pela cor; A Flórida americana viu os negros como uma ameaça, e os negros livres logo viram seu status desaparecer. Todos os negros logo receberam o status de escravos.

A instituição da escravidão não foi imposta ao mundo por causa de europeus brancos, africanos negros ou comerciantes islâmicos. Não era a província exclusiva de maçons, huguenotes, judeus ou muçulmanos. A culpa de qualquer instituição que permite que os direitos de uma classe sejam retirados por outra classe raramente pode ser atribuída a qualquer grupo ou religião, mas como uma organização, a religião pode abrir caminho para o elitismo. O punhado que acreditava ter o direito de lucrar com a escravidão fez com que muitos outros considerassem que aquele

punhado era uma abominação em uma terra construída sobre a liberdade individual. Em última análise, a culpa está na capacidade da classe de elite de dominar por meio das instituições que poderia manipular e controlar.

Embora a maioria dos estivadores e armadores americanos não fossem contrabandistas ou traficantes de escravos, seu sustento dependia daqueles que o eram. Como uma loja, união ou congregação, as bases faziam tudo o que precisavam para garantir suas próprias rendas, para promover o bem maior do grupo ou simplesmente para permanecer como parte do status quo. Assim, o mundo gera negros negociando com escravos negros, signatários da Declaração de Direitos que possuem escravos e lutadores pela liberdade dispostos a escravizar os outros.

Mesmo assim, o pior ainda estava por vir. Muitos que lutaram por um americano  
nação, um experimento em liberdades individuais, um refúgio da tirania da realeza e líderes religiosos, se comprometeriam com conspirações criminosas para separar a nação. Assassinato, assassinato, conspiração e uma retaguarda chicotadas de ódio racial foram liberadas sobre a América por causa de a manipulações de algumas pessoas. Isso levou à guerra mais mortal da América e ao assassinato de presidentes americanos.

## Capítulo 13

# A TRAIÇÃO MAÇÔNICA

**eu**m 1826, o maçom de Nova York William Morgan decidiu ir público com os segredos da ordem. Os "irmãos" de Morgan mandaram prendê-lo sob acusações falsas, encarcerá-lo e levá-lo à força para uma loja maçônica, onde foi assassinado. Os promotores apresentaram acusações contra um punhado de conspiradores. O júri estava lotado de maçons, no entanto, e os acusados foram absolvidos. Depois que um promotor especial foi trazido, alguns dos assassinos maçons foram realmente condenados, mas a pena mais longa foi de trinta meses. Como uma reação anti-Mason varreu país, a adesão foi perdida e as lojas dissolvidas.

A conspiração que o público americano temia simplesmente passou à clandestinidade. Maçons proeminentes controlavam o comércio de escravos, as plantações e a indústria do algodão e, por meio de sua riqueza, controlavam a política americana - do Norte ao Extremo Sul.

Os livros de história nos dizem que as questões da escravidão e dos direitos dos Estados conduziram os Estados Unidos ao caminho da Guerra Civil. Mas a maioria dos americanos não possuía ou negociava escravos, nem mesmo possuía as plantações que exigiam o trabalho de escravos. O cidadão comum também não era dono das fábricas de tecidos que processavam o algodão produzido nas plantações escravistas. Um punhado de pessoas ricas e de elite o fez, e isso levou o público ao ódio racial e à Guerra Civil.

O sul dos Estados Unidos era uma das poucas áreas remanescentes que ainda praticava a escravidão, assim como o Brasil português e a Cuba espanhola. À medida que as causas da guerra são estudadas, parece que os estados "livres" do Norte se opunham aos estados "escravos" do sul. As linhas eram

nem sempre geográfico. Existia um movimento abolicionista no Norte, especialmente em estados que não gozavam de benefícios comerciais da escravidão. O movimento abolicionista existiu no Sul e no Ocidente como Nós vamos.

No Norte, algumas pessoas se beneficiaram com o comércio de escravos e, como resultado, formaram algumas alianças estranhas que lutaram contra a maré da emancipação nos vinte anos anteriores à guerra. Uma dessas alianças foi a do norte-americano Caleb Cushing e dois sulistas, John Anthony Quitman (o governador do Mississippi) e Jefferson Davis. Embora Cushing fosse um maçom ativo e de alto escalão, seu mentor, Daniel Webster, o aconselhou a se mudar de sua casa em Newburyport, Massachusetts, por causa de sua impopularidade. Mas o maçom de trigésimo terceiro grau controlava o comércio de plantações e o comércio de ópio de sua mansão e tinha amigos em cargos importantes.

O co-conspirador de Cushing, John Anthony Quitman, nasceu no território Roosevelt de Rhinebeck, Nova York, mas mudou-se para o Mississippi para se tornar grão-mestre da hierarquia maçônica daquele estado. Ele foi o grão-mestre por dezessete anos. Seu poder na loja e na construção do capitão do Mississippi deu-lhe uma ambição desenfreada, e ele foi muito ativo em determinar o destino do Texas. Quitman, que era contra a admissão de novos estados como estados "livres", propôs formar um exército e marchar para o oeste para conquistar o novo território que havia sido tomado do México. Foi um ato de traição que fez com que Quitman fosse acusado de violar as leis de neutralidade americanas. O outro co-conspirador, Jefferson Davis, mais tarde se tornaria presidente dos estados confederados.

Os três conspiradores uniram forças para levar o general Franklin Pierce à Casa Branca. O inimigo dessa aliança era o presidente Zachary Taylor, que assumira a presidência em março de 1849. Taylor, um proprietário de escravos, queria que os estados do sudoeste fossem admitidos como estados livres. Em fevereiro de 1850, o novo presidente convocou uma reunião de líderes sulistas e disse-lhes que enforcaria separatistas que pegassem em armas contra a União "com menos relutância

do que havia enforcado desertores e espíões no México". Não foi a última vez que ele ameaçou

pendurado. Taylor voltou a falar publicamente contra aqueles que cometeram atos de traição. Ele se referiu especificamente a Quitman e sua cabala, ameaçando vê-los enforcados por seus atos.

No dia seguinte, 4 de julho de 1850, o presidente adoeceu. O dia seria uma celebração da independência do país e da consagração do quase concluído Monumento a Washington. Foi uma celebração maçônica, assim como tudo em torno da construção do obelisco. Quando o trabalho foi iniciado dois anos antes, o arquiteto usava o avental maçônico de George Washington. A pedra foi extraída de uma pedreira de propriedade de um maçom. Vinte e uma lojas estavam presentes na inauguração do monumento.

O Presidente Taylor, que estava cercado de inimigos, não percebeu que seus dias estavam contados. Mais tarde, alguns insistiriam que o general que atravessou o México com muito maior calor para vencer uma guerra não poderia lidar com o clima de Washington. Sua morte, dizem, foi causada porque Taylor bebeu muito leite frio e comeu uma grande quantidade de cerejas durante a celebração, o que supostamente causa uma inflamação no estômago.

Muitos acreditam que Taylor foi vítima de uma conspiração. Numerosas pessoas sobreviveram ao piquenique de 4 de julho. As técnicas investigativas podem não ter sido tão desenvolvidas naquela época como são hoje, mas o arsênico era um veneno bem conhecido no século XIX. Os sintomas de envenenamento por arsênico incluem náusea, vômito, dor abdominal e diarreia. Taylor exibiu esses sintomas, mas de alguma forma o diagnóstico foi uma overdose de cerejas e leite frio. O arsênico pode ser facilmente descoberto no corpo, pois é depositado nas unhas e nos cabelos. Quando o corpo do presidente foi exumado em 1991 para teste de arsênico, o veneno foi detectado, embora não em quantidade suficiente para matá-lo. O teste foi feito 140 anos após a morte de Taylor, no entanto, tornando os resultados inconclusivos.

John Quitman e seus companheiros não foram enforcados como Zachary Taylor havia ameaçado. Em vez disso, Quitman foi eleito para o Congresso, e os conspiradores conseguiram levar seu homem para a Casa

Branca. Quando Franklin Pierce prestou juramento, Caleb Cushing foi recompensado com o

cargo de procurador-geral e Jefferson Davis tornou-se secretário da guerra. O governador Quitman foi inocentado de acusações criminais.

## COTTON WHIGS

Naqueles anos críticos, o partido Whig do Norte contava com a liderança do aristocrata Robert C. Winthrop, que não se preocupava com a questão da escravidão. Embora o movimento antiescravidão fosse forte entre os eleitores comuns, as pessoas da classe de Winthrop - os armadores, comerciantes, seguradores e construtores de ferrovias - dependiam de mão de obra barata. Mas, em vez de depender dos negros para trabalhar, os nortistas exploraram os imigrantes e os cidadãos comuns. Os laços do Whig com as plantações do Deep South e com o estabelecimento bancário inglês, que financiava o comércio de algodão, eram fortes.

O plantador da Geórgia e Mason Howell Cobb liderou os democratas do sul. Cobb era um aristocrata que possuía mais de mil escravos. Entre Cobb e Winthrop, houve uma tentativa de manter o status quo. O spoiler foi um partido chamado Free-Soilers, um grupo antiescravista que teve um fraco desempenho na eleição presidencial, mas estava montando uma onda de opinião abolicionista.

Os fatídicos dez anos entre Pierce e Lincoln testemunharam a destruição do partido Whig, pois se tornou óbvio que o grupo estava jogando para a elite sulista. À medida que o movimento antiescravista crescia, o partido republicano substituiu o partido Whig, e o movimento antiescravista finalmente teve um candidato: Abraham Lincoln.

À medida que o movimento contra a escravidão crescia, a oposição a ele se tornava mais violenta e secreta. Os Cavaleiros do Círculo Dourado, fundado pelo Dr. George W L. Bickley em Ohio, tinham senhas secretas, apertos de mão, templos, juramentos e conselhos supremos. Obteve sua adesão de lojas maçônicas. Os Cavaleiros do Círculo Dourado tentaram criar um enorme estado escravo, e seu maior número de membros veio do Texas, de onde o governador Sam Houston era membro.

Com o financiamento da Inglaterra e seu esforço em direção à secessão, o grupo seria, aos olhos de Abraham Lincoln, a maior ameaça para

os Estados Unidos. Lincoln teve treze mil membros presos por deslealdade, com o próprio Bickley sendo acusado de espionagem. <sup>1</sup>Os Cavaleiros do Círculo Dourado eram então liderados pelo General Albert Pike, um maçom de trigésimo terceiro grau. Ele também recrutou entre lojas maçônicas, muitas vezes nos estados fronteiriços e em Ohio. Pike também recrutou entre as tribos nativas americanas. Na primavera de 1860, Pike elevou ao trigésimo segundo grau Peter Pitchlyn, o chefe da Nação Choctaw; Holmes Colbert, secretário nacional de Chickasaw; e Elias Boudinot dos Cherokees.

Antes da guerra, Pike era membro do Partido Democrata Americano, comumente conhecido como Know-Nothings. Ele se juntou à Confederação e estava entre os numerosos maçons escolhidos pelo companheiro Mason Jefferson Davis para governar os estados confederados. Após a Guerra Civil, Pike foi a força motriz dos Cavaleiros da Ku Klux Klan, da qual era o presidente da Suprema Corte. Essa organização também recrutava entre lojas maçônicas e, em algumas áreas, a membresia local da Klan era limitada aos maçons. Embora a Klan tenha sido fundada em 1866, ela foi oficialmente dissolvida após três anos, quando a onda de violência e distúrbios incitados pela organização criaram um retrocesso.

Em 1905, Walter L. Fleming escreveu um livro pró-Klan apresentando o falecido Pike na capa. A organização começou mais uma vez, novamente atraindo seus membros das lojas maçônicas. De alguma forma, Pike, que havia sido acusado de traição por seu papel na Guerra Civil, foi homenageado com uma estátua na Judiciary Square, em Washington. Embora tenha havido protestos modernos contra a presença da estátua, há um movimento igualmente forte para mantê-la lá.

## A VINGANÇA DOS COMERCIANTES DE ESCRAVO

A Guerra Civil não acabou apenas com a rendição de Appomattox. O ato final da guerra aconteceu no Teatro Ford, onde o presidente foi morto por um assassino que fazia parte de uma grande conspiração. John Wilkes

Booth, o atirador, era maçom e membro dos Cavaleiros do Círculo Dourado. A conspiração, é claro, era muito maior do que Booth.

Quatro membros da organização foram enforcados por seus papéis e vários outros foram para a prisão, mas ainda assim um círculo mais amplo forneceu apoio financeiro. A conspiração no assassinato de Lincoln teve tantos mistérios quanto o assassinato de Kennedy teria cem anos depois.

Após a morte de Lincoln, o Congresso formou um Comitê de Assassinato para determinar se Andrew Johnson desempenhou um papel no assassinato. Booth havia visitado a residência de Johnson horas antes do tiroteio. O assassino teria se encontrado com o futuro presidente em 1864 e até antes, quando ele era governador militar do Tennessee. Johnson foi um dos três presidentes do Tennessee; todos os três eram maçons. Ele foi o primeiro presidente a receber os graus do Rito Escocês. Johnson também foi alvo de antimaçons e, como o clero se manifestou contra ele, mais tarde solicitou que nenhum clero estivesse presente em seu funeral.

Lincoln basicamente ignorou Johnson desde o dia da posse do presidente, e sua esposa, Mary Todd Lincoln, escreveu uma carta a um amigo alegando que Johnson teve uma participação no assassinato de seu marido. O Congresso, no entanto, não foi mais capaz de encontrar evidências de uma conspiração do que cem anos depois, quando o presidente Kennedy foi destituído do cargo por uma bala.

Anos depois que a Comissão Warren determinou que um assassino solitário conseguiu matar o presidente Kennedy com um rifle antigo, uma nova teoria emergiu: Kennedy havia tentado eliminar Fidel Castro, e o assassinato de Kennedy foi a retaliação. Coincidentemente, Lincoln realmente instigou um complô para atacar a capital confederada em Richmond e matar o presidente confederado, Jefferson Davis, e seu gabinete.

O coronel Ulrich Dahlgren foi escolhido a dedo por Lincoln para liderar o ataque. Dahlgren foi morto na tentativa, e papéis encontrados em seu corpo apontavam para a origem da trama em Washington. Em retaliação, o complô para matar Lincoln foi arquitetado por ninguém menos que Davis e seu secretário de Estado, Judah Benjamin.

Benjamin foi um indivíduo único que começou no governo confederado como procurador-geral e mais tarde se tornou secretário de Estado.

Nascido nas Índias Ocidentais Britânicas de pais judeus sefarditas, ele fazia parte de uma grande e ativa comunidade judaica que prosperou nos estados do sul anteriores à Guerra Civil. O mentor de Benjamin no período anterior à Guerra Civil foi John Slidell, um nova-iorquino influente que se tornou um sulista transplantado. Como era do interesse dos traficantes de escravos expandir os estados escravistas, tanto o democrata Slidell quanto o líder Whig Caleb Cushing pressionaram primeiro para declarar guerra e depois tentar anexar o México. As conexões de Slidell estavam muito ligadas à Europa, onde sua filha se casou com o prestigioso banco franco-judeu Erlanger et Cie. A sobrinha de Slidell se casou com August Belmont, que representava o ainda mais prestigioso Rothschild Bank. As amizades de Slidell ajudaram Benjamin a desenvolver conexões na Europa que beneficiaram o Sul durante a guerra.

Benjamin também se tornou o chefe da inteligência confederada. Ele estabeleceu operações no Canadá, onde o Sul esperava trazer um aliado contra a União. Isso falhou, mas a conexão com o Canadá foi útil para obter dinheiro e operar as operações. Mais de um milhão de dólares foi detido no Canadá pela tentativa de atacar a Casa Branca e matar ou sequestrar o presidente. Duas semanas antes do assassinato de Lincoln, Benjamin despachou John Surratt para o Canadá. Embora haja poucos indícios de que Benjamin sabia que Surratt desempenharia um papel na conspiração, o secretário de Estado confederado ajudou a destruir qualquer evidência queimando todos os seus papéis e fugindo para a Inglaterra, onde praticava advocacia. Benjamin foi o único membro do governo confederado a nunca mais voltar aos Estados Unidos.

O assassinato de Lincoln foi provavelmente planejado pelo menos desde a época de sua segunda posse, quando cinco dos co-conspiradores - Lewis Paine, George Atzerodt, David Herold, John Surratt e Ned Spangler - foram fotografados juntos. Booth era um convidado da inauguração, cortesia de Lucy Hale, filha de um senador de New Hampshire e noiva de Booth.

Não se sabe exatamente quais precauções, se houver, foram tomadas para proteger o presidente antes do assassinato. Não havia serviço secreto

detalhe, embora Lincoln tivesse um guarda-costas, John Parker, um membro da Polícia Metropolitana de Washington. Aparentemente não muito diligente, Parker chegou tarde e sentou-se do lado de fora do camarote do presidente no teatro. Como Parker não podia ver a peça, ele decidiu encontrar um ponto de partida melhor e simplesmente deixou seu posto. Parker então convidou dois outros funcionários de Lincoln, seu laçao e cocheiro, para se juntarem ao guarda-costas para um drinque em uma taverna próxima. Os investigadores nunca descobriram onde Parker estava realmente quando o presidente foi morto.

Não havia dúvida de onde o destacamento de segurança de John Kennedy estava muitos anos depois, nas horas que antecederam seu assassinato. Nove deles passaram a noite anterior em uma boate administrada por um amigo de Jack Ruby, Pat Kirkwood. Ruby enviou strippers de seu Carousel Club para entreter os homens do Serviço Secreto, que ainda bebiam às 3h30. <sup>2</sup>Um aviso por telex de que o presidente seria assassinado em Dallas foi ignorado, e a rota do desfile foi alterada no último minuto e não protegida. O motorista do carro do presidente pisou no freio após o primeiro tiro e voltou a mover-se apenas após o terceiro. <sup>3</sup> Como o destacamento de segurança de Lincoln, o Serviço Secreto de Kennedy, muito maior, não foi responsabilizado por sua morte.

Mortalmente ferido, o presidente Lincoln foi levado à casa de William Peterson, onde vários médicos, incluindo Charles C. Taft, estavam presentes. Dr. Taft não foi capaz de salvar o presidente, mas ele supostamente salvou um pouco de seu cabelo, que acabou em um medalhão usado por Teddy Roosevelt em sua posse. O que aconteceu na casa de Peterson se perdeu na história, mas outra morte misteriosa ocorreu logo depois: William Peterson mais tarde cometeu suicídio.

O mortalmente ferido John Kennedy foi levado para o Hospital Parkland e mais tarde para o Hospital Naval Bethesda, em Maryland. Os médicos de Parkland discordaram completamente dos inexperientes médicos da Bethesda sobre os ferimentos e as direções de entrada e saída das balas. <sup>4</sup> No entanto, a Comissão Warren controlada por Dulles ignorou a discrepância, <sup>5</sup> em vez disso, alegando que os médicos da Bethesda estavam

certos e que os médicos de Parkland concordaram com as descobertas da Bethesda.

Os assassinos de ambos os presidentes logo foram encontrados e mortos. Lá

Havia rumores persistentes de que Booth realmente sobreviveu ao tiro, enquanto o corpo de um bode expiatório foi usado para dar a ilusão de Booth indo para o túmulo. Outros convidados dos Lincoln no Teatro Ford também sofreram mortes horríveis. Por exemplo, a esposa de Henry Rathbone, Clara, teria sido esfaqueada até a morte pelo marido antes que ele tentasse acabar com a própria vida. Ele seria colocado em um asilo de loucos.

Dez anos depois, Mary Todd Lincoln também se veria internada em um asilo. Seu filho Robert estava na Casa Branca quando seu pai foi baleado, com o presidente Garfield em 1881 quando ele foi baleado, e em Buffalo quando o presidente McKinley foi baleado em 1901. Por um tempo, Robert Lincoln foi parceiro de negócios de algumas pessoas ligada à morte de seu pai. Mais tarde, Robert ficou chocado ao descobrir documentos envolvendo outras pessoas que sobreviveram à trama. Ele disse ter destruído os papéis.

Os conspiradores do assassinato de Lincoln fugiram de cena, primeiro para encontrar ajuda para Booth, que estava ferido. O grupo, que incluía o soldado Boston Corbett, foi preso. Corbett atirou em Booth e mais tarde foi declarado louco e enviado para um asilo.

Mary Surratt, outra conspiradora presa, foi a primeira mulher americana condenada à morte por enforcamento. Pouco antes da morte de Mary, sua filha, Anna Surratt, tentou falar com o presidente Andrew Johnson para obter clemência para sua mãe. Dois homens, ambos ex-senadores, pararam Anna Surratt. O senador Preston King não veria o fim do ano; ele cometeu suicídio amarrando um saco de balas no pescoço e pulando de uma balsa. O senador James Lane deu um tiro em si mesmo meses depois. Embora houvesse evidências de que a conspiração de Lincoln incluía seu secretário da Guerra, Edwin Stanton, Stanton estava envolvido na investigação, que só prosseguiria depois que aqueles que se beneficiaram de suas conclusões estivessem no controle.

A lista de mortes suspeitas em torno do assassinato de Kennedy é ainda mais longa e tem sido o foco de vários livros.

Allen Dulles, o ex-chefe da CIA, foi escolhido para investigar o assassinato do homem que o demitiu. Kennedy havia ameaçado desmantelar a CIA. O braço direito de Dulles, Charles Cabell, o deputado

diretor da CIA, era irmão do prefeito de Dallas, onde foi encenado o assassinato.<sup>6</sup> A comissão que investigou a morte de Kennedy foi nomeada em homenagem a um maçom de trigésimo terceiro grau e juiz da Suprema Corte, Earl Warren. O senador Richard Russell, um maçom da Geórgia, e Gerald Ford, outro maçom de trigésimo terceiro grau, juntaram-se à comissão. A Comissão Warren basicamente aprovou as descobertas do FBI, cuja investigação foi concluída mais rápido do que alguém poderia preencher um formulário de emprego. O FBI, é claro, era chefiado por outro maçom, J. Edgar Hoover. Com os detratores rapidamente se tornando vítimas e um sistema de mídia favorável em vigor, a conclusão da Comissão Warren foi mantida - apesar de sua flagrante imprecisão e do sentimento do público.

O papel das sociedades secretas como os Cavaleiros do Círculo Dourado não terminou com a derrota do sul separatista. Os danos para os Estados Unidos já eram impressionantes: mais de seiscentos mil homens foram mortos em uma população de apenas trinta milhões. A dívida nacional aumentou 2.500%. E a política divisionista que existia antes da guerra não cessou. O Norte gerou ainda mais ódio por meio da dura política punitiva da Reconstrução. No Sul e em estados como Ohio, que simpatizavam com o Sul, um novo grupo de sociedades secretas prosperou. A Ku Klux Klan tornou-se uma versão ressuscitada dos Cavaleiros do Círculo Dourado.<sup>7</sup> Os membros fomentavam o ódio racial mesmo em áreas do país que não eram divididas anteriormente por raça. Como uma sociedade secreta, a Ku Klux Klan reivindicou parentesco com a Maçonaria e recrutou entre os membros da antiga ordem. Desta vez, a política da elite foi pregada alto o suficiente para se tornar a voz da multidão.

## Capítulo 14

# IRMANDADE DE ÓPIO

**T**O uso da droga ópio já existia há milhares de anos em que os templários cruzados foram apresentados a ele pelos árabes. O ópio foi cultivado a partir de 6.000 aC na Europa e foi encontrado em sepulturas neolíticas no sul da Espanha datando de 4.200 aC. A cultura que reconhecemos como a primeira civilização superior do mundo, Suméria, tinha um nome para ópio, hul-gil ou "planta da alegria", um nome que estava em uso até 5.400 anos atrás. Um texto médico egípcio datado de 1550 AEC listava uma longa lista de doenças que o ópio aliviaria. Os gregos, cujos cultos místicos usavam o ópio em rituais religiosos, o prescreviam para problemas como dores de cabeça, epilepsia, tosse e cálculos renais. Ao mesmo tempo, eles entenderam que era viciante. Homer se refere ao ópio como a droga do perdão. Os romanos usavam como analgésico e como veneno, colocando grandes quantidades da droga no vinho da vítima pretendida.

Das culturas mediterrâneas de Galeno e Plínio, a droga se espalhou para o leste até os médicos árabes. Os povos muçulmanos não apenas herdaram os usos medicinais da droga dessas sociedades antigas, mas também tiveram a droga em alta estima recreativa; em uma terra que proibia o álcool, o ópio era um bom substituto. O ópio viajou para o leste com os comerciantes muçulmanos que precederam Marco Polo em terra e cruzaram o oceano Índico de navio.

Durante as Cruzadas, a seita secreta conhecida como os Assassinos usava o haxixe da droga para experimentar os prazeres do céu. Essa iluminação os preparou para a missão, pois não tinham mais medo de morrer por sua fé. Os Cavaleiros Templários logo ficaram sabendo da

Assassinos e haxixe, bem como do ópio. Os cavaleiros voltaram com contos da utilidade dessas novas drogas, para dar coragem, como o ópio fez, e para motivar os homens na batalha, como fez o haxixe.

O consumo de ópio na Europa diminuiu após a queda do Império Romano, apenas para aumentar novamente depois que os Cruzados reintroduziram a droga. Após a morte dos Templários em 1307, há pouco escrito sobre o assunto, mas o ópio continuou em demanda e exploradores de Vasco da Gama, um membro dos Cavaleiros de Cristo, a Colombo e Cabot foram instruídos a obter o elixir mágico. <sup>1</sup> O alquimista medieval Paracelso a chamou de "a pedra da imortalidade".

Durante as suas viagens pelo oceano Índico, Afonso de Albuquerque conheceu a utilidade do ópio e avisou o rei português sobre o lucro potencial que existia na compra e revenda da droga. Em uma carta a seu rei, que era o grão-mestre dos Cavaleiros de Cristo, Albuquerque escreveu: "Eu encomendaria papoulas...

a ser semeada em todos os campos de Portugal. " <sup>2</sup>Foi uma lição que os europeus não conseguiram levar a sério. Era mais fácil comprar ópio turco ou indiano.

## OPIUM VEM PARA AS AMÉRICAS

Os peregrinos compreenderam os benefícios da droga e a levaram consigo em suas viagens para a América em 1620. Laudanum era o nome dado à mistura de ópio, vinho, açafrão, canela e cravo dos peregrinos. Os peregrinos trouxeram uma segunda mistura à base de ópio, paregórica, na qual a droga era misturada com alcaçuz, mel, ácido benzóico, cânfora e óleo de erva-doce.

O Dr. Benjamin Rush, signatário da Declaração de Independência e membro do Congresso Continental, era o cirurgião-geral do Exército Continental. Ele fez muito para promover o uso de remédios e sua "terapia heróica", que incorporava o ópio. Na verdade, essa terapia mais tarde forneceu um nome para o derivado preferido do ópio, a heroína. Rush prescreveu ópio para cólera, para alívio de espasmos intestinais e como parte de uma mistura para enemas.

Como todas as drogas, o ópio tinha seu lado negativo. Os médicos que o prescreveram por um período de quatro dias ou menos compreenderam melhor o poder da papoula. Uma dependência de ópio vai além de um hábito; o ópio torna-se tão fundamental quanto comida e água, pois o corpo do usuário é realmente alterado quimicamente e não pode funcionar sem a droga.<sup>3</sup> Se alguém mantém um estilo de vida saudável e usa o ópio de maneira adequada, a droga pode fazer parte da vida diária; muitas pessoas proeminentes e não tão proeminentes sobreviveram aos hábitos de drogas de décadas. Mas a natureza do ópio não conduz a um estilo de vida saudável. Os viciados experimentam deterioração física, como distúrbios gástricos e circulatórios. Os efeitos mentais se manifestam na perda de interesse tanto pela higiene pessoal quanto por qualquer pessoa, exceto pela fonte da droga. O corpo parece se alimentar de si mesmo, tornando-se emaciado por falta de alimento. De hepatite e danos ao fígado a doenças de pele e doenças respiratórias, o corpo começa uma descida igualada apenas pela descida da mente. Esquecimento, letargia e irritabilidade são a gama diária de emoções sofridas pelo viciado em ópio.

A "melhora" moderna do grupo à base de ópio, que inclui morfina e heroína, processa os efeitos mortais do vício em poucos dias. Nos séculos XVIII e XIX, o fumante de ópio começou por um caminho mais lento que levou ao impacto final: a morte. Embora esses efeitos fossem totalmente conhecidos, como são hoje, conhecê-los não impediu o comércio; continua até hoje.

## O COMÉRCIO DE ÓPIO

A pedra angular do comércio colonial era a supercommodity. A mercadoria para Portugal tinha sido o escravo negro; a mercadoria que fez crescer o império espanhol foi a prata. Os holandeses abriam caminho para o comércio de especiarias, criando uma enorme demanda por pimenta e outras ervas na Europa. A Grã-Bretanha e a França descobriram as mercadorias chamadas de drogas alimentares: açúcar, chá, café e bebidas alcoólicas, como rum. Colonizar a América não era apenas encontrar lugares para despejar as indesejáveis populações da Europa; tratava-se também de obter lucro.

Tornar a Inglaterra viciada em chá chinês foi fácil; manter uma balança comercial tornou-se mais difícil. Em 1700, a British East India Company importou vinte mil libras de chá. Seis anos depois, esse número cresceu 400% para cem mil libras. Em 1766, o custo das importações de chá estava se tornando impossível de ser pago com a prata. Quando o valor atingiu seis milhões de libras, ficou claro que o chá drenaria a prata da Inglaterra, a menos que algo fosse feito.

Até o século XVIII, o uso de drogas no mundo nunca foi descrito como uma epidemia ou praga, mas os britânicos mudariam isso. Os chineses descobriram o prazer de fumar ópio, primeiro misturado ao tabaco, trazido pelos holandeses, depois na forma pura. A Companhia Britânica das Índias Orientais monopolizou o mercado de produção de ópio e vendeu suas drogas para asiáticos dispostos. Em todos os países do sudeste asiático onde o império britânico era ativo, o governo foi forçado a admitir o ópio indiano. Os chineses tinham mais dinheiro para gastar e sua extravagância espalhou facilmente o consumo de ópio. O ópio era caro para trazer ao mercado, mas a China tinha uma classe dominante rica e numerosa que havia clientes suficientes que podiam comprar e usar a droga regularmente. A British East India Company encontrou uma maneira de corrigir o desequilíbrio do comércio de chá.

Hoje, muitas vezes descartamos os crimes do passado simplesmente como sendo "do jeito que as coisas eram". Os comerciantes britânicos e americanos, no entanto, não devem ser rejeitados tão levemente. "Eles não eram ignorantes sobre o tipo de substância que estavam vendendo. Eles sabiam que era um veneno. Eles sabiam que era viciante."<sup>4</sup>

Em 1836, a China importou ópio suficiente para torná-la a maior mercadoria geradora de receita do mundo. Ele enriqueceu bastante ao destruir a estrutura social e política da China. Nessa época, os comerciantes de drogas incluíam americanos. O grande motivador, a ganância, era tão poderoso para os sangues azuis de Boston quanto para os ingleses. Essa ganância é a razão pela qual o comércio de drogas continua hoje e porque o mundo ocidental, especificamente a América e a Europa, está enfrentando uma epidemia de drogas. Ironicamente, são as ex-vítimas do colonialismo

americano e europeu que agora exportam as drogas para seus ex-senhores coloniais.

Os comerciantes britânicos e americanos que participavam do que era chamado de comércio com a China muitas vezes tinham pouco que os chineses estivessem dispostos a comprar. Os chineses queriam prata e algodão indiano em bruto, e a América e a Europa queriam chá. Uma exceção à regra era o ginseng; O ginseng da América, produzido na Nova Inglaterra e na região dos Apalaches, era considerado um afrodisíaco na China. Mas o mercado de ginseng era pequeno demais para equilibrar a demanda americana por chá. Havia duas alternativas. O primeiro foi o ópio. Os chineses já eram consumidores de ópio há quase mil anos, mas o haviam transformado em chá. Como muitas outras drogas naturais, o chá de ópio não causava os efeitos debilitantes que o fumo do ópio e seus derivados causavam. Da mesma forma, o efeito de mascar folhas de coca na população andina da América do Sul teve alguns efeitos colaterais negativos, mas nada como o dano causado pelo vício da versão refinada da planta, a cocaína. Em ambos os casos, o refinamento de uma planta natural criou uma substância que causou dependência.

Os europeus criaram o vício do ópio. Pouco depois de descobrir os prazeres do fumo nas colônias americanas, os holandeses trouxeram a nova mercadoria para a China; os holandeses provavelmente introduziram o fumo e o ópio. Os horrores do vício rapidamente se tornaram conhecidos dos chineses. Em 1729, o imperador chinês Yung Cheng proibiu a venda e o uso de ópio em seu país como qualquer coisa que não fosse remédio. Quando a Companhia Britânica das Índias Orientais assumiu o controle de Bengala e Bihar, os distritos produtores de ópio da Índia, expandiu enormemente o comércio. Em 1767, a empresa importava dois mil baús, cada um cheio com 170 libras de ópio puro, a cada ano.

Como na América, os britânicos estabeleceram monopólios comerciais. Os produtores indianos, por lei, tinham que vender para a British East India Company. Mas o amor britânico pelo lucro não era páreo para o édito chinês, e a empresa não podia mais vender para a China. Em vez disso, a British East India Company tornou-se o intermediário que comprou o ópio dos produtores indianos e vendeu para comerciantes ingleses e americanos que estavam dispostos a correr o risco de despachar o produto.

Em 1799, o imperador chinês Kia King fez todo o comércio de ópio na ilegalidade. Este ato muito provavelmente serviu para aumentar os lucros que foram

feito no comércio, à medida que aumentavam tanto o preço do ópio quanto a quantidade consumida. A British Levant Company, outro sindicato empresarial nacionalmente fretado, comprou metade da safra de ópio da Turquia e a trouxe para a Europa, onde foi vendida como remédio.

Navios britânicos e americanos participavam do comércio transportando mercadorias que eram atraentes para a Turquia e a Índia, como estanho, chumbo e lã. Eles carregaram o ópio para a China, onde milhares de libras da droga encheram caixas que foram trocadas por chá, especiarias e produtos exóticos.

Outro produto que os chineses queriam eram peles. Isso forneceu uma alavanca para os americanos suspenderem o monopólio britânico sobre o comércio com a China. Os navios de John Jacob Astor foram um dos primeiros a navegar para o noroeste do Pacífico, onde colheram os casacos de focas e lontras. Embora as tribos nativas tenham caçado a vida selvagem por séculos, levou apenas alguns anos para que a caça levasse as populações à beira da extinção. Isso, por sua vez, tornava a caça mais cara.

A América como nação não sancionou a compra e venda de ópio, mas também não o proibiu. Os participantes americanos neste comércio não fizeram nada de ilegal no que diz respeito ao seu próprio país. Eles estavam, no entanto, infringindo a lei chinesa, visto que era ilegal distribuir ópio ali. Como os britânicos, os americanos podiam contar com seu país para invocar uma política protetora quando a China tentasse fazer cumprir sua lei. Tanto a Grã-Bretanha quanto os Estados Unidos mantiveram uma presença naval para proteger seu comércio. A China, que não tinha marinha, foi incapaz de fazer cumprir suas leis em seu litoral. Comerciantes britânicos e americanos aproveitaram para ocupar ilhas asiáticas, onde mantinham armazéns. Sem navios ou guarda costeira, a China não poderia se aproximar das ilhas. Apenas no caso de uma inspeção improvável por um mandarim chinês designado para tarefas alfandegárias, o ópio geralmente era mantido a bordo de armazéns flutuantes - navios que não fariam viagens, mas simplesmente flutuariam ao largo das costas das ilhas ocupadas. Desses navios-armazéns, os mercadores chineses compravam ópio e o contrabandeavam para Cantão ou para o interior da China.

Surpreendentemente, o comércio de ópio foi oficialmente proibido pelo governo britânico, mas a proibição foi ignorada porque a Companhia

Britânica das Índias Orientais, licenciada pelo governo, lucrava com o comércio. o

os sócios da empresa eram a elite de uma nação que poderia simplesmente banir a concorrência e desrespeitar as próprias leis do país. Henry Dundas, o visconde Melville, era um chefe político na Escócia, e seu objetivo número um era enriquecer os aristocratas. Na Escócia, ele restaurou as terras dos nobres. No Reino Unido, ele iniciou o controle escocês sobre a British East India Company, que não tinha diretores escoceses antes do século XVIII. Dundas atuou como presidente do conselho da empresa de 1793 a 1801. Fora das Ilhas Britânicas, ele interferiu nos negócios da América à Ásia. Ele escreveu o plano para o comércio de ópio com a China e, em 1809, era o chefe do Conselho de Controle da Índia. Ele abasteceu o subcontinente indiano com amigos, todos escoceses que governavam a joia da coroa da Grã-Bretanha. As leis chinesas não podiam ser alteradas, mas poderiam se tornar insignificantes contornando as restrições. Os comparsas de Dundas usavam "navios rurais" transportando ópio comprados da Índia britânica, que eram acompanhados e protegidos por navios da Companhia Britânica das Índias Orientais. A empresa compraria chá com o lucro das vendas do ópio. A empresa permitia que os americanos entrassem no mercado, e os banqueiros ingleses frequentemente os ajudavam a financiar as viagens.

A família Dundas estava imersa na Maçonaria e a tradição continua em épocas posteriores. Thomas Dundas, o segundo conde de Zetland, tornou-se grão-mestre em 1844 e permaneceu nesse cargo até 1870. O clã Dundas trouxe a Maçonaria para Hong Kong, e a primeira loja naquela cidade, fretada em 1846, recebeu o nome de sua loja na Inglaterra : o Zetland Lodge No. 525.

## SENHORES E DROGAS SENHORES

Ao mesmo tempo em que a Inglaterra defendia seu direito de distribuir ópio na China, passou a restringir o comércio de drogas em casa. O governo começou a monitorar as empresas farmacêuticas que estavam expandindo o uso do ópio na Europa. A Inglaterra foi à guerra duas vezes para proteger o

comércio ilegal conduzido pela elite do país; o lucro de 1.000 por cento foi suficiente para atrair o país a proteger o comércio ilegal. No

No século XIX, os chefões do tráfico da Grã-Bretanha eram os Jardines, os Mathesons e os Sutherlands - todos escoceses que trouxeram prosperidade graças a Dundas. Essas famílias construíram dinastias que ainda estão no poder hoje, enquanto milhões de chineses se tornaram viciados em ópio.<sup>5</sup>

As primeiras famílias do tráfico de ópio se uniram em pequenas parcerias. William Jardine e James Matheson formaram a firma de comércio de ópio Jardine and Matheson ainda na casa dos vinte anos. O ópio era seu principal negócio, e eles publicavam boletins informativos regulares chamados Opium Circulars, que forneciam informações sobre os mercados e preços da droga. Um britânico postado no Leste Asiático poderia pegar um jornal em qualquer lugar de Patna a Cingapura para obter os preços atuais do ópio para o ópio de Bengala e Patna. Desse modo, a Grã-Bretanha poderia alegar estar aderindo à política chinesa, e Jardine e Matheson substituíram a Companhia Britânica das Índias Orientais como a maior firma comercial do império. Mas eles estavam totalmente cientes dos horrores que o vício trouxe à China. David Matheson, um jovem parceiro, com certeza de uma riqueza quase ilimitada desde cedo,

O sucesso inicial de Jardine e Matheson foi o resultado de trabalhar em estreita cooperação com a British East India Company. A British East India Company detinha o monopólio do chá, que foi legal até 1833. Quando a Grã-Bretanha concordou oficialmente em não enviar ópio, Jardine e Matheson - com sede em Hong Kong - fornece o lóo phole trazendo a droga. A Companhia Britânica das Índias Orientais recebeu chá, mas seus navios não transportavam o ópio. O medicamento, porém, ainda era embalado com lacres da empresa para garantir sua qualidade.

Jardine e Matheson eram controlados por relacionamentos familiares e maçônicos e, como seus colegas americanos, usavam seus sobrenomes como um distintivo. James Matheson, cofundador da Jardine and Matheson, tinha um sobrinho, Hugh, que investiria os lucros do ópio na mineração. Hugh Matheson fundou a Rio Tinto Zinc Company, que ainda está em operação hoje. As alianças com os principais bancos Schroeder's e Barings proporcionaram a capacidade de se mover em escala global.

Os Barings, que mais tarde foram fundamentais na fundação das linhas de navios a vapor Península e Oriental, já eram uma força na

comércio internacional quando começaram a financiar o comércio de ópio. A família da mãe de James Matheson, os MacKays, que detinha o título de Conde de Inchcape, até recentemente controlava o conselho das linhas de vapor. Antes que o vapor fosse o poder de escolha, o ópio era transportado por navios clipper, que eram construídos para ser rápidos. Dois dos primeiros cortadores de ópio foram o Alexander Baring e o Falcon. O Barings financiou muitas firmas americanas em vários negócios, incluindo Bingham e Stephen Girard. Girard, como Astor, foi um dos primeiros pioneiros do comércio com a China, mas foi rapidamente eclipsado pelos mercadores da Nova Inglaterra.

Os britânicos foram os primeiros a liderar a importação de ópio e muitas vezes foram alvo da legislação e da atividade chinesa. É por isso que os britânicos permitiram que navios americanos entrassem no comércio e muitas vezes os financiaram. Dessa forma, os britânicos não estavam quebrando diretamente a proibição da China, mas os credores e carregadores britânicos ganhavam dinheiro com seus investimentos nos navios americanos.

## OS LUCROS DO COMÉRCIO CHINA

As famílias britânicas vinham se beneficiando do comércio havia um século, mas os americanos o alcançaram rapidamente. Para desgosto dos britânicos, os americanos foram à Turquia para comprar ópio de qualidade inferior que competia com as melhores qualidades indianas cultivadas na Grã-Bretanha. Os americanos provaram ser adeptos do contrabando e enriqueceram com o comércio.

Um livro recente chamado *The Wealthy 100* criou uma classificação única dos americanos por riqueza e a proporção dessa riqueza em relação ao produto nacional bruto. John Jacob Astor, nascido em 1763, ficou em terceiro lugar; Stephen Girard, nascido em 1750, foi o quarto; Elias Hasket Derby, nascido em 1739, era o número 38; o contrabandista John Hancock, nascido em 1737, era o número 54; e o não tão conhecido Thomas Handasyd Perkins, nascido em 1764, ficou em 78º lugar.<sup>6</sup> Enquanto Astor e

Girard, os comerciantes de ópio tinham uma classificação muito mais alta, Thomas Perkins foi ainda mais influente, pois trouxe dezenas de americanos de sangue azul para o comércio.

## A CASA QUE PERKINS CONSTRUIU

Thomas Perkins merece crédito por ser um dos primeiros e mais importantes traficantes de ópio da América, bem como um dos maiores traficantes de drogas da história. Sua incrível fortuna o coloca à frente, em dólares comparáveis, até mesmo dos bilionários do computador da década de 1990. A riqueza de Perkins fez dele um homem muito influente na política americana e no poder por trás da classe Boston Brahmin. Relatórios antigos afirmam que as primeiras famílias de Boston eram de Salem, o que implica que fizeram fortuna no transporte marítimo. O que nem sempre é compreendido é que essas primeiras famílias começaram todas no comércio de ópio. Os Appletons, Cabots, Endicotts, Hoopers, Higginsons, Jacksons, Lowells, Lawrences, Phillipse e Saltonstalls ganhavam dinheiro sendo parentes de Thomas Perkins ou cavalgando nas costas do príncipe mercantil.

Essas famílias não apenas criaram riqueza, mas também criaram indústrias que sobreviveram e prosperaram por décadas. Um setor era o de seguros. Os Perkinses compreenderam o valor de espalhar o risco; muitas vezes seriam financiados em parte pelas primeiras famílias da Nova Inglaterra, que queriam sua parte no comércio mais lucrativo da área, e em parte por seguros.

O seguro marítimo é considerado o avô de todas as formas modernas de seguro na América e teve seu início na Nova Inglaterra, garantindo cargas de mercadorias básicas a escravos e ópio. Connecticut foi o lar de algumas das primeiras seguradoras da América. Muitos sobreviveram intactos ou como partes de empresas maiores, embora poucos percebam que sua fundação era o seguro para os traficantes de drogas e escravos no início do século XIX.

Nascido em 1764, Thomas Perkins decidiu cedo que Harvard não era onde buscaria fortuna. Em vez disso, ele foi aprendiz de mercadores de navegação e seu irmão mais velho, James, que estava na parte Santo Domingo - Nova Inglaterra do comércio do triângulo. Tho mas casou-se com Sarah Elliot, cujo pai era um comerciante de tabaco britânico, e por meio de

suas novas conexões familiares iniciou seus negócios a bordo de um dos navios de Elias Derby.

Derby era o comerciante mais importante de Salem, e o transporte

os negócios o tornaram muito rico. Hoje ele é considerado o primeiro milionário da América e um pioneiro do comércio global. O pai de Derby começou seu negócio importando açúcar das Índias Ocidentais. Como isso foi tornado ilegal pelos atos comerciais restritivos da Grã-Bretanha, foi um belo tipo de vingança que levou Derby a se apropriar de navios cargueiros britânicos durante a Revolução. Enquanto muitos sucumbiram aos riscos, Derby prosperou. No período do pós-guerra, seus navios navegaram ao redor do mundo, e seu Grand Turk foi o primeiro navio da Nova Inglaterra a chegar ao porto chinês de Canton, em 1785. Thomas Perkins navegou como supercarga, a pessoa responsável por transacionar os negócios do navio, com a navio comandado pelo capitão James Magee, que era parente da esposa de Derby.

Perkins foi responsável por obter um bom preço para a carga a bordo do navio. Ele então pegaria os lucros, em qualquer forma, e os investiria em uma carga adequada para trazer para casa. O comércio nem sempre era direto, o que tornava o trabalho do supercarga ainda mais importante. Frequentemente, a supercarga receberia instruções para comprar e vender de qualquer forma considerada necessária para garantir o lucro do proprietário. Nos navios negreiros, o capitão e a supercarga costumavam conspirar para abandonar parte da tripulação a fim de aumentar a participação nos lucros para os que restavam.

A família Perkins tinha poucos problemas com a moralidade - ou falta de moralidade - do comércio, já que seu negócio anterior era a escravidão e o açúcar comércio em Santo Domingo. Em 1792, uma insurreição de escravos naquele país arruinou os negócios dos Perkinses, então James e Thomas formaram uma nova parceria como J. e TH Perkins. Não demorou mais do que uma viagem bem-sucedida para se tornar rico, e as muitas viagens de Perkins bem-sucedidas tornaram Thomas rico e poderoso.

Para a tripulação que viajava em um navio Perkins, a vida não era tão confortável ou lucrativa. Em 1814, Charles Tyng tinha treze anos e fugiu da escola. O coronel Thomas Perkins, que recebeu seu título servindo na milícia de Massachusetts, levou o menino a bordo de um navio com destino à China; O irmão de Thomas casou-se com a tia do menino. Se o adolescente de um metro e vinte e cinco de altura esperava quaisquer

benefícios em ser parente do rico armador, logo descobriu que o oposto era verdade. Seu tio John Higginson era supercarga a bordo do navio, e o

As primeiras palavras que o jovem Charles ouviu dele foram instruções para o carro-penter bater no menino. Tyng era espancado diariamente por infrações menores, por não saber como lidar com o navio e para divertir os responsáveis. Ele foi jogado no curral dos porcos como punição. Tyng teve até mesmo negado a roupa adequada para a passagem ao redor do Cabo Horn, e ele foi entregue a três mulheres excepcionalmente obesas, esposas de um rei havaiano, para diversão sexual. Charles Tyng sobreviveu a seu breve período de trabalho para seus tios, e depois de ser enganado duas vezes por eles mais tarde, ele deixou o emprego. Tyng deixou suas memórias preservando as histórias do comércio de ópio e do papel dos Perkinses.<sup>7</sup>

Os outros homens a bordo do navio dos Perkinses se saíram melhor, mas o navio estava subprovisionado e ficou sem comida no caminho para Cantão. Isso também aconteceu na viagem de volta. Os proprietários do navio arrecadaram quatrocentos mil dólares por seus esforços, ou a falta deles, enquanto ficavam em casa na Nova Inglaterra.

Embora hoje as memórias das primeiras famílias da Nova Inglaterra e os museus dedicados a esses clãs minimizem o papel do ópio e dos escravos negros na construção da fortuna da Nova Inglaterra, seu envolvimento nesses negócios é inegável. Os remetentes podiam se sair bem transportando tabaco e algodão para Rotterdam e Londres, mas fortunas foram construídas com a troca de ópio por chá na China. As esposas de Salem gostavam de móveis de laca chinesa e vestidos de seda oriental,<sup>8</sup> e quando o East India Marine Hall foi inaugurado, as roupas asiáticas estavam na ordem do dia. O contrabando de ópio tinha suas recompensas, e tanto T H. Perkins quanto o chefe do ópio Joseph Russell se tornaram comerciantes extremamente proeminentes como resultado de seus negócios de navegação. Sua riqueza deu-lhes poder e acesso ao governo. Perkins e Russell viajaram para a França para realizar seus empreendimentos e agir em nome de seu país durante a administração Monroe. Durante a Guerra de 1812, Russell foi nomeado encarregado de negócios dos Estados Unidos na Corte de Saint James.

Perkins foi um dos principais membros do partido federalista e foi eleito para o Senado oito vezes. Foi também presidente da sucursal de

Boston do United States Bank (cargo no qual foi sucedido por um Cabot).

Perkins ganhou dinheiro com o comércio de ópio

antes que o negócio das drogas levasse à guerra aberta na China e investisse os lucros em serrarias, moinhos de grãos, têxteis e negócios ferroviários - incluindo Boston e Lowell, Boston e Providence e outras ferrovias mais a oeste. Com seus interesses combinados, Perkins logo foi considerado o homem mais rico da Nova Inglaterra. Muitas fortunas de famílias da Nova Inglaterra começaram com investimentos nos empreendimentos da Perkins China. Como líder comunitário, Perkins fez o que muitos traficantes de escravos, traficantes de drogas e barões ladrões fariam: tornou-se filantropo. Suas instituições de caridade incluíam o Perkins Institute for the Blind e o Massachusetts General Hospital.<sup>9</sup>

Enquanto Thomas Perkins se dedicava aos assuntos europeus e seus interesses comerciais na Nova Inglaterra, ele transferiu as responsabilidades do dia-a-dia do tráfico de ópio para seus parentes. Seus filhos também fizeram conexões por meio de casamento, casamento Cabots, Gardiners, Higginsons, Forbeses e Cushings.

## A HERANÇA CUSHING

Embora os relacionamentos com os negócios e a família Perkins tenham sido o início de muitas fortunas, também foram o início de várias carreiras políticas. Uma das famílias políticas mais poderosas que tinham laços com os Perkinses eram os Cushings.

Na China, a família Cushing, sediada em Boston, logo se tornou responsável por operar os negócios da família Perkins. Thomas Cushing já era um comerciante ativo durante o século XVIII. Como empresário, Cushing às vezes coletava informações sobre os conservadores, mas relutava em compartilhá-las. Ele era contra a Revolução, pois temia que ela interferisse em seus negócios de navegação. Mas Cushing superou seus temores ao descobrir que poderia ganhar uma fortuna cobrando caro dos suprimentos aos americanos e franceses. Esse lucro excessivo era compartilhado por Otis e Gerry, e mesmo os comerciantes menores não consideravam errado burlar os militares.

O chefe entre um grupo de sobrinhos de Thomas Cushings era John Perkins Cushing, que começou como chefe do hong americano, ou

casa de comércio exterior, em Cantão. A mãe de John Cushing era Ann Perkins, e suas conexões permitiriam a ele acesso a riquezas conhecidas por poucos. Após a morte prematura de sua mãe, o jovem Cushing foi criado por TH Perkins.

John Cushing começou sua carreira na contabilidade do escritório central da Perkins, mas foi enviado para Canton aos dezessete anos para continuar sua educação. Um ano depois, ele estava encarregado da filial de Canton, o epicentro da máquina de lucro de Perkins. Cushing desenvolveu uma amizade precoce com um dos mercadores mais poderosos da China, Houqua, que era chefe da Cohong, a comunidade de mercadores chineses. A amizade de Houqua significava tudo para um comerciante estrangeiro. Logo Cushing foi considerado o americano mais influente de Cantão.

Cushing permaneceu em Cantão por 25 anos e aumentou sua riqueza pessoal comprando navios e participações em navios. Em 1830, ele se aposentou do comércio com a China e vendeu seus próprios interesses. Ele voltou para a Nova Inglaterra, onde se casou com Louisa Gardiner e construiu mansões e propriedades rurais para si mesmo. Mas ele nunca se aposentou totalmente, pois fez investimentos nas viagens chinesas de outros. A riqueza da família de Cushing foi obtida inteiramente no tráfico de drogas com a China, e seus descendentes garantiram que o comércio não acabasse.

Caleb Cushing era o herdeiro aparente. Graduado em Harvard aos dezessete anos, Caleb Cushing tornou-se advogado e representava os interesses da família. Ele também se tornou um maçom de trigésimo terceiro grau.

A carreira política de Caleb Cushing começou na Câmara dos Representantes e, após a suspeita morte de William Henry Harrison em 1843, Cushing foi enviado pelo novo presidente Tyler à China como comissário dos Estados Unidos. Na China, Cushing fez mais para representar os interesses de Perkins-Cushing no negócio de contrabando de ópio do que os interesses de seu país. A China, derrotada pela marinha britânica na guerra, não tinha capacidade para enfrentar as ameaças de Cushing. O país concedeu aos navios americanos o uso de cinco portos.

Cushing passou a promover a guerra contra o México, conspirar com secessionistas e conspirar contra Zachary Taylor. A morte de Taylor elevou Cushing a procurador-geral dos Estados Unidos.

## A FAMÍLIA STURGIS

Ao mesmo tempo em que John Perkins Cushing estava começando sua carreira no comércio de ópio, outro parente de Perkins também estava obtendo sucesso. Os Sturgis foram uma das primeiras famílias de Massachusetts, alegando descendência de Edward Sturgis, que chegou em 1630. A família começou na agricultura, mas o casamento de Russel Sturgis com Elizabeth Perkins, irmã de Thomas, garantiu a fortuna da família Sturgis no negócio de navegação. Thomas Perkins iria investir com Russell Sturgis na Esperança, e Sturgis zarpu para a China.

Enquanto isso, um dos filhos de Russell, James Perkins Sturgis, foi enviado para a ilha de Lintin, nos arredores de Hong Kong, para gerenciar as instalações de armazenamento de todos os comerciantes de ópio. Como a importação de ópio era ilegal, Lintin servia como o que poderia ser chamado de casa de depósito - um grande terminal para todos os navios que transportavam ópio.

À medida que a riqueza da família Sturgis crescia, Nathaniel Russell Sturgis se juntou a George Robert Russell, que fundou a Russell and Company, a empresa de tráfico de ópio mais importante da década de 1830. Um Russel Sturgis chefiava o Barings Bank, que financiava o comércio de ópio. As mulheres do clã Sturgis também fizeram sua parte. Elizabeth Perkins Sturgis casou-se com Henry Grew, e sua filha, Jane, casou-se com o único filho de JP Morgan, John Pierpont Morgan.

## RUSSELL E COMPANHIA

À medida que o comércio com a China se expandia na década de 1830, a família de navios mais importante era a de Samuel Russell. Um recém-chegado ao negócio, Samuel Russell fundou a Russell and Company em 1823. Ele dirigiu os navios da empresa para Esmirna, na Turquia, para comprar ópio; os navios então trouxeram o ópio para a China. A empresa cresceu contratando as pessoas certas e comprando seus concorrentes.

O chefe de operações de Russell em Canton era Warren Delano Jr., avô do futuro presidente Franklin Roosevelt. Os sócios de Russell que

contribuíram com fundos para montar seus empreendimentos no exterior  
incluem John

Cleve Green, que financiou Princeton, e Abiel Abbot Low, que financiou a construção da Columbia University em Nova York.<sup>10</sup>

A família Russell teve uma influência tremenda em Yale e seu relacionamento continua até os dias de hoje. Yale era originalmente chamada de Collegiate School. Nos primeiros tempos coloniais, Elihu Yale serviu na British East India Company. Ele fez fortuna com a empresa e se tornou governador de Madras, na Índia, em 1687. Mais tarde, Yale doou grande parte de sua riqueza, e Cotton Mather rebatizou a Collegiate School em homenagem a Yale em 1718.

Joseph Coolidge foi outro investidor Russell, assim como os membros das famílias Perkins, Sturgis e Forbes. Os Perkinses e Russells logo se uniram em uma fusão. O filho de Coolidge organizou a United Fruit, que manteve os interesses coloniais de muitas famílias influentes da Nova Inglaterra unidos. Seu neto, Archibald C. Coolidge, foi fundador do Conselho de Relações Exteriores.<sup>11</sup>

O primo de Samuel Russell, William Huntington Russell, fundou um trust em Yale que criou uma organização única de famílias de elite sob o nome de Skull and Bones. O cofundador de Russell foi Alfonso Taft. The Skull and Bones é uma ordem muito secreta que admite apenas quinze novos membros a cada ano. Famílias proeminentes que fizeram parte desta organização incluem Harrimans, Bushes, Kerrys, Tafts, Whitney, Bundys, Weyerhaeusers, Pinchots, Goodyears, Sloanes, Stimsons, Phelpsese, Pillsburys, Kelloggs, Vanderbilts, e Lovetts.

Embora o império naval Russell tenha se tornado um dos maiores e de maior alcance, ainda há mais uma família da Nova Inglaterra que desempenhou um papel significativo no comércio.

## O CLÃ FORBES

Quando os Cushings deixaram a China, a família Forbes assumiu as operações. Os Forbeses não foram os primeiros no comércio de ópio com a China, mas levaram o contrabando de drogas ao seu nível mais alto de lucratividade e deixaram um legado que se estende até os tempos modernos.

As raízes da família Forbes remontam à Escócia, onde

pode ser rastreada até pelo menos o século XIII. Sir Alexander Forbes, o primeiro Lorde Forbes, recebeu terras em 1423 e foi feito senhor do Parlamento em 1445. A guerra incessante na Escócia e na Inglaterra tornou a lealdade ao rei precária. Bem antes da imigração maciça escocesa após Culloden em 1745, os Forbese, que eram protestantes (e, portanto, não jacobitas), já estavam situados em Massachusetts e conectados com as famílias que se tornariam a "aristocracia" americana. Como aconteceu com os Gardiner e outros comerciantes ilícitos, a fortuna acumulada pelos Forbese no comércio de ópio foi investida em terras e na indústria. John e Robert Forbes liderariam o caminho para a fortuna da família.

John Murray Forbes (1813-1898), filho de Ralph Bennet Forbes e Margaret Perkins Forbes, começou sua carreira empresarial aos quinze anos no escritório de contabilidade de seus tios James e Thomas Perkins em Boston. John Forbes logo foi autorizado a viajar para Cantão para representar o sindicato de Perkins, e ele permaneceu por sete anos. Em 1837, aos 24 anos, Forbes voltou de Cantão tão rico que pôde financiar a construção de várias ferrovias, incluindo a Michigan Central Railroad, que comprou inacabada e estendeu para o Lago Michigan e Chicago.

Forbes tornou-se um motor principal, liderando um grupo de capitalistas que poderia levantar milhões para concluir aquisições de empresas. Muitos já haviam investido com a Forbes no comércio com a China e permaneceram gratos e leais por causa das fortunas que colheram. Forbes continuou a estender o serviço da Michigan Central, para Detroit e no Canadá, e construiu outras ferrovias, incluindo Hannibal e Saint Joseph Railroad no Missouri e Chicago, Burlington e Quincy Railroad, da qual ele atuou como presidente.

## NAUSHON ISLAND

Seguindo a lição de Gardiner, John Forbes comprou uma ilha onde poderia conduzir negócios isolado dos olhares curiosos dos vizinhos. Como a Ilha de Gardiner, a ilha de Naushon, ao sul da área de Woods Hole em Cape Cod, serviu como protetorado para contrabandistas enquanto Massachusetts era uma colônia. Os bancos de areia móveis e os isolados

A operação dos portos ativos da costa da Nova Inglaterra protegia muitos comerciantes infratores.

A ilha pertenceu inicialmente a uma das famílias mais elitistas de Massachusetts, os Winthrops. Há poucas evidências de que eles estivessem envolvidos no comércio mercantil. John Winthrop, o líder de setecentos puritanos, foi o primeiro da família a vir para a América. A ideia de religião de John Winthrops era que era algo a ser imposto aos outros. A forma do Islã talibã é uma comparação adequada com a visão religiosa de John Winthrop. Os puritanos consideravam crime faltar à igreja, dançar, cantar e celebrar o Natal; da mesma forma, o Talibã tornou crime perder orações, dançar, cantar e comemorar (em vez de observar) dias de festivais islâmicos. Ambos os grupos fundamentalistas puniram seu povo com tortura e humilhação.

Como governador da Colônia da Baía de Massachusetts, Winthrop também se opôs à democracia, acreditando que sua colônia deveria ser governada por um punhado de líderes piedosos. Fugir da perseguição religiosa aparentemente não significava que Winthrop hesitaria em perseguir outros, e na primeira incidência de perseguição religiosa na América, ele baniu Anne Hutchinson da colônia. Esse elitismo impregnou o pensamento dos governantes de Massachusetts até - e mesmo depois - da Revolução Americana.

A segunda família a possuir a ilha foram os Bowditches. Eles nunca desfrutariam do poder dos Winthrops ou da riqueza dos Forbeses, mas os Bowditches eram marinheiros diligentes e a família era muito bem relacionada com os sangues azuis de Massachusetts. William Bowditch navegou para a América no século XVII, quando a família começou a viver do mar. Habacuque Bowditch, um filho que começou uma carreira no mar em meados do século XVIII, perdeu dois navios e dois filhos para o mar e iniciou o comércio de tanoeiro quando seu quarto filho, Natanael, alcançou fama duradoura. Nascido em 1773 em Salem, Nathaniel gostava de matemática mais do que qualquer outra coisa, e essa habilidade reavivaria o status da família. Mesmo na adolescência, Nathaniel era conhecido por seu conhecimento de matemática e línguas,

Educação. Ele falava francês, espanhol e alemão e entendia latim, e até estudou duas dúzias de outras línguas. Surpreendentemente, ele encontrou um erro nos Principia de Newton.

Durante a Revolução, um corsário de Beverly capturou um navio que carregava a biblioteca de um famoso erudito irlandês. Um grupo de comerciantes comprou os livros e os alojou na Biblioteca Filosófica, onde Nathaniel Bowditch poderia continuar sua educação autodidata. Apesar de sua reputação generalizada, ele ainda teve que ir para o mar para fazer fortuna. Bowditch trabalhou como supercarga e fez cinco viagens e uma enorme fortuna, enquanto ao mesmo tempo fazia cálculos lunares para navegar sem o uso de um cronômetro. O status lendário veio quando Bowditch navegou até o porto de Salem durante uma tempestade de neve cegante.<sup>12</sup> Ele combinou seu conhecimento em livros e experiência prática para aumentar a capacidade dos mercadores americanos de navegar em seu próprio país. Bowditch reescreveu o American Coastal Pilot e mais tarde produziu seu próprio livro, The New American Practical Navigator, que serviu como uma ferramenta para navegar nas águas americanas traiçoeiras até que o governo assumiu a responsabilidade cinquenta anos depois.<sup>13</sup> O trabalho principal do Bowditch é simplesmente referido como "Bowditch" pelos marinheiros; permanece um clássico na área. Desde 1802, foi reimpresso em setenta edições.

Bowditch, que se casou com sua prima Mary Ingersoll, recusou cadeiras de matemática em várias universidades, incluindo Harvard, a Universidade da Virgínia e West Point, preferindo em vez disso ser presidente da Essex Fire and Marine Insurance Company.<sup>14</sup>

Na entrada de Buzzards Bay, Naushon, a ilha particular dos Bowditches, era mais um reino insular do que uma casa de verão. Quando Kidd correu plantando seu tesouro, a enseada de lona de Naushon e a ilha de Gardiner foram suas últimas paradas. Nos anos anteriores à Revolução, a enseada serviu de esconderijo onde os contrabandistas podiam esperar para descarregar suas mercadorias.

Um farol foi construído em Naushon pouco antes da Guerra Revolucionária para proteger os navios que navegavam nos baixios. Durante a Revolução, serviu de ponto de encontro para corsários. James

Bowditch, irmão de Nathaniel, lutou contra os esforços do governo para melhorar o farol, como

convidados eram indesejados. Quando James morreu em 1817, um farol melhorado foi erguido. Neste ponto, a família Bowditch, que possuía Naushon por mais de um século, vendeu a ilha para os Forbesees. Desde então, o "reino" está nas mãos de vários membros da família Forbes e trustes.

## A FAMÍLIA DE FORBES E A ILHA DE NAUSHON

John Murray Forbes se casou com outra primeira família da Nova Inglaterra quando se casou com Sarah Hathaway, de New Bedford. Seus cinco filhos incluíam William Hathaway Forbes, que se casou com Edith Emerson (parente de Ralph Waldo Emerson) e se tornou presidente da recém-formada Bell Telephone, John Malcolm Forbes, e Mary Hathaway Forbes, que se casou com Russell.

As famílias Hathaway, Forbes e Perkins foram unidas em uma fusão com Russell and Company antes mesmo de John e Sarah Forbes serem unidos em casamento. O dinheiro do comércio de ópio e investimentos posteriores garantiram a proeminência da família para as gerações vindouras. O neto de John Murray Forbes, William Cameron Forbes, foi nomeado por Teddy Roosevelt como governador geral das Filipinas, e mais tarde foi nomeado para um cargo na Ásia pelo presidente Harding.

O irmão de John Forbes era Robert Bennet Forbes (1804-1889), conhecido como "Black Ben" Forbes. Sua biografia histórica registra suas façanhas como capitão do mar no comércio da China, mas ignora seu envolvimento no negócio do ópio. Aos treze anos, Robert Forbes navegou com seus tios para a China e, aos vinte e quatro, quando Perkins e Russell fundiram suas empresas para formar a mais poderosa casa americana da China, o jovem Robert garantiu o lucrativo posto de dirigir a operação Lintin.

Forbes deixou a China em 1834 para se casar com Rose Green Smith e quase perdeu sua fortuna no Pânico de 1837. Buscando reconstruir sua riqueza, Forbes voltou para a China e desempenhou um papel proeminente na eclosão da Guerra do Ópio, durante a qual Russell e a empresa prosperou. Forbes foi nomeado chefe da empresa, substituindo John C.

Green. Em 1850, a Forbes possuía participações em mais de sessenta navios e

foi o vice-cônsul americano na China e na França. Mais tarde, Forbes foi conhecido por sua contribuição para a Marinha dos Estados Unidos durante a Guerra Civil, e ele se tornou o primeiro comodoro do Boston Yacht Club.

## O SINDICADO

Os primeiros negócios de transporte marítimo eram excepcionalmente arriscados e a perda de um único navio foi um desastre para algumas empresas. Freqüentemente, a maneira de distribuir o risco era "sindicalizar" o negócio de forma que os comerciantes adquirissem ações das empresas uns dos outros. Além dos sindicatos Perkins e Russell, um terceiro sindicato atraiu alguns personagens importantes.

Augustine Heard era um comerciante de Ipswich cujo pai participava do comércio freqüentemente ilegal de melaço e açúcar. Ele também adorou a ideia de se vingar das leis comerciais severas e restritivas que favoreciam o país natal às custas das colônias, então se tornou um corsário. Heard começou sua carreira na contabilidade e depois se tornou um supercarga. Em 1807, ele navegou para Esmirna a bordo do Betsy.<sup>15</sup> A Heard Company começou vendendo ginseng e peles de lontra, mas logo se juntou ao comércio de ópio. Os parceiros da Heard incluíam John Forbes, John Green e Joseph Coolidge.

A base americana do comércio de ópio mudou-se para o sul dos portos da Nova Inglaterra para Nova York. As famílias que eram proeminentes em Connecticut tornaram-se igualmente importantes em Nova York. No final das contas, as famílias traficantes de drogas chegariam à Casa Branca.

## Capítulo 15

# ÓPIO: DA LODGE AO DEN

**D**urante os anos de glória do comércio com a China, Nova York foi bem-sucedida. Boston é o centro da navegação americana. Navios e armazéns alinhavam-se no trecho de cais de três milhas de South Street, a poucos quarteirões da Tontine Coffee House de Wall Street, que servia como o centro do crescente setor financeiro. A zona portuária estava tão movimentada que os espectadores iam assistir à agitação dos estivadores, construtores de navios e leiloeiros. Martelos retiniram, barris rolaram, leiloeiros gritaram e milhares trabalharam duro construindo e carregando navios. A mão-de-obra qualificada era tão exigida que um fabricante de velas recebia uma quantia nunca antes vista

quatro dólares por dia.

Os navios partiam de Nova York para todos os portos. Semelhante às famílias brâmanes da Nova Inglaterra, muitas famílias de Nova York alcançaram grande riqueza no comércio de drogas. Os remetentes americanos tinham tantas desculpas para se envolver no comércio quanto seus colegas britânicos. E, como os britânicos, os americanos tinham menos a oferecer como exportação, e o novo país tornou-se um depósito de lixo para as mercadorias britânicas. As famílias americanas trouxeram para a China ginseng, peles e ópio, seus únicos bens valiosos.

Deve-se notar que o comércio não era ilegal nos Estados Unidos. O que passou a ser rotulado de "comércio da China", que incluía chá e ópio, peles e móveis, reduz o estigma que pode ser percebido nos tempos modernos. Nem todos os comerciantes da China transportavam ópio e sua atividade não era considerada criminosa. As leis que eram

quebradas estavam apenas as de outra nação, atitude bastante comum nos tempos colonialistas expansionistas. Embora a moralidade do comércio de ópio fosse questionada por um punhado, tanto o governo britânico quanto o norte-americano não discutiam nenhum aspecto do comércio com a China.

## O CIDADÃO MAIS RICO DE NOVA YORK

O contrabandista de ópio mais rico da América foi possivelmente John Jacob Astor. Em 1800, Astor valia \$ 250.000 quando a família americana média tinha uma renda de \$ 750. Quando ele morreu em 1848, sua riqueza era igual a quase 1% do produto nacional bruto de todo o país.<sup>1</sup>

A riqueza de Astor foi obtida de várias maneiras, mas sua fortuna com o ópio foi resultado direto da concessão da Companhia Britânica das Índias Orientais a ele uma licença para vender peles para a China e se envolver no comércio de ópio. O negócio de peles logo foi abandonado em tudo, exceto no nome. Em 1816, a American Fur Company de Astor navegou diretamente para a Turquia para comprar dez toneladas de ópio, que foi então vendido ilegalmente em Cantão.

A rápida ascensão de Astor a uma grande riqueza é uma história improvável. Filho de um açougueiro alemão, Astor veio para a América em 1784 aos 21 anos. Ele falava muito pouco inglês, embora tenha vivido por um curto período em Londres. Ele é descrito como sem graça, charme ou sagacidade; dizem que ele uma vez enxugou as mãos na toalha de mesa em um jantar. No entanto, as maneiras rudes e o inglês pobre de Astor não o impediram de entrar rapidamente na sociedade. Ele rapidamente se casou com riqueza e procriação na forma de Sarah Todd, da família Breevort de Nova York.<sup>2</sup> Essa conexão provavelmente motivou seu convite para ingressar na loja maçônica mais prestigiosa de Nova York, a Holland No. 8. Aqui ele se misturou com Archibald Russell, os Livingstons, De Witt Clinton e George Clinton, e membros das outras primeiras famílias de Nova York.

A Loja Holland No. 8 foi fundada em 1787 após negociar com os maçons a permissão para realizar reuniões na língua holandesa baixa. No início, a nova loja admitia apenas oito membros. O num-

ber 8 é significativo para a Maçonaria de elite: havia oito cavaleiros templários originais, oito pontos na cruz maçônica e oito nova-iorquinos proeminentes e ricos na nova loja.

De suas novas conexões, Astor descobriu o lucrativo negócio de peles de pele. As peles que podiam ser compradas por um dólar de um índio nova-iorquino chegavam a custar seis vezes o preço em Londres.<sup>3</sup> Astor normalmente enganava os índios, embebedando-os e depois cobrando caro pela bebida.<sup>4</sup> Ele enganou seus próprios trabalhadores com contratos de baixa remuneração, embora seus próprios registros mostrem que ele era mais generoso em subornos: uma vez ele fez um pagamento de 35 mil dólares ao governador de Michigan, Lewis Cas<sup>5</sup>. Resumindo, Astor prosperou no ramo de peles.

Os rendimentos da Astor com o comércio de peles foram investidos em imóveis na cidade de Nova York durante o ano em que Washington foi eleito presidente e Nova York estava em recessão. E Astor sabia instintivamente como tirar vantagem das pessoas. Por exemplo, quando Aaron Burr atirou em Alexander Hamilton em um duelo, Burr teve que fugir do país e Astor comprou a casa de Burr em Greenwich Village por dinheiro. Em 1825, Astor comprou terras do governo dos Estados Unidos e despejou imediatamente setecentos agricultores.

As conexões de Astor com a China foram feitas por meio de seu negócio de peles, quando os chineses compraram peles de castor que os caçadores e comerciantes de Astor pegaram de Nova York e do território de Oregon. Ele foi o primeiro comerciante de Nova York a ingressar no comércio da China e logo substituiu as peles por ópio.

Em 1807, a cidade de Nova York entrou em outra recessão quando a Lei de Embargo interrompeu os embarques. Uma carta de Punqua Wingchong, um comerciante chinês visitante e um mandarim ligado à família governante na China, afirmava que o embargo o havia prendido na cidade de Nova York e solicitou permissão do presidente Jefferson para voltar para casa. Jefferson abriu uma exceção e perguntou em que navio ele pretendia navegar. Punqua Wingchong solicitou o Beaver, um navio Astor. O navio deixou Nova York com Punqua Wingchong e um casco cheio de

peles. Quando voltou, Jefferson descobriu que Punqua Wingchong não era um mer-chant, mas um estivador, e a viagem foi um ardil criado por Astor.

o

Beaver teve um lucro de duzentos mil dólares com a viagem.

O lucro foi investido em outra fazenda, que se estendia da Broadway ao Hudson, no centro de Nova York. <sup>6</sup>Mas o governo americano se vingou quando foi à guerra com a Grã-Bretanha. Astor perdeu seu capital em peles em Astoria, Oregon, que valia oitocentos mil dólares.

Mesmo assim, o negócio de drogas de Astor cresceu sem obstáculos. Por escrito, ele solicitou a um comerciante de Constantinopla "por favor, mande devoluções em ópio" para uma remessa de 1.500 peles de raposa vermelha. <sup>7</sup>Com três frotas separadas navegando pelo mundo, Astor ganhou dinheiro suficiente com drogas e peles para investir em uma imensa quantidade de bens imóveis. Em 1826, o imigrante alemão que fez fortuna na América comprava hipotecas de imigrantes irlandeses e as executava para aumentar suas posses a preços mais baixos. <sup>8</sup>

Em 1847, Moses Yale Beach compilou uma lista dos nova-iorquinos mais ricos. Alguns tinham um ou dois milhões; Astor se ergueu acima deles. <sup>9</sup>Astor nada parou para aumentar sua fortuna. Em 1848, ele tinha oitenta e quatro anos e era extremamente rico, mas ainda exigia aluguel até de viúvas. Ele morreu em março daquele ano, e seu segundo filho, William Backhouse Astor, herdou a maior parte da fortuna de vinte milhões de dólares de seu pai.

O filho de John Jacob Astor aprendeu bem. Na década de 1860, quando a classe trabalhadora nova-iorquina estava passando por uma grave depressão econômica, os oficiais de uma frota russa atracada em Nova York levantaram US \$ 4.760 para comprar combustível para os pobres. William Astor, no entanto, aumentou os aluguéis em 30%. <sup>10</sup>Quando ele morreu em 1875, ele possuía setecentos edifícios e casas - a maioria deles abarrotada de inquilinos pobres. Seu legado é a multidão de favelas onde os pobres morriam de fome. No entanto, o nome Astor ainda agrega comunidades do Queens em Nova York ao Oregon.

## OUTROS COMERCIANTES DA CHINA DE NOVA IORQUE

Astor recebe o crédito por lançar a cidade de Nova York no comércio de ópio, mas outros o seguiram. Muitos eram da Nova Inglaterra que

mudou as operações para Nova York. Famílias proeminentes incluíam os Griswolds de Old Lyme, Connecticut; os pontos baixos de Salem; e os Grinnells de New Bedford.<sup>11</sup>

### A Família Griswold

Nathaniel Griswold e George Griswold III construíram a fortuna da família através da propriedade de uma grande frota de navios mercantes que faziam escala em portos de todo o mundo. Originalmente baseados em East Lyme, um pequeno porto na costa de Long Island Sound em Connecticut, os irmãos Griswold administravam um império. Sua bandeira quadriculada em preto e branco foi vista na China, nas Índias Ocidentais e na América do Sul. Embora os Griswolds não tenham se tornado um nome familiar nos séculos subsequentes, muitos membros da família alcançaram proeminência como resultado do comércio no século XVIII. O agente dos Griswolds em Canton era Russell and Company, da qual um parente Griswold era sócio.

Nathaniel Griswold estava satisfeito em ser um comerciante, mas seu irmão George tinha ambições maiores. George foi diretor da Columbia Insurance, esteve envolvido no Bank of America e se envolveu em outros empreendimentos, incluindo mineração de ouro. Outros membros da família também fizeram a conexão com o comerciante. Por exemplo, a filha de Nathaniel, Catherine, casou-se com Peter Lorillard, o primeiro comerciante de tabaco de Nova York.

Os Griswolds desempenharam um papel importante na política americana inicial, quando Matthew Griswold foi levado ao cargo de governador federalista de Connecticut por meio do dinheiro da família. Futuro Griswolds serviu na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos e no Senado como políticos para Connecticut e Pensilvânia. John D. Lodge, o tataraneto do comerciante marítimo George Griswold III, foi governador de Connecticut de 1951 a 1955. Outros Griswolds ainda se tornaram capitães da indústria, bispos e professores universitários.

### John Cleve Green

Um funcionário de Griswold que mais tarde alcançou proeminência por conta própria foi John Cleve Green, que geralmente é lembrado como um

dos maiores benfeitores da Universidade de Princeton. Nasceu em Lawrenceville, New Jersey,

em 1800 para um ancião da Igreja Presbiteriana, Green começou sua carreira na sala de contagem de NL Griswold da cidade de Nova York. Ele logo foi promovido a supercarga e viajou para a América do Sul, Espanha e, finalmente, China, no auge do comércio de ópio. Green se casou com a filha do chefe, Sarah Griswold. As conexões de Green e seu talento para estar no lugar certo na hora certa lhe renderam um cargo na Russell and Company. Depois de seis anos em Canton trabalhando para a proeminente casa do ópio, Green voltou para Nova York. Ele continuou no comércio com a China e também avançou em sua carreira como diretor do Banco de Comércio e de outros bancos, ferrovias e do Hospital de Nova York.

### The Low Family

A família Low era um grupo de mercadores de Massachusetts que se mudou para Nova York. Seth Low nasceu em Cape Ann em 1782. Mudou-se ainda jovem para Salem, onde ganhava a vida como comerciante e comerciante. Em Tall Ships para Cathay, Helen Augur menciona que Seth Low se casou com Mary Porter, o que conectou os Lows com a proeminente família Lord. Seth teve doze filhos e, como a área de Salem estava perdendo importância, ele se mudou com a família para Nova York. Lá Seth e seu irmão William Henry Low, um sócio sênior da Russell and Company, ajudaram a expandir o papel americano no comércio que Russell herdou do sindicato Perkins.

Vários dos filhos de Seth Low estavam envolvidos no comércio da China, mas seu filho Abiel Abbot Low alcançou a maior fama. Abiel Low ingressou na Russell and Company como balconista pouco tempo antes do início das Guerras do Ópio. Ele assumiu o cargo de secretário pessoal e agente de Houqua dos Forbeses, o que ajudou a expandir sua riqueza e poder. Depois de adquirir experiência de trabalho e conexões, Abiel decidiu sair por conta própria. Ele retornou a Nova York e encomendou os veleiros mais rápidos que o dinheiro poderia comprar; apenas os navios da Forbes poderiam competir com o seu. Sua AA Low and Brothers permaneceram na vanguarda e continuaram negociando com a China e o Japão, mesmo quando a maioria das outras empresas havia deixado o comércio.

Os lucros de seu negócio Abiel Low's na Ásia foram investidos no primeiro

Cabo Atlântico e a construção da ferrovia Chesapeake e Ohio. Seu filho Seth formou-se na Universidade de Columbia em 1870 e tornou-se prefeito do Brooklyn e, em seguida, o primeiro prefeito da cidade de Nova York após a consolidação em 1898. Seth Low, o mais jovem, é famoso por doar um milhão de dólares, supostamente um terço de sua fortuna, para construir a Biblioteca Low em Columbia.

Abiel Low, que se casou com Ellen Almira Dow, tinha uma filha também chamada Ellen, que em 1869 se casou com alguém da família Pierrepont - que mais tarde seria conhecida como a família Pierpont. As famílias Pierpont e Morgan foram finalmente unidas e desempenharam um papel significativo no desenvolvimento das finanças americanas.

A Casa de Morgan foi, na verdade, iniciada pelo comerciante chinês George Peabody. Descrito como um avarento solitário, Peabody, no entanto, juntou forças com o Barings Bank para fazer com que os estados americanos pagassem suas dívidas de títulos, muitas das quais estavam em mãos britânicas. Barings chegou a subornar o famoso estadista Daniel Webster para fazer discursos sobre o assunto. Peabody comprou os títulos por centavos de dólar e colheu uma fortuna quando eles finalmente foram reembolsados. Como outros comerciantes de Salem, ele acumulou grande riqueza no comércio da China e investiu em ferrovias. Por não ter herdeiros, Peabody deu seu dinheiro para causas filantrópicas, incluindo uma biblioteca em Salem, e entregou sua empresa ao jovem Junius Spencer Morgan. O herdeiro de Junius Morgan era o filho J. Pierpont Morgan, cuja marca no Barings Bank duraria mais de um século.<sup>12</sup>

### A família Grinnell

Os Grinnells são outra família de negociantes da China cujas origens são vagas, mas provavelmente possuem uma origem huguenote. Cornelius Grinnell foi um capitão do mar americano que se tornou um corsário durante a Revolução Americana. Ele se casou com Sylvia Howland, que estabeleceu os Grinnell entre as primeiras famílias da Nova Inglaterra. Outros Grinnells se casaram na dinastia Brown de Rhode Island e na família Russell.

Joseph Grinnell, filho de Cornelius, cultivou a riqueza da família nos negócios marítimos e baleeiros. Grinnell colaborou com um homem

com o nome de Preserved Fish e irmão de Joseph, Henry, para estabelecer a firma Fish, Grinnell e Company. Com o tempo, Fish foi retirado do nome e a empresa passou a ser Grinnell, Minturn e Company. A empresa se tornaria uma das maiores empresas de transporte marítimo da cidade de Nova York.

As raízes da família Grinnell estavam em New Bedford, onde a primeira das mansões do Reavivamento Grego foi construída para Joseph. Seus lucros, como os de muitos outros comerciantes, foram colocados no comércio de têxteis, e ele fundou a ainda em operação Wamsutta Mills. Vários Grinnells mais tarde financiaram explorações polares e missões de resgate, foram pioneiros no desenvolvimento de imóveis em Key West e até fundaram uma cidade - Grinnell, Iowa - e sua faculdade local (Grinnell College).

#### Howland e Aspinwall

Outra empresa que se mudou da Nova Inglaterra para Nova York durante os anos dourados do comércio de ópio foi a Howland e a Aspinwall. Esta fusão de duas famílias fundadoras gerou grande riqueza para as gerações vindouras.

John Howland foi o primeiro do clã a viajar para a América, onde se casou com um passageiro do Mayflower. O filho de John, Joseph Howland, começou no negócio de caça às baleias em Connecticut. Os filhos de José também consideraram o mar uma estrada para a riqueza e foram para o transporte marítimo. A Howland Shipping participaria do comércio de açúcar e escravos no Caribe e de empreendimentos em Cuba, México e Mediterrâneo antes de descobrir o comércio com a China. Os filhos de Howland tiveram boas combinações, com uma filha se casando com James Roosevelt e outra com James Brown, dos Brown Brothers Harriman.

O casamento Howland mais significativo foi uma fusão comercial com a família Aspinwall. Como os Howlands, os Aspinwalls estavam no negócio de transporte marítimo antes da Revolução Americana. Por volta da virada do século XIX, John Aspinwall se casou com Susan Howland. A nova firma Howland e Aspinwall gerou grandes lucros no comércio com a

China e, em 1837, a fortuna de William Henry Aspinwall foi estimada como maior do que a de Cornelius Vanderbilt. Empreendimentos comerciais pós-China

incluiu a construção da linha de navios a vapor mais antiga da América e várias ferrovias e, como a maioria dos outros comerciantes da China, a participação na filantropia.

Aspinwall era considerado um homem honesto e piedoso, e foi referido como um visionário. Ele foi cofundador do Metropolitan Museum of Art de Nova York e liderou a América em novas aventuras ao redor do mundo enquanto vivia tranquilamente em Nova York.

Aspinwall afirmou que sua ferrovia do Panamá, erguida antes do famoso canal, poderia ser construída em seis meses. Não tendo ele mesmo viajado para lá, ele não percebeu que os primeiros treze quilômetros passaram por selvas densas e pântanos impenetráveis cheios de insetos venenosos e cobras. De mosquitos e moscas da areia a crocodilos e outros perigos, a área era conhecida como um buraco de pestilento desde os dias da exploração espanhola. General Grant, que visitou o canteiro de obras, descreveu

as condições da estação chuvosa são "inacreditáveis".<sup>13</sup>

As condições afetaram os trabalhadores, que muitas vezes trabalharam

lam	a	partir	nascer
a até o pescoço, lutando contra o enxame	insetos	de	do sol
ao pôr do sol. Doença e enfermidade - incluindo	amarel	pequen	
cólera,	o	febre,	a-
varí e disenteria - ceifou muitas vidas, assim como tratamentos severos			
ola,		semelhantes	

ao que foi decretado em escravos. Uma história comumente contada afirma que havia um irlandês morto para cada nó de ferrovia. Howland e Aspinwall declararam o número de mortos em mil, mas as estimativas chegam a seis mil. Trabalhadores chineses, chamados de cules, que faziam trabalhos forçados por baixos salários, foram importados. Oitocentos chegaram; duzentos sobreviveram. Muitos cometeram suicídio enforcando-se, pagando companheiros para esfaquear ou atirar neles, ou simplesmente se afogando no oceano. Aspinwall estava em Nova York na época, onde, ironicamente para as sensibilidades modernas, ele ajudou a criar a Sociedade para a Prevenção da Crueldade com os Animais.

Como suas contrapartes de Boston, as primeiras famílias de Nova York usaram o casamento para garantir que sua riqueza e proeminência permaneceriam intactas. Harriet Howland se casou com James Roosevelt, bisavô do presidente Franklin Roosevelt, e Mary Aspinwall se casou com Isaac Roosevelt, o avô do mesmo presidente. O filho de Mary Aspinwall e Isaac Roosevelt, James Roosevelt, casou-se com Rebecca Howland.

## OS ROOSEVELTS E OS DELANOS

Os Roosevelts e os Delanos estavam entre as primeiras famílias holandesas da América. Claes Martenszen van Roosevelt chegou à América antes de 1649 e morreu em 1660. Como John Jacob Astor, o único filho de Roosevelt, Nicholas, começou no ramo de peles. Ele, por sua vez, teve dois filhos que dividiram a família em duas linhas: a linha Oyster Bay, New York, da qual nasceu o presidente Teddy Roosevelt, e a linha Hyde Park New York de Franklin Delano Roosevelt. A filial de Oyster Bay obtinha a maior parte de sua riqueza do negócio mercantil; a filial do Hyde Park investiu principalmente em imóveis.

Ser membro das sociedades de elite de sua época, incluindo a Maçonaria e os casamentos mistos aumentaram a fortuna da família Roosevelt. Isaac Roosevelt casou-se com uma família de negociantes de açúcar, o que muitas vezes implicava o comércio triangular de açúcar, melão e escravos. Após a Lei do Melão de 1733, qualquer um que não contrabandeasse não sobreviveria. Os Roosevelts sobreviveram e prosperaram,<sup>14</sup> e o irmão de Isaac, James, entrou no negócio. Isaac tornou-se próximo de William Walton, e os dois estiveram envolvidos na fundação do Bank of New York. James também faria uma conexão com os Waltons quando se casasse com Maria Walton.

Outros Roosevelts se casaram com Howlands e Aspinwalls, que foi como eles foram introduzidos no comércio da China. As famílias Howland e Aspinwall também trabalharam na construção de veleiros e, mais tarde, nos negócios de navios a vapor e ferrovias.

Na década de 1820, o clã Roosevelt era mais do que apenas rico; eles também eram muito bem conectados. James Roosevelt, filho de Rebecca Aspinwall Roosevelt, sentou-se em conselhos com os Vanderbilts e J. Pierpont Morgan. O filho de James Roosevelt, James "Rosy" Roosevelt, ficou noivo de Helen Schermerhorn Astor. Na festa de noivado, uma das convidadas foi Sara Delano.

Os Delanos foram outra das primeiras famílias da América. Descendentes de uma família huguenote chamada de la Noye, que fugiu da Holanda para a América, eles chegaram à Fortune em 1621. Philip de la

Noye veio para a América aos dezenove anos e tornou-se um proprietário de terras em Massachusetts. Ele

modificou a grafia de seu sobrenome para Delano e casou-se com a família de John e Priscilla Alden. O filho de Philip, Thomas Delano, casou-se com a filha de Alden, também chamada Priscilla, embora o casal tenha sido multado em dez libras por manter relações sexuais antes do casamento.

Mais abaixo na árvore genealógica, Warren Delano, o avô de Franklin, fez fortuna no negócio do ópio, começando pela empresa Grinnell. A filha de Warren, Sara Delano, tornou-se mãe do presidente Franklin Delano Roosevelt. A irmã de Sara, Dora, se casou com uma Forbes, e sua irmã Annie se casou com Fred Hitch, um sócio da Russell and Company em Xangai.

A família Delano parecia gravitar em torno do mar e do comércio. Warren Delano era associado do pai de James Roosevelt e sócio da Russell, Sturgis e Company (também conhecido como Russell and Company em vários estágios). Warren era o representante da China e possuía uma mansão em Macau. Por um tempo, ele se aposentou do comércio de ópio e afundou sua fortuna no mercado imobiliário de Nova York e nas minas de carvão e cobre na Pensilvânia e no Tennessee.

Em agosto de 1857, a quebra do Ohio Life Insurance and Trust deu início a um efeito dominó que varreu muitos bancos. Todos os bancos de Nova York, exceto um, suspenderam o pagamento em espécie. No final do ano, cinco mil empresas haviam falido, dezenas de milhares de trabalhadores perderam suas casas e empregos e as pessoas morreram de fome e congelaram tanto nas cidades quanto nas cidades carboníferas. Enquanto seus trabalhadores morriam, Warren morava em Algonac, sua propriedade, com quartos de pé-direito alto com mobília de jacarandá, telas de madeira de teca, vasos de plantas e sinos budistas.

Embora Warren Delano não tenha sofrido nenhuma perda de conforto, seu patrimônio líquido sofreu muito. Ele estava desesperado para manter seu status e decidiu voltar para a China e para o tráfico de drogas; foi a maneira mais simples de reconstruir sua fortuna. "Nesses últimos anos, seria negado que o ópio que ele comprou e despachou se destinava ao mercado extremamente lucrativo fornecido pelos viciados", escreve Kenneth Davis, que menciona especificamente que foi o ópio, e não o chá, que trouxe riqueza junto com um toque de notoriedade.<sup>15</sup> A essa altura, os

traficantes de drogas da Nova Inglaterra estavam levando a droga para viciados americanos.

A família afirmou mais tarde que o ópio que Warren trouxe para a América foi para o alívio dos feridos da Guerra Civil, mas ele voltou para a China em 1859, que antecedeu a Guerra Civil em dois anos.

O futuro presidente Franklin Roosevelt anunciou seu noivado com Eleanor no quarto do avô Warren, cercado por trajes de comércio da China. Mais proeminente do que seu primo Teddy era, Franklin levou a sério seu papel na Maçonaria, tornando-se ativo na Loja Holland No. 8 na cidade de Nova York e em um Templo do Rito Escocês em Albany.

Theodore Roosevelt é famoso, é claro, como presidente dos Estados Unidos e por liderar o ataque na colina de San Juan. A pessoa pública de Roosevelt o descreve como um "defensor de confiança", lutando contra a gigante Standard Oil e mediando greves de mineração. Apesar de sua filiação maçônica, no entanto, ele estava longe de ser igualitário. Ele também estava intimamente ligado a grandes negócios e foi capaz de arrecadar as doações corporativas necessárias para sua candidatura; suas atividades de destruir a confiança, porém, o deixariam em conflito com os interesses de Rockefeller e Carnegie.

O vigésimo sexto presidente dos Estados Unidos é registrado como um elitista racial com uma atitude que beirava a favor da limpeza étnica. Ele foi citado como tendo dito: "Algum dia perceberemos que o dever principal, o dever inescapável do bom cidadão do tipo certo é deixar seu sangue para trás no mundo; e que não temos o que permitir a perpetuação de cidadãos do tipo errado." Ele também disse: "Desejo muito que as pessoas erradas sejam totalmente impedidas de procriar ... Os criminosos devem ser esterilizados e as pessoas débeis mentais proibidas de deixar descendentes."<sup>16</sup>

Enquanto Teddy clamava contra as massas sujas, o país era dominado pelo medo de qualquer um que fosse estrangeiro - chinês, africano, italiano ou europeu oriental. O Eugenics Records Office (ERO) foi criado e financiado pelas pessoas mais ricas da época para reduzir a população de pobres. O ERO, que foi financiado por John D. Rockefeller, o Carnegie Institution, George Eastman e a viúva de EH Harriman, destacou traços indesejáveis específicos, de alcoolismo a um amor excessivo pelo mar, e então procurou esterilizar aqueles que exibiam tais características. O movimento cresceu na América e

foi adotado pela Alemanha nazista, que então mostrou ao mundo a expressão final dessas crenças.

#### Presidente Grant e Julia Dent

A influência da família Delano continuou, quando Susannah Delano se casou com o capitão Noah Grant em junho de 1746. Eles tiveram um filho, Noah, também capitão do mar, que se casou com Rachel Kelly. Eles também tiveram um filho Jesse, que se casou com Hannah Simpson. O filho de Jesse e Hannah Grant foi Ulysses Simpson Grant, o renomado general da Guerra Civil e presidente dos Estados Unidos, que se casou com Julia Dent.

A família Dent, da Inglaterra, se classificou ao lado dos Jardines e dos Mathesons no comércio de ópio,<sup>17</sup> mas a prosperidade do comércio pode não ter se estendido à American Dents. *The Memoirs of Julia Dent Grant* menciona seu pai como um próspero proprietário de terras descendente de um proprietário de plantação de Maryland e o pai de sua mãe como um comerciante na China na firma de Wrenshall, Peacock e Pillon. Os americanos Dents eram uma família da Nova Inglaterra que participou do início do comércio com a China, primeiro exportando ginseng para aquele país. A mãe e o pai de Julia Dent vieram para o meio-oeste para negociar ao longo do rio Mississippi com Edward Tracy.

Ulysses Grant desabrochou tarde, e caiu no fracasso e na desgraça durante o início de sua carreira no exército. Ele bebeu a ponto de ficar sem dinheiro e finalmente pediu demissão do exército. Ele falhou na agricultura, falhou na venda de imóveis e teve apenas uma renda modesta como escriturário, até que alguém o convenceu a voltar para o exército. A Guerra Civil salvou sua reputação e lhe rendeu a presidência dos Estados Unidos.

## AS FAMÍLIAS DE COMERCIANTES DA AMÉRICA VÃO PARA A GUERRA

As famílias de mercadores de elite de Boston e Nova York enriqueceram com o comércio de ópio, herdado da Inglaterra; A China, porém, sofreu.

Os chineses rapidamente se tornaram viciados em números cada vez maiores. o

a importação de baús de ópio chegou a cinco mil em 1821 e cresceu para trinta e nove mil em 1837. Esse número representa 6.630.000 libras de ópio. Logo o vício atingiu o palácio real. O imperador Tao Kwong perdeu três filhos devido ao vício em drogas e estima-se que a China tenha de quatro a doze milhões de viciados.<sup>18</sup> O imperador fez um estudo sobre os efeitos do ópio em seu país. Disseram-lhe que, pela primeira vez, seu tesouro estava sendo drenado de prata, em vez de ser reabastecido pelo comércio de chá. Brigandagem assolou as rodovias. Os soldados se recusaram a lutar e, quando coagidos a lutar contra outros senhores da guerra, os soldados foram derrotados. Era óbvio que a corrupção estava se espalhando no exército e no serviço público. Os mandarins eram regularmente subornados para permitir a importação de produtos ilegais. E em Cantão o mercado estava abastecido com o aparato do comércio de ópio.

O imperador ordenou uma repressão e vários usuários de drogas foram presos. Para enfatizar o argumento do imperador, um comerciante de ópio foi crucificado publicamente em Cantão. Um barco chinês foi pego descarregando ópio que se acredita ter sido comprado de Thomas Perkins. A princípio nada foi feito, mas então todo o comércio foi interrompido. No dia em que Bennett Forbes se tornou sócio da Russell and Company, ele reclamou que eles não podiam descarregar um baú de ópio.<sup>19</sup> Russell and Company anunciou que deixaria de comercializar ópio. Seu agente, John Green, enviou instruções à Índia para interromper todo o comércio de ópio. Mas era tarde demais para eles e outros. O agente do imperador, Lin Tse-hsu, cercou todos os navios britânicos e americanos e os sujeitou à prisão domiciliar. Ele então confiscou 20 mil baús de ópio e encenou a versão chinesa do Boston Tea Party, misturando o ópio com cal e jogando-o na água. Russell and Company perdeu 1.400 baús, Jardine e Matheson perderam 7.000 baús e a British Dent and Company perdeu 1.700 baús.

Mesmo depois da destruição de milhões de dólares em drogas, a prisão domiciliar continuou. Americanos ricos na China, incluindo Warren Delano, AA Low e John Green, foram forçados a viver sem criados e tiveram que cozinhar para si mesmos pela primeira vez. A punição foi consideravelmente menos severa do que a infligida aos chineses

parceiros no comércio, que foram presos e rapidamente executados.

Por fim, o debate sobre o ópio chegou ao Parlamento. Estadistas como William Gladstone condenaram o comércio de ópio e seu efeito sobre os chineses, mas no final o dinheiro era a chave. A única maneira de compensar os empresários britânicos por sua perda era declarar guerra à China. A breve guerra obrigou a China a assinar um tratado dando aos britânicos Hong Kong e acesso aos seus mercados.

## O LEGADO DO COMÉRCIO DA CHINA

A área que se tornaria Hong Kong substituiu as pequenas ilhas e armazéns flutuantes que serviam como depósitos de ópio. De Hong Kong, os navios podiam navegar ao longo da costa e espalhar o ópio para um número ainda maior da população chinesa. Mas junto com a legalidade veio uma diminuição nos lucros. A empresa de navegação chamada Peninsular and Oriental Steamship line permitia que os compradores chineses fizessem pedidos de ópio diretamente à Índia, eliminando o intermediário britânico.

Mas algumas empresas prosperaram na nova situação. Para a firma Jardine e Matheson, a Guerra do Ópio representou um novo começo. Tornou-se famosa pelo romance de James Clavell *Noble House*, Jardine e Matheson, a casa que o ópio construiu, cresceu e prosperou como resultado de ter o poder da Inglaterra por trás dela. Hoje Simon e Henry Keswick, descendentes diretos de William Jardine, dirigem a empresa, que não violou as regras inglesas ou chinesas desde os dias da Guerra do Ópio. Ela tem seus muitos tentáculos no transporte marítimo, na Cunard Line, comércio, vendas de automóveis, corretagem, engenharia, restaurantes e hotéis, investimento e gestão imobiliária, seguros e bancos.

O poder que Jardine e Matheson outrora exerciam em Londres não é mais tão forte, pois a empresa não conseguiu persuadir Margaret Thatcher a permanecer em Hong Kong. Em 1984, Hong Kong estava a treze anos de retornar ao domínio chinês. Jardine e Matheson mudaram sua lista de câmbio para Cingapura, o que enfureceu a China. Os ressentimentos entre a empresa e a China moderna ainda persistem. Jardine e Matheson são considerados por muitos, incluindo a China, como tendo

desempenhou um papel importante na nomeação de Chris Patten como último governador de Hong Kong sob o domínio britânico. As reformas democráticas de Patten e as críticas de Henry Keswick à China depois da Praça Tiananmen em 1989 mantiveram o relacionamento tênue.<sup>20</sup> Em 1995, mais da metade dos lucros da Jardine ainda eram obtidos na China e em Hong Kong.

Uma empresa concorrente da família persa-inglesa de Sassoon também tinha uma participação importante no comércio com a China. Como seus colegas escoceses, os Sassoons trouxeram ópio para a China, mas o deles era cultivado em casa. Saleh Sassoon era o tesoureiro do Ahmet Pasha, ou governador de Bagdá. Quando o paxá foi deposto, a família mudou-se para Bombaim. David, filho de Sassoon, tornou-se comerciante e obteve uma licença para comercializar ópio e algodão indianos. As Guerras do Ópio foram um breve revés, mas o filho de David, Edward Albert, trouxe os lucros do ópio para a Inglaterra, onde aumentou a fortuna da família no comércio de têxteis. Ser nomeado cavaleiro pela rainha foi a recompensa de Eduardo por sua contribuição para a economia. E casar com um Rothschild era um meio de garantir seu poder.

## O LEGADO DE ÓPIO NA AMÉRICA

Por sua parte no negócio das drogas, os americanos levaram muito dinheiro para casa. Em 1844, Caleb Cushing criou o tratado americano com a China, que permitia oficialmente navios americanos no comércio com a China.

Depois das guerras na China, o tráfico de drogas tornou-se mais perigoso, pois havia competição asiática e havia navios a vapor muito mais rápidos. Firms britânicas e americanas começaram a levar drogas para áreas mais seguras - as suas. Na Grã-Bretanha, as cidades de Liverpool, Dover, Bristol e até mesmo Londres eram os centros de importação de drogas. Foi nessa época que as tentativas de regular o uso do ópio se tornaram sérias.<sup>21</sup> Entre antes e depois das Guerras do Ópio, as importações de ópio na Inglaterra triplicaram para 280.000 libras.<sup>22</sup> A droga era até prescrita para crianças em misturas como o Calmante da Sra. Winslow, e mães solteiras descobriram que era uma maneira fácil de

interromper uma gravidez indesejada. O ópio seria regulamentado como um veneno em 1868, mas sem

pena. A morfina derivada do ópio logo foi a causa do vício massivo de veteranos da Guerra da Crimeia que voltaram, que aprenderam a injetar a droga.

O comércio de drogas na Europa se espalhou e foi o produto de uma aliança entre famílias de criminosos de várias nações e empresas farmacêuticas suíças e alemãs. Um grande número dessas empresas ficava feliz em lidar com os contrabandistas, simplesmente despachando drogas sob rótulos deliberadamente enganosos.<sup>23</sup> Por exemplo, as empresas alemãs vendiam heroína, o mais recente derivado do ópio, como aspirina. A Turquia foi a única nação que resistiu às demandas da Liga das Nações e lucrou com sua própria produção de ópio. A Turquia resistiu até 1931, quando fechou oficialmente suas fábricas. A Bulgária pegou a folga.

O comércio de drogas, é claro, nunca parou. Cada vez mais clientes compravam os produtos e, à medida que a regulamentação crescia, também cresciam os lucros do comércio. A única parte que mudou é o nível de violência. Quando as corporações controlavam a indústria, elas não precisavam competir de forma diferente de como tinham na venda de outros produtos. Quando as corporações foram substituídas por criminosos, aqueles que sentiram a necessidade de se livrar da concorrência muitas vezes as mataram.

Em 1840, os da Nova Inglaterra importaram 24 mil libras de ópio para os Estados Unidos. Isso atraiu muita atenção, mas a reação dos EUA foi impor um imposto sobre o produto. Os importadores de drogas, antes dependentes de um pequeno grupo de viciados em sua terra natal, logo ganharam milhares quando a Guerra Civil viu um aumento no ópio prescrito e no consumo de ópio. Horace Day escreveu *The Opium Habit*, culpando a Guerra Civil pela disseminação massiva do vício.

## Capítulo 16

# RIQUEZA: O LEGADO DE O COMÉRCIO DE ÓPIO

**N**Ova a Inglaterra sempre teve uma classe de elite. Algumas das primeiras famílias eram ricos ou pelo menos titulares na Inglaterra, enquanto outros eram proeminentes em suas respectivas igrejas. Por quase quatrocentos anos, o status foi conferido por quão longe o nome da família poderia ser rastreado. Havia duas classes de pessoas que vieram para o início de Massachusetts: os primeiros de sangue azul, os dissidentes religiosos do distrito de East Anglia, ao norte de Londres, e uma comunidade geograficamente mais variada grupo de "outros".

Os blue bloods se tornaram a primeira e original classe alta de Massachusetts. Eles eram puritanos liderados por John Winthrop da cidade de Groton em East Anglia. Winthrop foi comparado ao bíblico Neemias, que tirou seu povo do cativeiro babilônico. Na Inglaterra, os puritanos talvez constituíssem 20% da população; em East Anglia, estava perto de 40%. O mapa da Nova Inglaterra fornece a evidência da infiltração puritana: Boston, Ipswich, Lynn, Norfolk, Suffolk e Essex estão entre os muitos nomes de cidades trazidos de sua pátria para a Nova Inglaterra do século XVII. Os puritanos eram favorecidos e desfavorecidos e corriam o risco de perseguição quando os reis da Inglaterra iam e vinham, casavam-se ou se convertiam. O Novo Mundo, eles esperavam, proporcionaria alívio e a versão puritana da liberdade religiosa.

O segundo grupo era de uma área geográfica muito mais ampla. Isso incluiu os huguenotes que fugiram da perseguição católica na França e foram

nem sempre bem-vindo em outros países. Em 1585, o Édito de Nantes concedeu-lhes liberdade religiosa, mas foi posteriormente rescindido. Tropas na França católica supervisionaram a reconversão. Isso fez com que muitas famílias, incluindo os Faneuils, Bowdoin, Reveres e Olivers, se mudassem para a Nova Inglaterra. Trouxe os Jays e Bayards para Nova York.<sup>1</sup> Os huguenotes eram, em primeiro lugar, mercadores e, devido à natureza precária de sua existência e sobrevivência na Europa, eram possivelmente um povo muito mais adaptável.

O prestígio foi trazido da Europa, alcançado com o dinheiro acumulado no Novo Mundo ou adquirido pelo casamento. No final do século XVII, as distinções entre os tipos europeus de protestantismo foram borradas e as lutas colocaram os protestantes ingleses contra os católicos escoceses e irlandeses. Os ingleses favoreciam o governo parlamentar, enquanto os católicos irlandeses e escoceses freqüentemente favoreciam o rei, especialmente se fosse um rei Stuart.

Boston era um microcosmo dessa velha sociedade, onde a camada superior de um sistema de classes foi construída sobre o status na Europa e na igreja e mais tarde juntou-se àqueles que fizeram fortuna no Novo Mundo. Os membros dessa classe estavam empenhados na autopreservação e realizavam isso de várias maneiras: casamento misto, domínio nos negócios e na política e dotação de instituições públicas. Cabots casou-se com Lowells, Roosevelts casou-se com Astors e Paines casou-se com Whitneys. Esses nomes eram como tatuagens tribais; eles indicavam linhagem real e, portanto, prestígio. Os nomes também serviram para excluir certos grupos, e a pressão foi exercida sobre os membros individuais da família para que se casassem dentro de sua posição.

Fortunas acumuladas em imóveis, corsários, comercialização ou presunção foram reinvestidas em ferrovias, fábricas de têxteis, seguradoras e bancos, permitindo que a classe de elite controlasse a economia. O dinheiro comprou políticos e elegeu aqueles que optaram por enfrentar as águas políticas. Dinheiro - muitas vezes do comércio de ópio, contrabando e comércio de escravos - era usado como um fundo patrimonial para construir instituições educacionais e comprar cadeiras profissionais que

controlariam quem seria aprovado para entrar na elite e como a história seria vista.

As universidades e museus determinaram como os livros de história

seria escrito. Eles podiam colorir o passado de acordo com eles próprios ou outros. Os cortadores de ópio eram chamados de "cortadores de chá". O comércio de escravos se tornou o "comércio de açúcar e melão". A especulação em tempos de guerra e a fraude de preços simplesmente não foram discutidas. Os negociantes de escravos que agora eram presidentes de bancos eram "homens de negócios proeminentes". E muitas pessoas cujas fortunas foram construídas com ópio e tráfico de escravos tornaram-se esses homens de negócios proeminentes.

## OS APPLETONS

A fortuna dos Appletons começou a se acumular quase após seu desembarque no Novo Mundo no século XVII, mas foi posteriormente aumentada pela associação com o comércio da China e com o clientelismo. A família vivia no auge da sociedade de Boston, conhecida como Boston Associates,<sup>2</sup> um grupo coeso que incluía dois Appletons, um Cabot-Lowell, dois Jacksons e um punhado de outros que estabeleceriam a base da indústria da Nova Inglaterra.

A família Appleton remonta ao século XVI na Inglaterra. Samuel Appleton (1766-1853) lutou na Guerra do Rei Philip e foi membro do primeiro conselho provincial e juiz de Connecticut. Ele também possuía uma serraria e investiu em uma das primeiras siderúrgicas em Massachusetts. An Appleton casou-se com Perkins em 1701, e os descendentes dos primeiros colonos incluem Jane Means Appleton Pierce, que se tornou a primeira-dama do décimo quarto presidente, Franklin Pierce; e Calvin Coolidge, o trigésimo presidente.

Samuel Appleton iniciou a família no ramo têxtil e fez investimentos significativos em imóveis e ferrovias. Ele se casou com Mary Gore. Appleton estava ativamente envolvido na Sociedade Histórica de Massachusetts, foi curador do Hospital de Massachusetts e contribuiu para Dartmouth, Harvard e o Asilo Feminino de Boston.

Nathan Appleton (1779-1861) foi o fundador da Boston Manufacturing Company, da Waltham Cotton Factory, da Hamilton Company e de várias outras fábricas. Os Appletons, junto com os Lowells, Jacksons e Thorndikes, trouxeram para Massachusetts o primeiro

teares que operavam nos Estados Unidos. Como grupo, eles são responsáveis por colocar Waltham e Lawrence, Massachusetts, e Manchester, New Hampshire, no mapa como cidades têxteis. Nathan Appleton foi um dos fundadores da cidade têxtil apelidada de Lowell em homenagem a John Lowell, descendente de outra primeira família da Nova Inglaterra. Appleton serviu por vários mandatos na legislatura do estado de Massachusetts e na Câmara dos Representantes dos Estados Unidos, e também se tornou um organizador do Boston Athenaeum.

Nathan possuía navios, fundou bancos e seguradoras e investiu em ferrovias e em projetos de infraestrutura. Seu irmão William tornou-se presidente da sucursal de Boston do Banco dos Estados Unidos. Appletons, Jacksons e Lowells controlavam o conselho do Suffolk Bank, que atuava como o banco central da Nova Inglaterra.

Henry Wadsworth Longfellow teve a sorte de nascer em uma das primeiras famílias de New Hampshire, os Wadsworths, o que lhe permitiu viajar pela Europa e escrever poesia. Ele se casou com Frances Appleton, filha de Nathan Appleton, o que aumentou substancialmente a riqueza de Longfellow. The Longfellow House em Cambridge foi um presente de seu sogro. Longfellow possuía ações em pelo menos cinco empresas têxteis nas quais seu sogro investia, e quando seu amigo e contemporâneo Charles Dickens visitou as fábricas de Lowell, não é de admirar que ele as comparasse favoravelmente às da Inglaterra.

Jesse Appleton era um homem de princípios. Ele serviu como presidente do Bowdoin College, onde Longfellow fora aluno e professor. As filhas de Jesse se beneficiaram tanto de sua posição quanto de suas aulas e desenvolveram um talento especial para casar bem. A filha Frances se casou com um professor Bowdoin. A filha Mary casou-se com John Aiken, advogado de destaque e investidor significativo na indústria têxtil.

Apesar do envolvimento da família no comércio da China, Jane Appleton tinha um senso de moralidade que parece estar em desacordo com sua fortuna. Quando ela conheceu Franklin Pierce, que estudava no Bowdoin, ele estava estudando para se tornar advogado. A família Appleton desencorajou a partida, já que Pierce não era tão proeminente

quanto os Appletons, apesar do fato de seu pai ser governador de New Hampshire.

Pierce entrou cedo na política, uma carreira que andava de mãos dadas com ser advogado. Ele era um jacksoniano, o que o colocava contra a classe Whig da elite endinheirada de Massachusetts, mas ao mesmo tempo era pró-escravidão. Pierce logo se aposentou da política para se alistar como soldado na guerra contra o México. Ele surgiu um general e um herói de guerra. Quando seu status de herói de guerra aumentou seu valor como candidato, Pierce foi arrastado para a política nacional pela mesma facção que havia removido Taylor. Jane Appleton Pierce fez tudo o que pôde para impedir que seu marido se tornasse um candidato presidencial. O fato de ele conseguir a indicação do partido a fez desmaiar e, por um tempo, ela lutou contra sua ida para Washington, pois o lugar tinha a reputação de beber muito, o que para ela era imoral.

Uma tragédia incrível atingiu Jane e Franklin Pierce, quando seu terceiro e único filho sobrevivente foi morto a caminho da posse em Washington. Jane evitou a vida pública e uma amiga de infância assumiu seu lugar nas funções da Casa Branca.

Pierce foi um presidente de um único mandato com talento para criar divisões. Ele foi o primeiro presidente a nomear um membro do gabinete não protestante. O postmaster general era James Campbell, um católico da Pensilvânia cuja nomeação e recepção de um delegado papal ajudou a criar a reação que se tornaria o partido Know-Nothing (nativista americano). Pierce endossou o projeto de lei Kansas-Nebraska, que foi o foco do furacão da escravidão e levou à divisão do Partido Democrata e ao fim do Partido Whig - e à criação do Partido Republicano. Ele levou a Inglaterra e a América à beira da guerra pela terceira vez por causa de políticas e prejudicou ainda mais as relações com a Europa quando os planos de anexar Cuba vazaram para a imprensa europeia.

O procurador-geral de Pierce, Caleb Cushing, era o verdadeiro poder por trás do "trono". O maçom de trigésimo terceiro grau e comerciante de ópio era o grão-mestre da política divisionista que ameaçava a nação. O secretário de guerra de Pierce, Jefferson Davis, completou a conspiração, levando os estados do sul à guerra contra a União.

O casamento de Jane Appleton com Pierce não era a única ligação que a família Appleton tinha com a presidência. Nathan Appleton tornou-se sogro de Thomas Coolidge, cujo descendente também alcançaria

a Casa Branca. O dinheiro de Coolidge também havia sido aumentado no comércio com a China, e Thomas Coolidge não teve escrúpulos em admitir sua devoção à aquisição de riqueza, já que "o dinheiro estava se tornando o único caminho real para o poder e o sucesso tanto socialmente quanto no respeito de seus colegas- homens." <sup>3</sup>O dinheiro de Coolidge foi espalhado em Harvard e no Museu de Belas Artes de Boston, entre outras instituições. O dinheiro de Coolidge também daria início à United Fruit Company, que uniu outras famílias proeminentes da Nova Inglaterra por cem anos.

## OS CABOTS

Samuel Eliot Morison, uma das mais altas autoridades da América na história do comércio marítimo, escreve: "Seaboard Massachusetts nunca conheceu algo como social-democracia ... As desigualdades de riqueza transformaram a democracia política em uma farsa." <sup>4</sup>Escrevendo sobre as mansões da Nova Inglaterra pré-revolucionária, que incluem George Cabot em Beverly, Jonathan Jackson em Newburyport e John Heard em Ipswich, Morison aponta o mar como a fonte de riqueza. Referindo-se abertamente à Revolução como um efeito da dura política marítima de George III, Morison chama Boston de sede da Revolução. O que a Inglaterra chama de contrabando, ele enfatiza, os americanos chamam de livre comércio.<sup>5</sup>

A família Cabot começou a fortuna da família na chegada à América, quando John Cabot emigrou das Ilhas do Canal para Salem em 1700. Seu filho Joseph tornou-se um comerciante bem-sucedido e casou-se com um membro da família Higginson, uma das mais proeminentes da colônia.

George Cabot era o sétimo dos onze filhos de Joseph e, apesar de sua educação em Harvard, foi enviado como grumete sob o comando de dois irmãos mais velhos. Os navios de seu pai eram ativos com as colônias espanholas no comércio de rum e peixe, dois produtos básicos das plantações de escravos. Aos dezoito anos, George foi nomeado capitão. Depois de quatro anos no mar, George se casou e assumiu uma participação no negócio da destilaria do lado da família de sua esposa, bem como o controle dos interesses marítimos de seus irmãos. George fez sua última viagem aos 27 anos, quando já era capitão da indústria.

A Guerra Revolucionária foi um grande negócio para George, pois ele equipou quarenta navios como corsários e compartilhou ricamente muitos prêmios. O que Cabot e seus companheiros mercadores haviam lutado, além dos prêmios, era fazer uma união das colônias na crença de que isso iria expandir seus negócios mercantis. E por um tempo isso aconteceu. Em 1784, George Cabot já negociava através do Mar Báltico, sendo pioneiro no comércio russo com seus navios *Bucanier and Commerce*.<sup>6</sup> Em 1787, com o fim da guerra, a família Cabot fundou a *Beverly Cotton Manufactory*. Cabots também possuía frotas pesqueiras em Beverly, o que levou o senador George Cabot a redigir e aprovar uma lei dando aos pescadores uma recompensa para expandir o negócio da pesca do bacalhau.

De 1789 a 1799, Alexander Hamilton ditou a política financeira e externa para as duas primeiras administrações do país. Seu conselho privado chamava-se *Essex Junto*.<sup>7</sup> Composto por George Cabot, Stephen Higginson, Jonathan Jackson, John Lowell e Thomas Pickering, o Junto quase criou uma segunda revolução quando as políticas de Jefferson não estavam de acordo com os próprios interesses financeiros do conselho.

As fortunas do *Essex Junto* foram feitas principalmente com o mar e com o comércio irrestrito. Suas necessidades de crédito não eram atendidas pelo governo nascente em Washington, mas pelas mesmas facilidades em que os membros confiavam antes da Revolução: as casas bancárias de Londres. O *Essex Junto* foi na verdade uma conspiração traidora, pois se separou dos Estados Unidos por causa do embargo de Jefferson. Quando estava em casa entre seus companheiros aristocratas, George Cabot era um pilar da sociedade compacta; fora da Nova Inglaterra, ele era um anarquista, uma acusação que fizera contra Jefferson. A conspiração estourou quando o embargo foi levantado.

O senador George Cabot, cuja mãe era Elizabeth Higginson, casou-se com sua prima, também chamada Elizabeth Higginson. A união foi um dos muitos casamentos dinásticos entre as famílias do ópio que se tornaram a classe brãmane de Boston. George consolidou ainda mais seu papel no estabelecimento servindo como presidente da filial de Boston do *United States Bank*, como diretor da *Suffolk Insurance* e como presidente da *Boston Marine Insurance*.

O próximo Cabot famoso foi Edward (1818-1901), o terceiro de

onze filhos de Samuel Cabot e Eliza Perkins (filha de Thomas Handasyd Perkins). Descendente de duas das mais poderosas famílias de comerciantes da China, Edward Cabot decidiu ser criador de ovelhas. Depois de perder uma fortuna naquele negócio em Illinois, ele voltou para casa e tornou-se arquiteto. Edward receberia encomendas para projetar a Universidade Johns Hopkins e o Boston Athenaeum, ambos financiados pela família.

O Cabot mais conhecido pode ser Henry Cabot Lodge, um doutorado em Harvard. historiador que virou político. Um verdadeiro elitista, ele lutou contra o sufrágio feminino e até contra a eleição direta de senadores norte-americanos. Para promover essas políticas elitistas, a família Cabot patrocinou organizações como o Instituto Brookings, onde líderes mundiais como James Wolfensohn, do Banco Mundial; Henry Schacht de Warburg, Pincus; David Rockefeller; e Barton Biggs, do Morgan Stanley, eliminam a divisão político-corporativa e influenciam a política governamental.

## OS LOWELLS

Um ditado elitista de Boston afirma que os Lowell falam apenas com os Cabots, e os Cabots falam apenas com Deus.

A família Lowell alcançou seu status na sociedade brãmane por sua chegada às colônias e o desenvolvimento de Newburyport como um dos primeiros centros de construção naval e uma comunidade mercante. As primeiras famílias fizeram tudo o que puderam para preservar seu status e riqueza, incluindo casar-se com outras famílias ricas e prestigiosas.

John Lowell fez parte da classe de 1721 em Harvard e compartilhou salas de aula com Hancocks, Winslows, Hutchinsons e Woolcotts. Um grande exemplo do que o casamento dinástico pode produzir é o relacionamento de John Lowell e Jonathan Jackson. John "Old Judge" Lowell, formado em Harvard em 1761, casou-se com a filha de Stephen Higginson, um importante comerciante, e com Elizabeth Cabot Higginson. Como Lowell era advogado, essa conexão manteve seu status na comunidade mercantil, que já havia sido estabelecida por sua família.

Jonathan Jackson, amigo íntimo de John, herdou vinte mil

libras e casou-se com a filha de Patrick Tracy, um dos comerciantes mais ricos de Bostons. O casamento aumentou a riqueza de Jackson e seu status como comerciante, e estendeu suas conexões para a Inglaterra - uma conexão necessária para financiamento. Para Jackson, John Lowell representou conexões; para John Lowell, Jackson significava mais clientes. A parceria foi cimentada pelo casamento entre as famílias. O filho de John Lowell, Francis Cabot Lowell, nasceu de sua segunda esposa, Susan Cabot. Francis Cabot Lowell casou-se com Hannah, filha de Jackson e sua primeira esposa.

John e Elizabeth Lowell eram o melhor casal da Nova Inglaterra, e sua casa em Boston na High Street era vizinha à de seus melhores amigos, os Jackson. Desta base de poder os dois homens puderam aumentar suas fortunas, graças à Revolução. John representava os negócios das famílias britânicas, cuidava dos testamentos dos principais patrícios em Boston, coletava setecentas taxas separadas relacionadas a ações de corsários e era encarregado de liquidar muitas propriedades de propriedade dos conservadores após a guerra. Sua máquina legal se beneficiou de sua ação na política inicial do novo país.

John Lowell serviu como membro da Convenção Constitucional do Estado, que defendia que "todos os homens nascem livres e iguais", mas é duvidoso que ele pessoalmente tenha defendido tais sentimentos. Tanto Lowell quanto seu melhor amigo, Jackson, eram proprietários de escravos. John Lowell tem a distinção de ser o último homem em Boston a possuir uma escrava negra.

Depois da guerra, as classes foram divididas ainda mais na América, à medida que a depressão econômica e os impostos mais altos se abateram. Um enorme abismo existia entre os ricos e os pobres, e os Lowell estavam entre aqueles que tinham tudo. Para ter um lugar para guardar tudo, Lowell, junto com membros das famílias Russell e Higginson, fundou o Banco de Massachusetts, que se tornou o Primeiro Banco Nacional de Boston.

Embora a riqueza da família Lowell já fosse uma das maiores e eles fossem um dos clãs mais poderosos do novo país, Francis Cabot Lowell

aumentou ainda mais a riqueza da família e deixou uma marca na indústria têxtil americana

Na Inglaterra, Richard Arkwright lançou a revolução industrial

trazendo máquinas para a indústria têxtil, que antes dependia das pessoas em suas casas. Fiar, cardar e tecer fios em teares manuais era a indústria artesanal original. Uma mulher costumava ir a um lojista, comprava o fio em consignação e devolvia um pano tecido para obter lucro. As mulheres podiam tecer em casa enquanto ganhavam um salário ao mesmo tempo. A revolução industrial mudaria a indústria doméstica para uma baseada na fábrica, começando com o quadro de fiar, a primeira máquina totalmente equipada para fiar fio.

Um assistente de Richard Arkwright, Samuel Slater, memorizou o desenho da fiação e a trouxe para a América, onde o traficante de escravos Moses Brown financiou a primeira fiação de algodão em Pawtucket, Rhode Island. Para Brown, foi uma progressão natural de um tipo de trabalho cruel para outro; em vez de explorar o trabalho cativo, havia toda uma nova classe de trabalho pronta para ser usada - as crianças. A empresa construída por Brown foi nomeada em homenagem ao inventor da máquina, Arkwright.

Francis Cabot Lowell seguiu o exemplo de Brown e foi para a Inglaterra em 1810 para fazer planos para sua própria fábrica. Sua primeira fábrica seria uma parceria com o cunhado Tracy Jackson, bem como com Paul Moody e Nathan Appleton. A fábrica de Lowell combinava todas as operações de transformação de algodão cru em roupas acabadas. Assim que percebeu que isso poderia ser feito, ele usou sua influência política para pressionar por altas taxas sobre os tecidos importados, a fim de diminuir sua competição.

O círculo íntimo de Lowell da Boston Associates procurou então um local para construir usinas ainda maiores. Eles descobriram que a confluência dos rios Concord e Merrimack era perfeita para fornecer a energia hídrica necessária para alimentar seus teares. Assim, a sonolenta aldeia agrícola de East Chelmsford foi transformada em uma aldeia industrial chamada Lowell.

Lowell era muito mais do que uma única fábrica; foi a primeira cidade corporativa. Várias corporações foram formadas e batedores foram enviados por todo o estado para encontrar os operadores de máquinas

necessários. As crianças eram a melhor fonte de trabalho. Os tempos eram difíceis e havia uma grande quantidade de crianças de apenas dez anos. As mais novas das moças da fábrica eram "trocadoras", trocando ou tirando todas as bobinas das fiações

e substituí-los. Essas meninas trabalhavam quatorze horas por dia, começando às cinco da manhã, pela generosa soma de dois dólares por semana.<sup>8</sup>

Como nas cidades mineiras, operadores têxteis inescrupulosos muitas vezes permitiam que os trabalhadores aumentassem os preços nas lojas das fábricas. A combinação de preços inflacionados e dívida acumulada garantiu a permanência dos trabalhadores. As mulheres e crianças trazidas para a cidade industrial muitas vezes não tinham dinheiro para sair, sua condição reduzida a algo não muito diferente da escravidão.

Os proprietários de fábricas de elite eram capazes de colorir as coisas de maneira diferente. John Greenleaf Whittier, poeta e editor de jornal, morava perto de Lowell e escreveu sobre a cidade do moinho, descrevendo-a como uma "cidade que surge como os palácios encantados dos contos árabes". Esses "palácios" de tijolos funcionavam seis dias por semana, quatorze horas por dia, e quando escurecia, lâmpadas de óleo de baleia estendiam o dia. As condições de vida eram piores. As acomodações eram em blocos de dezesseis "casas", com quinhentas pessoas forçadas a usar uma privada. Em outro cortiço em Lowell, os inquilinos tinham que carregar seus resíduos, humanos ou não, para a Austin Avenue. Em outro bloco Lowell, os comissários contaram 396 pessoas vivendo em condições que Whittier descreveu como sujas, anti-higiênicas, sujas e miseráveis. Mas as mulheres tinham que morar lá como condição de seu emprego. O que senhor<sup>9</sup>

Apesar das condições, o salário era mais alto do que uma adolescente poderia ganhar fora do sistema fabril, e as crianças podiam enviar dinheiro para suas famílias. Apesar dos abusos, os operários não brigaram por aumentos. No final, eles foram forçados a lutar para manter o mesmo salário, já que os proprietários das fábricas começaram a cortar salários depois que a concorrência de outras fábricas cresceu. A situação difícil das mulheres da fábrica conquistou atenção nacional muitas décadas depois, quando Mary Jones, de 73 anos, marchou com várias centenas de trabalhadores têxteis, metade deles com menos de 16 anos, da Filadélfia a Nova York para visitar o presidente Teddy Roosevelt. Nessa época, as

fábricas e minas americanas empregavam dois milhões de crianças.  
Marchando em farrapos, muitas das mulheres sem dedos

devido a acidentes com máquinas, o grupo tentou primeiro visitar um senador por Nova York e depois Teddy Roosevelt em sua mansão. Os dois homens evitaram a manifestação, mas o clamor público criado pela marcha finalmente resultou em leis de proteção à criança.

Embora muitos membros da elite da Nova Inglaterra mantivessem o dinheiro e o poder de sua família intactos, foi o nome Cabot que permaneceu como uma força política. Henry Cabot Lodge serviu no Congresso e no Senado de 1893 a 1924 e foi até nomeado presidente por Teddy Roosevelt na Convenção Republicana de 1916. O neto de Lodge, Henry Cabot Lodge, foi embaixador de John F. Kennedy no Vietnã do Sul e esteve fortemente envolvido nas negociações secretas que levaram ao assassinato do presidente do Vietnã do Sul, Ngo Dinh Diem.

## PERSEGUINDO O DRAGÃO

Após a primeira Guerra do Ópio, a corrida do ouro na Califórnia desviou a atenção do comércio de ópio na China. A grande corrida para chegar ao Ocidente significava que havia mais dinheiro a ser ganho com o transporte de mercadorias para a Califórnia do que para a China. Os magnatas orientais, enriquecidos com o comércio do ópio, foram a força motriz por trás da corrida para construir uma ferrovia transcontinental. Com a escravidão proibida, a segunda melhor mão de obra era importada e barata. Os proprietários das ferrovias se voltaram para a China, para onde os cules, ou trabalhadores não qualificados, podiam ser transportados em navios junto com o ópio.

Muitos chineses desejavam deixar seu país porque a fome e os impostos afetavam a agricultura. Muitos dos imigrantes vieram das mesmas províncias costeiras onde o negócio do ópio prosperou. O meio de sair da China era tão difícil quanto a imigração nos navios da morte da Irlanda - às vezes pior. Chamado de comércio de porcos, os imigrantes eram tratados como escravos ao embarcarem nos navios de transporte, que muitas vezes eram administrados por americanos. Os chineses foram marcados com a letra C para seu destino, Califórnia. Eles se comprometeram com um período de inden-tura que muitos não entenderam. Milhares seriam

"dispensados" de suas obrigações, já que a taxa de mortalidade era surpreendente 40 por cento, maior do que a do comércio de escravos africanos.

A maioria dos imigrantes cuja passagem foi paga - ao preço da escritura - eram homens destinados a trabalhar nas ferrovias. Para servir aos homens, os capatazes chineses trazem drogas e, ocasionalmente, prostitutas. Muitas das mulheres trazidas para trabalhar como prostitutas foram vendidas por suas famílias ou sequestradas; alguns eram tão jovens quanto oito anos velho.<sup>10</sup>

A emigração da China espalhou o uso do ópio para a Austrália e o Peru, dois outros destinos comuns, bem como para a Califórnia. Na América, a nação estava descobrindo os aspectos negativos do vício em drogas, mas não houve protestos públicos até que o ópio se tornou associado aos imigrantes.

Enquanto nas garras de uma nova histeria contra a imigração e os pobres, as atitudes dos americanos mudaram. Era possível comprar heroína no catálogo da Sears ou no supermercado e maconha na drogaria, mas agora o governo americano e a mídia de Hearst procuravam convencer os americanos de que tais males estavam sendo impingidos ao país por estrangeiros. Os chineses trouxeram o ópio, os mexicanos trouxeram a maconha e os negros trouxeram a cocaína. O chefe do Federal Bureau of Narcotics, Harry J. Anslinger, e os jornais Hearst se manifestaram contra qualquer coisa que fosse associada a pessoas dessas heranças, incluindo sua música. Até mesmo os sindicatos, ameaçados pelo grande número de trabalhadores asiáticos, chamavam os chineses de presunçosos do narcotráfico.<sup>11</sup>

A opinião editorial da organização Hearst espelhava a posição da Ku Klux Klan de buscar 100% de "americanismo". Os primeiros filmes de Thomas Edison foram sobre os chineses e sua alegada propensão ao ópio. Os americanos logo entenderam a mensagem. Uma coisa era quando as velhas adormeciam depois de cheirar um cachimbo de ópio; era outra quando estranhos estavam usando a droga.

Na virada do século, Roosevelt confiava na palavra para suprimir o ópio asiático. Embora fosse irônico que os Roosevelts e Delanos do século XIX tivessem construído uma fortuna familiar viciando os chineses ao

ópio, a maré havia mudado. A América estava fumando mais ópio a cada ano do que as seis maiores nações da Europa juntas.

O homem que poderia ser apelidado de primeiro secretário antidrogas da América, Hamilton Wright, afirmou que os chineses trouxeram o problema para as costas americanas e que o consumo de ópio ultrapassou os trabalhadores chineses. Ele apontou que 500 mil libras de ópio eram usadas a cada ano e menos de 10% eram para fins medicinais legítimos. Wright colocou a culpa nos "médicos ignorantes" e nos "farmacêuticos que desafiam a lei" e pediu ao país que estabelecesse leis que restringissem o consumo de ópio. Mas a cocaína também estava se tornando popular, e Wright afirmou: "É um conhecimento atual ... onde um grande número de negros se reúne, a cocaína é vendida abertamente".<sup>12</sup>

O resultado da histeria racista foi a Lei Harrison, que deu início à proibição de drogas como a heroína. A proibição teve dois resultados imediatos: elevou o preço da heroína em 1.500%<sup>13</sup> induziu o uso da seringa para ajudar os adictos a obterem mais retorno com seu dinheiro. Outro efeito de longo prazo foi a violência. Como não era mais uma droga usada principalmente por mulheres de meia-idade, o ópio e a heroína consideravam os jovens e os pobres clientes receptivos e repetitivos. O comércio ilegal era fonte de riqueza para quem enfrentava os riscos. Uma nova geração de contrabandistas tornou-se o legado da América. E os pobres aprenderam que não era mais preciso ter um nome como Cabot ou Lowell para ficar rico com o tráfico.

## Capítulo 17

# O PODER DO NOVO CRÂNIO E OSSOS

**O**m dos edifícios estranhos no Campus de Yale se assemelha a um mausoléu. Lá dentro, um jovem, um dos quinze juniores escolhidos a cada ano, está nu em um caixão. Ele não está morto; ele está recitando um sexual autobiografia de sua vida antes de ser "aproveitado" para o Skull and Bones. A cerimônia é chamada de Bem-aventurança Connubial e, sem dúvida, ajuda no processo de união que durará por toda a vida. <sup>1</sup>Ao redor estão os outros quatro adolescentes iniciados e os atuais membros, que são todos idosos em Yale. Os acontecimentos ficam mais estranhos, e dizem que, se alguém subisse ao topo do vizinho Weir Hall, "poderia ouvir gritos e gemidos estranhos vindos das entranhas da tumba". <sup>2</sup>Ao contrário de uma fraternidade normal, ninguém realmente mora no prédio; só realiza rituais lá. Também ao contrário de uma fraternidade, os iniciados Skull and Bones emergem mais ricos e com conexões que podem garantir uma vida inteira de sucesso.

O ex-presidente George Bush é um dos que jazem no caixão. Ele não é o único membro famoso; seu filho George W. Bush é outro. Um terceiro presidente, William Howard Taft, era um "Bonesman", e seu pai, Alphonso Taft, foi um dos fundadores. As chances de três presidentes saírem da mesma fraternidade de quinze membros por ano são infinitesimais. Então, novamente, o apoio de seus companheiros Ossos significa que eles têm influência - influência suficiente para chegar ao uso de White Ho. A lista de membros da Caveira e Ossos é uma das maiores concentrações de

poder nos Estados Unidos. Nomes como Pillsbury, Kellogg, Weyerhaeuser, Phelps e Whitney são abundantes. Eles governam no mundo dos negócios e governam na arena política.

Além dos três presidentes, vários congressistas, juízes e líderes militares foram membros da Caveira e Ossos. O senador John Chafee de Rhode Island é um membro. O senador Robert Taft era um membro. O conservador William F. Buckley é membro, assim como seu irmão proponente da CIA, James. A CIA como empregadora é uma reunião de classe virtual de Yale; ambas as organizações têm a mesma estátua de Nathan Hale,<sup>3</sup> e ambos são considerados um "campus", o que não é uma designação comum para a sede de uma unidade de inteligência do governo. E entre a reunião ativa da classe de Yale em Langley, a participação na Skull and Bones é considerada um dos antecedentes mais proeminentes. O diretor de pessoal nos primeiros anos era F. Trubee Davison, nomeado Bonesman em 1918. Quando a CIA tornou o Chile seguro para os interesses dos empresários americanos, o subchefe da estação foi o Bonesman Dino Pionzio. Bonesman Archibald MacLeish começou sua carreira em inteligência e depois mudou-se para a revista Time, do colega Bonesman Henry Luce. A nomeação de MacLeish para um cargo de inteligência foi concedida por outro membro das sociedades secretas de Yale, Wilmarth Sheldon Lewis do Pergaminho e Chave.<sup>4</sup>

McGeorge Bundy, o homem que nos deu uma guerra no Vietnã, é um membro da Caveira e Ossos. William Sloane Coffin, que saiu da CIA para protestar contra a guerra, também é membro. Russell Davenport, fundador da Fortune, é um Bonesman. O senador John Forbes Kerry, herdeiro da família Forbes, comerciante da China, também é membro.

Para muitos, observam os autores de *Wise Men, Six Friends and the World They Made*, "Ser membro de uma sociedade sênior em Yale foi o ápice de uma carreira de sucesso em Yale. O mais antigo e o maior, de fato o mais legendário ... foi Skull and Bones." Dois dos seis amigos mencionados no título do livro eram os membros da Skull and Bones, William Averill Harriman e Robert Abercrombie Lovett. Quando Harriman carregava despachos secretos na Primeira Guerra Mundial, ele os codificou

como 322, um código compreendido apenas por Ossos. Quando a terceira esposa Pamela Churchill

perguntou Harriman sobre isso em 1971, ele disse que não podia contar nem para ela.<sup>5</sup>

santuário quase maçônico, há poucas respostas. Se um Bonesman estiver em uma sala e o assunto da organização surgir, ele não apenas não responderá, mas também deixará a sala. Os juramentos feitos entre os ossos e crânios de esqueletos de celebridades nunca foram quebrados. Nem tem o poder.

Nos últimos anos, Ron Rosenbaum e Antony Sutton, autores de *America's Secret Establishment*, lançaram luz sobre a organização secreta. *The Skull and Bones* é o beneficiário de um fideicomisso estabelecido pelos herdeiros Russell and Company. Não se sabe quanto dinheiro da vasta fortuna comercial da China foi para a Russell Trust Association, mas cada membro escolhido começa com quinze mil dólares e inúmeras conexões valiosas. Os nomes antigos incluem Adams, Bundy, Cheney, Lord, Stimson e Wadsworth. Nomes de dinheiro novo incluem Harriman, Rockefeller, Payne e Bush.<sup>6</sup> Averill Harriman, da firma de Wall Street Brown Brothers Harriman, é outro membro e patrono da fortuna de Bush. E Brown Brothers Harriman é o repositório dos fundos da Caveira e Ossos.

Desta notável base de poder, os herdeiros do Russell Trust mantêm o controle como o círculo interno de poder. O círculo externo, que consiste em organizações que existem pelo menos à meia-luz do dia, incluem a Comissão Trilateral, o Instituto Brookings, o Conselho de Relações Exteriores e as Mesas Redondas de Comércio em várias cidades. Estes, por sua vez, garantem que a elite permaneça no controle dos negócios, governo, universidades e mídia americanos. Na verdade, uma porta giratória de membros da Trilateral e do Conselho de Relações Exteriores ocupam cargos importantes tanto no governo quanto nas empresas. Eles fazem as regras. Eles se permitem usar fundações isentas de impostos para garantir que as idéias da classe dominante sempre prevalecerão, financiando as pessoas e projetos "certos". O sistema de elite se perpetua.

Embora um manto de sigilo proteja o funcionamento interno dessas organizações, o sigilo está sob ataque. Em abril de 2001, o *New York Observer* e Ron Rosenbaum realmente filmaram os ritos secretos de

a iniciação da Caveira e Ossos. Usando equipamento de vídeo de visão noturna de alta tecnologia, a organização - cujos membros deram nascimento ao OSS e à CIA, ocupou vários cargos de secretário de Estado e serviu como conselheira de segurança nacional - foi espionada a si mesma. Embora a cena vulgar não precise ser recontada nestas páginas, teria sido um constrangimento muito maior se outras mídias tivessem levado a história adiante.

Existe uma agenda da Skull and Bones? Bonesmen "acredita na noção de 'caos construtivo', que justifica a ação secreta", escreve Joel Bainerman em *Inside the Covert Operations of the CIA and Israel's Mossad*. A política externa dos Bonesmen é quase sempre realizada por meio de uma agenda secreta.<sup>7</sup> Alphonso Taft era secretário da Guerra quando pressionou McKinley a declarar guerra à Espanha. Depois que McKinley foi assassinado, Teddy Roosevelt assumiu e trouxe o Homem-Bones, William Howard Taft. Outros membros da ordem que ocuparam cargos guerreiros incluem Henry Stimson, secretário de Estado de Hoover; Robert Lovett, secretário de defesa no auge da Guerra Fria; O general George Marshall, que se tornou secretário de Estado de Truman; McGeorge Bundy, conselheiro de segurança nacional de Kennedy; e Averell Harriman, embaixador geral para o sudeste da Ásia durante o Vietnã. Seguindo a doutrina Stimson de que deveria haver guerras periódicas regulares para desviar o descontentamento e reunir a nação para um único propósito, os Ossos George Bush e George W. Bush manteriam a tradição com breves excursões militares na Ásia e na América Latina.

Quanta influência a ordem da Caveira e Ossos exerceu na história do século XX? Na Ásia, a política americana começou com a política das famílias do ópio da Nova Inglaterra. Depois de colher fortunas na Ásia, as famílias voltaram sua atenção para casa, para ferrovias, fábricas e minas. Uma presença americana permaneceu na China enquanto os missionários então tentavam "reformatar" os chineses para aceitarem ainda mais os métodos ocidentais. Henry Luce era filho de um missionário na China. Ele foi enviado para Yale para estudar e foi escolhido para a Caveira e Ossos. Em *Whiteout: The CIA, Drugs and the Press*, Alexander Cockburn e Jeffrey St. Clair escrevem: "O Tap Day foi um ponto de viragem crítico

para Luce. Ele ansiava por ser escolhido para a Skull and Bones, a sociedade suprema em Yale, a suprema

honra."<sup>8</sup>Com oitenta e seis mil dólares emprestados principalmente de outros Yalies e amigos da família, Luce, com a ajuda de alunos de Yale servindo como assistentes, começou a revista Time, que mais tarde seria a revista Life.

Luce se casou com Clare Boothe Brokaw, que se interessou tanto pela China quanto ele. Juntos, eles agiram em nome do Instituto da América da China para trazer estudantes chineses para os Estados Unidos. Luce e sua esposa eram muito próximos da família governante chinesa Soong, cujas atividades corruptas ajudaram a ascensão do comunismo. Quando o exército de Chiang Kai-shek foi derrotado, o Lobby da China de Luce uniu John Foster e Allen Dulles, a família Rockefeller, Thomas Lamont e o cardeal Spellman para pressionar pela ajuda americana. Chiang perdeu credibilidade quando seu exército foi derrotado em uma batalha após a outra e ele e sua família saquearam trezentos milhões de dólares em fundos americanos. Mas Chiang não perderia o apoio de Luce, que ainda estava furiosa por Mao Tse-tung ter derrotado Chiang. A revista Time constantemente defendia a causa nacionalista.

Mao Tse-tung era um estudante de Yale, talvez como resultado dos esforços de Luce na China. A Yale Divinity School havia estabelecido várias escolas "filiais" na China, e Mao era seu aluno mais famoso. Embora ele não tenha sido escolhido para a Caveira e Ossos, quase todos os embaixadores recentes na China eram Homens Ossos: George Bush, Winston Lord e James Lilley, todos ex-alunos da Caveira e Ossos, todos serviram como embaixadores na China.

Com a franca Luce liderando o caminho, os Estados Unidos se reuniram para assumir a batalha francesa no Vietnã como um meio de restringir a expansão comunista. O resultado foi uma guerra longa, demorada e cara que ceifou dezenas de milhares de vidas e causou estragos na América ao trazer o vício em heroína a oitenta mil veteranos de guerra que retornavam.<sup>9</sup>

O Lobby da China e a Caveira e Ossos estavam firmemente por trás da Guerra do Vietnã e, infelizmente, estavam em posição de garantir que a guerra continuasse. Os chamados melhores e mais brilhantes, como

Bonesmen McGeorge Bundy, Henry Cabot Lodge e Dean Acheson (cujo filho é um Bonesman), deram maus conselhos a um presidente após o outro, enquanto os americanos se perguntavam quantas vidas o país seria forçado a

sacrificar a doze mil milhas de distância. O problema, entretanto, era maior do que a própria guerra. A CIA, dirigida por Yale, nunca parou de lutar e depois apoiar o exército KMT de Chiang Kai-shek, e logo a guerra se tornou uma batalha territorial para grandes corporações e traficantes de drogas.<sup>10</sup> O conflito no Vietnã foi uma fonte de lucros para as corporações que receberam a maior quantidade de negócios da guerra: Bell Helicopter Company da Textron, firmas químicas incluindo Dow Chemical e Monsanto, que produziu o Agente Laranja e outros desfolhantes, e a construtora Brown e Root, um dos principais patrocinadores do presidente Johnson.

## A CONEXÃO DE FRUTAS UNIDAS

Assim como o debate sobre o Vietnã foi decidido por um punhado, também as relações com a América Latina seriam decididas por alguns. Quando o negócio do ópio perdeu seu brilho, os sócios da Russell encontraram oportunidades em outro lugar. Joseph Coolidge, um sócio da Russell, entregou a herança do comércio marítimo a seu filho Thomas Coolidge, que organizou a United Fruit. A empresa começou como importadora de banana, mas logo se tornou dona das chamadas repúblicas de banana que controlava, possuindo suas ferrovias e sistemas de comunicação.

Os blue bloods de Yale e sua CIA estavam firmemente no controle da empresa, que também fazia negócios com os mafiosos de Nova Orleans. Joe Macheca, o suposto chefe do crime organizado em Nova Orleans, fundiu sua companhia marítima com a United Fruit em 1900. Seu sucessor do submundo, Charles Matranga, permaneceu próximo à United Fruit por toda a vida e, em seu funeral, os executivos da United Fruit prestaram homenagem.<sup>11</sup> A máfia de Nova Orleans era então controlada por Carlos Marcello, durante o qual importou morfina e cocaína de Honduras. No mesmo ano em que Marcello assumiu o controle, o conselho de administração comprou seu maior rival, Samuel Zemurray, com ações de sua empresa. Alguns anos depois, quando Zemurray se tornou um estorvo como membro do conselho de diretores, Thomas Cabot o demitiu.

Mais tarde, um novo desafio surgiu. Jacob Arbenz, o democraticamente

eleito presidente da Guatemala, decidiu que as terras deveriam ser devolvidas ao povo e, portanto, teve a ousadia de comprar as terras da United Fruit pelo valor que a empresa havia declarado que valiam.<sup>12</sup> O acionista da United Fruit, John Foster Dulles, disse que o país está sob "um reinado de terror do tipo comunista" e que os Estados Unidos devem agir.<sup>13</sup> O congressista de Massachusetts, John McCormack, atacou o governo guatemalteco por seu ataque aos investimentos de seus constituintes, declarando que 90% dos investimentos estrangeiros da Nova Inglaterra eram na América Latina.<sup>14</sup> O senador Henry Cabot Lodge, cuja família possuía ações, liderou o ataque<sup>15</sup> e foi acompanhado por Thomas Cabot e seu irmão John Moors Cabot, secretário de Estado assistente.

A história da United Fruit foi divulgada na mídia e vencida no Congresso, e finalmente um alto executivo apresentou o caso ao Conselho de Relações Exteriores. O conselho contratou um lobista, Thomas Corcoran, para atuar como elo de ligação com a CIA. Tommy the Cork, como era chamado, era amigo de Walter Bedell "Beetle" Smith, o diretor da CIA. Corcoran havia servido como representante legal da "companhia aérea" da CIA no Laos e no Vietnã.<sup>16</sup> A agência de inteligência americana, na verdade, tinha uma companhia aérea proprietária, inicialmente chamada CAT, Civil Air Transport e mais tarde apelidada de Air America, que seria o tema de um filme de 1990 com o mesmo título.

Em 1954, a CIA usou Honduras para derrubar o governo da Guatemala. Uma série de escândalos de corrupção e drogas em Honduras derrubou a liderança na década de 1970, mas a CIA garantiu que Honduras seria o principal ponto de partida para ações nas vizinhas Guatemala e Nicarágua. Quando o confronto veio com a DEA, o que estava deixando a CIA desconfortável, foi o escritório da DEA que fechou.<sup>17</sup> Apesar da chamada Guerra às Drogas, o plano sem drogas era muito menos importante do que a agenda da United Fruit, de seus acionistas e da CIA.

## A CONEXÃO BUSH

O He mais conhecido de George Bush sobre os impostos eclipsa seu outro grande He: "Acredite em minha palavra, esse flagelo vai parar", que fazia

parte de seu discurso inaugural. A quantidade de viciados em heroína americanos, que caiu

de quinhentos mil para duzentos mil nos anos após o Vietnã, aumentou acentuadamente novamente depois que a América - por meio da CIA - emprestou assistência ao Afeganistão. O apoio da CIA aos cultivadores de ópio enganou poucos. O Conselho Estratégico de Abuso de Drogas do presidente ficou frustrado o suficiente com o silêncio da CIA sobre o assunto que apontou em um editorial do New York Times que o uso de drogas aumentaria da mesma forma que aumentou com as aventuras da CIA no Laos. A previsão estava correta, pois o censo de viciados cresceu para 450.000 e as mortes por heroína em Nova York aumentaram 77 por cento.<sup>18</sup> Uma forma criativa do caos construtivo Skull and Bones fez com que o governo gastasse bilhões para lutar uma guerra contra as drogas e outros bilhões para prender usuários, enquanto tornava o mundo seguro para os traficantes das colinas afegãs ao Triângulo Dourado do sudeste da Ásia e de Honduras costa.

## GEORGE BUSH, GEORGE W. BUSH E DICK CHENEY

A tradição de Bush no Skull and Bones começou com o pai de George, Prescott, que era um Bonesman e serviu na inteligência do Exército. No casamento de Prescott Bush e Dorothy Walker, cinco Homens-Osso serviram como contínuos. Os membros da família Bush eram próximos dos Rockefellers e Harrimans e serviam em vários conselhos de empresas. George Herbert Walker Bush nasceu e foi criado em Greenwich, Connecticut, e estudou em Andover e Yale. Com dinheiro do dono do Washington Post e conexões da família e sua conspiração de Bones, George foi para o Texas para fazer fortuna.

Bonesman Henry Neil Mallon, um dos quatro Mallon no grupo, deu a George a chance de aprender o negócio do petróleo por meio de sua empresa, Dresser Industries, que foi comprada de sua família fundadora por Mallon com dinheiro de Harriman. Após o aprendizado de George na Dresser, ele abriu sua própria empresa, a Zapata Oil, com dois sócios. Zapata Oil perfurou no leste do Golfo do México. A base da empresa na ilha, no Cay Sal Bank, seria usada para operações da CIA contra Castro. A invasão da Baía dos Porcos em 1961 ficou conhecida como Operação Zapata. Duas embarcações usadas na operação foram Barbara e Houston, os

nomes da nova esposa de George e recém-adotada base doméstica.<sup>19</sup>  
Enquanto é

geralmente negada, a carreira de George na CIA começou nessa época, e ele ainda era ativo na organização em 1963. Mais tarde, ele se tornou diretor da CIA.

A carreira de George W. Bush seguiu o mesmo plano de jogo de seu pai, com exceção do envolvimento da CIA. George W. foi para Yale, foi membro da Skull and Bones, trabalhou no negócio do petróleo e depois mudou-se para a política. Na corrida presidencial de 2000, ele escolheu Richard Bruce Cheney como seu companheiro de chapa. Embora o futuro vice-presidente não fosse um Bonesman, há nove Cheneys na lista de membros da Skull and Bones. O ancestral Cheney que veio para a América em 1667 desembarcou em Massachusetts, dando à família o direito de ser contada entre os de sangue azul. Como George HW Bush, Cheney estava ligado à inteligência militar e era um forte defensor do tenente-coronel Oliver North. Cheney foi até secretário de defesa de George durante a Operação Tempestade no Deserto. Cheney também foi para o Texas, onde ele se tornou o chefe da Halliburton, uma empresa de perfuração de petróleo que comprou a Dresser Industries em 1998 durante seu mandato como chefe. A subsidiária Brown and Root da empresa continua sendo um importante doador de campanha, agora para candidatos republicanos em vez de democratas, e beneficiária de grandes contratos governamentais.

## OS OSSOS E A SURPRESA DE OUTUBRO

Em novembro de 1980, o presidente Jimmy Carter, que até então havia sobrevivido a duas tentativas de assassinato e às intrigas de uma máquina poderosa que ele não conseguia compreender totalmente, perdeu a eleição presidencial. Os poderes constituídos deram seu peso ao carismático Ronald Reagan e ao Bonesman George Bush. Mas o que os republicanos mais temiam era que a situação dos refêns no Irã acabasse pouco antes das eleições. Apesar da constante má gestão da Casa Branca de Carter, uma libertação de última hora dos refêns americanos, a "Surpresa de Outubro", pode aumentar a popularidade de Carter o suficiente para vencer a eleição.

A teoria da conspiração abordada em vários livros conta a história de George Bush, seu colega Bonesman senador John Heinz HI e uma mão-

cheio de agentes de inteligência voando para a Espanha para se reunir com membros do governo iraniano. O acordo era que o Irã manteria os reféns até depois da eleição em troca de armas. Este negócio também iniciaria o estranho caso Oliver Norte-Irã-Contra, que foi desenterrado anos depois.

Após a eleição, uma série de assassinatos e mortes estranhas começaram, incluindo o gerente de campanha de Reagan e espião mestre William Casey; Amaram Nir, um oficial israelense; traficante de armas Cyrus Hashemi<sup>20</sup>; e a jornalista de transmissão Jessica Savitch. Em uma coincidência notável, os senadores John Heinz e John Tower foram mortos em acidentes aéreos separados com poucas horas de diferença, em abril de 1991. Ambos estavam supostamente ligados à Surpresa de Outubro. E ambos eram homens poderosos no Senado.

O pai do senador Heinz foi João Heinz II, que era membro da Caveira e Ossos em 1931. João III, príncipe da fortuna da empresa de ketchup Heinz, casou-se com Teresa Simões Ferreira, nascida de família portuguesa em Moçambique, que na época ainda era uma colônia. Ferreira, membro do conselho do Carnegie Institute, do Brookings Institute e do Council on Foreign Relations, herdou repentinamente uma fortuna de US \$ 860 milhões. Ela então se casaria com outro senador, Bonesman John Forbes Kerry. John Kerry, cujos ancestrais estavam entre os pioneiros do ópio na China, investigou o Caso Irã-Contra, desenterrou a rede de ajuda privada de Oliver North aos Contras e expôs o Banco de Comércio e Crédito Internacional (BCCI). Ele recebeu crédito por sua coragem em atacar a corrupção dominante em Washington e o tráfico de drogas da inteligência, mas outros dizem que sua investigação foi interrompida. As coincidências não.

## COINCIDÊNCIA E O ASSASSINATO DE JFK

O assassinato do presidente John Kennedy tem meio século, mas muitos acreditam que nunca será resolvido. As primeiras suspeitas de envolvimento estrangeiro, creditado por J. Edgar Hoover e Clare Boothe

Luce, foram rapidamente desacreditadas. Luce disse que um agente anti-Castro ligou para ela

no dia em que JFK foi morto e disse que Oswald era comum<sup>21</sup>. A próxima vítima de suspeita foi a direita americana, pois supostamente alguém chamado George Bush avisou as autoridades sobre o plano de assassinato. Os próximos suspeitos eram criminosos organizados, como a Máfia, e até produtores de petróleo do Texas. Finalmente, a CIA americana assumiu como o culpado mais provável. Pesquisas de céticos sobre o Relatório da Comissão Warren, que Allen Dulles previu que ninguém jamais leria, indicam que a CIA era o poder por trás da conspiração. Um cético foi Robert Kennedy, que perguntou à queima-roupa ao Diretor da CIA John McCone: "A CIA matou meu irmão?"<sup>22</sup> McCone disse que não.

Um motivo para o assassinato do presidente Kennedy poderia ser o fato de ele não ter recuperado Cuba, o que ameaçou outras ilhas caribenhas onde a United Fruit e um punhado de empresas açucareiras colheram os frutos do capitalismo explorador. Outro motivo pode ser que Kennedy tenha ameaçado acabar com o centro de lucro do Vietnã, o que trouxe fortunas para os numerosos investimentos de sangue azul na aviação, particularmente a Textron, que possuía a Bell Helicopter, e a empresa de construção Brown and Root, que forneceu Lyndon B. Johnson com seu baú de guerra de campanha. Este capítulo não tentará resolver o mistério do assassinato de Kennedy, mas tentará esclarecer algumas das coincidências estranhas que os autores do Relatório da Comissão Warren, como os odiadores de Kennedy Earl Warren e Allen Dulles, acreditaram que ninguém jamais leitura.

A conspiração traçada pela Comissão Warren pode ter começado quando um jovem fuzileiro naval chamado Lee Harvey Oswald, que tinha contato com o Escritório de Inteligência Naval, começou a estudar russo enquanto estava estacionado em uma base de alta segurança no Japão, e então deixou os fuzileiros navais e desertou para a Rússia.<sup>23</sup> Na Rússia, o soldado foi bem tratado, conseguiu um apartamento e um emprego e pôde se casar. Ele também tirou uma foto com uma "turista" americana, Marie Hyde, que disse ter se perdido durante sua turnê, algo quase impossível na Guerra Fria na Rússia dos anos 1960.

O desertor, que era suspeito de passar informações sobre os voos do U-2 para seus anfitriões russos, voltou para casa sem nem mesmo dar um tapa

no pulso de seu governo. Em vez disso, ele recebeu um empréstimo do governo para comprar uma casa com sua noiva russa. Ele então conseguiu uma série de empregos, com pelo menos um exigindo um certificado de segurança. Ele também conheceu George DeMohrenschildt, que estava ligado ao negócio do petróleo e conhecia George Bush e Jacqueline Bouvier Kennedy. DeMohrenschildt apresentou Oswald a Michael Ralph Paine e Ruth Hyde Paine, ambos pertencentes ao United World Federalists, que foi iniciado por Cord Meyer da CIA.

Outro membro do United World Federalists de Meyer foi Priscilla Johnson. Supostamente recusado a um emprego na CIA por causa de sua filiação no United World Federalists, Johnson, no entanto, apareceu na Rússia e conheceu Oswald.<sup>24</sup> A mãe de Michael Paine era Ruth Forbes Paine, da mesma família cujos navios transportavam ópio para a China no século XIX. O irmão de Ruth Paine, William Forbes, fazia parte do conselho da United Fruit. Do lado paterno, os ancestrais de Michael incluem Cabots, um dos quais é um primo que fez parte do conselho de diretores da United Fruit. A esposa de Michael, também chamada Ruth, era filha de William Avery Hyde. Ela era próxima da família do marido e, em julho de 1963, foi para Naushon Island, o reino da Forbes próximo a Woods Hole, para visitar sua sogra, Ruth.

A melhor amiga de Mãe Ruth, Mary Bancroft, não estava apenas na CIA, mas também tinha um relacionamento de longo prazo com Allen Dulles. Bancroft escreveu tudo sobre seu caso de vinte anos em sua autobiografia, *My Life as a Spy*. O pai de Bancroft foi eleito prefeito de Cambridge quatro vezes e foi presidente da Boston Elevated Railway. O padraсто de sua madrasta era Clarence Walker Barron, que publicou *Barron's* e o *Wall Street Journal*. O primeiro marido de Bancroft trabalhou como chefe da United Fruit em Cuba, e sua filha se casou com o filho de Bonesman e senador Robert Taft.<sup>25</sup>

Quando Ruth Paine, esposa de Michael, voltou de Naushon, os Paines acolheram o jovem Lee Harvey Oswald e sua esposa russa, Marina. Ruth encontrou um emprego para seu desertor adotado no Texas School Book Depository. Ruth e Michael também forneceram uma peça-chave de

evidência que ajudaria a condenar seu novo amigo, caso o departamento de polícia

proteger Oswald por tempo suficiente para levá-lo a julgamento. Em um documento desclassificado, um informante descreve um telefonema que Michael fez para Ruth logo após o tiroteio, com Michael dizendo que não acreditava que Oswald estivesse envolvido e que "nós dois sabemos quem é o responsável".<sup>26</sup>

Por que Robert Kennedy perguntaria se a CIA matou seu irmão? A CIA havia causado o maior erro da curta presidência de John Kennedy, a invasão da Baía dos Porcos. Isso fez com que Kennedy despejasse Allen Dulles, que aconselhou a operação, e ameaçou quebrar a CIA em um milhão de pedaços. E também foi surpreendente quando a comissão criada para investigar o assassinato do presidente era composta por Earl Warren, que estava em dívida com os Teamsters, a quem Robert Kennedy havia investigado; Gerald Ford, que também estava em dívida com os Teamsters; e Allen Dulles. A CIA era suspeita natural do assassinato.

A maior evidência na investigação da Comissão Warren foi o que ficou conhecido como o filme Zapruder, que foi rapidamente comprado pela Time / Life Corporation de Luce. O filme mostrou o golpe de cabeça do presidente Kennedy de uma forma que só poderia ser causada por uma bala na frente direita. Parecia que a cabeça do presidente estava caindo para frente, indicando um tiro por trás, o que significava que os quadros do filme estavam invertidos.<sup>27</sup> Mais tarde, essa inversão de quadros foi considerada um acidente.

Depois que a Comissão Warren caiu em desgraça com o público, outras comissões foram criadas para investigar a CIA e a crescente quantidade de assassinatos políticos na América. A evidência mais recente apontou para o envolvimento da inteligência no assassinato de Kennedy, e a evidência forense mostrou a improbabilidade de haver um único atirador. É mais provável que houvesse uma equipe de matança de dois ou três homens. Marita Lorenz testemunhou que fazia parte da operação e citou dois agentes da CIA e vários cubanos que também estavam envolvidos. Em sua curta e notável vida, Lorenz foi amante de Fidel Castro e, na época, parte do complô da Operação 40 da CIA para matá-lo. Naquela época ela estava "namorando" o ditador venezuelano Marcos Perez

Jimenez, cujo governo era tão corrupto que até a Igreja Católica Romana discordou dele.<sup>28</sup> Como Lorenz sobreviveu para testemunhar? Sua mãe era Alice June Lofland, prima de Henry Cabot Lodge,<sup>29</sup> e ela trabalhou para o NSC.<sup>30</sup> Lorenz testemunhou ao Comitê Seletivo de Assassinatos sobre o complô da Operação 40 contra o presidente: "Desde o momento em que voltei à Operação 40 ... tudo que ouvi foi

- Vamos pegar Kennedy. "Ela disse que ninguém a mataria por causa do" poder de sua mãe na Agência de Segurança Nacional".<sup>31</sup><sup>32</sup>

Entre a série de mortes estranhas que ocorreram logo após o assassinato de JFK estava a de Mary Pinchot Meyer, a ex-mulher de Cord Meyer. Pinchot Meyer foi assassinado enquanto caminhava ao longo da trilha de Chesapeake e Ohio. Os assassinatos em Georgetown são raros, mas este incluiu algumas circunstâncias muito estranhas e nunca foi resolvido.

Cord Meyer era o agente da CIA formado em Yale e ligado a Ruth e Michael Paine através dos Federalistas do Mundo Unido, que ele fundou antes de Dulles trazê-lo para a CIA. Pinchot Meyer estava tendo um caso com JFK. Meyer era uma das pessoas mais influentes da CIA. Logo após a morte de Pinchot Meyer, o chefe da contra-espionagem da CIA, James Jesus Angleton, entrou em sua casa "com uma chave que guardava do local" e levou seu diário.<sup>33,34</sup> Angleton foi acompanhado por Ben Bradlee do Washington Post, que era cunhado de Pinchot Meyer.

Embora uma série de coincidências improváveis, por mais suspeitas que sejam, não possam ser evidências conclusivas de uma conspiração, ela sugere algo que existe longe dos olhos do público. As coincidências apontam para um punhado de relacionamentos entrelaçados de elite que têm controle sobre os assuntos nacionais - um domínio que a maioria dos cidadãos não imaginava ser possível. As coincidências sugerem ainda que a mídia, nas mãos de tal elite, pode parar muito antes de uma reportagem investigativa séria.

Não há dúvida de que existe uma conspiração; existem inúmeras conspirações. Uma classe de elite sempre esteve no poder e sempre estará.

Quando o chofer de um Rockefeller paga mais impostos do que o homem  
ele

impulsos, a vontade da elite está em evidência. Quando o Comitê Seletor da Câmara sobre Assassinatos concluiu que os assassinatos de Kennedy e Martin Luther King foram conspirações, mas nada mais é feito, esta é mais uma evidência. Quando oficiais da DEA reclamam de terem sido instruídos a recuar porque estão causando um problema para a CIA, isso dá evidência de que um poder superior que não é controlado está no controle.

O fato de uma nação se permitir ser governada por uma classe de elite tornou-se notícia velha para aqueles que estão sendo governados, e tornou-se um dado para aqueles que não precisam aspirar ao poder porque ele já é deles.

A história da noite em que George W Bush foi escalado para entrar na Caveira e Ossos é contada no Primeiro Filho de Bill Minutaglio. George não tinha certeza se queria o rigor de se encontrar com seus companheiros Ossos duas noites por semana. Ele já nasceu rico e, graças a seu pai, no poder. George disse a um colega de classe que preferia entrar em "Gin and Tonic". Seu pai, provavelmente antecipando a dúvida do filho, bateu em sua porta às 20h e disse ao jovem George que era hora de fazer a coisa certa, de se tornar um "bom homem". George aceitou.<sup>35</sup>

# NOTAS

## Capítulo 1

1. Malcolm Barber, *The New Knighthood: A History of the Order of the Temple* (Cambridge, England: Cambridge University Press, 1994), pp. 267-71.
2. Charles G. Addison, *A História dos Cavaleiros Templários* (Kempton, 111 .: Adventures Unlimited Press, 1997), p. 83
3. *Ibidem*, p. 88
4. *Ibidem*, p. 89
5. John Westfall Thompson e Edgar Nathaniel Johnson, *An Introduction to Medieval Europe* (Nova York: WW Norton Co., 1937), p. 564.
6. Barber, p. 237.
7. *Ibidem*, p. 241.
8. John J. Robinson, *Born in Blood: The Lost Secrets of Freemasonry* (Nova York: M. Evans & Co., 1989), p. 228.
9. Desmond Seward, *The Monks of War: The Military Religious Orders* (Londres: Penguin, 1972), p. 78
10. Piers Paul Read, *The Templars* (Nova York: St. Martin's Press, 2000), p. 250
11. Seward, p. 207.
12. Leia, p. 259.
13. Peter Partner, *The Murdered Magicians: The Templars and their Myth* (Nova York: Barnes & Noble, 1987), p. 60
14. Site da Web do Universe Lodge No. 705, <http://www.yesic.com/~mason/lodge/uni-verse.htm>.
15. Christopher Knight e Robert Lomas, *The Hiram Key: Pharaohs, Freemasons and a descoberta dos pergaminhos secretos de Jesus* (Boston: Element Books, 1997), p. 313.

## Capítulo 2

1. De Dom Pedro Alcazar, *Seakeeping*, editado por Mark S. Harris, publicado no site [www.florilegium.org/ files / TRAVEL / Seakeeping](http://www.florilegium.org/files/TRAVEL/Seakeeping).
2. *Ibid.*
3. Knight and Lomas, pág. 297.
4. Thompson e Johnson, p. 596.
5. Frederick Pohl, *Prince Henry Sinclair* (Nova York: Clarkson Potter, 1967), pp. 62-3.

6. Ibidem, p. 90
7. Joseph R. Strayer, *The Albigensian Crusades* (Ann Arbor: Universidade de Michigan Press, 1992), pp. 61-70.
8. Will Durant, *The Reformation: A History of European Civilization from Wycliff para Calvin 1300-1564* (Nova York: Simon & Schuster, 1957), p. 112
9. Robinson, p. 21
10. Seward, p. 43
11. Ibid., Pp. 230-1.
12. Seward, pp. 234-6.
13. Ibidem, p. 330
14. Ibidem, p. 313.
15. Guy Patton e Robin Mackness, *Web of Gold: The Secret Power of a Sacred Treasure* (Londres: Sidgewick & Jackson, 2000), p. 242.

### Capítulo 3

1. Patrick Pringle, *Jolly Roger: A História da Grande Era da Pirataria* (Nova York: WW Norton, 1953), p. 22
2. Robert C. Ritchie, *Captain Kidd and the War Against the Pirates* (Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1986), pp. 203-227.
3. Clare Brandt, *An American Aristocracy: The Livingstons* (Garden City, Nova York: Doubleday, 1986), p. 38
4. Jan Rogozinski, *Honra entre os Ladrões: Capitão Kidd, Henry Every e o Pirata Democracy in the Indian Ocean* (Mechanicsburg, Penn.: Stackpole Books, 2000), pp. 69-76.
5. Ritchie, pág. 36
6. Ibid.
7. Brandt, p. 21
8. Stephen Birmingham, *America's Secret Aristocracy* (Nova York: Berkley Books, 1987), pp. 33-4.
9. Brandt, pp. 30-6.
10. Edward Robb Ellis, *The Epic of New York City* (Nova York: Kondansha,

1997),

p. 107

11. Ritchie, pág. 26

12. George Francis Dow e John Henry Edmonds, Os Piratas da Nova Inglaterra Coast 1630-1730 (Nova York: Dover Publications, 1996), p. 77

## Capítulo 4

1. Steve Wick, The Settler and the Sachem, do site [www.Lihistory.com](http://www.Lihistory.com).  
Veja também Bernie Bookbinder, Long Island: People and Places, Past and Present  
(Nova York: Henry N. Abrams, Inc., 1998).
2. Robert Ellis Cahill, Pirates and Lost Treasures (Peabody, Mass.: Chandler Smith Publishing, 1987), p. 84
3. David M. Fletcher, The Diplomacy of Annexation (Columbia: University of Missouri Press, 1973), p. 71
4. Edwin P. Hoyt, John Tyler (Nova York: Abelard Schuman, 1969), p. 72
5. Fletcher, pág. 135
6. Hoyt, pág. 132
7. John Prebble, Darien: The Scottish Dream of Empire (Edimburgo: Berlinn Limited, 2000), p. 185
8. Brandt, p. 55
9. Ibidem, p. 105
10. Ibid., 103-8.
11. Axel Madsen, John Jacob Astor: America's First Millionaire (Nova York: John Wiley, 2001), p. 32
12. David Leon Chandler, The Jefferson Conspiracies (Nova York: William Morrow and Company, 1994), p. 151
13. Ibidem, p. 100
14. Louis B. Davidson e Eddie Doherty, Strange Crimes at Sea (Binghamton, NY: Vail-Ballou Press, 1954), p. 105
15. Birmingham, pp. 100-2.
16. Dow e Edmonds, p. 89

17. Ibidem, p. 42
18. Ritchie, pp. 113-6.
19. Birmingham, p. 203
20. Stephen Hess, *America's Political Dynasties* (New York: Doubleday, 1966), p. 191.

## Parte Dois: Introdução

1. Michael Baigent e Richard Leigh, *The Temple and the Lodge* (Nova York: Arcade Publishing, 1989), p. 174
2. Ibidem, p. 143
3. William Bramley, *The Gods of Eden* (Nova York: Avon Books, 1989), p. 228.
4. Ibidem, p. 276.
5. Steven C. Bullock, *Irmandade Revolucionária: Maçonaria e a Transformação of the American Social Order 1730-1840* (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1996), p. 46

## capítulo 5

1. AJ Langguth, *Patriots: The Men Who Start the American Revolution* (Novo York: Simon & Schuster, 1988), pp. 95-7.
2. Samuel Eliot Morison, *The Maritime History of Massachusetts 1783-1860* (Boston: Northeastern University Press, 1921), pp. 27-8.
3. Herbert Allen, *John Hancock: Patriot in Purple* (Nova York: Macmillan, 1948), pp. 61-9.
4. Robert Leckie, *Guerra de George Washington: A Saga da Revolução Americana* (Nova York: HarperCollins, 1992), p. 53
5. Michael Klepper e Robert Gunther, *The Wealthy 100: From Benjamin Franklin para Bill Gates: uma classificação dos americanos mais ricos, do passado e do presente* (Secaucus, NJ: Citadel Press, 1996), pp. 191-3.
6. Langguth, p. 179
7. Paul Lewis, *O Grande Incendiário: Uma Biografia de Samuel Adams* (Nova York: Dial Press, 1973), capítulo 9.
8. Ellis, p. 155
9. Baigent e Leigh, p. 209.

10. Ibidem, p. 116
11. Langguth, p. 294.
12. Christopher Hibbert, *Redcoats and Rebels* (Nova York: WW Norton, 1990), pp. 64-75.
13. Bullock, pág. 79
14. Baigent e Leigh, pp. 260-2.
15. Robert Hieronimus, *Destino Secreto da América: Visão Espiritual e o Fundador do a Nation* (Rochester, Vt. : Destiny Books, 1989), p. 26

## Capítulo 6

1. Richard B. Morris, *Seven Who Shaped Our Destiny* (Nova York: Harper and Row, 1973), p. 11
2. Bullock, pág. 60
3. Ibidem, p. 118
4. Catherine Drinker Bowen, *o homem mais perigoso da América: cenas do Life of Benjamin Franklin* (Boston: Little, Brown, 1974), p. 130
5. Morris, p. 23
6. Michael Howard, *The Occult Conspiracy: Secret Societies, Your Influence and Power em World History* (Rochester, Vt. : Destiny Books, 1989), p. 80
7. Leckie, p. 29
8. Ibidem, p. 39
9. David Schoenbrum, *Triumph in Paris: The Exploits of Benjamin Franklin* (Nova York: Harper and Row, 1976), p. 10
10. Howard, pág. 58
11. Hieronimus, p. 32
12. Helen Augur, *The Secret War of Independence* (Boston: Little, Brown e Co., 1955), p. 17
13. Kevin Phillips, *The Cousins 'War* (Nova York: Basic Books, 1999), p. 147
14. Anton Chaitkin, *Treason in America* (Washington, DC: Executive Intelligence Review, 1984), p. 247.
15. John Dos Passos, *The Shackles of Power* (Nova York: Doubleday, 1966), pp. 87-9.
16. Hess, pp. 369-85.

## Capítulo 7

1. Augur, pp. 70-1.
2. Ibidem, p. 37
3. Ibid., 66-9.
4. Andre Maurois, Adrienne: A Vida do Marquês de la Fayette (Nova York: McGrawHill, 1961), p. 23
5. Burke Davis, The Campaign That Won America: The Siege at Yorktown (Nova York: Dial Press, 1970), p. 113
6. Morison, p. 7
7. Baigent e Leigh, p. 40
8. Augur, pp. 200-1.
9. Hess, p. 227.
10. Langguth.p. 279.
11. Ibidem, p. 342.
12. Ibidem, p. 32
13. Augur, pp. 70-1.
14. Klepper e Gunther, p. 27
15. George Wilson, Stephen Girard: The Life and Times of America's First Tycoon (Philadelphia: Combined Books, 1995), p. 188

## Capítulo 8

1. David Cordingly, Women Sailors and Sailors 'Women (Nova York: Random House, 2001), pp. 5-9.
2. Langguth, p. 467.
3. Ibid., Pp. 473-4.
4. Barbara W. Tuchman, The First Salute (Nova York: Ballantine Books, 1988), p. 250
5. Baigent e Leigh, p. 218.
6. Tuchman, p. 191.
7. De Robert A. Selig, Deux-Ponts Germans, do site [www.americanrevolution.org](http://www.americanrevolution.org).
8. Seward, p. 330
9. Tuchman, p. 229.
10. Tuchman, p. 141

## Capítulo 9

1. David Ovason, The Secret Architecture of Our Nation's Capital (Nova York:

Harper

Collins, 1999), pp. 142-9.

2. A. Ralph Epperson, *Masonry: Conspiracy against Christianity* (Tucson: Publius Press, 1997), p. 281
3. Hieronimus, p. 39
4. *Ibidem*, p. 28
5. Baigent e Leigh, p. 261.
6. Thomas Fleming, *The Duel* (Nova York: Basic Books, 1999), p. 109
7. Bullock, pág. 150
8. Ovason, p. 85
9. *Ibidem*, p. 269.
10. *Ibidem*, p. 237.
11. Howard, pág. 88
12. Fleming, p. 4
13. Bramley, pág. 226.

## Capítulo 10

1. Brent Staples, "How Slavery Fueled Business in the North", do site [www.fresnobee.com](http://www.fresnobee.com) (25 de julho de 2000), pp. 1-4.
2. Pringle, pp. 17-18.
3. Hugh Thomas, *The Slave Trade: The Story of the Atlantic Slave Trade 1440-1870*  
(Nova York: Simon & Schuster, 1997), p. 296.
4. Thomas Brosnahan, Kim Grant e Steve Jermanok, *Nova Inglaterra* (Hawthorn, Victoria, Austrália: Publicações Lonely Planet, 1999), p. 346.
5. Wade Davis, *The Serpent and the Rainbow* (Nova York: Warner Books, 1985), p. 66
6. Eric Williams, *From Columbus to Castro: The History of the Caribbean 1492-1969*  
(Nova York: Harper and Row, 1970), p. 245.
7. Davis, p. 231.
8. Thomas Handasyd Perkins, *The Memoir of Thomas Handasyd Perkins* (1856; reimpressão, New York: Burt Franklin, 1971), p. 10

## Capítulo 11

1. Jack Weatherford, *The History of Money* (Nova York: Three Pavers Press,

- 1997),  
p. 22
2. Seward, p. 161
  3. Elaine Sanceau, Henrique, o Navegador: A história de um grande príncipe e sua época  
(Nova York: WW Norton, 1947), p. 255
  4. Ibidem, p. 224.
  5. Ibidem, p. 255
  6. Sale Kirkpatrick, The Conquest of Paradise (New York: Penguin, 1991), pp. 50-1.
  7. Benjamin Keen, trad., The Life of Admiral Christopher Columbus por His Son Ferdinand (New Brunswick, NJ: Rutgers University Press, 1959), p. 5
  8. Gianni Granzotto, Cristóvão Colombo: O Sonho e a Obsessão, Stephen Sartarelli, trad. (Garden City: Doubleday, 1985), pp. 39-41.
  9. Keen, pp. 16-17.
  10. Samuel Eliot Morison, almirante do mar: uma vida de Cristóvão Colombo  
(Boston: Litde, Brown and Co., 1942), p. 57
  11. Ibidem, p. 93
  12. Granzotto, p. 44
  13. Ibid., Pp. 594-5.
  14. Samuel Eliot Morison, Christopher Columbus, Mariner (Boston: Little, Brown and Co., 1942), pp. 127-9.
  15. Thomas, pág. 90
  16. Ibidem, p. 96
  17. Williams, pág. 34
  18. James Pope-Hennessy, Sins of the Father: A Study of the Atlantic Slave Traders  
(Nova York: Alfred A. Knopf, 1968), p. 45
  19. Will Durant, The Reformation: The Story of Civilization VI (Nova York: Simon E Schuster, 1957), p. 194.
  
  20. Thomas, pág. 191.
  21. Seward, p. 294.
  22. Davis, pp. 36-38.
  23. Rod Davis, American Voudou (Denton: University of North Texas Press, 1999),  
pp. 8-9.
  24. James A. Rawley, The Trans-Atlantic Slave Trade (Nova York: WW Norton,

- 1981),  
pp. 105-6.
25. Ibid., Pp. 136-8.
26. Will Durant e Ariel Durant, *Rousseau e Revolution: The Story of Civilization X* (Nova York: Simon & Schuster, 1967), p. 939.
27. Augur, pp. 3-27.
28. Charles Nicholl, *The Creature in the Map: A Journey to El Dorado* (Nova York: William Morrow and Company, 1995), pp. 127, 309-11.
29. Thomas, pág. 155

## Capítulo 12

1. Thomas, pág. 204
2. Ibidem, p. 248.
3. Ibidem, p. 177
4. Bullock, pág. 59.
5. Morison, *The Maritime History of Massachusetts*, p. 32
6. Ibidem, p. 33
7. Ibidem, p. 278
8. Thomas, pág. 176
9. Robert G. Albion, William A. Baker e Benjamin W Labaree, *New England and the Sea* (Mystic, Conn .: Mystic Seaport Museum, 1972), p. 37
10. Pope-Hennessy, p. 226.
11. Bullock, pág. 59.
12. Thomas, pp. 771-2
13. Brandt, pp. 68-9.
14. Edmund S. Morgan, *American Slavery, American Freedom* (Nova York: WW Norton, 1975), p. 77
15. Ibidem, p. 80
16. Ibidem, p. 315.
17. Ruth Harrison Jones, ed., *Harrison Heritage* vol. VI, no. 4 (dezembro de 1986) "Desconhecidos possíveis ancestrais dos presidentes Harrison," do site <http://moon.ouhsc.edu/rbonner/HHDOCS/86decHH.html>.
18. Morgan, pág. 121
19. Pope-Hennessy, pp. 223-4.
20. Bullock, pág. 80
21. Baigent e Leigh, p. 180

## Capítulo 13

1. Jim Marrs, *Rule by Secrecy* (Nova York: HarperCollins, 2000), pp. 209-12.
2. John Davis, *The Kennedy Contract* (Nova York: HarperCollins, 1993), p. 81
3. Jim Garrison, *On the Trail of the Assassins* (Nova York: Warner Books, 1988), p. 328.
4. David S. Lifton, *Best Evidence* (New York: Penguin, 1992) pp. 64-7.
5. Robert J. Groden e Harrison Edward Livingstone, *High Treason* (Nova York: Berkley Books, 1989), p. 104
6. Groden e Livingstone, p. 154
7. Marrs, pág. 216

## Capítulo 14

1. Martin Booth, *Opium: A History* (Nova York: St. Martin's Press, 1996), pp. 16-24.
2. Alfred W. McCoy, *The Politics of Heroin: CIA Complicity in the Global Drug Trade* (Nova York: HarperCollins, 1991), p. 79
3. Booth, pp. 82-3.
4. Carl A. Trocki, *Opium, Empire and the Global Political Economy* (Nova York: Routledge, 1999), p. 32
5. Edward A. Gargan, "The Humbling of a Heavyweight", *New York Times*, 30 de novembro de 1995.
6. Klepper e Gunther, p. 11
7. Charles Tyng, *Before the Wind: The Memoir of an American Sea Captain* (Nova York: Viking, 1999), pp. Xiii-xviii.
8. Charles Corn, *The Scents of Eden: A History of the Spice Trade* (Nova York: Kodansha, 1999), p. 303.
9. Thomas G Cary, *Memórias de Thomas Handasyd Perkins* (Boston: Little, Brown e Co., 1856; reimpressão, New York: Burt Franklin, 1971), p. 209.
10. Fay, Peter Ward, *The Opium War 1840-1842*, (Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1995), p. 140
11. Chaitkin. p. 135
12. Morison, *The Maritime History of Massachusetts*, p. 115
13. Albion, Baker e Labaree, p. 92
14. Nathaniel Bowditch, *Bowditch's Coastal Navigation* (Nova York: Arco Publishing, 1979), Notes.

15. Thomas N. Layton, *The Voyage of the Frolic: New England Merchants and the Opium Trade* (Stanford: Stanford University Press, 1997), p. 25

## Capítulo 15

1. Klepper e Gunther, p. 28
2. Ibid., Página 29.
3. Ellis, p. 177
4. Lucy Kavalier, *The Astors: An American Legend* (Nova York: Dodd, Mead, 1968),  
p. 30
5. Ibidem, p. 30
6. Ellis, p. 210.
7. Ibidem, p. 211.
8. Ibidem, p. 244.
9. Klepper e Gunther, p. 19
10. Ellis, p. 318.
11. Albion, Baker e Labaree, pp. 97-100.
12. Ron Chernow, *The House of Morgan: An American Banking Dynasty and the Rise  
of Modern Finance* (Nova York: Touchstone Books, 1991), pp. 8-16.
13. No site [www.trainweb.org/panama/history1.html](http://www.trainweb.org/panama/history1.html).
14. Kenneth Sydney Davis, *FDR: The Beckoning of Destiny 1882-1928* (Nova York:  
Random House, 1996) pp. 15-20.
15. Ibidem, p. 42
16. Jeremy Rifkin e Jeremy P. Tarcher, *The Biotech Century* (Nova York: Putnam,  
1999), p. 117
17. Jeffrey Steinberg, (editor) et al. *Dope, Inc.* (Washington, DC: Inteligência  
Executiva  
Review, 1992) p. 127
18. Booth, p. 128
19. Fay, p. 132
20. Gargan, "The Humbling of a Heavyweight."
21. Booth, pp. 51-66.
22. Ibid., Pp. 51-74.
23. Kathryn Meyer e Terry Parssinen, *Web of Smoke: Smugglers, Warlords, Spies  
and  
a História do Comércio Internacional de Drogas* (Lanham, Md .: Rowman e

Littlefield, 1998), p. 125

## Capítulo 16

1. Phillips, p. 13
2. Nelson W Aldrich, *Old Money: The Mythology of Wealth in America* (Nova York: Allworth Press, 1996), p. 61
3. Ibidem, p. 13
4. Morison, *The Maritime History of Massachusetts*, p. 23
5. Ibidem, p. 27
6. Ibidem, p. 154
7. Ibidem, p. 167
8. Harriet H. Robinson, "Early Factory Labor in New England" (Boston: Wright & Potter, 1883), pp. 380-92, do site do Massachusetts Bureau of Statistics of Labor, <http://www.fordham.edu/halsall/mod/robinson-lowell.html>.
9. Page Smith, *The Rise of Industrial America: A People's History of the Post-Reconstruction Era* (Nova York: Penguin, 1990), p. 221.
10. Booth, capítulo 9.
11. Thom Metzger, *The Birth of Heroin and the Demonization of the Dope Fiend* (Port Townsend, Wash.: Loomponics Unlimited, 1998), p. 132
12. Edward, Marshall, *New York Times*, "The Story of the Opium Fight", 12 de março de 1911, do site da Biblioteca Schaffer de Política de Drogas, <http://www.druglibrary.org/schaffer/>.
13. Metzger, pág. 176

## Capítulo 17

1. Jonathan Vankin, *Conspiracies, Cover-ups and Crimes* (Nova York: Dell, 1992), p. 234.
2. Ron Rosenbaum, *The Secret Parts of Fortune* (New York: HarperCollins, 2000), pl
3. Robin W. Winks, *Cloak and Gown, Scholars in the Secret War 1939-1961* (Novo Haven: Yale University Press, 1996), p. 15
4. Ibidem, p. 96
5. Walter Isaacson e Evan Thomas, *Reis Magos, Seis Amigos e o Mundo Eles*

- Made (New York: Simon & Schuster, 1986), pp. 80-2.
6. Antony Sutton, o estabelecimento secreto da América: uma introdução à ordem do crânio e Bones (Billings, Mont.: Liberty House Press, 1983), p. 8
  7. Joel Bainerman, por dentro das operações secretas da CIA e do Mossad de Israel (Novo York: SPI Books, 1994), p. 164
  8. Ralph G. Martin, Henry & Clare: An Intimate Portrait of the Luces (Nova York: Putnam, 1991), p. 61
  9. Alexander Cockburn e Jeffrey St. Clair, Whiteout: The CIA, Drugs and the McCoy, pp. 162-73.
  11. Peter Dale Scott e Jonathan Marshall, Cocaína, Política, Drogas, Exércitos e os CIA na América Central (Berkeley: University of California Press, 1992), p. 52
  12. Stephen Schlesinger e Stephen Kinzer, Bitter Fruit: The Untold Story of the American Coup in Guatemala (Nova York: Doubleday, 1982), p. 76
  13. Ibidem, p. 11
  14. Ibidem, p. 72
  15. Ibid., Pp. 82-4.
  16. Ibid., Pp. 90-2.
  17. Scott e Marshall, p. 57
  18. Cockburn e St. Clair, pp. 259-61.
  19. L. Fletcher Prouty, JFK, a CIA, Vietnã e a Conspiração para Assassinar John F. Kennedy (Nova York: Carol Publishing Group, 1992), pp. 131-2.
  20. Vankin, pp. 182-4.
  21. Gaeton Fonzi, The Last Investigation (Nova York: Thunder's Mouth Press, 1994).  
pp. 52-3.
  22. Arthur M. Schlesinger, Jr., Robert Kennedy and His Time, (Nova York: Ballantine, 1978), p. 665.
  23. Groden e Livingstone, pp. 160-1
  24. John Newman, Oswald and the CIA (Nova York: Carroll e Graf, 1995), pp. 61-7.
  25. Martin, pp. 264-5.
  26. Fonzi, p. 10
  27. Fonzi, p. 217.

28. Gerard Colby com Charlotte Dennett, *Thy Will Be Done: The Conquest of the Amazon - Nelson Rockefeller e Evangelism in the Age of Oil* (Nova York: Harper Collins, 1995) p. 312.
29. Marita Lorenz, *Marita* (Nova York: Thunder's Mouth Press, 1993), p. 33
30. *Ibidem*, p. 58
31. *Ibidem*, p. 127
32. *Ibidem*, p. 168
33. Timothy Leary, "The Murder of Mary Pinchot Meyer," *The Rebel* (22 de novembro de 1983).
34. Burton Hersh, *The Old Boys: The American Elite and the Origins of the CIA* (Nova York: Charles Scribner's Sons, 1992), p. 358.
35. Bill Minutaglio, *primeiro filho: George W. Bush e a dinastia da família Bush* (Nova York: Random House, 1999), pp. 103-5.